

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Rodolfo Medeiros Schian

**NAS ENCRUZILHADAS DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL: UM BLUES EM SUL
MAIOR**

**Sorocaba/SP
2023**

Rodolfo Medeiros Schian

**NAS ENCRUZILHADAS DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL: UM BLUES EM SUL
MAIOR**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Cultura.

Orientador: Dr. Paulo Celso da Silva

**Sorocaba/SP
2023**

Ficha Catalográfica

S351n Schian, Rodolfo Medeiros
Nas encruzilhadas das epistemologias do Sul : um blues em sul maior / Rodolfo Medeiros Schian. – 2023.
330 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2023.

1. Comunicação e cultura. 2. Antropologia visual. 3. Sociologia do conhecimento. 4. Epistemologia social. I. Silva, Paulo Celso da, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.


Rodolfo Medeiros Schian

**NAS ENCRUZILHADAS DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL: UM BLUES EM SUL
MAIOR**

Tese aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor no Programa
de Pós-Graduação em Comunicação e
Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 30/10/2023.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Universidade de Sorocaba



Profa. Dra. Monica Martinez
Universidade de Sorocaba



Profa. Dra. Thífani Postali Jacinto
Universidade de Sorocaba



Profa. Dra. Rita de Cássia Alves Oliveira,
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Prof. Dr. Herom Vargas Silva
Universidade Metodista de São Paulo

Esta dedicatória é destinada a todos os seres que combatem as injustiças, que se recusam a permanecer em silêncio diante das desigualdades e violências, e que personificam a resistência e a esperança revolucionária. É um tributo àqueles que, ao se depararem com encruzilhadas na vida, optam por transformar o mundo de forma mais justa para o todos. Aqui fica também a minha homenagem a pequena Pandora, que esteve em todos os momentos ao meu lado enquanto escrevia cada palavra – você foi mais que uma cachorra, era amiga e parte da família. Obrigado por tudo e descanse em paz meu latido de amor. Que Antonio Bispo dos Santos agora esteja desfrutando de sua companhia e que possamos nos encontrar algum dia em mais uma encruzilhada.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão a todos os seres que cruzaram meu caminho nas encruzilhadas da vida, moldando a pessoa que sou hoje.

Em particular, desejo expressar meus sinceros reconhecimentos à minha companheira Silvia Maria Vieira Schian. Sei das dificuldades que podem surgir ao meu lado, e reconheço seu carinho, afeto e amor incansáveis. Sua paciência e abraço sempre acolhedor são um refúgio nos momentos caóticos.

Aos meus filhos, os trigêmeos, Anita Maria Vieira Schian, José Vieira Schian e Manuela Vieira Schian, devo uma dívida de gratidão por toda eternidade, aprendi muito com vocês. São uma verdadeira confluência de saberes, uma fonte de alegria constante e a razão de minha esperança por um mundo melhor.

Não posso deixar de expressar minha apreciação por meu pai, José Luiz Schian, por tudo que compartilhou comigo, inclusive seus conhecimentos em agrimensura. Minha mãe, Mara Medeiros Schian, merece um agradecimento por me conceder a vida junto dele. Agradeço as minhas irmãs por dividirem eles comigo.

Aos meus amigos, que sempre estiveram ao meu lado, quero transmitir minha gratidão. Mesmo que não tenham conhecimento de minhas dores e angústias, sempre respeitaram meu silêncio.

A meu orientador, Paulo Celso da Silva, expresso minha profunda estima por companheirismo, paciência, por conhecimento compartilhado e liberdade que me concedeu para seguir minhas ideias audaciosas. Que permitiu ressignificar uma frase que me perseguiu durante a minha juventude, “a minha alma é presa da mais livre loucura”, do poeta Sady Bianchin.

Muito Obrigado a todos!

Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda.
Que palavra por palavra, eis aqui uma pessoa se entregando.
Coração na boca, Peito aberto, vou sangrando.
São as lutas dessa nossa vida, que eu estou cantando.
(Sangrando, Gonzaguinha)

RESUMO

A tese contribui na investigação da interseção entre imagens, saberes e culturas, na proposta de uma abordagem inclusiva e crítica, de transformação social e reflexiva sobre as questões de poder no colonialismo e eurocentrismo, na diversidade e possibilidades de emancipação. Dentro deste contexto a pesquisa trabalha na elaboração da metodologia da Cartografia Imagética e Ciência Decolonial, explorando a aplicação de seus conceitos na compreensão das diversas realidades e implicações culturais, o que se define no conceito de Terceira Realidade. O objetivo da pesquisa ao explorar e desenvolver a metodologia da cartografia imagética em consonância com a teoria decolonial elabora o conceito de Terceira Realidade, na perspectiva de abordar a diversidade e suas convergências como utopia possível de compreensão e convivência comunitária dentro das diversas realidades existentes em um mesmo espaço, tempo e contexto; confluindo em uma nova maneira de nos comunicarmos com a complexidade das relações socioculturais. Outros objetivos são explorados para a definição da metodologia, explorando a investigação do pensamento decolonial, a luta contra o eurocentrismo, definição do conceito do pesquisador na figura do Agrimensor-Flâneur e apresentação de alternativas de pesquisas futuras para testar e explorar a cartografia imagética junto ao conceito de terceira realidade. A fundamentação teórica tangencia o eurocentrismo com Boaventura, Benjamin, Rancière, Debord e Belting, que são transformadas nos teóricos decoloniais para responderem as perspectivas do Sul, a exemplo de Bispo dos Santos, bell hooks, Paulo Freire e Frantz Fanon. Nesta constelação intelectual que inserimos a fundamentação da pesquisa para formatar as questões dentro das epistemologias do Sul, ciência decolonial, cartografia crítica, consciência das estruturas de opressão do colonialismo e eurocentrismo, e conceitos de igualdade e transformação social a partir da reflexão sobre poder, diversidade e emancipação. Estes pensadores, teorias e conceitos interligados são a base e orientação da pesquisa para realizar um pensamento crítico sobre as possibilidades e alternativas de sociedade inclusiva e efetivas transformações das realidades culturais e sociais. O percurso metodológico inicia com a fenomenologia e a etnologia, no desenvolvimento do trabalho vão se transformando e construindo percursos na confluência de saberes através de leitura atenta e reflexiva principalmente dos autores decoloniais, nas possibilidades de aplicação prática de seus princípios, para se transformarem nas concepções da cartografia imagética e ciência decolonial. Nessa transformação epistemológica que estamos propondo a cartografia imagética e a terceira realidade se mostram mais que uma metodologia e um conceito, elas se configuram em uma forma de pensamento e ação, estimulando o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, integrando a diversidade cultural, a empatia, a ação concreta de resistência e as utopias possíveis e revolucionárias.

Palavras-chave: epistemologias do Sul; ciência decolonial; cartografia imagética; terceira realidade; confluência de saberes.

ABSTRACT

The thesis contributes to the investigation of the intersection between images, knowledge and cultures, proposing an inclusive and critical approach, of social transformation and reflection on issues of power in colonialism and Eurocentrism, in diversity and possibilities of emancipation. Within this context, the research works on the elaboration of the methodology of Image Cartography and Decolonial Science, exploring the application of its concepts in understanding the different realities and cultural implications, which is defined in the concept of Third Reality. The objective of the research, by exploring and developing the methodology of imagery cartography in line with decolonial theory, elaborates the concept of Third Reality, from the perspective of approaching diversity and its convergences as a possible utopia of understanding and community coexistence within the diverse realities existing in a same space, time and context; converging in a new way of communicating with the complexity of sociocultural relationships. Other objectives are explored to define the methodology, exploring the investigation of decolonial thinking, the fight against Eurocentrism, defining the concept of the researcher in the figure of the Agrimensor-Flâneur and presenting alternatives for future research to test and explore image cartography alongside the concept of third reality. The theoretical foundation touches on Eurocentrism with Boaventura, Benjamin, Rancière, Debord and Belting, who are transformed into decolonial theorists to respond to Southern perspectives, such as Bispo dos Santos, bell hooks, Paulo Freire and Frantz Fanon. In this intellectual constellation that we insert the research foundation to format the questions within the epistemologies of the South, decolonial science, critical cartography, awareness of the structures of oppression of colonialism and Eurocentrism, and concepts of equality and social transformation based on reflection on power, diversity and emancipation. These interconnected thinkers, theories and concepts are the basis and guidance of research to carry out critical thinking about the possibilities and alternatives for an inclusive society and effective transformations of cultural and social realities. The methodological path begins with phenomenology and ethnology, in the development of the work they transform and build paths in the confluence of knowledge through careful and reflective reading mainly of decolonial authors, in the possibilities of practical application of their principles, to transform into conceptions of image cartography and decolonial science. In this epistemological transformation that we are proposing, imagery cartography and the third reality prove to be more than a methodology and a concept, they are configured as a form of thought and action, stimulating dialogue between different areas of knowledge, integrating cultural diversity, empathy, the concrete action of resistance and the possible and revolutionary utopias.

Keywords: epistemologies of the South; decolonial science; imagetic cartography; third reality; confluence of knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Rua Barão do Rio Branco, Sorocaba – 1926.	218
Figura 2 - Montagem com Logos Anglo Mexican Petroleum Company – SHELL .	221
Figura 3 - Propaganda da SHELL, 1933	222
Figura 4 - Mapa Georreferenciado Da Rua Barão Do Rio Branco.	225
Figura 5 - Elefante na rua Leopoldo Machado, Sorocaba – 1931.....	226
Figura 6 - Mapa Georreferenciado Da Rua Barão Do Rio Branco.	228
Figura 7 - Enchente em Sorocaba – 1929.....	229
Figura 8 - Ponte do Rio Sorocaba – 1928. Fonte: arquivo do Museu Histórico Sorocabano.....	230
Figura 9 - Ponte do rio Sorocaba na enchente – 1929.	231
Figura 10 - Duplicação da Avenida Dom Aguirre – década de 70.	231
Figura 11 - Vista Da Marginal Dom Aguirre – 2020. Fonte: Arquivo Pessoal.....	232
Figura 12 - Acidente entre um caminhão e trem – década de 20, Sorocaba.	233
Figura 13 - Desenho da vista de Sorocaba - 1831 – Hercule Florence.	234
Figura 14 - Lembrança do III Centenário da Fundação de Sorocaba - 1954.	236
Figura 15 - Placa “Sorocaba É Do Senhor Jesus Cristo” – 2020.....	238
Figura 16 - Pichação Placa Nazista – 2020.....	239
Figura 17 - Planta De Trecho Do Rio Sorocaba – 2023. Fonte: Arquivo Pessoal ...	241

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	A Encruzilhada do Cancelamento	29
2	CONTEXTUALIZAÇÃO	44
2.1	A Ciência que almejamos.....	51
2.2	Senso comum e conhecimento científico – uma confluência para emancipação.....	70
2.3	As vozes da nossa ciência.....	84
2.4	Descolonial ou Decolonial?	95
2.5	Por uma ciência decolonial: uma comunicação decolonial	110
2.6	Ecologia de saberes ou Confluência de Saberes?.....	125
3	IMAGENS E SUAS REALIDADES	138
3.1	A Escala da Imagem Decolonial	149
3.2	A realidades dos espaços e lugares – coordenadas de territórios.....	157
4	A MUDANÇA PARADIGMÁTICA – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA JAM NA CARTOGRAFIA CRÍTICA	170
4.1	Cartografia Imagética	180
4.2	Contribuição da Agrimensura na Cartografia Imagética	185
4.3	Agrimensor-Flâneur	193
5	APLICANDO A CARTOGRAFIA IMAGÉTICA – EPISTEMOLOGIAS DO SUL UMA CIÊNCIA DECOLONIAL	200
5.1	Definição da Arena JAM.....	202
5.2	Terceira Realidade.....	207
5.3	Metodologia Sensível	213
5.4	Exercitando a Cartografia Imagética	217
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS – POR UMA CIÊNCIA DECOLONIAL	243
	REFERÊNCIAS	267
	ANEXO A – MANUAL DA METODOLOGIA DA CARTOGRAFIA IMAGÉTICA	275
	ANEXO B – "COM O CAPIROTO NA ENCRUZILHADA"	289
	ANEXO C – "A ORIGEM E DIVERSIDADE DAS ENCRUZILHADAS"	292
	ANEXO D – "QUANDO DEUS SE PERDE NA ENCRUZILHADA"	295
	ANEXO E – "A ALMA NA ENCRUZILHADA"	297
	ANEXO F – MANIFESTO DA ENCRUZILHADA	299

1 INTRODUÇÃO

Ao findar da dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura (SCHIAN, 2020), da Universidade de Sorocaba, com o título “Fotojornalismo: as representações de morte de Fidel e Mandela para além da noção de sociedade do espetáculo”, através da análise fotográfica alguns caminhos foram apontados para a mudança paradigmática da ciência moderna que realmente vise a emancipação e transformação social. Uma mudança que se faz urgente e necessária diante do caos e contradições humanitárias do século XXI, a exemplo da própria descrença com a ciência por parte da sociedade, da ascensão global da ultradireita conservadora, da resposta de governos totalitários, dos preconceitos que marginalizam a diversidade e da própria questão ambiental que coloca em risco a própria existência.

Como não falar da ascensão da extrema-direita no mundo usurpando a liberdade da diversidade, fomentando os preconceitos em nomes de ideais estranhos a própria liberdade, gerando violências e mortes, como é no Brasil com o bolsonarismo e nos EUA com o trumpismo; as guerras de governos totalitários e imperialistas que se escondem por trás do conflito entre Rússia e Ucrânia, a quem serve a paz defendida pela Organização do Tratado do Atlântico Norte?; o massacre, apoio e silêncio de parte do mundo ao genocídio com o povo Palestino?; como é possível ainda existirem governos totalitários como de Kim Jong-Un, líder supremo da Coreia do Norte, ameaçando o mundo com uma guerra nuclear exatamente por ignorar todo conhecimento humanitário produzido até o momento em nome de uma ideologia que não se sustenta a não ser em torno de sua própria imagem?; como é possível assistirmos passivamente as execuções de brasileiros marginalizados pela força policial e aparato do Estado?; Como mulheres, negros, nativos, a sexualidade de cada indivíduo, religião, entre tantas outras diferenças na nossa igualdade humana pode gerar tantas discriminações, opressões, explorações e usurpação da liberdade e da vida?; Como ainda não compreendemos que precisamos viver em harmonia com o planeta, com a natureza, não pela sobrevivência deste, mas pela nossa própria sobrevivência e perpetuação da espécie?

Desde a nossa revolução cognitiva com nossos ancestrais a mais de 50 mil anos atrás, passadas outras revoluções, a exemplo da contemporaneidade com a Revolução Francesa e Industrial, a revolução da ciência moderna, para nós ocidentais, parecemos estar longe de acharmos uma resposta a problemas históricos

e enraizados na sociedade que não nos permite viver em liberdade, desenvolver a plenitude da potencialidade humana. São problemas históricos, complexos e contraditórios, envoltos de uma carcaça dura de ideologias que buscam somente o domínio de um indivíduo sobre o outro, justificados pela ignorância, preconceitos e silêncios.

São problemas urgentes a serem resolvidos que estão colocando em xeque a nossa própria existência.

Quando essas indagações surgiram na pesquisa anterior, não foi através da fotografia enquanto objeto e instante capturado, mas na sua representação de imagem e imaginário, seja ele objetivo-quantitativo ou subjetivo-qualitativo.

Na indagação de “como se emancipar desta sociedade, uma sociedade presa a suposta modernidade, aos seus aparatos tecnológicos libertários?” (SCHIAN, 2020, p. 123), como utilizar os avanços da tecnologia para o fim das desigualdades, levantou a hipótese de resposta através da análise imagética.

Análise imagética investigada por um olhar que fosse além das ideias dominantes, um olhar crítico, livre, emancipado da espetacularização da política e comunicação contemporânea.

Uma visão que resgata, mesmo dentro das virtualidades que também experienciamos além do mundo natural, os lugares como espaço de cultura, transformando a comunicação em meios, suportes das informações e não supostas representações da realidade ou espelhos.

O mundo experienciado não é aquele dado como real, mas sim como ele é interpretado, representado e apropriado pela consciência humana, o todo do desenvolvimento cultural.

Visão que nos obriga a definir os lugares e os contextos que cada imagem pertence, sua origem e sua transitoriedade para fora das fronteiras construídas por uma suposta racionalidade e cultura. Compreender que toda imagem fala e a sua compreensão depende de nossa alfabetização imagética e/ou autodidatismo imagético.

Alfabetização que nos ensina que antes de nos tornarmos agentes históricos emancipados, precisamos estar na condição de espectadores emancipados, uma perspectiva de Rancière (2012), que insere o autodidatismo, compreendendo e assimilando as suas mensagens imagéticas retirando-as da função de aparatos de

dominação e transformando em artefatos históricos e conhecimento emancipador na igualdade das inteligências.

Na definição de lugares e contextos surge uma redefinição da noção de tempo e espaço, para além das suas questões lineares e físicas, em um lugar onde não existem fronteiras, ou seja, na imaginação, que é a utopia possível de todo potencial do desenvolvimento humano.

A proposta metodológica que estamos anunciando não se trata de reconstruir a realidade que vivenciamos, até porque compreendemos que ela é construída através das experiências individuais e coletivas, ou simplesmente desmistificar a imagem como um aparato de dominação – ela é um objeto de comunicação, produção e conhecimento, que foi transformada em mecanismo de poder - e sim de trazer à tona uma terceira realidade, uma visão diferente, que já foi esboçada outrora com a dialética da imagem em Walter Benjamin, uma realidade transformadora, para uma sociedade e ciência que se pressupõe nova, livre das velhas amarras moderna que tanto limitam a potencialidade humana.

A sua inovação somente é possível na reflexão de uma perspectiva diferente no ato de fazer ciência, de produzir o conhecimento, que não vai olhar a realidade como algo concreto e singular, mas nas suas subjetividades, e principalmente, em suas pluralidades.

A continuidade desta pesquisa deve trabalhar com a emancipação do espectador, através de um processo de alfabetização ou autodidatismo imagético, que deve ser refletido através do suporte de um mapa, que pode ser refletido no campo da cartografia crítica. Um mapa pode mostrar todas as localizações que a imagem tem o seu significado e função social, pode apresentar seu espaço com maior detalhes, e através de um memorial descritivo pode guiar este olhar do espectador emancipado para as suas múltiplas significações, utilizações e histórias. (SCHIAN, 2020, p. 123-124)

Os conceitos de realidade que foram articulados partindo da metodologia fenomenológica de Kossoy (2011), e na aplicação de seu roteiro de análise da fotografia, transformando uma foto em artefato histórico, nos leva aos seus conceitos de primeira realidade e segunda realidade.

Uma metodologia que se mostrou pertinente no objetivo de compreender a história (primeira realidade) e a utilização (segunda realidade) de uma imagem, principalmente para a fotografia, ao transformá-la em um artefato histórico, seja para sua própria conservação, questões memorialísticas ou fonte de informação e

conhecimento. Todavia encontra o seu limite exatamente por não se deparar com espectadores emancipados, capazes de utilizar todas as suas características e potencialidades em mecanismos transformadores.

É uma metodologia que auxilia na compreensão do conceito de sociedade do espetáculo de Debord (1997), mas não consegue ir além, fica presa na dominação política, social, econômica e cultural, fica presa na própria espetacularização, ou seja, espetacularização representada através da primeira e segunda realidade.

Para sair deste aprisionamento, deste ciclo vicioso, é necessário acrescentar uma ciência diferente ou adotar outras formas de produção do conhecimento, como um ser que age, produz, pensa e planeja tanto no mundo imagético quanto na práxis. Um ser que constrói as suas próprias relações sociais.

A terceira realidade, que iremos desenvolver, não se trata de um conceito fechado da ciência moderna ou que se limita ao imaginário do senso comum, ou mesmo a outras formas da cognição humana. Essa concepção se desenvolve com indivíduos emancipados e que pensam cada objeto de forma independente, valorizando toda diversidade e conhecimentos. Ela é revelada na arena cultural e política da comunicação das diferenças, sempre com o pano de fundo da igualdade entre todos e na equidade necessária. Arena que definiremos neste trabalho como Arena JAM.

Neste ponto precisamos sempre lembrar uma das máximas de Karl Marx, no texto “Crítica ao Programa de Gotha” datado de 1875: “De cada qual, segundo sua capacidade, a cada qual, segundo suas necessidades.” (p. 215, 1875). Na compreensão que a capacidade ou aquilo que queremos e conseguimos desenvolver deve ser de vontade do próprio indivíduo consciente da sua responsabilidade para com a sociedade ou a comunidade que vive. E as suas necessidades, neste princípio de responsabilidade, devem ser supridas pela sociedade não para a sobrevivência do indivíduo, mas para a sua plenitude.

Este indivíduo precisa estar dotado de consciência política e histórica, social e cultural, de natureza e tecnologia, de materialidade e essência. Que consiga transgredir as ideologias castradoras, exploratórias, de dominação e totalitárias. É um ser com consciência de classe, humana, natural, é um ser consciente do universo.

Um sujeito autorreflexivo, autônomo e curioso; sujeito que vai fazer a mesma reflexão feita por um dos maiores gênios ocidentais do século XX, Albert Einstein.

No seu texto intitulado “Autorretrato” (EINSTEIN, 1994) expõe as dificuldades em tomarmos consciência do que realmente é significativo para se viver e se construir como ser, uma ignorância que não incomoda o outro, o nosso meio, e não nos impede de viver, mas certamente se torna barreira para o pleno desenvolvimento da nossa potencialidade. É a nossa curiosidade e necessidades que vão nos dizer até onde queremos ir, o que queremos ser e em que mundo queremos viver. Se apenas estaremos no mundo ou nos tornaremos seres nesse mundo guiados pela ânsia por conhecimento e com uma intensa curiosidade de ir além do visível e dado como absoluto, como certo e imutável – “Que sabe um peixe sobre a água em que nada a vida inteira?” (EINSTEIN, 1994, p. 5)

É o renascimento humano para além da sociedade do espetáculo, rompendo com as amarras da sociedade de consumo de massa e tecnofascista. É o ato de desmistificar este controle estranho, lutando contra todas as desigualdades e marginalizações, explorações sociais e ambientais, lutando contra o colonialismo e o eurocentrismo. Um sociedade repleta de seres ativos, agentes políticos conscientes cooperando com o novo paradigma social e científico.

Para dar conta destas reflexões ou no mínimo apontar percursos estamos propondo uma leitura imagética através, ou semelhante, a leitura de um mapa, para compreender os caminhos que percorrem estas imagens que podem nos guiar nas diferentes existências e conhecimentos. Com diálogo aberto promovendo um mundo coletivo, fraterno, diferente do vazio que pode se tornar a nossa própria existência quando isolada.

Essas inquiuições se encontram no interior de uma crise ideológica e da ciência que precisa dar resposta ao caos que vivenciamos e parecem ter se acentuado na última pandemia (que em certa medida ainda se encontra em curso). Seja através de uma revisão epistemológica ou de investigação da práxis, do cotidiano, do senso comum.

A proposta é refletir partindo da análise imagética, como construímos essas imagens, significamos e consumimos as imagens.

A epistemologia, ou seja, a teoria do conhecimento, ou melhor, as teorias dos conhecimentos prosperam em períodos de crise, seja para a identificação da própria crise ou para que se pense em alternativas a ela.

O que agrava essa situação e torna difícil a resolução de grande parte das crises que vivemos nos últimos dois séculos é a incoerência do conhecimento que se

utiliza para definir a própria crise e as alternativas encontradas. Visto que essas alternativas são propostas pela ciência ou pela política dominadas por sistema vigente e responsável por essas crises.

Estas respostas não dizem nada ao cotidiano, são mecanismos da ideologia dominante, e por este motivo estamos vivenciando um ciclo vicioso de crises na ciência, na política, na racionalidade ocidental.

Neste ciclo vicioso de crises as alternativas e soluções propostas, que são sempre consideradas provisórias e urgentes, desconsiderando o cotidiano de todos os indivíduos, de todas as comunidades, sejam elas consideradas ocidentais ou não, o que importa é a perpetuação do sistema e sua continua exploração.

Nesta busca por conhecimento que transcenda essa crise da humanidade, de nossa própria existência, é que valorizamos as imagens em toda sua significação. Seja na fotografia, mapas, músicas (que são imagens construídas por nossa memória e imaginação que chegam aos nossos ouvidos ou pela vibração na pele), qualquer tipo de imagem por mais banal, cotidiana, consideramos poder encontrar explicações para crises passadas, ou até mesmo, explicações para as crises futuras. Mas para isso é necessário sempre estar conectado com a práxis, cultura, contexto, cotidiano. Sendo que a resposta não se encerra nas imagens, mas na forma como articulamos e aplicamos a informação que carrega.

O século XX, apogeu da intensificação dos usos das imagens e que se estende no século XXI, se apresentou por muitos momentos de crise da humanidade dentro de seus processos de globalizações, entre guerras, conflitos políticos, ideológicos, dominações coloniais e eurocêntricas, limitações físicas e psíquicas, crises sistêmicas e um sistema de poder que não nos permite pensar para além de suas estruturas e fronteiras.

Séculos marcados por crises anunciadas em discursos políticos e científicos como passageiras, se tornando mais um padrão de normalidade que vivenciamos, mais um padrão que exclui e cria desigualdade com quem não se insere nessa lógica.

A normalidade que o sistema capitalista gera crises constante para a sua própria sobrevivência, já foi debatida incansavelmente nas ciências sociais, e demonstram que essas crises servem para a sobrevivência de tudo que não é humano e muito menos natural – a sobrevivência do Capital.

Crise que se arrasta nas primeiras décadas do século XXI, consequência da inviabilização de respostas a essas problemáticas. Que dificilmente vão ser

solucionadas caso continuemos utilizando o mesmo raciocínio, as mesmas bases científicas e ideológicas.

A permanência da crise nos leva a um ciclo de dominação e exploração sem precedentes, que se torna possível através da dominação da nossa consciência, do nosso imaginário, em um estado de completa alienação e com isso encerrando nossa liberdade.

Uma crise que ainda não temos resposta ou plano de ação efetivo, principalmente porque este plano de ação precisa ser coletivo e aberto para as diversas realidades. Até agora se debate ou tenta-se implementar soluções que estão reformando e fomentando a manutenção da própria crise.

Uma simples vista nas ações da ONU nas mediações de conflitos e das desigualdades que assolam o mundo justifica essa afirmação ou; como foram as soluções dadas na própria pandemia do Coronavírus que não se atentaram as necessidades das comunidades e pessoas marginalizadas, toda perspectiva da realidade era nomeada pela racionalidade ocidental. Outro exemplo é o conflito entre os Palestinos e Judeus que não se atentam as realidades vivenciadas por esses povos que são massacrados pelos ideais ocidentais, colonialistas e eurocêntricos.

O que assistimos na pandemia, entre falsas esperanças de mudanças, foi o aumento da violência e preconceitos, das marginalizações e desigualdades – se agravou o que já estava sendo vivido no cotidiano mundial pelas comunidades marginalizadas. Essas somente ganharam uma certa visibilidade e campanhas pírias de caridade, e logo são esquecidas dentro de uma suposta nova crise que agora se volta para as questões econômicas do conflito entre a Ucrânia e Rússia, Palestina e Israel – é a espetacularização em sua essência.

Partindo dos conceitos de epistemologia do Sul, das ruínas-sementes, das ecologias de saberes, que encontramos nos escritos de Santos (2002; 2007; 2018; 2019; 2020; 2021) e de outros pesquisadores que trabalharam ou foram fonte de conhecimento deste sociólogo lusitano, atreladas a uma cartografia crítica para a análise imagética configuramos um caminho promissor ao desenvolvimento do que estamos propondo como terceira realidade que pretendemos desenvolver para compreender e pensar em alternativas para essa crise humanitária. Um caminho que nos levou até uma porta, que ao abrir e adentrar mostrou a nossa ignorância na complexidade da humanidade.

O que vimos foi uma realidade transformadora, ou no mínimo, potencializadora da verdadeira humanidade, que é o que ocorre no cotidiano do indivíduo, na comunidade.

O mesmo ocorreu quando adotamos como ponto de partida as ruínas-mentes para articular um conhecimento como base de desenvolvimento a cartografia, ou o que definiremos como Cartografia Imagética, dialogando com os diversos saberes, que vai demonstrar ser a confluência de saberes descrita por Antonio Bispo dos Santos (SANTOS, 2023).

A Metodologia da Cartografia Imagética é uma abordagem de pesquisa que busca transcender o paradigma da modernidade, incorporando elementos imaginativos e práticos como o Agrimensor-Flâneur e a ideia da Terceira Realidade. Esta tese oferece base teórica e um guia prático para realizar uma pesquisa científica e para o desenvolvimento de outras formas de saberes utilizando essa metodologia que considero inovadora.

É inovadora não por seus conceitos e, sim pela potencialidade e perspectiva de um novo olhar para o indivíduo, para o coletivo, para o Planeta e para o Universo.

O que nos obriga a pensar o questionamento: seria a leitura imagética através da cartografia (confeções de plantas e memoriais descritivos) um caminho para esta nova comunicação? Uma comunicação que seja inclusiva, fraterna, igualitária e libertadora, que seja transformadora, revolucionária, como definiremos com a terceira realidade?

Questionamentos que definem o objetivo principal da pesquisa no reconhecimento da Terceira Realidade através da análise imagética, da cartografia ou na possibilidade do seu conjunto, como uma forma revolucionária de nos comunicarmos e compreendermos o meio que estamos inseridos ou até mesmo refletir na infinitude do universo. Se configurando como uma utopia possível de transformar a maneira como pensamos e vivemos dentro das diversas realidades.

Outros questionamentos devem ser realizados, são eles nossos objetivos específicos igualmente complexos e importantes para todo desenvolvimento: 1) Compreender os princípios da Cartografia Imagética para um pensamento decolonial; 2) Analisar o conceito de Terceira Realidade e suas implicações na luta contra o eurocentrismo; 3) Explorar o papel do Agrimensor-Flâneur como agente sensível e curioso na pesquisa científica em outras áreas do conhecimento; 4) Propor alternativas para viabilizar projetos futuros que desenvolvam, comprovem ou refutem o conceito de Terceira Realidade.

A tese e toda teoria se colocam como uma alternativa de pensar a humanidade e o universo, um conhecimento que seja transformador e crítico, uma ciência mais humana e inclusiva. Uma ciência que vai se mostrar ser cosmológica para se denominar de ciência decolonial

Na qualidade de alternativa essa teoria e metodologia não espera se fechar em si mesma como ocorrem nas relações dogmáticas da ciência moderna ocidental.

A hipótese apresentada não poderia ser outra: com a aplicação da Metodologia da Cartografia Imagética, abre-se caminho para uma compreensão profunda das diversas realidades, o que denominamos de Terceira Realidade. No seu objetivo de dar visibilidade as alternativas transformadoras e inclusivas em diferentes contextos de pesquisa, áreas e saberes.

Essa hipótese é fundamentada nas discussões sobre a sensibilidade do Agrimensor-Flâneur em relação ao ambiente, nas estratégias sensíveis e ferramentas que serão debatidas e utilizadas. Acredita-se que ao adotar essa postura, os pesquisadores podem capturar detalhes e significados que muitas vezes não são evidentes na ciência moderna tradicional. Além disso, a ênfase na Terceira Realidade, como proposta de coexistência de diferentes perspectivas e realidades, tem o potencial de desafiar a racionalidade instrumental e promover uma transformação inclusiva e diversificada nos estudos para responder aos anseios da sociedade e não mais dos caprichos do mercado.

No entanto, é importante destacar que essa hipótese deve ser testada empiricamente por meio da aplicação da Metodologia da Cartografia Imagética em estudos de casos por outros pesquisadores, analisando os resultados obtidos e futuramente comparando-os com abordagens tradicionais para verificar se de fato essa metodologia oferece uma compreensão mais profunda das realidades e uma alternativa verdadeiramente inclusiva e transformadora.

Não devemos creditar a essa proposta uma concepção messiânica, de salvação, e muito menos devemos refutar ou buscar eliminá-la pelas nossas crenças e preconceitos. Essa tese se configura como um trabalho inicial, uma pequena contribuição para o pensamento decolonial e para a cosmologia humana, é somente uma das vozes que buscamos amplificar.

A estrutura desta voz aqui vai ocorrer dentro do conceito da escala pentatônica¹, uma referência a escrita musical do Blues e que inspirou tantos outros estilos musicais, e que inspirou todo o nosso desenvolvimento teórico até aqui.

Este presente trabalho é a primeira nota desta escala.

Pensar o Blues enquanto objeto é lhe conferir o status de objeto de estudo social, um fenômeno com condições e estruturas próprias, é trazer a contribuição da arte para o desenvolvimento de nosso conhecimento. Um estilo musical que veio da marginalização e exploração do povo africano, que abraçou a diversidade, que sofreu e sofre ainda com os preconceitos da sociedade colonial e eurocêntrica, que é livre em essência ao mesmo tempo que é explorado pela espetacularização mercadológica. É a pura expressão humana, autêntica e poética, com contradições e imperfeições, ou seja, a expressão poética de contemplar as objetividades e subjetividades das diversas realidades.

Este é o blues, o pai do rock (ou seria o diabo? O blues é o diabo? Concebeu o rock na encruzilhada?), um fenômeno complexo e rico em conhecimento, que é estruturado e estruturante da sociedade.

A defesa que faço do blues como um estilo que garante significação a um ser em constante metamorfose, uma forma de produzir e experienciar a vida, o torna um fenômeno complexo que sempre carrega elementos inesperados que se materializam nas músicas, nos seus artistas, nas suas histórias, lhe dando uma característica sempre de singularidade sem que perca a sua perspectiva de coletividade.

O Blues tem tanto sentido e significado em seu princípio que se torna impossível adentrar o seu mundo sem a presença de seus fantasmas - é possível sentir em cada vibração musical as suas dores e alegrias, paixões e desilusões. Não é criado para significar algo pontual, é a própria significação da vida humana, é a sua

¹ A escala pentatônica é uma escala musical que consiste em cinco notas por oitava, daí o nome "pentatônica" (do grego "penta" = cinco e "tonos" = tons). Essa escala é amplamente utilizada na música ocidental e em várias outras tradições musicais ao redor do mundo, a exemplo da música africana. A característica marcante da escala pentatônica é a sua ausência de semitons, ou seja, não contém os intervalos de meio tom que estão presentes em outras escalas mais comuns da música ocidental, a exemplo da própria escala natural. Podendo ser denominada de Pentatônica Maior e Pentatônica Menor através da variação do seu grau dominante. E neste sentido que foi pensando o título do conjunto desta obra "NAS ENCRUZILHADAS DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL: UM BLUES EM SUL MAIOR", denominando o Sul como uma nota que vai dar o tom a escala. E também pela simplicidade que ela carrega na sua construção, uma analogia a aproximação entre a ciência moderna e as outras formas de conhecimento, de saberes. A simplicidade da escala pentatônica torna-a uma escolha popular para improvisação e composição, especialmente em gêneros musicais como blues, rock, música folk e étnica, onde suas notas podem ser usadas para criar melodias cativantes, criativas e expressivas.

voz. O blues é uma constante mesmo nos seus significados posteriores, como é o caso do rock. A distinção que encontramos nele é o próprio desenvolvimento humano, é a sua relação entre tempo e espaço.

Não é o blues que estranhamos e sim as suas realidades. Não vai ser a Cartografia Imagética que iremos estranhar e sim os caminhos que nos levam a diversas realidades dentro de um mesmo espaço e tempo. Estranhamos a Terceira Realidade, estranhos o fato de não sermos únicos e da necessidade de descartamos todo conceito de normalidade e padronização.

Essa obra, que intitulamos de “NAS ENCRUZILHADAS DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL: UM BLUES EM SUL MAIOR”, um jogo de palavras que faz referência a escala pentatônica maior, vai seguir por analogia em seis Partes, para compor as 5 notas da escala acrescentada de sua blue note.

Uma ressalva antes de apresentarmos cada parte deste trabalho e seu desenvolvimento futuro, precisamos deixar claro que a metodologia da Cartografia Imagética trabalha constantemente com essa ideia de jogo de palavras.

O “Jogo de Palavras” pode ser definido como um conceito ou estratégia descrito sabiamente por mestre quilombola Antonio Bispo dos Santos (SANTOS, 2023). Essa ideia é fundamental na metodologia da Cartografia Imagética no objetivo de contribuir com o pensamento e teoria decolonial.

É uma abordagem que não é necessariamente inovadora, mas é revolucionária, é uma arma que empunhamos para a resistência contra o colonialismo e o eurocentrismo. Com essa prática buscamos revitalizar e ressignificar a linguagem e todas as expressões imagéticas como uma ferramenta de empoderamento e alternativa para a emancipação humana com responsabilidade cosmológica. É a transformação da nossa língua e expressão através da adição de palavras e imaginários potentes.

O convite da Cartografia Imagética através do jogo de palavras se trata de ampliarmos, de amplificarmos o léxico, de nos tornarmos detentores de nossa comunicação ao incorporamos formas de expressão que desafiem o colonialismo e promovam a compreensão e fortalecimento das identidades culturais que são tradicionalmente marginalizadas.

Não se trata somente da criação de novas palavras, imagens e outras formas de nos comunicarmos, o seu núcleo reside no fato de querermos promover a

reinterpretação e recontextualização de comunicações que já se encontram em nosso meio para desestabilizar as narrativas colonialistas e excludentes.

Logo os conceitos, métodos, técnicas, metodologias e teorias muitas vezes podem ser encontrados em outros conhecimentos científicos ou não, mas isso não importa aqui visto que estamos buscando alternativas na produção do conhecimento, e esse pensamento que estamos desenvolvendo deve sempre ser visto como uma alternativa, um exercício imaginativo e inclusivo.

É um convite a criatividade de cada ser consciente ou que queira despertar sua consciência, é um convite a reflexão da percepção particular das diversas realidades de cada indivíduo. Que não tem serventia aqueles que acreditam em normalidades, padronizações, que rejeitam as mudanças por medo de perder algo ao escutar o diferente, que são subservientes a pensamentos estranhos a si próprios e não compreendem o processo comunicativo humano como instrumento de libertação.

O jogo de palavras por muitas vezes pode desmascarar os falsos revolucionários, os falsos progressistas. Ele pode desnudar o indivíduo e evidenciar os preconceitos que carregamos, revela discursos de domínio e poder.

Indo além desta ressignificação da comunicação e de lente destas relações de poder que ficam obscurecidas por discursos vazios, estamos falando de uma abordagem criativa e colaborativa para a construção de narrativas e significados, é a importância do compartilhamento das realidades e saberes que delas emanam. É tornar a nossa comunicação uma ferramenta de resistência, empoderamento e decolonização, é a própria comunidade expressando a sua cultura, história e percepção da realidade.

Com esse jogo de palavras almejamos na metodologia pensar em estratégias que possam servir para a decolonização de nossas mentes promovendo uma efetiva inclusão das diversas realidades. Construindo uma fraternidade afetiva para com a diversidade que auxilie no desafio as estruturas de poder que oprimem, marginalizam e exterminam o diferente.

Estamos contribuindo no desenvolvimento desta metodologia da Cartografia Imagética para criar um espaço de esperança em nossas bibliotecas, em nossas relações sociais, abrindo caminhos para que a imaginação flua livremente, em um lugar com indivíduos autênticos e emancipados.

Na Parte 1, que é este presente trabalho com o subtítulo “Metodologia da Cartografia Imagética”, iremos expor a base teórica e metodologia para a leitura e

compreensão das Partes seguintes que compõe a nossa trajetória teórica e metodológica.

Neste momento trataremos então das perspectivas metodológicas, filosófica e a abrangência que esperamos com o desenvolvimento dos conceitos que iremos demonstrar. É a perspectiva e ferramentas do pesquisador na encruzilhada, para elaborar plano para quais caminhos seguir, o que se deseja, e onde pode-se chegar.

No “Capítulo 2 – Contextualização”, abordamos superficialmente o caos dos séculos XX e XXI, explorando os fundamentos que sustentam nossa visão de ciência e emancipação na sociedade do espetáculo que evidenciou Debord (1997). Tecemos comentários sobre a “Ciência que Almejamos”, desenvolvendo as bases da ciência que buscamos construir, que transcenda os limites convencionais nas Epistemologias do Sul rumo a uma ciência decolonial. Falamos sobre o senso comum e sua relação com o conhecimento científico visando uma confluência de saberes para emancipação, revelando como essa confluência pode impulsionar nossa emancipação intelectual e outras emancipações. Exploramos as diversas vozes da nossa ciência salientando a importância da diversidade de perspectivas no cenário acadêmico.

Por uma questão de posicionamento examinamos a distinção entre os termos "descolonial" e "decolonial" para delinear os caminhos conceituais que definem nossa abordagem dentro da luta contra o colonialismo em suas diferentes faces. E desta forma conseguimos expressar uma compreensão de Ciência Decolonial e Comunicação Decolonial, enfatizando a comunicação como uma força de transformação e resistência.

Transformação e resistência que é possível através da Confluência de Saberes, das complexas interações entre diferentes formas de conhecimento e saberes, enquanto avançamos rumo a uma perspectiva mais holística, a uma concepção cosmológica.

Na contextualização almejamos determinar o porquê é importante refletir o senso comum retroalimentado pelas diversas formas de conhecimento, a exemplo do conhecimento científico, para que com isso ocorra uma efetiva emancipação. Um conhecimento que deve transformar a ciência moderna em uma ciência emancipatória, a ciência decolonial. Que é uma ciência voltada para as reais necessidades da sociedade, paradigmática e com intelectuais/pesquisadores afetivos e críticos.

Apresentamos as expectativas da ciência como uma forma de comunicação na promoção do conhecimento-emancipação. Traçando o início da cartografia como leitura imagética e abordando o conceito que foi o início criativo do projeto, o conceito de ruínas-sementes desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos (SANTOS 2009) e que se tornou pertinente ao ser adensado e desconstruído através do pensamento de Antônio Bispo dos Santos (SANTOS, 2023) ao nos apresentar a ideia de confluência de saberes, da sua visão contracolonial e dos jogos de palavras.

Ainda enfatizamos nesta parte do trabalho a importância do reconhecimento e valorização das diversas perspectivas de conhecimento, especialmente no contexto do Sul, das comunidades marginalizadas. Com destaque para a educação e a comunicação desempenhando papéis fundamentais na desconstrução das estruturas de poder opressivas oriunda do colonialismo, construindo alicerces para a igualdade e na transformação da social. Pensamento que se desenvolve principalmente com os autores que estão no campo da luta decolonial contribuindo com o conceito de decolonialismo, a exemplo de bell hooks, Paulo Freire, Frantz Fanon e Djamila Ribeiro.

Ainda com esse pensadores são apresentados conceitos-chave, como a conscientização das estruturas de opressão, o papel do afeto na educação, a desconstrução de estereótipos e a importância da resistência como embate contra o colonialismo e eurocentrismo. Realçando a necessidade de diálogo, empatia e ação concreta para criar uma sociedade mais justa, igualitária e descolonizada.

No “Capítulo 3: Imagens e Suas Realidades” nossa atenção se volta para o poder das imagens em determinar a compreensão e a interpretação de todo o universo e principalmente do mundo que nos circunda. Definimos aqui conceitos importantes para pensarmos na metodologia da Cartografia Imagética, a exemplo da “Escala da Imagem Decolonial”, momento que exploramos como as imagens podem transcender fronteiras geográficas e culturais, se oferecendo como objeto, ferramenta e confluência de saberes para a análise crítica e inclusiva. Outro conceito que emerge neste capítulo através da análise das realidades dos espaços e lugares é “Coordenadas de Territórios” em uma reflexão aprofundada das interações entre imagens e os espaços que habitamos ou somos inseridos. Ampliando a concepção das imagens como saberes e atores de mudanças.

Continuamos desenvolvendo algumas reflexões teóricas pertinentes e bases conceituais no “Capítulo 4: A Mudança Paradigmática – Uma Proposta Metodológica

Jam Na Cartografia Crítica”. Neste capítulo, nossa atenção se encontra na mudança paradigmática da abordagem metodológica da Cartografia Imagética que começa a realmente ser desenhada com conceitos fundamentais ao mesmo tempo que podem ser remodelados em diversas perspectivas de realidades para mapear as complexas relações entre saberes, espaço, tempo e cultura.

Falamos sobre a contribuição da Agrimensura na Cartografia Imagética, um debate sobre como a medição de territórios se entrelaça com a construção de narrativas culturais. O resultado deste debate é o surgimento do Agrimensor-Flâneur, demonstrando a capacidade dessa figura híbrida como pesquisador ao incorporar a análise crítica em suas perambulações por espaços, tempos, culturas e imagens.

É no quinto capítulo “Aplicando A Cartografia Imagética – Epistemologias Do Sul: Uma Ciência Decolonial” que chegamos ao ápice da nossa jornada teórica e metodológica, onde as teorias se encontram com a prática. Definimos o lugar de encontro da confluência de saberes como “Arena JAM” - um espaço para inovações e criatividade que incorpora as epistemologias do Sul e promove uma mudança de paradigma na forma como nos comunicamos.

Com isso definimos o conceito de “Terceira Realidade” para uma jornada além das dicotomia do pensamento social e científico da modernidade. Nos conduzindo a uma abordagem transformadora que transcende visões binárias, tradicionais e normativas, na busca por uma compreensão mais inclusiva. Uma utopia possível dentro de uma metodologia sensível, de afeto e a sensibilidade para abraçar nossa prática metodológica, permitindo uma conexão intensa com os sujeitos da pesquisa em todas as esferas.

Com essa abordagem realizamos a primeira aplicação prática dessa metodologia. Não se trata do ponto de chegada, é o ponto de partida das teorias abordadas se materializando em nossa jornada decolonial.

Com essas ideias e conceitos, desenvolvido este percurso teórico, teremos elaborado a nossa perspectiva metodológica, prosseguiremos com as outros Partes de exemplificação metodológica e teórica, propondo alternativas, que devem ser publicados e encadernados individualmente; e que também retomam a inspiração desta metodologia, o Blues, enfatizando não os aspectos musicais deste estilo, mas as relações sociais que o envolveram.

Seus projetos de pesquisa se encontram em anexo deste presente trabalho, e para conhecimento faremos aqui uma breve síntese.

Na Parte 2, chamamos Robert Johnson a Arena JAM do nosso festival de Blues das Epistemologias do Sul, com o convite-projeto de pesquisa e na proposta de aprofundar a compreensão da vida, da música e do legado deste lendário bluesman na abordagem da Cartografia Imagética. O título "Com o Capiroto na Encruzilhada: Uma Exploração Imagética da Vida e Legado de Robert Johnson" abordando em seu núcleo a mística lenda de que Johnson teria feito um pacto com o diabo em uma encruzilhada para o seu conhecido e reconhecido virtuosismo musical. Através da Cartografia Imagética, esse projeto explorará a complexidade das experiências de vida de Johnson, sua contribuição para o gênero musical do blues e outros estilos além das implicações culturais que sua história de vida nos proporciona.

Na Parte 3, chamamos um conjunto de estrelas para Arena JAM do nosso festival de Blues das Epistemologias do Sul, com convite-projeto de pesquisa na proposta de investigação da origem, evolução e diversidades encontradas no estilo do blues para além das suas fronteiras reconhecidas do Mississipi. Por meio da passagem de som da Cartografia Imagética queremos encontrar as suas raízes e os outros lugares que o estilo musical adentrou.

Com o título "A Origem e Diversidade das Encruzilhadas: Uma Exploração Imagética do Estilo Musical do Blues" apresentamos à concepção de encruzilhadas como pontos de encontro e interação, da fusão de influências culturais e musicais que deram origem ao blues e o seu desenvolvimento posterior. Através da Cartografia Imagética, esta parte de nossa breve coletânea de saberes pretendemos mapear as conexões entre diferentes manifestações do blues e suas implicações culturais.

Na Parte 4, chamamos a Arena JAM uma lenda viva, o bluesman inglês Eric Clapton, o convite-projeto de pesquisa tem como objetivo explorar a carreira e a influência do guitarrista por meio da perspectiva da Cartografia Imagética, nas suas contribuições e polêmicas.

O título "Quando Deus se Perde na Encruzilhada: Uma Exploração Imagética da Carreira e Influência de Eric Clapton" é uma referência à imagem da pichação dos muros londrinos "Clapton is God" e dos momentos de sua história de vida que acabam em polêmicas estranhas ofuscando o virtuosismo musical, a exemplo de sua negativa com as vacinas na pandemia do Covid.

Claramente também faz referência as suas habilidades ao incorporar uma variedade de estilos musicais dentro de uma autenticidade única e por ser um filho do próprio colonialismo. Estaremos com ele em suas encruzilhadas durante essa jornada.

A metodologia da Cartografia Imagética permitirá uma análise cosmológica das conexões entre a música, influências culturais, sociais, adensados com a sua evolução artística.

Na Parte 5, na Arena JAM chamamos a figura do pesquisador para explicar as origens deste festival de Blues nas epistemologias do Sul, no que denominamos como "A Alma na Encruzilhada". O objetivo é explorar a jornada do pesquisador na Cartografia Imagética. Nosso produtor e pesquisador, que igualmente se torna o próprio objeto de pesquisa é o Agrimensor-Flâneur, trabalhando na cartografia de sua própria identidade e existência.

O título dá o tom ao trabalho no que tange a reflexão e busca interior por compreensão e autenticidade. Enquanto é o próprio pesquisador guiado pela metodologia que o definiu, ou seja, a Cartografia Imagética na investigação da complexidade e interconexões que constituem a essência do pesquisador.

A Parte 6, que se encontra em anexo na íntegra, é a nota dissonante deste trabalho e que deve dar sentido a tudo o que foi abordado nas questões do afeto e utopias possíveis, e na própria maleabilidade desta metodologia e seus conceitos. Falamos do "Manifesto da Encruzilhada".

O Manifesto é o convite a todos a participarem de nosso festival, acompanhando e contribuindo no desenvolvimento da metodologia e da perspectiva de uma ciência decolonial, para refletirem a sua própria essência e existência, as suas significações, contribuições e perspectivas e, buscarem alternativas para uma sociedade afetiva, fraterna, livre.

"Manifesto da Encruzilhada" é um projeto livre e imaginativo da metodologia da Cartografia Imagética que destaca a poderosa interseção entre imagens sonoras e significado. O manifesto é uma expressão única de mensagens, valores e ideias transmitidas por meio da memória e linguagem da música, convidando os leitores e ouvintes a refletirem e agirem em direção à transformação social e proporem as suas próprias narrativas e alternativas.

Para se chegar a essas propostas teóricas e práticas, o caminho foi longo e ainda não deve ser determinado seu fim. A revisão da literatura deste presente projeto se deu inicialmente no mestrado em Comunicação e Cultura, e no doutorado ampliamos para as teorias das Epistemologias do Sul, para os saberes e vozes que se mostram contra toda forma de preconceito e desigualdade.

Estes conceitos devem ser compreendidos, desenvolvidos e praticados partindo da premissa da unificação, ou melhor, rompendo as fronteiras imaginárias que separam o senso comum e o conhecimento científico. Isso não quer dizer que descartaremos os conhecimentos da ciência moderna, e sim que iremos adensá-los com as experiências do cotidiano, de outros modos de vida, abrindo caminhos para todos os seres e diversidades se comunicarem embasados na sua própria existência.

É a busca por responder as verdadeiras necessidades da humanidade, uma ciência que deve ser desenvolvida por várias mãos, várias culturas, com pesquisadores afetuosos dialogando com as diversas ideologias e iluminando caminhos para as possíveis utopias, para a utopia possível da ciência decolonial, para a confluência de saberes.

Neste momento o trabalho e seus projetos em anexo se desenrolam através de pesquisa bibliográfica, fonográfica, por fotografias ou filmes, consistindo em dados secundários, entretanto em uma pesquisa futura deste ou outro pesquisador, poderia ser ampliada para uma pesquisa de campo, dentro dos cânones que se definia as pesquisas etnológicas e etnográficas mais rígidas (sem deixar de lado a criatividade e a imaginação livre da Cartografia Imagética), obtendo uma maior base de dados primários.

A interpretação dos dados através desta teoria, metodologia, método e técnica visa se aprofundar nestas realidades para descobrirmos nelas alternativas para pensarmos nas mudanças sociais ou mesmo para o estabelecimento de um status quo. Nossa bússola sempre aponta para as alternativas, onde nosso Norte pode ser o Sul, e o nosso Sul pode ser o Norte. Alternativas que sempre devem ser vistas como um possível resultado, não como um fim, mas como uma possibilidade.

É uma possibilidade porque a aplicação dos seus resultados não deve depender do pesquisador ou de um determinado grupo, do mercado, mas da reflexão e direcionamento da sociedade como um todo, das comunidades envolvidas, sempre preservando a diversidade e contra toda forma de despotismo.

Objetivo da Terceira Realidade é se colocar como uma possibilidade de emancipação humana individual e coletiva, não mais um mecanismo de alienação e exploração. [...] romantismo e anthropological blues aparte – que o homem não se enxerga sozinho. E que ele precisa do outro como seu espelho e seu guia. (DA MATTA, 1978, p. 12)

O caminho aberto até aqui pela Epistemologia do Sul é de uma vigilância epistemológica através da ecologia de saberes e da valorização das utopias realistas, em refletir o processo da descolonização, do patriarcado e do próprio capitalismo como força vigente e sistema de dominação. Pretendemos ir além destes conceitos e visibilidades. Pretendemos conferir significações mais próximas da Metodologia da Cartografia Imagética e da Ciência Decolonial que estamos vislumbrando.

Estejam abertos para uma exploração crítica deste pensamento enriquecedor e que busca transcender fronteiras disciplinares e conceituais, adentrando um terreno fecundo para transformações e reflexões densas, todavia afetuosas, inclusivas.

Nos próximos capítulos que seguem entraremos nessas complexidades da ciência, da imagem e das realidades. Com afeto estaremos nos aproximando de nos tornarmos seres compartilhantes e cosmológicos. Mas antes disso iremos fazer uma pequena observação ensaística do conceito muito contemporâneo, o conceito do cancelamento, que pode contribuir para um pensamento decolonial e realmente aberto a diversidade e suas experiências.

1.1 A Encruzilhada do Cancelamento

Nos deparamos com uma das várias encruzilhadas no percurso da pesquisa e desenvolvimento desta tese, ao ter como base teórica o pensamento que foi condensado da epistemologia do Sul através das pesquisas em volta de Boaventura de Sousa Santos.

Como poderíamos dar sequência ao trabalho que visa romper com as amarras do eurocentrismo, na luta contra o colonialismo, o patriarcado, as mazelas do sistema capitalista e todas as outras formas de marginalização, tendo aqui a representação teórica de um europeu branco e descendente direto de uma nação colonialista acusado de assediar sexualmente alunas que tinha ele como orientador ou professor na Universidade de Coimbra, em Portugal? Não seria a própria figura deste catedrático a representação de tudo aquilo que procuramos subverter?

O sociólogo Boaventura de Sousa Santos, com 82 anos, foi acusado por cinco mulheres e ao que tudo indica existem ainda outros casos a serem revelados. Claro que tudo isso cabe ainda uma investigação e julgamento do caso em um processo administrativo e judicial, que não compete a esse trabalho. Todavia não podemos

deixar de nos solidarizar com essas mulheres e principalmente apoiar essas vítimas de abusos e importunação sexual, além do abuso acadêmico psicológico e físico que se normalizou em tantas instituições acadêmicas pelo mundo.

Precisamos ter a consciência que esse não se trata de um caso isolado, que não é só seu assistente Bruno Sena Martins que se encontra envolvido, existem muitos outros professores no mundo todo assediando suas alunas e alunos sexualmente e intelectualmente.

Sim, acreditamos nelas e em outros relatos de pessoas próximas desta situação e que precisam de uma justiça imediata e urgência em desfazer essas práticas repugnantes que estão impregnadas, ou melhor, que são características do colonialismo eurocêntrico, do patriarcado e do capitalismo. Além da validade que damos ao artigo publicado em 2023 pela editora Routledge, com o título “Sexual Misconduct in Academia — Informing an Ethics of Care in the University” (tradução: “Má Conduta Sexual na Academia — Para uma Ética de Cuidado na Universidade”) escrito pela portuguesa Catarina Laranjeiro, pela belga Lieselotte Viaene e pela estadunidense Myie Nadya Tom; o qual fala de um personagem assediador sem que o nome do sociólogo português seja citado – o que foi suficiente para toda história vir à tona e outros relatos serem escutados. A exemplo da brasileira e deputada estadual de Minas Gerais por Psol, Bella Gonçalves e da indígena argentina Moira Millán vítimas também do sociólogo lusitano.

Entretanto a base do nosso trabalho e da metodologia é ser contra todo o desperdício das experiências, não ter uma figura como detentora do conhecimento e sim o seu coletivo, que é o pensamento das epistemologias do Sul.

Acentuo como um dos maiores erros da sociedade contemporânea a prática do cancelamento que por muitas vezes invalida avanços na produção humana e no nosso espírito de coletividade. Precisamos aprender a separar o ator de sua teoria, o artista de sua arte, o indivíduo do seu trabalho. O julgamento deve ser crítico tanto a produção quanto ao sujeito, mas deve ser uma crítica realizada de forma clara e ponderada, punindo de fato o sujeito criminoso.

A punição não deve recair a sociedade, todavia essa deve ser igualmente responsabilizada para evitar que eventos como estes ocorram novamente no futuro.

Que não se compreenda essa afirmativa de responsabilizar a sociedade como uma forma de culpar a vítima, não, ela é vítima; a ideia é compreender que por muitas vezes ao nos silenciarmos diante de tantos problemas da sociedade contemporânea

e normalizamos ou minimizarmos tantos absurdos, recai uma parcela de culpa sobre nós quando o crime ocorre. Esses abusos, preconceitos, marginalizações, crimes são o produto de uma sociedade doente e normativa.

A crítica ao cancelamento da forma como está sendo praticado, principalmente nas redes sociais, é que não devemos julgar uma produção como negativa e por consequência excluir o sujeito, da mesma forma que não podemos julgar um sujeito por suas práticas criminosas ou nocivas a sociedade e por consequência excluir a sua produção que pode ser benéfica em algum sentido a humanidade.

Aqui é tão somente uma crítica para embasar a ideia de ser contra o desperdício das experiências para realmente conseguirmos gerar uma confluência de saberes e nos tornarmos verdadeiramente progressistas, decoloniais e cosmológicos.

O conceito, ou melhor, o termo "cancelamento" em um modismo contemporâneo refere-se a uma prática na qual um indivíduo é boicotado ou criticado publicamente, ocorrendo geralmente nas mídias sociais e repercussões nas conversas cotidianas, devido a ações passadas controversas ao que se compreende como aceito pela maioria ou comentários ofensivos realizados contra alguém, comunidade ou proposta de ação. O cancelamento em sua consequência geral pode resultar na perda de seguidores, oportunidades profissionais e agravos à reputação da pessoa.

Embora o cancelamento possa ser uma ferramenta positiva para responsabilizar indivíduos por comportamentos inadequados ou prejudiciais, suscita debates sobre a eficácia dessa prática e seus aspectos negativos. Principalmente por seu senso de justiça e se ela pode às vezes ser excessiva ou desproporcional ao fato que a gerou, se ela pode provocar um dano maior a própria sociedade.

A prática do cancelamento pode ter consequências significativas para a saúde mental e o bem-estar das pessoas envolvidas, o julgamento por vezes apressados ou no calor das emoções pode se mostrar um erro no presente com consequências piores no futuro. Muitos erros de julgamento e crimes cometidos poderiam ser solucionados ou ter sua estatística reduzida a quase zero com debates, argumentações bem fundamentadas, promovendo o diálogo, a educação e a conscientização sobre as questões que levaram a uma determinada ação e reação, com foco na mudança de comportamento e a compreensão mútua, e quem sabe promovendo uma maior fraternidade e afetividade entre todos.

A correção dos problemas em sociedade devem ser educativas para realmente promoverem a mudança de algo e o fim de um crime. Essas punições “carcerárias” já se mostraram a muito tempo não terem nenhum efeito, salvo para a violência e o sentimento de vingança.

Ainda precisamos aprender como nos comportar, socializar e trabalhar com as mídias sociais, precisamos estar abertos a um constante aprendizado e evolução. As próprias atitudes e práticas em relação ao cancelamento também podem ser modificadas e aprimoradas com o tempo, não descarto este mecanismo reformulado, desde que seja dentro de um viés educativo, de integração e reintegração, que seja inclusivo.

Este é um ponto a ser refletido dentro da confluência de saberes como indivíduos compartilhantes, afetuosos e cosmológicos que esse trabalho pretende tangencialmente contribuir.

O cancelamento tem o seu aspecto positivo, por muitas vezes contribui com um ambiente de discussões mais amplo sobre justiça social, inclusão, diversidade e igualdade. Promovendo de forma crítica e expositiva os comportamentos prejudiciais ou discriminatórios. O que é uma maneira de evidenciar questões sociais importantes e incentivar a mudança necessária.

Todavia, também é importante considerar alguns dos aspectos críticos e negativos associados ao cancelamento: ao recusar uma Justiça Restaurativa, ou seja, uma educação e comunicação verdadeiramente inclusiva, não estamos oferecendo oportunidade de aprendizado e crescimento, principalmente quando não se leva em consideração a relação da responsabilização e a reconciliação.

Ainda temos o efeito manada, transformando o cancelamento em uma caça às bruxas, sem considerar o contexto e a possibilidade de mudanças, chegando ao ponto de trazer práticas monstruosas do colonialismo e de tempos antigos, como são os linchamentos.

Na ausência de diálogo temos como consequência o impedimento das relações sociais produtivas e o entendimento mútuo que poderia gerar maior conscientização e educação. Fator que cancela o próprio conceito de confluência de saberes que iremos abordar.

Precisamos levar em consideração à saúde mental da sociedade, por vezes não damos sequer a chance do infrator se redimir e compreender o seu erro para procurar corrigir sua participação no coletivo, ou quando é inocente, sua imagem,

físico e psicológico já foram tão massacrada injustamente, ficando no imaginário coletivo a ideia de que é sempre um suspeito ou culpado, que pode levar até a consequência do suicídio.

Existe aqui uma ação prática que devemos tomar no que se refere a responsabilidade das plataformas – precisamos debater o que é informado nas redes sociais, precisamos debater a responsabilidade dos indivíduos, das empresas e instituições. Precisamos debater amplamente as Fake News, por exemplo, e a forma como obtemos e processamos as informações. Estes são os mecanismos presentes na guerra do cancelamento.

Parece que os grupos ideológicos hoje disputam a quantidade de indivíduos que elas conseguem cancelar, não importando que a ideia ou crime continue acontecendo no cotidiano através de outros indivíduos.

É fundamental encontrar maneiras mais eficazes e afetivas de abordar questões de comportamento criminoso, inadequado ou prejudicial. É necessário promover uma cultura de diálogo aberto, educação contínua e busca ativa por alternativas verdadeiramente construtivas, em vez de simplesmente cancelar indivíduos.

Não podemos deixar de lado o próprio contexto cultural e mudanças de normas que podem ter influenciado o comportamento ou as declarações passadas de uma pessoa. À medida que a compreensão humana sobre si própria evolui, nossa percepção de certo e errado também são modificadas, nossas relações com o outro e para com a natureza se altera. É fundamental permitir que as pessoas cresçam e se adaptem às novas perspectivas. Ter mais foco na ações que estão sendo julgadas para não cair no erro de rotular alguém com base em um incidente ou declaração isolada.

Enfatizar a educação e as alternativas de mudança, são oportunidades de aprendizado, crescimento, conscientização e sensibilização.

O que nos leva a questão do empoderamento das vítimas, que neste processo de educação e alternativas estamos dando todo suporte a elas e mostrando que suas dores não foram em vão, que a sociedade vai se tornar um lugar melhor depois deste evento fatídico. Esse deveria ser o nosso principal objetivo, a reparação dos danos e as mudanças necessárias do comportamento humano. E não a busca insana por um culpado ou punição, aguardando até que outro crime ocorra novamente e recomeçemos todo esse processo de cancelamento. Me parece uma forma estranha

de pertencimento nas redes sociais para suprir o vazio existencial em uma sociedade espetacularizada em constante busca por uma satisfação violenta.

Precisamos fundamentar essa reflexão e autocrítica, seja no indivíduo cancelado ou na sociedade como um todo. Isso envolve uma análise profunda das próprias ações, crenças e preconceitos, além de uma avaliação de como as atitudes podem ser modificadas positivamente. Ponto principal que a metodologia da Cartografia Imagética pode contribuir ao desenvolver e pensar alternativas possíveis dentro do conceito de Terceira Realidade.

Voltando ao exemplo inicial deste argumento, do caso de Boaventura, não vamos mais falar sobre os crimes de abusos físicos e psicológicos, como foi dito, não é algo que compete a este trabalho e sim a justiça. Todavia precisamos realizar a crítica ao seu pensamento para pensarmos em uma concepção decolonial, na sua ideia de “Epistemologias do Sul” como crítica ao pensamento dominante, seja nas ciências sociais ou nas epistemologias ocidentais.

A sua argumentação que a produção de conhecimento em uma dada geografia e história marginalizada, denominado de “Sul Global”, embora destaque a diversidade de perspectivas epistemológicas e culturais cai no pensamento binário e simplista do ocidente, e isso ocorre ao colocar em oposição categorias como “Sul Global” e “Norte Global”.

Essa dicotomia pode levar a uma distorção ao ignorar as complexidades e diversidades dentro desta suposta divisão, que nada mais é que normalizar e criar rótulos para uma determinada categoria. Se criam categorias e hierarquias na produção do conhecimento que limitam o diálogo intercultural, se fechando contraditoriamente a sua proposta para diferentes perspectivas e desenvolvimento do conhecimento.

O sociólogo lusitano pode ter contribuído para a discussão sobre a diversidade epistemológica, isso precisa ser considerado, entretanto não se pode adotar seu pensamento sem um senso crítico, apontando suas limitações e contradições. A produção do conhecimento ocorre por muitas vezes no hibridismo cultural, são as nossas relações socioculturais, nossas relações históricas, nossas tradições dialogando com o futuro.

Não podemos cair no erro de imputar essa produção do conhecimento e cultural em limites artificiais como são as nossas fronteiras, sejam elas legais ou fictícias, em

suas representações reducionistas e limitantes, essas são relações de poder que realmente devemos desconstruir.

Para exercitar essa reflexão vamos considerar que pela sua origem Boaventura realmente seja uma representação do colonialismo, patriarcado e capitalismo, e continuando esse processo se tornou igualmente opressor, explorador da riqueza (neste caso o conhecimento) dos povos marginalizados, principalmente de outros pesquisadores, dos saberes indígenas, tradicionais ou de outras comunidades; para não mencionar que a própria estrutura acadêmica tem fortes relações com estruturas de poder e opressão através da influência do mercado, ou seja, do capitalismo.

Essa é uma reflexão crítica de exploração e apropriação não autorizada com os devidos reconhecimentos de crédito, de propriedade intelectual, que devemos fazer sempre sobre todos os pensadores e inclusive sobre as nossas próprias produções.

Uma crítica que deve ser construtiva e não simplista ao ponto de ser destrutiva com o que estamos procurando desconstruir, ou seja, com as marginalizações, explorações e preconceitos. Essa não é uma prática única de Boaventura, é uma prática normalizada nas Universidades, que felizmente ainda encontram seus pontos de resistência.

A proposta de uma teoria que parte das encruzilhadas da vida, contra o desperdício, não pode ser incoerente em simplificações que somente levem a demonização de indivíduos. Devemos punir e corrigir para que os crimes não ocorram mais, devemos sempre procurar aprimorar o conhecimento através do diálogo, em uma abordagem mais sensível e fraterna para com todos sem perder a firmeza de nossas convicções decoloniais rumo a uma cosmologia humana.

Outro caso semelhante no que tange a origem europeia e utilizamos neste trabalho é do intelectual francês Guy Debord. Embora seu pensamento, principalmente sobre a espetacularização tenha sido, e ainda é, influente e provocativo, não deve estar isento de críticas.

Em uma certa perspectiva poderíamos afirmar que este pensador generaliza a experiência humana na sociedade moderna em torno do espetáculo e da sua consequente alienação, minimizando as questões culturais e a diversidade de experiências. Colocando os indivíduos na qualidade de espectadores passivos de um espetáculo, subestimando a potencialidade revolucionária de cada ser para realizar suas próprias escolhas e também influenciarem a sociedade. Igualmente esse

pensamento também acaba reduzindo a cultura e a mídia a um estado de comodidade e alienação.

Se trata de um pessimismo excessivo com a sociedade contemporânea, não reconhecendo alguns desenvolvimentos, renunciando algumas contribuições de experiência valiosas dentro do próprio sistema opressor e não se permitindo uma utopia possível para ação.

Na perspectiva do decolonialismo ainda poderíamos falar sua teoria é centrada em um eurocentrismo, não abrangendo as lutas dos povos colonizados e explorados em todo o globo. O que não contribuiria para a própria desestruturação do poder colonial e do imperialismo. Claramente existe um universalismo eurocêntrico em sua teoria quase como um colonialismo cultural, uma omissão das lutas anticoloniais e falta de reconhecimento a diversidade cultural para além das fronteiras ocidentais – o que poderia levar a uma homogeneização das experiências humanas.

Claramente uma leitura de Guy Debord, para contribuir ao decolonialismo, é essencial que seja uma abordagem sensível a diversidade e aos processos de decolonização, reconhecendo as experiências das comunidades colonizadas e exploradas, sempre com o pensamento crítico de questionar a centralidade do espetáculo na cultura eurocêntrica.

Mesmo apresentando estes argumentos, não podemos cair no erro de realizar um tipo de cancelamento deste pensador. Devemos continuar estudando suas perspectivas, debatendo suas ideias para compreender suas contribuições na compreensão das dinâmicas culturais e sociais.

A mesma forma de crítica e abordagem é válida para outro teórico presente em nosso corpo teórico, o filósofo Rancière. Que ao tensionar suas teorias acaba sendo guiado por uma abstração excessiva (o que não é ruim, é uma forma de argumentar) tornando difícil a prática de seus conceitos e deixando de lado um pouco as estruturas de poder para adotar uma perspectiva idealista quase ingênua.

O filósofo também carece de trabalhar abertamente as questões de decolonização, e ao fazer isso recai no erro, por menos para a nossa compreensão, de um eurocentrismo exacerbado para justificar as sociedades ocidentais, a estética e política com base em teorias eurocêntricas.

O que novamente não deve ser motivo para o seu cancelamento, por contrário, demonstraremos aspectos que podem nos ajudar a desenvolver ideias para a luta decolonial.

Este pensamento crítico e de diálogo são elementos essenciais para a confluência de saberes, em busca de constante aprimoramento em nossas relações filosóficas, sociais, culturais, políticas, econômicas etc.

Pensamento que parece guiar as teorias do historiador de arte alemão Hans Belting, influente na teoria da imagem e da cultura visual. E em mais uma reflexão crítica também é observada em suas abordagens uma falta de consideração por contexto histórico e cultural ao nos levar a entender que a história da arte tradicional chegou ao seu fim ou está em via de, contrariando seu próprio pensamento e chegando a imputar uma certa linearidade a história da arte. Suas críticas, ou por menos os seus parâmetros de análise, acabam sendo centrados na cultura ocidental, minimizando outras culturas com tradições e visões plurais.

Também lhe falta uma ênfase na utilização das imagens com fins políticos e ideológicos, subestimando as imagens no contexto de poder e aparato de controle social. Por consequência não observamos as relações de poder sendo desconstruídas para dar fim ao colonialismo e favorecendo a diversidade cultural, realmente é uma perspectiva eurocêntrica, principalmente na sua compreensão de arte e imagem; não levando em consideração com o respeito que merece as questões de apropriação cultural e a própria influência do colonialismo na produção, representação e interpretação das imagens.

Uma crítica que realizamos quando os pensadores, principalmente com viés eurocêntrico, não levam em consideração que as imagens são utilizadas para reforçar a dominação e exploração colonial – a exploração capitalista é somente o seu sistema, que em uma falha de percepção nossa, pode ser alterado para outro sistema igualmente opressor.

Esses pensamentos não deixam evidente que as culturas colonizadas têm as suas próprias culturas subjugadas e destruídas até que sejam esquecidas.

Ao negligenciar o valor da diversidade cultural estamos contribuindo para a tentativa de silenciar as vozes marginalizadas. Que podem ocorrer através do processo de hierarquização do conhecimento para a valorização do conhecimento ocidental em detrimento de outros conhecimentos, de outros saberes.

Isso não quer dizer que sua obra não se constitua de uma base para refletirmos a natureza das imagens, suas funções, mas em como todo desenvolvimento do debate acadêmico e na confluência de saberes, esta reflexão crítica abre espaço para

pensarmos em novas abordagens. Como ele próprio foi influenciado por um de seus patrícios, e que também ousamos utilizar e criticar respeitosamente, Walter Benjamin.

Benjamin teve ideias inovadoras para sua época e são influentes até hoje, muitos ainda utilizam de sua teoria como pilar filosófico e sociológico, ao mesmo tempo que seus escritos podem ser considerados por outros como escritos herméticos. Existe nisso uma beleza poética em sua escrita, que confesso admirar, todavia para muitos pode ser considerado denso por utilizar de muitas metáforas e alegorias complexas que dificultam sua compreensão imediata.

Pela fatalidade de falecer ainda jovem, com apenas 48 anos, entre guerras e perseguições por ser judeu em uma Alemanha nazista, sua carreira acadêmica, produtiva foi curta, e infelizmente não conseguiu sistematizar filosoficamente sua valiosa contribuição teórica. Suas ideias por vezes são fragmentadas e dispersas, são ensaios, o que cobra muito dos seus leitores um esforço maior para sintetizar as suas ideias.

Provavelmente por não ter tido tempo para sistematizar seus pensamentos, principalmente na sua crítica a cultura de massa, que fica a sensação de que não abordou profundamente as questões políticas e econômicas de sua época, negligenciando em um certo ponto as realidades materiais. Ficando preso em alguns momentos a idealizações do passado, principalmente sobre Paris do século XIX, o qual enaltecia como um período de autenticidade e vasto culturalmente. É a sua visão romântica e nostálgica de um passado que acaba ofuscando os problemas das desigualdades de sua época.

Novamente estamos diante de um pensador que tem a sua parcela de representatividade no eurocentrismo, pouco se fala sobre culturas que não são ocidentais e sobre as interações culturais do colonialismo. Em sua nostalgia ao passado europeu, principalmente da Paris do século XIX, revela um certo desapresso que a riqueza, a prosperidade desta época é resultado direto da exploração da colonização.

Na generalização de uma cultura de massa europeia também encontramos lacunas para nos referir a diversidade cultural além destas fronteiras. Claro que ainda se trata de um grande intelectual relevante para a construção de um pensamento decolonial, contudo precisa contextualizá-lo e acrescentar em suas perspectivas questões de poder, colonialismo e outras perspectivas culturais e históricas.

Para não correremos o risco de ser intitulados de xenofóbicos ou em uma perseguição cega contra o eurocentrismo, mas não temendo o fato de sermos julgados de feministas, visto que precisamos combater não só o eurocentrismo, o colonialismo e a exploração do sistema capitalista, ou seja, não podemos esquecer do domínio do patriarcado; vamos agora realizar uma crítica construtiva a um grande pensador brasileiro, principalmente sobre imagem e fotografia, falamos de Kossoy.

Essa crítica mais do que nunca é construtiva e respeitosa, porque é graças a esse fotógrafo, pesquisador, historiador e professor, com o desenvolvimento dos seus conceitos de primeira e segunda realidade, que podemos hoje falar do conceito de terceira realidade.

Não podemos deixar de mencionar que Kossoy é respeitado na academia e fora dela, principalmente por sua contribuição na teoria e história da fotografia, e o seu esforço intelectual para formular uma base teórica na comunicação brasileira no que tange a imagem e a fotografia.

Mas como todo pensamento, principalmente em uma perspectiva de confluência de saberes, é passivo de críticas construtiva tanto para o seu próprio engrandecimento como para a construção de novas reflexões. Uma destas críticas pode ser apontadas como a sua ênfase na autenticidade das fotografias para mensurar quando uma imagem retratada é manipulada ou falsificada. Mesmo que isso seja louvável identificarmos essas manipulações ou falsificações, essa ênfase pode obscurecer o potencial artístico e as subjetividades de significações de uma fotografia, ou seja, pode endurecer e limitar a interpretação da imagem.

Como falamos são valiosos os conceitos de primeira e segunda realidade, principalmente na análise fotográfica, mas ao nosso ver, a perspectiva de utilizar somente estes dois conceitos pode simplificar a complexidade da imagem tão somente por sua objetividade, deixando de lado uma interpretação mais fluida e subjetiva.

Em seu artigo recente, “Fotografia e História: As Tramas da Representação Fotográfica” (KOSSOY, 2021), e que voltaremos a debater mais adiante, existem algumas retificações que respondem essas críticas. Ainda evidenciando as fotografias como importantes artefatos históricos, documentos históricos que são capazes de fornecer informações sobre o passado; só que agora apontando diferentes funções das imagens, seja como prova, meio de conhecimento e expressão artística.

Ampliando as potencialidades da imagem para a representação da realidade, se permitindo retificar sua posição para falar de realidades.

Também constrói um pensamento que abarca os desafios das imagens digitais, tangencia as imagens geradas através de inteligências artificiais, em um contexto contemporâneo onde a tecnologia desempenha um papel fundamental na produção e disseminação das imagens, mas ainda parece preso em uma perspectiva de manipulação, de criação de imagens sintéticas.

É inegável que sua teoria contribua para uma reflexão importante acerca do poder e influência das imagens fotográficas, tanto na construção de realidades quanto na transmissão de significações, no papel das imagens na representação interpretação da história. Todavia ao olharmos com as lentes da teoria decolonial ainda percebemos em sua narrativa, mesmo abordando a história da fotografia brasileira, falando das imagens em diferentes contextos culturais, ainda persiste a existência da ênfase na perspectiva ocidental e eurocêntrica. Isso ocorre por uma ausência de aprofundamento de como as imagens foram utilizadas em outras culturas e principalmente nas questões coloniais, o que é justificado por não ser o foco de sua pesquisa.

Essa perspectiva decolonial poderia contribuir com um aprofundamento nas questões de poder e da representação na fotografia, desafiando desta forma as narrativas colonialistas, eurocêntricas, questionando como as imagens foram utilizadas para perpetuar estereótipos e hierarquias coloniais. Ou seja, as imagens sendo utilizadas para legitimar o poder colonial.

Uma discussão que deve ser ampliada quando falamos nas imagens que são construídas com as novas tecnologias, com a inteligência artificial. Deixando claro que as imagens denominadas como sintéticas em si são realidades de uma determinada cultura, o que precisamos compreender é se ela é uma realidade construída para explorar ou para dignificar uma determinada cultura.

As inteligências artificiais podem tanto se tornarem práticas instrumentalizadas por um ser estranho para perpetuar a marginalização de comunidades através de estruturas coloniais, como podem se tornar ferramentas de subversão sistêmica dependendo da análise crítica que iremos empregar e ela.

Para não sofrer com a crítica de um egocentrismo, narcisismo e messianismo ao realizar essas críticas e propondo alternativas teóricas a esses pensamentos, acredito que seja necessário criticar o próprio pesquisador deste trabalho. É de

extrema necessidade realizar uma autocrítica e alertar os leitores sobre a sua contribuição em uma crítica construtiva e construção de suas próprias reflexões.

Reconheço que por muitas vezes meus textos são difíceis de compreender por empregar um esforço teórico dentro de uma perspectiva utópica possível, forçando o leitor a uma imaginação de realidades e dando uma liberdade para pensar em exemplos práticos possíveis dentro do contexto e cotidiano de cada um.

Aqui reside o meu medo de impor alguma ideia pelas minhas convicções e ideais de vida, que compreendo ser particular de cada indivíduo. Também preciso ser autocrítico e consciente que fui educado e influenciado por uma sociedade patriarcal, colonialista, eurocêntrica e que normalizou as explorações capitalistas. A consciência que sou um homem branco, heterossexual, de classe média, criado no catolicismo, em colégio particular, rodeado de privilégios, me força a ser mais atento a preconceitos que podem estar enraizados em meu subconsciente como moinhos de vento que preciso lutar contra suas forças diariamente.

Que estou imerso em uma sociedade que diariamente nos julga e impõe uma estranha condição a nossa própria existência, a condição de sempre transparecermos uma força, convicção e neutralidade, impedindo demonstrar claramente nossas fragilidades, sonhos e afetos.

Essas condições próprias deste autor, suas experiências, realidades e desejos que pretendo explorar na quinta parte deste projeto “Nas Encruzilhadas das Epistemologias do Sul: Um Blues em Sul Maior”, que vai ter como subtítulo “A Alma na Encruzilhada”.

Neste texto futuro que vai ficar claro o meu lugar de fala (se ele existe ou tenho esse direito), minhas potencialidades e limitações. Que vai dar cor ao que estou dizendo, som a musicalidade teórica que quero compor. Que vai explicar essa minha ânsia em querer olhar o mundo sobre outra perspectiva e escrever de forma poético-musical.

Sei das minhas limitações, que a minha escrita e forma de argumentar podem desagradar a muitos. Compreendo que em uma análise superficial e rápida alguns não consigam aceitar que o meu pensamento não é objetivo, claro, quando não escuto o preconceito e deselegância ao me caracterizarem como verborrágico.

Ocorre que a minha comunicação de fato é subjetiva, imaginativa, dando liberdade para o leitor com suas próprias experiências preencherem as lacunas que

julga existir neste pensamento e com as suas próprias cores pintarem as suas realidades.

Realmente pode incomodar algumas vezes essa forma de pensar e agir, acreditem, também me incomoda as vezes, e infelizmente neste momento a única coisa que poderei oferecer são as minhas sinceras desculpas.

Sou este ser estranho para alguns, que confessa ter como sonho pensar por meia hora como um ser humano que se intitula como normal, só para provar que esse ser nunca existiu – deve ser um mito criado por mentes limitadas. Ao mesmo tempo que confesso ter medo de descobrir que essa normalidade tão enfatizada seja a grande responsável por caos que vivemos, e com isso eu perca a minha capacidade de sonhar, perca a esperança nas utopias possíveis, na própria humanidade.

A minha invisibilidade e dificuldade de pertencimento que sempre senti é respondida com o meu Transtorno do Espectro Autista nível II, com a classificação de TDAH – AD superior, em um transtorno de ansiedade generalizado e que pode transparecer em muitos momentos como um quadro de transtorno de depressão. Felizmente hoje tenho a consciência disso, que não é a minha intenção causar desconforto em ninguém.

Existe a necessidade de continuar lendo esse e os futuros trabalhos dentro deste contexto. Não se trata de verborragia como manifestação de palavras e repetições delas com significações vazias e repetitivas, são as faces do meu eu se colocando diante de vocês. Por isso fico mais confortável em pensar teoricamente que apontar para práticas sociais. É a minha estratégia para verbalizar a minha comunicação e contribuir para a confluência de saberes, para uma sociedade fraterna.

Claro que em alguns momentos pode se evidenciar uma ecolalia e você perceber o eco da fala de outros pensamentos ou do meu próprio pensamento em um movimento de palilalia, ou seja, podem ocorrer repetições. Para não dizer que um pensamento pode ficar aprisionado em algum hiper foco. Mais uma vez me desculpo, mas este sou eu, claramente tentando melhorar neste aspecto.

Existem rituais e repetições que me parecem ser necessárias para conseguir me expressar; que até podem não lhe parecer racionais ou lógicas em um primeiro momento, entretanto são importantes.

A metodologia que estou desenvolvendo pode agora parecer que seja algo egoísta pela simples motivação de estruturar uma forma de compreender o Universo através da minha perspectiva, e não negarei que existe uma boa porcentagem disso.

Entretanto a motivação maior é dividir o meu pensamento com o mundo e mostrar a tantas outras pessoas que é possível pensar de forma diferente sem precisar se enquadrar nas normalidades que todas as instituições sociais nos impõe. O que não exclui a própria academia que se esconde em roupagens progressistas, em discursos falsos de inclusão, enquanto defendem o conceito de normal e realidade singular em seus dogmas e normas metodológicas.

Este trabalho não se presta a ser o meu lugar de fala, não saberia definir este lugar na realidade neste momento, é apenas um espaço de esperança que estou tentando construir para nos encontrarmos e construirmos juntos os saberes necessários.

Não existe a necessidade de me aceitar ou compreender, somente gostaria que de não ser cancelado, e que você me proporcione um tempo e pensamento seu até o fim das páginas deste trabalho. Para que neste caminhar juntos construa o seu próprio pensamento, compartilhe comigo, ajude no meu crescimento e conflua saberes sempre com outros.

Por esses motivos que nos posicionamos contrários ao cancelamento em si como ele é dado hoje. É um fenômeno complexo que precisa ser mais debatido não só na academia, mas em toda sociedade.

Fica evidente que o melhor caminho é promover uma série de debates sobre considerações éticas, emocionais e sociais. Que trabalhar adequadamente essas questões se faz adotando uma abordagem equilibrada, na busca da responsabilização, aprendizado e evolução (que claramente não é algo linear), em vez de simplesmente punição e exclusão, no renascimento do ostracismo grego.

O objetivo final deve ser sempre a criação de uma sociedade justa, inclusiva, compreensiva e afetiva para todos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta perspectiva da confluência de saberes e contra o desperdício das experiências, em uma sociedade de diálogo aberto e fraterno, a proposta metodológica surge um pensamento as margens da sociedade moderna.

Sociedade moderna que é caótica e complexa – patriarcal, colonialista, eurocêntrica e capitalista – uma sociedade baseada na falsa promessa do desenvolvimento tecnológico em suprir as necessidades humanas e garantir um maior tempo livre, que articula no seu contrário, causando mais exploração e aprisionamento, tornando a vida artificial e embrutecida, ou seja, desumana, desigual e segregadora.

Uma sociedade abandonada por um Estado que deveria lhe defender e que se encontra centrado na manutenção e expansão do sistema capitalista, transformando o Capital em uma figura de divindade² e distante da essência humana³.

Estado que se ancorou na suposta racionalidade da ciência moderna e tornou central o campo da economia, ou seja, sua base é a ciência economicista. Ciência que se afastou e não respondeu aos anseios da vida cotidiana, com ênfase na produção material, negando toda e qualquer forma de conhecimento que não se encontra em sua cartilha, nas experiências que fogem as suas regras metodológicas.

A ciência que não está cumprindo a sua verdadeira função social, que é a emancipação humana.

Nesta lógica o Capital se tornou uma divindade, o Estado se tornou seu templo e a Ciência Moderna o seu sacerdote, para a Comunicação ficou a função da

² A divindade associada ao conceito de capital não é uma figura religiosa tradicional, se trata de uma abstração simbólica que aqui utilizamos para refletir a centralidade dada ao dinheiro, riqueza e economia na vida moderna. Uma analogia para representar a influência do capitalismo e dos sistemas econômicos no mundo contemporâneo. Tornando o Capital um ser supremo ou superior, dotado de poderes divinos, adorado ou reverenciado. Com plenos poderes para controlar a vida na sua suposta onipotência, onisciência e onipresença; julgando a humanidade e a natureza através de valores econômicos estranhos a própria vida.

³ A definição da essência humana é um conceito complexo e amplamente debatido ao longo da história da filosofia, ciências sociais e tradições culturais, não encontramos e muito menos pretendemos elaborar uma definição universal. Aqui colocamos esse conceito como a natureza que construímos conscientemente e historicamente, que confere a nossa identidade, influenciando nossa maneira de pensar, sentir e agir. E ainda afirmamos que por se tratar de uma construção cultural não existe a possibilidade, na salvaguarda da diversidade, existir uma essência humana universal. Somente podemos tatear e dizer que essa essência é composta por diversas características particulares próprias a humanidade, a exemplo da racionalidade, consciência, emoções e empatia, cultura e criatividade, sociabilidade, moralidade e ética, o questionamento da própria existência, do propósito da vida, linguagem e comunicação, autoconhecimento, espiritualidade e resiliência. Ou seja, são construções por essência culturais.

ritualística, que deve impedir qualquer indivíduo de pensar fora dos cânones impostos por este sistema e afirmar constantemente que ele é o único caminho a ser seguido, a trajetória do colonizador, do imperialista, demonizando todo e qualquer pensamento ou ato revolucionário que vise uma real mudança, uma real emancipação.

A verdadeira função social da Comunicação, na concepção desta tese enquanto uma comunicação decolonial, é a de informar e fomentar relações humanas abertas e fraternas, iluminando o caminho para a emancipação e o pleno desenvolvimento das potencialidades culturais. No entanto, lamentavelmente, observamos que essa função social essencial tem sido deliberadamente desviada em direção à alienação. Esse desvio ocorre por meio da manipulação e distorção das imagens, impedindo a plena compreensão visual e desvalorizando a busca do conhecimento autodidata das imagens ou das reflexões que visem uma pedagogia de emancipação no interior da sociedade, da alfabetização imagética na educação e no interior da própria comunicação.

Esse cenário é perpetuado através da criação constante de espetáculos, orquestrados por meios de comunicação e suas instituições, com controle de uma minoria opressora. Essa minoria busca unicamente a preservação do sistema capitalista e a manutenção de seus privilégios, sem se preocupar com as profundas desigualdades que tal sistema pode gerar e acentuar.

Portanto, é prioritário reconhecermos a necessidade de resgatar a função social original da Comunicação como um instrumento de esclarecimento e conexão humana, de empoderamento, resistência e revolução, desafiando a dominação opressora e trabalhando ativamente para diminuir as disparidades sociais que afetam nossa sociedade.

Da mesma forma que precisamos repensar e trazer a ciência para o cotidiano, para as autênticas necessidades, precisamos fazer com a comunicação, seus meios e instituições. Sem uma comunicação com esse viés não é possível pensar em uma sociedade emancipada, no fim das desigualdades e preconceitos.

Urge o resgate da comunicação, suas instituições, para reverter o processo de disseminação das imagens e criação de narrativas que reforçam a ideologia dominante e mantêm os indivíduos passivos na sua alienação.

Essa sociedade moderna analisada por Debord (1997) é constituída nas suas condições de produção por uma acumulação de espetáculos, transformando toda

existência em representações. A existência se tornou realidades abstratas, fictícias e que ditam as regras do cotidiano.

São imagens que possuem as suas significações deturpadas e que trabalham no cotidiano da sociedade, gerando uma desordem controlada por discurso da ordem em um pseudomundo, onde não se vive, somente se contempla.

Uma sociedade de aparências coletivas enquanto se sobrevive em uma vida isolada dentro da massificação do consumo da ideologia capitalista.

Um dos nossos contraditórios intelectuais eurocêntricos, mas importante a reflexão crítica, Debord (1997) argumenta que a sociedade moderna é caracterizada por uma espetacularização da vida, onde as relações sociais, a cultura e a política são mediadas e transformadas em espetáculos, perdendo assim sua autenticidade.

A descrição do espetáculo é dada como uma força que separa as pessoas da realidade e as mantém passivas, alienadas e consumistas. O espetáculo se manifesta através da proliferação de imagens, representações e símbolos que dominam a vida cotidiana.

Essa teoria da espetacularização argumenta que que a sociedade contemporânea, uma sociedade que pode ser definida por suas características particulares de consumo e cultura de massa, em uma comunicação de massa, transformou toda vida cotidiana em uma grande espetacularização e em outros momentos em simples espectadores destes espetáculos.

O espetáculo se torna a representação da alienação, da subversão das realidades, com espectadores passivos com a própria existência, em um consumo de imagens e representações espetaculares, deixando de lado ou mesmo não percebendo as possibilidades de experiências que o seu tempo, espaço e contexto lhe proporcionam.

É a espetacularização de tudo que envolve a relação cultural e a forma como produzimos o nosso meio para a existência, é a exploração do mínimo de cada indivíduo, ou seja, é a exploração de sua sobrevivência marginalizada. Onde tudo se torna mercadoria, até a própria alma nas encruzilhadas da vida.

O pensamento de Debord é fruto e origem do próprio movimento situacionista que estava fervilhando na França nas primeiras décadas da segunda metade do século XX. Por isso que sua crítica ao espetáculo fala claramente da necessidade de uma revolução sociocultural para subverter as estruturas de poder, através dos

indivíduos antes passivos tomarem a frente se tornando indivíduos ativos em relação a própria vida para participarem ativamente das transformações da sociedade.

Este pensamento influenciou muitos movimentos de contracultura e teóricos contemporâneos, tanto no continente europeu quanto em nosso território colonizado que busca sua decolonialidade, a exemplo: da psicanalista Tânia Rivera , Cláudio Willer , Renato Rezende , Fernanda Sposito , Sônia Salzstein , Márcio Seligmann-Silva , Cláudia Calirman , Néstor García Canclini , Raúl Trejo Delarbre , Ana María Ochoa Gautier , Achille Mbembe , Néstor Perlongher , Kambale Musavuli , Beatriz Sarlo e Mara Rovida Martini .

Outro exemplo é Sodré (2006) que percebe em Debord a originalidade de apresentar uma visão da nova conjuntura histórica, em um esforço teórico para englobar a cultura, a racionalidade e as emoções em suas análises. Todavia, isso já era apontado por Benjamin (1994a; 1994b; 1994c; 2009), na sua conceitualização de representações *coisista*⁴ tornando os fatos históricos em coisas, em um amontoado de coisas, mesmo na consciência iluminada, com um certo grau de compreensão da realidade. Como consequência somos inseridos em um universo de fantasmagoria, que são os imaginários das exposições sociais sem valor de troca, ou seja, o fetichismo das relações sociais, uma simples espetacularização.

Essa relação social é moldada por mesmo investimento afetivo das massas que as torna receptivas à velha propaganda política e à publicidade contemporânea. Debord concebe duas formas de espetáculo: o concentrado, típico do stalinismo e do nazismo, em que o Estado e o partido político dominante fazem um uso propagandístico dos meios de comunicação e das grandes manifestações públicas; o difuso, característico da sociedade de massa contemporânea, em que o mercado usa publicitariamente a mídia para consolidar o fetichismo da mercadoria (SODRÉ, 2006, p. 80)

Aqui fica uma pergunta, que dentro da espetacularização da sociedade se torna inevitável ao universo da música e qualquer manifestação da arte, para todo resultado cultural, que abordaremos posteriormente com o blues na qualidade de objeto de estudo: dentro deste processo de serem coisificados, transformados em meras

⁴ Encontramos o desenvolvimento do conceito de representações coisistas no ensaio “A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica” (1944). Em resumo, as representações coisistas, no desenvolvimento teórico de Walter Benjamin, se referem à transformação das obras de arte e objetos culturais em mercadorias reproduzíveis em massa, perdendo a aura e autenticidade que caracterizavam a experiência tradicional da arte. Esse conceito é parte de sua análise crítica das transformações culturais e tecnológicas na sociedade moderna. Benjamin também discute como a reprodutibilidade técnica pode ser usada para fins políticos e ideológicos, moldando a percepção pública e a compreensão da realidade.

mercadorias, no fetichismo da mercadoria. - Qual seria a sua forma de espetacularização? Seria um híbrido? É realidade ou alienação? O que os artistas transmitem e significam em suas artes, é o próprio espetáculo ou a vida cotidiana?

O espetáculo não é apenas um fenômeno cultural, igualmente está enraizado nas estruturas econômicas e políticas da sociedade capitalista. Nessa lógica do espetáculo que ele se estende ao mundo do trabalho, onde as atividades humanas são cada vez mais conformadas para a produção de mercadorias e da busca por lucro, em detrimento da realização pessoal, da satisfação genuína e da fraternidade.

Neste sistema e questionamentos desta sociedade que se apresenta encontramos uma tensão entre a realidade comum e a reconhecida, entre a verdade e a opinião, ciência e senso comum. “Tensões que estão no centro da discussão epistemológica das mudanças paradigmáticas da ciência, necessárias e/ou em curso.” (SCHIAN, 2020, p. 43).

Uma das ideias centrais de Debord (1997) é o conceito de alienação espetacular, na qual o sujeito se torna estranho a si mesmo e à própria experiência cotidiana devido à prevalência do espetáculo apenas se encontra dentro dos seus fenômenos de forma inerte em estado de contemplação e sofrendo as consequências da dominação, da exploração do sistema.

É o espetáculo como mecanismo de controle social que distancia os indivíduos das questões políticas e sociais cotidianas, mantendo-os focados no consumismo sem sentido e no divertimento superficial. A alienação espetacular impede a percepção das contradições e explorações inerentes ao sistema capitalista.

O certo é que na argumentação de que a sociedade moderna ao se transformar em um espetáculo, onde toda e qualquer relação social, política e cultural são sempre mediadas por representações, que transforma tudo em mercadoria e todos os sujeitos se tornam passivos, onde a própria existência e as relações pessoais que a envolvem se tornam mercadorias que podem ser vendidos ou comprados a qualquer momento. Essa é uma perda de autenticidade que tornou possível a colonização de vários lugares do globo e que tornou possível a existência de Norte no Sul e Sul no Norte, ou seja, a desigualdade pode se encontrar e ser vista em um simples ato de abrir a janela de sua casa, seja para quando você olha a exploração ou quando a exploração de sua vida pessoal é mostrada aos outros.

Assistimos tudo isso passivamente por estarmos alienado da própria humanidade, nos tornamos estranhos entre si, em uma realidade espetacular onde

somos influenciados por imagens e informações que nos mantêm aleio as nossas próprias necessidades e desejos.

A realidade espetacular não tem lastro com nenhuma cultura, salvo o Capital, que cria, fábrica, esses falsos eventos e experiências. E por não ter essência humana podemos afirmar que a espetacularização não é natural ou humana, por não falar aos nossos desejos e necessidades, é a definição de artificialidade, de tudo que é desnecessário.

É a fragmentação da experiência humana em experiências diárias e constantes sem nenhuma significação, tornando utópica uma experiência unificada e coerente com um pensamento individual e libertador.

Uma educação, ideologia e experiência de vida própria da Europa que explica as dificuldades de demonstrar as barbaridades ao colonizador ou a quem vive de seu resultado, e até mesmo, em alguns casos aos colonizados que já foram absorvidos por essa sociedade espetacular.

Para o desenvolvimento da nossa metodologia definimos a espetacularização como a ideia de converter experiências vivas em representações e imagens abstratas, sem significado para as diversidades e essência humana, distanciando as pessoas das realidades imediatas e promovendo uma relação alienante com o todo. O espetáculo como uma forma de percepção de mundo na ênfase da aparência, consumo e superficialidades em detrimento de uma compreensão autêntica e crítica da existência.

A resposta pode estar na transformação paradigmática necessária para a sociedade como um todo, especialmente na forma como consumismo imagens. Como podemos ver na asserção de Belting (2014) ao explicar que não estamos mais atrás da verdadeira busca por significado de uma análise de imagens, mas procuramos nelas o próprio mundo encenado e planejado por outro, por um ser alheio ao nosso cotidiano. E isso não significa que direcionamos o nosso olhar para as percepções artísticas, mas por acreditar que este mundo imaginado por um ser externo e estranho ao individuo é a própria realidade da vida cotidiana.

Nessa abordagem as imagens claramente vão além das obras de artes tradicionais, é preciso incluir as imagens fotográficas, fílmicas, as imagens digitais, as imagens sonoras, e toda gama de mídias, o que nos lembra a necessidade de estudar e ter um olhar crítico com a geração que ocorre neste exato momento com as imagens realizadas com inteligência artificial.

Belting (2014) está nos falando através da perspectiva de uma teoria da imagem antropológica, colocando as imagens como centrais e fundamentais no desenvolvimento cultural, são meios de comunicação e expressão influenciando a nossa percepção de mundo e identidade cultural. Que em uma análise dentro da iconologia, ou seja, em uma interpretação dos símbolos e imagens em um determinado contexto cultural e histórico, evidenciam a característica de que as imagens carregam significados culturais, ao mesmo tempo que essas significações podem se alterar no decorrer do tempo.

A visibilidade, outro conceito central na cultura contemporânea, que ganhou ênfase com os avanços tecnológicos, principalmente no campo das mídias visuais e digitais, deve ser questionado a todo momento. Precisamos explorar como essa visibilidade pode nos causar um certo estranhamento com o outro e com a nossa própria essência. Se trata de uma compreensão de como essa visibilidade e estranhamento moldam a nossa relação com as próprias imagens, e por consequência, com a sociedade.

Esse estranhamento com as imagens – que ao longo da história têm sido uma parte essencial da experiência humana, ligadas à nossa experiência corpórea e influenciando a compreensão de nós mesmos e dos outros – deve-se principalmente aos desenvolvimentos tecnológicos e a relação de seus dispositivos com as imagens interferindo na produção, distribuição e recepção de imagens ao longo do tempo. Essas mudanças tecnológicas influenciam a maneira alienante como as imagens são criadas e consumidas.

Ao trabalhar o impacto da tecnologia, dos meios de comunicação na produção e disseminação das imagens (BELTING, 2014), evidencia uma transformação radical das próprias imagens. Este desenvolvimento tecnológico que não meramente revoluciona os processos de criação imagética, também exercem um profundo impacto sobre nossa interação com as suas representações visuais, determinando o modo por qual interpretamos e conferimos significado as imagens.

Portanto, é imperativo que seja realizada uma reflexão aprofundada sobre as implicações éticas das imagens na sociedade contemporânea. Isso envolve uma avaliação crítica da responsabilidade do espectador diante dessas imagens, uma análise atenta das dinâmicas de exploração visual e uma consideração detalhada sobre a própria produção imagética.

Essa reflexão se torna particularmente essencial diante dos desafios que enfrentamos nesta era de proliferação constante de imagens instantâneas e sua onipresença em nosso cotidiano.

A própria ciência moderna, não nas suas descobertas e desenvolvimentos essenciais para humanidade, mas sim na sua divisão desigual e unilateral do conhecimento contribui com para espetacularização que vivenciamos e ausência de uma reflexão ampla desta temática no interior da sociedade, na vida cotidiana.

2.1 A Ciência que almejamos

A busca do conhecimento que almejamos assume uma semelhança e aproximação com a ciência cosmológica. Na compreensão da cosmologia como subcampo da astronomia, tendo como objetivo a abrangência da origem, evolução, estrutura e trajetória do universo como uma entidade única. Na concepção da cosmologia como uma área dinâmica e combinando elementos da física, astronomia, matemática e filosofia para abordar algumas questões aprofundadas sobre a existência e a natureza do universo, na busca por respostas sobre o cosmos e nossa origem e lugar no universo.

Entretanto aqui estamos falando de uma ciência cosmológica humana, extrapolando a epistemologia dessa palavra, ou até mesmo, de uma forma mais abrangente, de uma ciência cosmológica da natureza e da consciência humana, na circunscrição de uma ciência decolonial.

Na compreensão de a cosmologia humana é uma abordagem interdisciplinar que busca compreender a interação complexa entre as perspectivas científicas, culturais, filosóficas e humanas sobre o universo. Se trata de investigações das formas pelas quais as crenças, mitos, narrativas, visões de mundo e tantas outras práticas e saberes são relacionadas ao cosmos e têm influenciado e sido influenciadas pelas descobertas científicas, saberes, experiências e trajetórias históricas.

Uma análise que parte não só das questões quantitativas e objetivas, mas principalmente das questões qualitativas e subjetivas, ao dar ênfase nas raízes culturais e históricas; no diálogo com a ciência moderna - busca uma integração criativa entre as perspectivas científicas contemporâneas e as tradições culturais.

Indagando como a diversidade de saberes estão impactando a sociedade e a identidade humana, propondo um espaço aberto e sem hierarquias para as reflexões

filosóficas, na busca da integralização das diversas disciplinas e saberes para buscar alternativas as diversas realidades existentes.

Desta forma podemos definir que essa ciência cosmológica humana é a busca pela ampliação da nossa compreensão do universo além dos limites da ciência tradicional, reconhecendo que nossa relação com o cosmos vai além dos dados observacionais. Com ênfase a importância das narrativas e interpretações culturais na formação da nossa visão de mundo e no desenvolvimento da civilização.

Ao fomentar um diálogo entre a ciência e a cultura, a cosmologia humana enriquece nossa apreciação da diversidade de todos os seres e da complexidade do universo que habitamos.

Entretanto, como ciência cosmológica humana não é amplamente reconhecido na linguagem científica tradicional, vamos partir do termo já reconhecido, a ciência pós-abissal das epistemologias do Sul, proposta por diversos pesquisadores e que por muito tempo estiveram nos domínios acadêmicos do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos.

Partimos deste termo com o objetivo de desenvolver o que estamos almejando como ciência, como conhecimento, para posteriormente lhe apresentar como uma ciência decolonial. Uma alternativa de conciliação com estes dois conceitos de ciências, ou seja, a ciência decolonial deve absorver de forma criteriosa os conceitos cosmológicos e pós-abissais.

Acostumamo-nos na comunicação eurocêntrica das universidades, falando principalmente das universidades brasileiras, com as definições de Santos (2019), que denomina de ciência pós-abissal como uma área do saber que vai trabalhar com a diversidade e pluralidade de todo o planeta sem recusar ou hierarquizar as diversas formas de conhecimento. Por menos esse é o discurso aparente da ciência pós-abissal.

Claramente essa definição bebeu de fontes de experiências e lutas contra o colonialismo e o eurocentrismo, e de fontes de outros pesquisadores e intelectuais.

Parte desta crítica que levanto ao sociólogo lusitano e a comunicação da academia é uma das contribuições de Shiva (2003), ecofeminista e cientista social indiana, para uma ciência decolonial, falamos do conceito de monocultura da mente que afeta a nossa capacidade de perceber a diversidade, de perceber os outros saberes, experiências e modos de vida.

Que para o rompimento com essa monocultura da mente poderíamos adentrar nas ideias de repensar novas políticas e novas atitudes como propõe o escritor e acadêmico queniano Ngũgĩ wa Thiong'o (1987 *apud* RÓNAI, 2018), principalmente na sua defesa do uso de línguas africanas na educação como forma de descolonização da linguagem e educação.

Fato alertado por Cusicanqui (2010 *apud* LARA, 2013), socióloga e ativista dos movimentos indígenas na Bolívia, na luta pela valorização dos saberes indígenas, sobre a utilização da imagem e da escrita como controle colonial para acobertar as verdadeiras significações, para ofuscar as outras realidades possíveis além do colonialismo e do eurocentrismo.

Uma relação de poder que busca silenciar diversas vozes e existências, que marginaliza tudo que está fora dos cânones de uma estranha normalidade social, que fragmenta e divide o indivíduo entre a sua vida pública e privada.

Fragmentação que pode ser encontrado nas entrelinhas dos projetos de ciência e universidade que adotamos, com foco em uma ciência de produção eurocêntrica, como é denunciado pela socióloga australiana Connell (2012).

Para a ciência pós-abissal ou pós-colonial ocorrer precisamos ter a coragem intelectual, política e cotidiana da teórica pós-colonial e feminista indiana, Gayatri Chakravorty Spivak (ALMEIDA; FEITOSA, 2010).

Essa ciência pós-abissal somente pode surgir quando a própria ciência realizar uma autocrítica que deve ir além da imaginação sociológica na crítica no interior das próprias ciências sociais eurocêntricas. Equivaler a dizer que essa crítica não pode ser tão somente interna a ciência, presa aos seus conceitos, teorias e metodologias, ela deve ser sobretudo externa, utilizando de todas as experiências e conhecimentos dos diversos grupos sociais. O pressuposto da ecologia de saberes, a qual por sua vez deve se tornar a confluência de saberes na metodologia que está sendo desenvolvida para a Cartografia Imagética.

Foi através dessa perspectiva que Santos (2019) conseguiu realizar um copilado para a imaginação epistemológica, voltada para a ciência pós-abissal (pós-colonial). A qual acrescento que deve estar liberta da espetacularização da sociedade moderna e a serviço da humanidade.

A imaginação epistemológica que retrata baseia-se em diversas premissas que estimulam a imaginação dos pesquisadores.

- A primeira premissa é uma comparação do conhecimento científico com outras formas de conhecimento, para compreender amplamente verdadeiras funções e benefícios desse conhecimento. Neste contexto, procuramos estudar as interações, colaborações e rivalidades entre estas diferentes formas de conhecimento, examinando as suas potenciais sinergias e limitações. Esta premissa também leva a explorar o potencial de hibridização do conhecimento enquanto se experimentam alternativas de integração entre diferentes abordagens cognitivas.
- A segunda enfatiza a importância de usar a imaginação como ferramenta para explorar perspectivas que vão além do raciocínio tradicional e moderno. Esta abertura à imaginação pretende aclarar realidades que, embora ainda não visíveis, têm um potencial latente. Estas realidades são entidades autônomas e não devem ser vistas como parte de um todo unificado.
- A terceira premissa tenta validar a definição de imaginação e materializá-la em evidências tangíveis. O objetivo é mostrar como essas diferentes formas de conhecimento impactam no contexto específico das lutas sociais e culturais. Esta visão não se trata apenas da compreensão de um único pesquisador ou de um grupo de pesquisadores, mas da perspectiva de todos os atores envolvidos, incluindo o próprio objeto de estudo.
- A quarta premissa reconhece a necessidade de fundamentar a imaginação em eventos históricos específicos, fazendo conexões entre eventos aparentemente distantes ou díspares. Esta abordagem procura compreender as características e contradições que permeiam estes acontecimentos históricos, facilitando uma análise que transcende as aparentes desigualdades.
- A quinta premissa encontra-se no fortalecimento da imaginação, aliado a formas de aprendizagem e formas de libertação da aprendizagem – o conhecimento gerado não pode ser unilateral;
- A sexta premissa envolve repensar os sujeitos oprimidos e explorados pela ciência moderna e por colonialismo. A necessidade de imaginar fica evidente na frequente ausência desses sujeitos, que provê

conhecimento sobre diversas formas de saberes e modos de vida que muitas vezes são negligenciadas. Esta ausência é o resultado de uma divisão profunda que atravessa uma linha abissal que suprimiu os conflitos sociais e marginalizou as narrativas históricas. Esta separação da linha abissal surge como uma distinção edificada entre Norte e Sul, oeste e leste, subdesenvolvidos e desenvolvidos.

- A sétima premissa está diretamente relacionada a este projeto. Enfatiza a importância da criação de novos mapas dentro dos abismos criados pelas linhas abissais, que definem limites fictícios causando divisão e desigualdade. É útil reconhecer que estes mapas de exclusão social, as linhas abissais, são frequentemente redesenhados, convertendo formas de exclusão que não eram inicialmente abissais em realidades profundamente segregadas, isto é, em novas linhas abissais, em novas fronteiras fictícias. Esta compreensão leva à constatação de que os próprios investigadores estão dentro destas fronteiras ilusórias e muitas vezes contribuem para o mapeamento e continuidade da dominação.
- Na oitava premissa, é fundamental apreender a distinção entre a esfera pessoal e a do investigador na sua atividade durante o processo de investigação. Para reduzir possíveis consequências negativas ou perturbações, é importante utilizar técnicas metodológicas de forma inventiva e desenvolver um método que respeite a individualidade do pesquisador. O pesquisador pós-abissal assume a responsabilidade de refletir constantemente sobre a perspectiva de saber “com” (sendo esse o modo correto) e de saber “sobre”, mantendo intactas sua própria identidade e caminho, ao mesmo tempo em que adota a perspectiva de um pesquisador imerso no saber.
- A nona premissa é o lembrete para imaginar que muitas questões de natureza civilizacional estão em constante fluxo dentro das sociedades, questões que permanecem sem solução e que até hoje não foram contempladas por julgamento da ciência moderna.
- A décima premissa é o esforço de imaginar e apresentar o desenvolvimento sustentável como uma defesa eficaz contra todas as formas de exploração humana.

- Na décima primeira premissa nos é chamada a atenção para a ideia de que a ausência de certas tarefas foge à explanação tradicional das sociologias das ausências, seja por restrições ou procedimentos de investigação. Essas ausências muitas vezes carregam não apenas emergências, mas também potenciais de transformação, mesmo que não se manifestam e se tornem visíveis em análises superficiais. Embora sejam em si vestígios de ruínas, são potenciais fragmentos de um passado que nos obrigam a refletir, conectar-se e agir para uma transformação efetiva.

Propomos uma 12ª premissa como uma combinação de poema e música em “12 compassos de blues”. A 12ª premissa em uma apreciação construtiva, inclui uma crítica à hierarquia e à superioridade da ciência ocidental, para substituir e/ou complementar por outras formas de conhecimento. É essencial que os investigadores pós-coloniais reconheçam que todos têm plena capacidade para analisar e tomar medidas em relação a quaisquer objetivos de estudo. Isto implica o reconhecimento da igualdade das inteligências como princípio fundamental. Torna-se, portanto, necessário desconstruir a hierarquia e o domínio da ciência ocidental, além do próprio investigador que a representa.

A inspiração entre tantas experiências, leituras e figuras que me circunda para essa 12ª premissa pode ser especialmente dedicada a Gloria Anzaldúa (1981 *apud* MARCO; COSTA; SCHMID, 2000), que mesmo direcionando suas palavras de carinho e aguerridas as mulheres escritoras do terceiro mundo, acertou em cheio o meu espírito, os meus anseios. Especialmente quando ela fala para jogar fora as abstrações e as normatizações acadêmicas ainda presas a concepções positivistas, eurocêntricas e capitalistas. Que é para nos guiarmos pelas nossas próprias experiências, paixões e necessidades. Que devemos sair deste idealismo que nos é imposto pela sociedade e conseqüentemente pela ciência moderna ocidental, para falarmos das realidades das pessoas.

Realidades que não são construções ideológicas determinadas e determinantes, mas que são fruto das lutas cotidianas.

Logo essa 12ª Premissa é a pedra que colocamos como marco, é a memória do porquê estamos refletindo sobre uma metodologia da Cartografia Imagética e tanto vamos enfatizar a Terceira Realidade.

Com Anzaldúa nos inspirando, de maneira crítica a base desta concepção é o conceito de “mestre ignorante” explanado por Rancière (2002), que enfatiza a igualdade das inteligências, na esperança de fechar a lacuna de conhecimento entre professor e aluno, e torná-los iguais na produção de conhecimento e em suas aptidões. O conhecimento próprio de cada envolvido é igualmente importante neste processo. Esta abordagem elimina divisões abissais entre diferentes culturas e lutas sociais, promovendo uma situação de igualdade e cooperação.

Que não nos enganemos ou tenhamos a pretensão de deter todo conhecimento, isso é algo humanamente impossível para um único indivíduo. Como mestres devemos sempre reconhecer a nossa ignorância e como alunos lembrarmos de toda potencialidade que carregamos conosco. A relação da produção do conhecimento deve ser realizada sem hierarquias limitantes, não somos senhores do conhecimento e muito menos receptores passivos. Somos seres ativos e em uma relação social aberta e democrática podemos alcançar a nossa emancipação intelectual. Essa deve ser a relação da educação e da comunicação na ciência decolonial, uma abordagem igualitária e participativa, onde a ação de todos é reconhecida e valorizada.

O que vai confluir na Arena JAM que iremos expor e por consequência no pensamento de uma ciência decolonial. O que nos lembra de outros conceitos essenciais na filosofia de Rancière (2002, 2009, 2012) em nossa reflexão, que é o conceito de “partilha do sensível” e do “espectador emancipado”.

A “partilha do sensível” em sua filosofia tem como objetivo a compreensão da estética e da política, fazendo referência de como a sociedade distribui e organiza a percepção sensível, fundamental para a organização da vida política e social segundo o filósofo francês. Essa percepção sensível abarca as experiências sensoriais e estéticas que são compartilhadas pela comunidade, em uma relação direta entre a política e a arte para tornar visível, audível e perceptível o que está sendo considerado por um determinado grupo como relevante.

Isso não quer dizer que essa partilha seja neutra ou até mesmo natural, se trata de uma construção social e que acarreta uma distribuição desigual, seja do espaço, tempo ou das próprias ações práticas. E isso ocorre porque essa distribuição se baseia em hierarquias sociais, ideológicas e políticas, as quais determinam quem e o que pode ser visto e ouvido, quem deve ser silenciado, excluído e eliminado. Momento que a arte entra como fator preponderante para realizar os questionamentos a essas

hierarquias, potencializando novas formas de percepção e experiências estéticas aparentemente autênticas.

A arte assumindo seu papel social como aparato de resistência e transformação política no rompimento com as ideias pré-estabelecidas na tentativa de reconfigurar o que está sendo percebido e por algum motivo aceito como possível e aceitável pela esfera pública. O objetivo da arte reside então, ao questionar as estruturas de poder e controle, na redefinição das fronteiras do visível e do invisível, do audível e do inaudível.

Aqui entra o espectador emancipado que ao apreciar a arte contemporânea não se coloca na condição de passividade, contrariando uma ideia tradicional de controle e poder que posiciona o indivíduo e o público como meros contempladores passivos. Rancière (2012) está propondo que os espectadores assumam seus papéis de maneira ativa e crítica, participativa na experiência estética que estão inseridos. Que o espectador se sinta convidado pela arte para ser um coautor e ressignifique a própria arte.

Não basta apenas observar uma arte, um contexto, um objeto, é preciso interpretar, questionar e atribuir significados com a própria experiência e conhecimento. Ser emancipado então é estar ativo na construção destes significados, é desafiar as normas e hierarquias.

Retornamos ao conceito de “mestre ignorante” e na sua destacada importância da igualdade das inteligências que se configura na igualdade da apreciação da arte

O cientista pós-abissal, que virá a ser o cientista decolonial, pretendendo aprofundar-se numa ciência cosmológica humana deve utilizar as metodologias como o músico utiliza seus instrumentos e técnicas. E não reproduzir os movimentos contínuos e mecânicos que cada estudo lhe permite fazer, como copiar frases musicais que tenham perpetuamente encontradas em outras melodias, mas de forma criativa sempre criando novas melodias, novos sons, novos artefatos, conhecimentos, expressando seus sentimentos e expressividade - sua habilidade está na busca por novas alternativas.

Ao trazermos esses conceitos para o debate e teoria decolonial para ponderar sobre as dinâmicas de poder e da própria decolonização do conhecimento, em um jogo de palavras poderíamos falar do Mestre Ignorante Decolonial, visando o reconhecimento dos conhecimentos e saberes tradicionais de culturas colonizadas que foram desvalorizados, ignorados e marginalizados pela ciência moderna

ocidental, por conhecimento hegemônico eurocêntrico. É uma das características do Agrimensor-Flâneur (que abordaremos mais a frente), na sua disposição constante de aprender e produzir alternativas com as epistemologias e tradições locais. Um posicionamento de humildade perante a educação ao enfatizar que o conhecimento é construído através de uma comunicação aberta e colaborativa, sem hierarquias verticalizadas e limitantes.

Nos conceitos do Agrimensor-Flâneur trabalhando em pró da confluência de saberes, olhando as diversas escalas e realidades, com compartilhamento e afetividade para com todos, é o que poderia ser denominado de Partilha do Sensível Decolonial, para refletir os processos e consequências das relações coloniais que foram impostas a tantas culturas. Um olhar para a distribuição desigual das percepções e representações, para romper com as hierarquias coloniais que marginalizam e tentam silenciar as culturas e outros modos de vida que não são ocidentais.

Logo a partilha do sensível decolonial seria o ato de reconfigurar as relações de poder, amplificando a visibilidade das experiências e culturas que historicamente foram e continuam sendo oprimidas. É o próprio processo de decolonização do sensível, no reconhecimento que ele próprio tem influências eurocêtricas, coloniais. Posição crítica para salvaguarda da diversidade e equidade cultural.

Lembrando que o Agrimensor-Flâneur não deve nunca ser visto como um agente particular de uma determinada ciência, fabricado nas normas acadêmicas. No reconhecimento da igualdade das inteligências esse é um posto que pode ser assumido por todos os seres pensantes, criativos e imaginativos. Sua única condição seria ser um Espectador Emancipado Decolonial, que não está somente emancipado das estruturas de poder tradicionais, mas de toda herança colonial e das epistemologias eurocêtricas que insistem com a manutenção de hierarquias, explorações e preconceitos.

O espectador emancipado decolonial vai questionar todas as representações coloniais, vai desafiar as narrativas hegemônicas e buscar na confluência de saberes por novas alternativas e percepções. Deve abraçar a diversidade cultural e as múltiplas tradições estéticas.

Conhecer estas ferramentas e técnicas, é igualmente importante para a sua criatividade, irá ajudá-lo a compreender o passado e a não repetir equívocos ou simplesmente confirmar coisas que já foram pensadas – mesmo que tenha sempre

de questionar tudo. Esse conhecimento deve servir para gerar novas alternativas que devem ser analisadas não apenas subjetivamente por pesquisador, mas por todos os envolvidos que, por meio da ideia de igualdade da inteligência também se tornam investigadores e pesquisadores.

Pensando na problemática relação entre o próprio pesquisador e objeto dentro da criatividade metodológica, Santos (2019) descreveu quatro orientações:

- O investigador pós-abissal deve ser humilde, não deve ter como objetivo a originalidade – o orgulho da autoria –, já que ele visa conhecer com e não conhecer sobre, deve ter claro que nunca é o único autor (superautor) de uma determinada pesquisa. Sem que isso lhe retire o respeito que deve ter pelas metodologias e técnicas, todavia essas devem servir exclusivamente para sua curiosidade e criatividade inicial;
- A personificação e utilização criativa das técnicas e metodologias não deve ser vista como anarquia metodológica. Ela deve simplesmente significar o compromisso do pesquisador com o seu trabalho, o respeito para com o objeto e para com a sociedade. É o respeito a individualidade dos seres, dos acontecimentos, dos saberes.
- A importância e significado dos objetos, da problemática, não devem ser determinados por posicionamento que ocupam dentro das diversas áreas da ciência, do conhecimento acadêmico. Eles devem ser determinados por seu próprio espaço e tempo, ou seja, onde eles se encontram ou poderão se encontrar.
- As metodologias existentes podem e encontram, por muitas vezes, limitações, que não são resolvidas com a criatividade e conhecimento do pesquisador pós-abissal, e por este motivo não conseguem dar respostas satisfatória a problemática abordada. Para isso a epistemologias do Sul pressupõe a liberdade de buscar novas orientações metodológicas dentro do que a teoria de Boaventura define como ecologia de saberes.

Essa imaginação do pesquisador e visão metodológica não pode gerar o domínio de uma única forma de pensamento, ela deve se guiar através da pluralidade, diversidade, subjetividade e individualidades. Não pode ser uma mudança estética a

própria ciência ou ao sistema, deve ser uma mudança real de pensamento, deve ser uma mudança epistemológica.

Ideia muito bem fundamentada por sociólogo porto-riquenho Grosfoguel (2008) em suas críticas a influência e imposição do eurocentrismo na produção do conhecimento. Sua reflexão parte do pressuposto que a linguagem crítica que devemos adotar para a descolonização vai demandar uma certa universalidade, entretanto essa universalidade não pode ser respaldada na dicotomia do pensamento ocidental. Que somente mantém viva essa dicotomia através da persuasão alienante da comunicação ou através da força, com ações de barbaridades e exploração em nome de um determinado progresso ou do que intitulam como civilização.

Essa universalidade é definida por Grosfoguel (2008) com a definição de diversidade anticapitalista descolonial universal e radical, o qual não visa a aniquilação das diversidades, mas tão somente uma concepção de pensamento que unifique a luta decolonial.

O que nos alerta Sodré (2006) ao refletir sobre as mudanças est ticas, na análise dos discursos nazistas em uma perspectiva kantiana, contrapondo a extravagância a razão, na tentativa de ocultar a própria ignorância com a retórica e est tica caminhando juntas. Apresentando uma forma de tentar persuadir pela emo o o interlocutor em um discurso utilizado e aperfei ado pela publicidade e/ou marketing. Discurso que agora utilizado pela m dia   capaz n  s  de propagar uma realidade, como consegue criar uma determinada realidade.

A diferença para com o passado   que, agora, sob a égide da média, o sismógrafo também produz o abalo "sísmico", ou seja, a m dia n  se define como mero instrumento de registro de uma realidade, e sim como dispositivo de produ o de um certo tipo de realidade, espetacularizada, isto,   primordialmente produzida para a excita o e gozo dos sentidos. Com a média, o sismógrafo e o sismo são a mesma coisa [...] esta identifica o produz um novo tipo de realidade, que já não mais se presta ao tipo de julgamento  tico-político [...] O "artifício" da publicidade e da média, com todas as suas ambiguidades no plano dos valores, converte-se numa espécie de "terceira natureza" do homem, progressivamente aceita como plenamente social e em estreita liga o com a est tica. (SODRÉ, 2006, p.79)

São estratégias articuladas que explorando os aspectos emocionais, afetivos e subjetivos da comunica o, tanto na m dia quanto na política, são usadas como estratégias de influência e mobiliza o. Que através de afeto e emo o, na figura de ferramentas de aliena o e explora o, cria conexões emocionais com o público, influencia atitudes e molda percep es.

Fatos que ao serem investigados evidenciam a comunicação de massa desempenhando seu papel na construção da opinião pública, na formação de discursos políticos e na participação dos indivíduos.

Na estética da comunicação, nos seus elementos visuais, sonoros e sensoriais, desempenha um papel fundamental na formação da cultura e da sociedade. Uma mídia, no caráter de esfera social ou instituição social, acaba tendo o poder de moldar percepções e influenciar comportamentos, afetando diretamente a dinâmica política e social. O que nos leva a ter uma maior atenção em como essas estratégias de viés colonial estão entrelaçadas com a construção de identidades culturais e sociais.

Tangenciando a teoria da sociedade do espetáculo e do esteticismo, a emancipação na modernidade perdeu seu espaço para a regulação, renunciamos à nossa subsistência, do nosso espaço e tempo, trocamos a nossa liberdade por uma falsa segurança regulatória.

Nesta lógica, nos tornamos sujeitos regulados, perdemos a nossa autonomia para leis, normas e tradições que não devem ser questionadas. A ideia de absorção da emancipação pela regulação sugere o processo de que os esforços de emancipação ou de libertação social podem ser cooptados ou incorporados por sistema de regulação ou pela ideologia dominante, resultando em uma acomodação dentro das estruturas existentes, dificultando a ocorrência de mudanças sociais.

Essa ideia reflete uma preocupação crítica sobre como movimentos sociais ou esforços de transformação podem ser assimilados ou neutralizados por poder estabelecido ou pela estrutura regulatória, em vez de efetivamente trazerem mudanças substanciais na sociedade visando a emancipação.

Este é um processo gradual e histórico que ocorreu através da colonização das diferentes formas da racionalidade da emancipação em detrimento de uma racionalidade cognitivo-instrumental da ciência, acarretando a concentração dos esforços emancipatórios na ciência e na técnica, que por sua vez foram alienados no mercado.

Uma alternativa possível para escapar destas amarras da regulação é apontada por antropólogo colombiano Escobar (1988) em seus estudos pós-desenvolvimento e da ecologia política para refletir o desenvolvimento de uma ecologia de saberes. Seu posicionamento teórico aponta que as comunidades locais podem entrar em contato com a modernidade sem que necessitem abdicar das suas culturas, sem modificar a forma como produzem e reproduzem as suas vidas, ou seja,

sem que sejam aprisionadas por essa regulação. Todavia isso somente é possível com o pensamento crítico, questionando o desenvolvimento industrial e consumo que estão sendo impostos massivamente, cujo objetivo é a eliminação de tudo que é diferente a uma determinada normalização.

Desenvolvimento normativo massivo que Debord (1997) em uma análise materialista, histórico e dialética já apontava como sendo a espetacularização um fato histórico e presente em outros momentos da sociedade e esferas.

A diferença histórica na contemporaneidade, se ela realmente pode ser uma distinção plausível, é a industrialização e a possibilidade de produzir e gerar consumo em massa em uma escala acelerada nunca vista e vendido o seus resíduos, seus restos, seus lixos para uma parcela do planeta cada vez mais pobre, explorada e desamparada.

Como já foi abordado pela Escola de Frankfurt, dentro de uma administração que se pretende ser totalizante o espetáculo é a materialização e manutenção da relação de poder, de dominação. Que se converte na pluralidade de fenômenos de aparente coesão social para parecer que vivemos em uma sociedade livre e solidária. Onde na verdade tudo o que temos é uma padronização de consumo, exploração e ausência de sujeitos críticos, de sujeitos livres.

A relação entre a Escola de Frankfurt e a espetacularização não será desenvolvida com detalhes, todavia pode ser analisada em um outro trabalho futuro deste autor ou de outro que pense essas questões na ótica da ciência decolonial principalmente através do conceito de indústria cultural, desenvolvido por teóricos frankfurtianos como Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Na compreensão de que a indústria cultural se refere à produção em massa de produtos culturais (como filmes, música, televisão etc.) que são projetados para atender ao gosto do público de forma massificada, muitas vezes seguindo fórmulas previsíveis e simplificadas, ainda são fórmulas eficientes de dominação. Essa produção em massa frequentemente leva à padronização, à superficialidade e à conformidade cultural. Ficaria a o questionamento de como utilizar deste mesmo mecanismo para enfrentar a dominação colonial e eurocêntrica.

O que nos importa neste momento e como já definimos, é o que compreendemos por espetacularização e que esse processo está relacionado à transformação de eventos, informações e experiências em espetáculos ou formas de entretenimento para o simples consumo de indivíduos alienados. Isso pode ocorrer

através dos meios de comunicação de massa, como televisão, cinema, redes sociais e outras plataformas. Tendo como consequência a simplificação, a aparente redução da complexidade e a manipulação da realidade para atrair a atenção do público, para a sua colonização.

Nesta perspectiva quase ou toda a sociedade se encontra colonizada – é o Sul Global. Uma colonização que afetou todas as esferas sociais em todos os cantos do planeta pela sua voracidade de poder e por seu espírito imperialista, é o colonialismo vigente.

Colonialismo que explora não só os nossos corpos, explora a nossa essência e tenta nos retirar quase todas as formas de significações que encontramos durante a nossa existência.

A filósofa, teórica e ativista argentina Lugones (2014), reconhecida por suas abordagens, ao que citamos a abordagem dos corpos em oposição, principalmente para analisar a exploração das complexidades das identidades, realiza uma crítica contundente contra essa massificação que tenta organizar o mundo ontologicamente através de categorias homogêneas e hierarquizadas. Novamente é alertado que precisamos ir além das dicotomias, o que poderíamos dizer que não existe uma realidade certa e outra errada, existem múltiplas realidades em um mesmo espaço e tempo. Não existe o certo e errado, existem alternativas que precisam ser debatidas.

A dicotomia é algo que serve tão comente ao colonialismo e ao capitalismo. Duas faces do processo de exploração que ocorreram igualmente ocorreu no interior da ciência moderna restringindo o desenvolvimento de um conhecimento que podemos denominar como latino, das minorias ou Sul, para dar ênfase ao conhecimento, cultura e cotidiano eurocêntrico, do Norte, ou seja, o eurocentrismo.

E como iremos afirmar e demonstrar mais à frente, o colonialismo é a realidade ideológica do capitalismo, seu utopismo é a homogeneidade da globalização imperial, e esta é uma utopia impossível. Ou seja, é impossível o imperialismo global através da unificação de todos os processos de globalizações enquanto existirem resistências, enquanto existir seres pensantes.

Para tanto definiremos o eurocentrismo na sua forma mais pura e simplificada de utilização e descrição, na perspectiva que coloca a Europa e as culturas europeias no centro do planeta, considerando-as superiores, mais avançadas ou mais importantes do que outras culturas que compõe o globo. Essa atitude resulta na interpretação da história, da cultura e do conhecimento predominantemente a partir

de uma vista única, minimizando ou ignorando as contribuições e perspectivas de outros saberes, culturas e modos de vida.

Levando à marginalização, desvalorização ou destruição das contribuições culturais e intelectuais de grupos étnicos e regiões fora da suposta racionalidade europeia.

Tal concentração em uma determinada e única racionalidade – a racionalidade ocidental eurocêntrica embasada na ciência moderna – na estranha vontade de hipercientificização, que torna a racionalidade científica a única e possível racionalidade humana. Ao ponto que creditamos por muito tempo e ainda é possível perceber isso, a hipercientificização da emancipação, principalmente nos moldes acadêmicos, que mesmo tendo gerado algumas inovações importantes a sociedade ao mesmo tempo agravou outros problemas que inicialmente era proposto solucionar através do desenvolvimento da ciência moderna. Ela não se tornou as asas da liberdade, se tornou a jaula de ferro que nos aprisionou.

Isso é resultado da mercantilização da nossa liberdade, que nada mais é que a mercantilização de nossa consciência e conhecimento.

O eurocentrismo se esconde atrás dos discursos desta superioridade da racionalidade, é a sua propaganda. Uma extensão do positivismo ou do cientificismo, onde a busca por respostas e soluções é vista principalmente através de métodos científicos, desconsiderando outras perspectivas, valores culturais ou formas de conhecimento e saberes. Uma visão reducionista do mundo, onde apenas o que pode ser medido, testado e quantificado é considerado válido ou legítimo pela ciência moderna ocidental, a ciência eurocêntrica.

Não descarto a importância da ciência para a sociedade (no conjunto de sua diversidade, de suas comunidades) na sua contribuição para os avanços tecnológicos, na saúde, ambientais etc. Todavia o problema é que essa hipercientificização negligência por muitas vezes as dimensões humanas, sociais, éticas e culturais, ou quando outras formas de conhecimento e compreensão são marginalizadas em favor de uma abordagem estritamente científica, por não responderem a sua racionalidade.

A própria ciência neste processo se tornou responsável direta pelas catástrofes ambientais, e isso se deve a um dos seus objetivos de dominação da natureza, para uma utilização utilitarista da sociedade, deixando de lado suas responsabilidades para com o planeta. Uma lógica que transformou o próprio corpo humano em mercadoria, através de uma promessa de segurança e harmonia realizada por intermédio do

comércio, do mercado embasados na racionalização científica. Logo contribui para justificar muitos preconceitos, discriminações, modelos de escravidão modernos e marginalizações.

Não só o corpo se transformou em mercadoria como toda a natureza e tudo que está ao alcance da sociedade no Universo. Nesta lógica nada deve escapar a mercantilização de seres até supra-humanos. Nesta encruzilhada até os deuses e os demônios são precificados e consumidos.

A racionalização científica, levada às últimas consequências, com todo seu desenvolvimento tecnológico, deflagrou o seu verdadeiro potencial destrutivo. E isso ocorreu em uma de suas espetacularizações, da promessa de uma sociedade de justiça social e ambiental, livre, e com criação de riquezas ilimitadas para todos. Onde a própria ciência se converteu em força produtiva – a sua derrocada. As consequências são danosas, como o aumento das desigualdades e intensificação de dominação de um seleto grupo de dominadores, os verdadeiros bárbaros e terroristas da modernidade.

A absorção da emancipação pela regulação, na hipercientificização da emancipação e da hipermercadorização da regulação, levou a um caos de aparência controlada da sociedade. Não seria isso a própria sociedade de aparências? Não seria alienação e à perda do sentido real da vida, uma vez que as pessoas passam a viver através das lentes das imagens e dos símbolos, em vez de se envolverem diretamente com o mundo ao seu redor?

Nossa essência já não fala aquilo que realmente somos e nossas leis pouco dizem da realidade cotidiana da maioria da população, tudo parece estar a serviço da proteção de um sistema.

A crise da sociedade é a própria crise da ciência. Não vai existir uma fase de transição sem as questões cotidianas, elementares e simples. Não vai existir uma reposta e uma transformação se não voltamos para os seres vivos e suas experiências.

Um retorno que vai romper com o espetáculo se constituindo como uma relação social (DEBORD, 1997), que se objetiva nas imagens-espetaculares, e que substitui a essência de cada indivíduo. A essência individual, a sua própria existência, se tornando uma mercadoria a ser consumida e publicizada. É a vida social sendo controlada não mais pelas vontades humanas, mas por forças econômicas e

mercadológicas que se transvestem em questões sociais e políticas, nos levando a acreditar que isso é o desenvolvimento cultural e suas expressões.

Um retorno que se torna urgente pela complexidade de estarmos diante dos avanços da inteligência artificial, de todos os aparatos tecnológicos. Uma questão que já era levantada por Donna Haraway (KUNZRU; HARAWAY; SILVA, 2000), relevante teórica feminista e filósofa da ciência, reconhecida por suas contribuições inovadoras na interseção entre gênero, tecnologia e teoria pós-humanista.

No seu ensaio "Manifesto Ciborgue" (KUNZRU; HARAWAY; SILVA, 2000), Haraway elucida as fronteiras convencionais entre humanos, animais e máquinas, argumentando que essas distinções estão se tornando cada vez mais difusas em um mundo marcado por avanço tecnológico. Na proposta da figura do ciborgue como um ponto de partida para repensar o que significa ser humano, especialmente no contexto das mudanças sociais e tecnológicas. Uma figura, que segundo a autora, é uma entidade híbrida que combina elementos orgânicos e tecnológicos, desafiando as noções tradicionais de identidade, gênero e corpo. Desta forma explora como as tecnologias de comunicação e a biotecnologia estão transformando nossas percepções do corpo e do senso comum, permitindo formas de ser e de se relacionar que antes eram inimagináveis.

Neste ensaio também verificamos que a relação entre corpo, gênero e senso comum em um contexto de avanços tecnológicos, nos coloca em uma posição crítica sobre a ideia se realmente existe um corpo natural, uma identidade de gênero essencial. A autora argumenta que essas noções são construídas culturalmente e influenciadas pela própria tecnologia e que através do senso comum, sob sua perspectiva, muitas vezes adere a narrativas binárias de gênero e identidade que podem ser desafiadas e questionadas por meio das possibilidades ciborgues.

Uma concepção que permite refletir outras questões, a exemplo da política, economia e da ecologia. Que nos leva a perceber que a interconexão entre humanos, tecnologia e natureza exige uma abordagem mais ética e responsável para lidar com os desafios globais. Ao ponto que Haraway (KUNZRU, HARAWAY; SILVA, 2000) nos propõe a ideia de uma política do conhecimento situado, na qual diferentes perspectivas, incluindo as de mulheres, minorias e comunidades marginalizadas, são levadas em consideração na construção do conhecimento e na formulação de políticas. Uma das esferas que tanto a ecologia de saberes e a concepção de confluência de saberes devem trabalhar.

É necessário revisitar os conceitos da ciência moderna para tentar encontrar neles questionamentos a crise que vivemos e dos avanços, ou supostos avanços, que estamos inseridos. Precisamos questionar o paradigma da ciência além da própria ciência, questionando as pretensões epistemológicas da ciência moderna que nos guiou até aqui.

Uma revisão e questionamento dentro de uma sociedade que tenha como central os seus valores culturais mediados por afeto (SODRÉ, 2006), possibilitando não somente alternativas, mas alternativas sensíveis, afetivas, verdadeiramente inclusivas. É inserir a problemática em todas as esferas do universo humano, principalmente na esfera da comunicação com a ecologia de saberes ou confluência de saberes, dentro de uma epistemologia compreensiva que é a própria epistemologia do Sul, visando a emancipação humana – principalmente dos grilhões do mercado e de toda forma imperialista, de hegemonias –, promovendo uma rede de seres compartilhantes.

Se faz necessário abrir o conhecimento para o campo do sensório, dos nossos sentimentos, e não somente da racionalização técnica. As imagens podem exercer esse papel, ser esse elo neste rito de passagem, pela sua potencialidade sensorial-afetiva-memorialísticas.

Vamos tomar como ponto de partida a seguinte reflexão de Perniola: 'Parece que é justamente no plano do sentir que a nossa época exerceu o seu poder. Talvez, por isso ela possa ser definida como uma época estética: não por ter uma relação privilegiada e direta com as artes, mas essencialmente porque o seu campo estratégico não é o cognitivo, nem o prático, mas o do sentir, o da aisthesis'. E nossa questão inicial [...] a possibilidade de existência de uma potência emancipatória na dimensão do sensível, do afetivo [...] para além [...] dos cânones limitativos da razão instrumental [...] para nos perguntarmos em seguida sobre a viabilidade de uma ação dessa ordem no interior de uma realidade específica, a da sociedade dita da comunicação e da informação, sobre a qual pesam as muitas suspeitas intelectuais de não ser muito mais do que uma estrutura voltada para interesses econômico-corporativos imediatos, sem a idealidade de formas originais ou sem a perspectiva de fins ético-políticos. (SODRÉ, p. 17-18)

A ciência a que almejamos não nasce do pensamento de Santos (2019) e do vocábulo presumivelmente por ele cunhado, ciência pós-abissal, que também faz parte da sua reflexão crítica sobre a natureza e os paradigmas da ciência moderna no que diz respeito às suas implicações na produção de conhecimento e na relação entre diferentes formas de conhecimento.

Essa abordagem pós-abissal faz parte do pensamento crítico dos povos marginalizados e colonizados, baseia-se na ideia de que os estudos convencionais e hegemônicos são muitas vezes limitados em perspectiva, marginalizando outras formas de conhecimento e ignorando as vozes e perspectivas de comunidades e culturas historicamente oprimidas e excluídas.

O vocábulo pós-abissal é relevante porque se refere ao abismo entre diferentes formas de conhecimento, que são as linhas abissais, sendo o abismo uma metáfora para as profundas desigualdades epistemológicas, culturais e sociais que caracterizam a relação entre o conhecimento que domina no Ocidente e outros locais, indígenas, tradicionais, quilombolas etc. Portanto, esta visão da ciência busca superar essa separação e promover maior inclusão e diálogo entre diferentes formas de conhecimento.

Tem em seu significado o reconhecimento e importância de diversificar a produção de conhecimento, incluindo perspectivas historicamente marginalizadas, e de procurar respostas mais eficazes aos desafios globais através da colaboração intercultural e interdisciplinar.

Colaboração essencial reafirmada por sociólogo peruano Anibal Quijano (2005), um dos teóricos da teoria da colonialidade do poder que realiza a análise crítica da colonialidade na América Latina.

A crítica deve levar o projeto de revolucionário da redistribuição de poder através da descolonização, o que infelizmente ainda não aconteceu. Somente conseguimos tatear alguns destes focos de resistência. Focos que são as nossas verdadeiras imagens e não o engodo da imagem eurocêntrica que tentaram imputar na latinidade, na África, nas comunidades colonizadas e não ocidentais.

Esta é uma ideia que nos interessa, pois sublinha a necessidade de uma mudança profunda na prática e na percepção científica ao abordar problemas complexos e inter-relacionados do mundo de hoje de uma forma mais abrangente e holística. Como detectamos nas páginas seguintes. Este vocábulo e todos os conceitos relacionados estão razoavelmente classificados em nossa proposta metodológica.

É uma ciência aberta baseada na vida cotidiana e em conceitos abrangentes. Isso nos deixa ir além com pensamentos inovadores e com intencionalidades revolucionárias, que por vezes são colocados em posição de defesa e conservadorismo, como podemos ver em Antônio Bispo dos santos.

Que na sua abordagem (SANTOS, 2023) ao falar da cosmologia, dos diversos, biointeração, dos seres compartilhantes e das confluências de saberes que abordaremos e adotaremos mais a frente, relata que estes são pensamentos que se pretendem ir além dos limites, um pensamento que explora as fronteiras. Contrários a um cenário polarizado, é a busca pela constante intersecção, circularidade, ainda que mantendo as fronteiras entre as diversas culturas, mesmo que configure em uma visão mais flexível.

Ao passo que aqui a nossa ciência pós-abissal, ou melhor, o que definiremos como ciência decolonial apenas reconhece as individualidades e o seu espaço, sem que essas fronteiras se tornem empecilhos ou fronteiras imaginárias e concretas que impeçam o livre trânsito entre todos os seres.

Seja no copilado do eurocêntrico, patriarcal e colonialista Santos, em Sodré, Debord, Harvey, Benjamin, bell hooks, Antônio Bispo dos Santos entre tantos outros pensadores contemporâneos,   evidente que devemos modificar a forma como olhamos para a sociedade – devemos olhar de uma forma livre, apaixonada, crítica e racional.   a emancipa o do olhar, a sua descoloniza o, na contracolniza o, não sendo submetidos as visões unilaterais e alienante do sistema atual, do patriarcado e de tantas outras formas de aprisionamento e exclusão.

2.2 Senso comum e conhecimento científico – uma confluência para emancipa o

Quando falamos de senso comum, referimo-nos a ir além da simples defini o do próprio conhecimento empírico, ou seja, conhecimento adquirido através da experiência diária, da observa o casual e da intui o; conhecimento que não segue um método de pesquisa rigoroso e muitas vezes   baseado em crenças populares e tradi es culturais. Como esse saber se baseia em percep es subjetivas, crenças populares e opiniões individuais, pode ser útil para lidar com situa es cotidianas e tomar decisões rápidos.

Na proposta metodológica da cartografia imagética percebemos que existem muito mais que simples crenças, existem experiências concretas, e essas decisões rápidas podem se constituir em alternativas possíveis de transforma o social autêntica, humana e cosmológica.

Resumo este conceito de senso comum incluindo todas as outras formas de conhecimento como filosófico, religioso, esotérico, artístico, estético, tecnológico, intuitivo, histórico e conhecimento implícito.

Essa gama de conhecimentos que vão estar vinculados ao conhecimento científico, atualmente regulamentado, é obtida por meio de um processo sistemático de investigações, pesquisas e análises rigorosas, baseadas em evidências empíricas, experimentos e métodos controlados.

Ambos os conhecimentos têm pontos fortes e fracos, na constatação de que muitas vezes interagem de maneiras complexas em suas vidas e decisões diárias. Não se trata de suprimir a ciência ou o senso comum, mas sobre a fusão de saberes diversos para a produção de conhecimento.

Nesta abordagem, pretendemos também ir além da forma como falamos de conhecimento holístico, combinando-o. Estamos falando de conhecimento em que todas as formas de conhecimento conversam sem hierarquia. Estamos falando de verdadeira mistura de estilos. Reconhecer a interconexão e coexistência de diferentes tipos de conhecimento e saberes, incorporamos todas as experiências e modos de vida.

Se trata de flexibilidade e sustentabilidade, de aprendizagem contínua através de soluções e alternativas contextualizadas, de colaboração, com inovação e criatividade e, acima de tudo, de ligação com a natureza.

Assim, quando falamos da epistemologia do Sul, na unificação, ou melhor, na reunião cooperativa de diferentes formas de saberes, não podemos deixar de lado as diferenças culturais, e ainda assim essas diferenças não podem interferir na investigação, mas devem servir de base e critério de compreensão das interpretações e do ponto de vista do pesquisador.

No livro "A Vida de Laboratório: A Produção dos Fatos Científicos", Latour e Woolgar (1997), explorando a natureza da prática científica e como os fatos científicos são produzidos em um ambiente de laboratório expõe que os fatos científicos não são simplesmente elucidados, mas são construídos e adaptados através de uma série de interações sociais, processos técnicos, negociações e mediações. Demonstrando como as práticas laboratoriais, as redes sociais que envolvem esse processo, as decisões políticas e as questões de hierarquias de poder influenciam na forma como os resultados científicos são estabelecidos e aceitos como fatos.

Uma ideia que desafia a visão convencional da ciência como um processo neutro e objetivo. Propõe que as atividades científicas são influenciadas por uma série de fatores sociais, políticos e culturais, contribuindo para uma compreensão mais intrincada da natureza da ciência e dos processos subjacentes à formação do conhecimento científico.

Embora o senso comum não seja o foco principal do livro de Latour e Woolgar (1997), a abordagem dos autores pode ter implicações indiretas para esse entendimento em relação à produção do conhecimento científico. O que pode ser destacado na influência de fatores sociais, políticos e culturais na formação dos fatos científicos ao sugerir que o processo científico também está sujeito a interpretações negociações e hipóteses, que podem estar conectadas de alguma forma ao senso comum e outros conhecimentos.

Santos (2019), falando sobre o desenvolvimento de uma perspectiva da sociedade em relação à natureza, a como produzimos o nosso meio, faz uma distinção e demonstra que podemos encontrar olhares desiguais e olhares diferentes, que são olhares subordinados caracterizados pela dominação global contemporânea. Um olhar em grande escala para representar um pequeno objetivo muito específico, caracterizado pela sobrevivência imediata.

Mas para os investigadores que estão determinados a compreender o todo concentrando-se numa escala menor, emerge a visão oposta. Contudo demandar ao objeto de estudo (neste caso as comunidades) que reconstrua a sua natureza de acordo com os pressupostos impostos pela ciência pode levar ao declínio de certas comunidades, por exemplo, privando-as de meios de subsistência gerando catástrofes sem precedentes.

É importante lembrar que a mudança social, que muitas vezes é necessária, não é instantânea, não é um processo simples e requer tempo e cautela para ser implementada de forma eficaz. As alternativas devem ser bem analisadas e assimiladas pela comunidade.

Neste caso, compete ao pesquisador decolonial não apenas elucidar, mas também educar nesta perspectiva, enquanto é de responsabilidade da própria sociedade determinar o ritmo de sua vontade de implementar a alternativa proposta. É muito importante adotar uma abordagem mais ampla. No entanto, isto requer uma análise crítica a fim de provocar mudanças realmente significativas não só para a

subsistência humana, é preciso criar mecanismos para o desenvolvimento de toda potencialidade humana, obviamente um espaço para todos.

As mudanças que devem ocorrer fazem parte de uma desobediência epistêmica e opção decolonial que defende Mignolo (2008), utilizando do senso comum como forma de libertação ao mesmo tempo que nos mantemos críticos a ele, na compreensão que podem estar validados por sistema dominante com o objetivo de perpetuar e reforçar algumas visões estranhas, ou seja, colonialistas e eurocêntricas.

Esta visão profunda, nestas mudanças de escala que ora querem ver o todo, ora querem ver um determinado detalhe, deve ser o principal ponto de partida de comunicação entre o investigador e o objeto, um diálogo de mão dupla. O que não aconteceu completamente com o desenvolvimento da ciência moderna.

A atenção deve ser redobrada ao pesquisador decolonial, é a autocrítica ao próprio pensamento, na lembrança de que o senso comum e outras formas de saberes são frequentemente moldadas pelas estruturas de poder e por discursos hegemônicos, influenciando diretamente a nossa percepção de mundo e podendo ofuscar as diversas realidades que compõem um mesmo espaço, tempo e contexto.

Fraser (2007) argumenta que a injustiça social não é apenas o resultado de estruturas econômicas ou políticas, mas sobrevive e reproduz-se através de práticas culturais, discursos e normas sociais. Podemos compreender que o senso comum é internalizado e naturalizado através dessas normas injustas, o que ajuda a manter essa normalidade estranha.

Este reforço do senso comum pode ser moldado por discursos hegemônicos que desvalorizam ou marginalizam determinados grupos, reforçando a injustiça. Isso nos leva a ter maior consciência e senso crítico quando se trata da diversidade de conhecimentos, aptidões e experiências. Devemos redobrar a nossa atenção em todos os discursos e culturas que estão por trás dos ideais de igualdade, tolerância e justiça. Há também a necessidade de desafiar noções aceitas como senso comum e encorajar a mudança através do envolvimento social e da reconfiguração de narrativas culturais.

Esse entendimento também é compartilhado por Harding (2019), filósofa da ciência e teórica feminista, conhecida por suas contribuições para a epistemologia feminista e a crítica da objetividade nas ciências. Na perspectiva da ciência feminista argumenta que a ciência, historicamente, tem sido fortemente influenciada por pontos de vista masculinos e muitas vezes perpetua estruturas de poder desiguais. A solução

contra esse poder desigual se encontra na inclusão e participação de grupos marginalizados, subalternos ou historicamente excluídos na produção de conhecimento científico. Envolvendo a colaboração com comunidades locais, indígenas ou outros grupos não tradicionalmente representados nas pesquisas científicas.

Harding (2019) trabalha com o conceito de objetividade forte para desafiar a visão tradicional de objetividade na ciência, na contradição de que muitas vezes assume que o conhecimento objetivo é neutro, imparcial e independente de influências sociais ou culturais. Em contraste, a objetividade forte reconhece que todas as perspectivas científicas são moldadas por contextos culturais, históricos e políticos, e argumenta que a inclusão de múltiplas vozes e perspectivas na produção de conhecimento pode levar a uma objetividade mais rica e completa.

A autora defende que essa objetividade não implica abandonar a busca pela verdade ou por próprio rigor científico, mas sim reconhecer e enfrentar abertamente as limitações e preconceitos inerentes à produção do conhecimento.

Essa colaboração com grupos marginalizados e a incorporação de suas perspectivas podem enriquecer a objetividade da ciência, tornando-a mais sensível às complexidades do mundo real. Torna a ciência no mínimo um pouco mais humana.

Devemos nos atentar que foi o próprio desenvolvimento do conhecimento científico que permitiu perceber a fragilidade das suas bases, é o conhecimento e crítica saindo das universidades. Por isso que hoje ocorre uma necessidade da reflexão aprofundada da filosofia (em oposição ao positivismo) e a análise das condições sociais ocupam um lugar central na reflexão epistemológica.

Por isso que o destaque dados por Mignolo (2008) sobre a desobediência epistêmica parece ser um lembrete a ser colocado fixo como um quadro, como uma obra de arte que pode ter várias significações, como uma música que pode falar em vários momentos, para entendermos a potência que é o papel do senso comum tanto para a produção quanto para a validação do conhecimento; tanto para a emancipação quanto para o aprisionamento alienante da sociedade moderna. É a busca por espaço de ampliar as possibilidades de compreensão e a valorização das diversas formas de saber que estão além dos domínios das estruturas dominantes.

Santos (2002) descrevendo a crise paradigmática da ciência se propõe refletir como se daria o novo paradigma emergente, que segundo ele só pode ser especulativo neste momento.

Uma especulação fundada nos sinais que a crise do paradigma atual emite, mas nunca por eles determinada [...] ao falarmos do futuro [...] o que dele dissermos é sempre o produto de uma síntese pessoal embebida da imaginação [...] (SANTOS, 2002, p. 74).

Enquanto estou querendo falar e/ou conceituar uma terceira realidade para uma ciência cosmológica humana decolonial e dentro da metodologia da cartografia imagética, Boaventura de Sousa Santos, está propondo o seu clichê da mudança paradigmática de um conhecimento prudente para uma vida decente, o paradigma da ciência nas epistemologias do Sul (SANTOS, 2002). Que apesar de seu discurso transgressor, por muitas vezes parece não visar a superação da ciência, mas a sua manutenção como conhecimento totalizante.

Estamos tateando uma revolução paradigmática da ciência que ocorre no próprio interior de uma sociedade transformada pela ciência, e por isso ele não pode ser puramente científico, como consequência teremos que explorar a mudança do paradigma social.

Além disso, com o exemplo dado por Sodré (2006), destacando a esfera sensível e afetiva, elementos que também são considerados fundamentais e de suma importância para a nossa análise e forma de pensar⁵, realçam a necessidade de uma transformação no âmbito das ciências humanas, mais especificamente na disciplina da linguística, rumo a um paradigma estético. Através de uma abordagem fenomenológica, que transcende as amarras do racionalismo absoluto, encontramos uma oscilação entre a racionalidade e a sensibilidade.

Nesse contexto, compreendemos que a sociedade, sendo intrinsecamente heterogênea e orgânica – logo ativa e inconstante –, não pode ser capturada por uma estrutura rígida, mas sim por uma interconexão entre seus indivíduos que se manifesta no campo estético, na expressão artística, na sua diversidade e pluralidades. É nessa tensão, diálogo e complexa rede de relações que podemos encontrar a raiz da sociabilidade.

Nessa raiz que as epistemologias do Sul, o paradigma estético e toda teoria decolonial dialogam e contribuem para se pensar a terceira realidade, a ciência cosmológica humana para a visão das múltiplas realidades, para as múltiplas vivências de utopias possíveis. Não como uma verdade dada e fechada em si mesma,

⁵ Que por uma mera formalidade chamamos de metodologia ou método, quando no final defendemos o pensamento imaginativo, criativo, livre, afetuoso e responsável para com todos.

mas como alternativas e um exercício de criatividade imaginativa para se pensar nas autênticas e necessárias mudanças sociais.

Qual a alternativa? Na perspectiva de Parret [...] será preciso evitar a tendência histórica de conceber a sociedade segundo uma teoria de jogos finitos, cuja razão - apoiada no cálculo e na representação - termina sempre por ratificar uma suposta "natureza" economicista e bélica do homem [...] Ao invés da sociedade definida exclusivamente pela otimização econômica, emerge a ideia do "ser em com um", mais centrado no afeto ou na sensibilidade do que em qualquer fundamento de caráter ético-racionalista. No lugar, portanto, de uma comunidade argumentativa e consensual, produtora de normas e sentido num contexto intersubjetivo de livre discussão, emerge uma comunidade afetiva, de base estética, onde a paixão dos sujeitos mobiliza a discursividade das interações. (SODRÉ, 2006, p. 66)

Nesta suposta revolução paradigmática em que estamos situando nossos conceitos, estamos compreendendo esse paradigma emergente como uma mudança fundamental na forma como entendemos o mundo. Isso envolve a convergência de diferentes tipos de conhecimento e ação, reconhecendo que os desafios contemporâneos exigem uma abordagem integrada que vá além das fronteiras tradicionais entre disciplinas, culturas e sistemas de crenças.

É o que Mignolo (2008) também defendia como o paradigma emergente ao abraçar as perspectivas não ocidentais ao valorizar as epistemologias que foram marginalizadas por processo de colonialismo e eurocentrismo. É o lembrete fixo, a arte sendo ressignificada, a música soando em diversos contextos para falar do reconhecimento da diversidade de saberes e experiências.

Reconhecimento que nos leva a ruptura com a lógica colonial assentada na exploração, desigualdade, extermínios sustentada por ideias e práticas tradicionais e normalizadas por um sistema estranho ao cotidiano.

Em seu lugar precisamos pensar em alternativas de paradigmas mais inclusivos, que não elimine as diferenças, que seja de convivência pacífica e comunitária, até mesmo com outros paradigmas. É a celebração da diversidade na pluralidade de conhecimentos e existências.

A mudança de paradigma ocorre na desobediência epistêmica ao confrontar a hegemonia do conhecimento ocidental e suas estruturas de poder. É um espaço de esperança (HARVEY, 2006), um oásis de fraternidade (MORIN, 2019), a cosmovisão cooperativa (SANTOS, 2023) amplificando a convivência com outras epistemologias e modos de compreender o Universo.

Damos ênfase à importância da integração multidisciplinar, unindo conhecimentos científicos, saberes culturais, intuição, criatividade e experiência prática. Promovendo a colaboração entre diferentes áreas de estudo para enfrentar problemas complexos, também adotamos uma visão sistêmica ao reconhecer que o mundo é interconectado e interdependente. O que deve ser considerado nas relações e interações entre partes e sistemas maiores em busca de soluções que levem em consideração os impactos a longo prazo. É a valorização tanto da transformação do indivíduo quanto social.

Reconhecemos que a mudança positiva na sociedade muitas vezes começa com as mudanças individuais, para depois se tornarem coletivas nas perspectivas e comportamentos da comunidade. E também adotamos a adaptação à mudança ao reconhecermos a natureza dinâmica e evolutiva da realidade. Envolvendo as respostas aos problemas emergentes exigem ajustes constantes, inclusão à diversidade - valorização da diversidade de conhecimentos, experiências e perspectivas, incluindo saberes marginalizados e o reconhecimento das diversas formas de conhecimento que compõe a pluralidade de modos de vida; sustentabilidade e bem-estar – mantendo sempre o foco na sustentabilidade ambiental, social e econômica, buscando proporcionar alternativas que beneficiem tanto as gerações presentes quanto futuras.

Se trata de um aprendizado cíclico, portanto de um aprendizado contínuo, com o conhecimento em constante transformação. Postulando a obrigação de estimular a busca contínua por novos entendimentos e percepções, fomentando uma mentalidade de aprendizado ao longo de toda trajetória.

O paradigma emergente ao qual os pesquisadores decoloniais⁶ se dedicam e com o qual concordamos, busca ativamente evitar soluções simplistas, afastando-se do pessimismo reacionário e do voluntarismo irresponsável. Em vez disso, esse paradigma adota representações mais fluidas, abertas, incompletas e em constante transformação.

⁶ Citando as contribuições em agradecimento a todo trabalho e empenho de Paulo Freire, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento, Milton Santos, Conceição Evaristo, Guerreiro Ramos, Preta Ferreira, Deise Benedito, Vilma Reis, Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Anderson França, Nubia Regina Moreira, Muniz Sodré, Frantz Fanon, bell Hooks, Gloria Anzaldúa, Edward Said, Ngũgĩ wa Thiong'o, Chela Sandoval, Aníbal Quijano, Audre Lorde, Vandana Shiva, Malcolm X, Nelson Mandela, Che Guevara, Rigoberta Menchú, César Chávez, Subcomandante Marcos, Amílcar Cabral, Angela Davis, Kwame Nkrumah, Silvia Rivera Cusicanqui, Sônia Guajajara, Nubia Regina Moreira, e entre tantos outros nomes igualmente que aqui não foram citados.

Na tentativa de transcender a própria modernidade através do paradigma emergente encontramos um diálogo construtivo com as comunidades, e é através dessas comunidades que podemos conjecturar percursos que nos conduzirem para além das soluções que a modernidade ofereceu, abordando tanto seus excessos quanto suas lacunas.

Refletir as comunidades dentro desta representação e adoção dos conhecimentos para pôr fim às linhas abissais, é destacar como percorreram as apropriações contra-hegemônicas (SANTOS, 2019), que são conceitos filosóficos e de práticas utilizados por grupos dominantes para reproduzir a dominação e opressão. Todavia, esses grupos sociais que são oprimidos devem se apropriar destas ferramentas as resignificando, modificando e transformando-as em instrumento de luta contra a opressão, contra toda forma de dominação. Conhecimento que é exemplificado por Boaventura com o Direitos Humanos e a própria Democracia, que em uma perspectiva eurocêntrica e colonialista como é o meio deste sociólogo, pode tanto se tornar uma arma contra a exploração, quanto uma armadilha para aprisionar cada vez mais a sociedade.

As apropriações contra-hegemônicas (MIGNOLO, 2008) envolvem a valorização e reivindicação dos saberes, perspectivas e epistemologias para ampliar o repertório de saberes para a promoção da diversidade epistêmica e para as emergências que se colocam para construirmos comunitariamente as alternativas.

Devem ser encaradas como instrumento de resistência cultural, intelectual e política dos grupos marginalizados ao se apropriarem, reivindicando suas próprias narrativas e contribuições para a produção do conhecimento.

Neste modelo global de dominação hegemônica, a nova racionalidade científica que se apresenta na modernidade, também é um modelo totalitário ao barrar as outras formas de conhecimento que não estão baseados em seus princípios epistemológicos e por suas regras metodológicas.

Esta é a sua característica fundamental e que dita o discurso positivista de uma única forma de conhecimento verdadeiro. Ou seja, estamos falando de uma ciência que se manteve dogmática e autoritária. Realizando uma distinção clara entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, entre natureza e ser humano. Sempre desconfiando das próprias experiências dos indivíduos.

Nessa perspectiva as comunidades têm enfrentado impactos parciais do processo de colonização, entretanto, elas ainda resistem, são locais de resistência.

Motivos elencados para o combate do desperdício das experiências quando falamos da questão do “cancelamento” e aproximação da ciência com as comunidades, não para ensinar ou somente aprender, mas para dialogar e construir conjuntamente alternativas de conhecimentos.

É o ato de levar a ciência de volta ao seu devido lugar, no cotidiano, e não escondidas e ilhadas por muros das universidades.

Os desperdícios das experiências ocorrem tanto por modelos epistemológicos, culturais e políticos dominantes eurocêntricos, e em outros casos porque os próprios participantes dessas experiências não se dão conta de sua validade ou por desejarem salvaguardar sua própria experiência como um aspecto de proteção de suas identidades.

Existe a proposta aqui neste trabalho de que cada indivíduo, e depois dialogando com a sua comunidade, criem cada um o seu Manifesto da Encruzilhada. Que em seu conjunto pode vir a se tornar não uma, mas várias Declarações de diferentes perspectivas e realidades. É a liberdade da consciência que trabalha a metodologia da Cartografia Imagética.

Liberdade que já era debatida por Debord (1997), o qual seguindo as premissas da “A Questão Judaica” de Karl Marx (2000), percebe que a autoemancipação somente é possível com a emancipação das bases materiais que constituem a sociedade do espetáculo, ou seja, através da força de trabalho. Uma realidade que se encontra invertida e mediada por imagens.

Principalmente em uma concepção marxista de que a sociedade capitalista é caracterizada pela exploração da classe trabalhadora pela classe burguesa dominante, e essa exploração é dissimulada por senso comum, que normaliza e justifica as desigualdades existentes. Responsabilizando o senso comum, na influência da ideologia dominante, levam os indivíduos a aceitarem a lógica do mercado, acreditando que as desigualdades são naturais ou justificadas, deixando de questionar as estruturas de poder. Ou através do conceito de fetichismo da mercadoria, que é a tendência do sistema capitalista de obscurecer as verdadeiras relações sociais entre os indivíduos ao atribuir valor às mercadorias como se fossem entidades autônomas, fora das relações sociais. São argumentações válidas, mas incompletas de que o senso comum e a ideologia podem distorcer nossa percepção das relações reais de poder e exploração.

Conceitos que foram base para o desenvolvimento teórico de Antonio Gramsci (GRUPPI, 2000) ao desenvolver o seu conceito de hegemonia. Que se trata de uma abordagem crítica para entender como as classes dominantes mantêm seu poder e influência sobre a sociedade, na afirmação de que o senso comum desempenha um papel fundamental da construção da hegemonia cultural e da manutenção da sociedade capitalista.

Gramsci (*apud* GRUPPI, 2000) estava interessado em explicar como as classes dominantes conseguem perpetuar sua dominação não apenas por meio da coerção direta, mas também por meio da aceitação voluntária da classe trabalhadora. Seu argumento residia que a hegemonia cultural era uma forma sutil e eficiente de controle, onde a classe dominante molda a cultura, os valores e as normas sociais de tal forma que esses elementos são internalizados por proletariado como parte de seu senso comum.

Logo para esse pensador o senso comum não é algo inato ou universal, mas sim moldado pela cultura e pelas relações de poder. O senso comum como um conjunto de ideias e crenças que se enraízam na mente das pessoas e que muitas vezes refletem os interesses das classes dominantes por estarem alienados da própria condição.

Isso acontece porque a classe dominante tem o domínio e o controle das instituições educacionais, meios de comunicação e outras esferas da cultura. E ao moldar o senso comum, as classes dominantes podem influenciar a maneira como as pessoas percebem as suas realidades, relações sociais e suas próprias posições na sociedade – diminuindo a resistência dos dominados.

O que nos leva a reflexão de que dentro deste sistema de dominação as normas, valores e crenças que são internalizados como senso comum podem servir para legitimar a ordem social existente e desencorajar a resistência ou questionamento das estruturas de poder como já foi mencionado. Mas é justamente por não serem inatas ou universais, por se tratar de experiências, de diversidade cultural e de saberes, e que por creditarmos que a única liberdade possível em sua plenitude é a liberdade de nossa consciência, por sermos igualmente responsáveis sobre nós e com o universo, é que o senso comum se torna uma arma revolucionária.

Recomendando que para isso precisamos buscar a autoemancipação em um primeiro momento. É o indivíduo que se liberta e não outro que realiza essa tarefa por

ele, caso contrário o sistema de dominação se perpetua em uma nova hierarquia e conjuntura política.

É tão somente através do senso comum e sua relação com outros saberes, no cotidiano e na diversidade, que se torna possível pensar na hipótese de uma luta contra-hegemônica, ou seja, a criação de alternativas culturais e políticas pelas classes marginalizadas para desafiar e contestar a hegemonia existente, para contestar o colonialismo, o eurocentrismo.

Reside nesta afirmação uma das urgências e objetivos emancipatórios quando abordamos as concepções de epistemologias do Sul com base em um diálogo aberto entre a diversidade, na confluência de saberes.

A urgência de perceber que a sociedade do espetáculo se constitui em um retrocesso do século XX, em um tempo semelhante ao que ainda não tínhamos nos emancipados da religião, onde o capital se coloca na figura de uma divindade em uma visão de mundo objetivada e através da utilização da força, seja ela física ou psicológica, se transforma em uma realidade.

Uma alienação que arranca a própria vida cotidiana de sua realidade experienciada, de imagens vivas e mediadoras de toda relação social, transformando tudo em mercadoria, em mercadorias espetaculares, quantificadas, vazias e massificadas.

É a vivência no mundo espetacularizado com uma falsa percepção de individualidade e de diversidades, em uma temporalidade baseada no consumo, que é comunicada e não consciente. Dentro de um espaço também produzido e unificado por sistema capitalista em processos de vulgarização do cotidiano, sem limites temporais e espaciais, somente consumos espetaculares, consumos vazios e imediatos.

A mudança paradigmática que agita essa crise da ciência e sociedade moderna visa responder a promessa de emancipação que se concretizou com todos os avanços tecnológicos e desenvolvimento do conhecimento. Ou seja, almejamos a existência de ser para conferir significações a própria vida e não simplesmente reproduzir um processo de subsistência.

A ciência decolonial deve assumir para si a pedagogia da libertação freiriana e de bell hooks, e possibilitar, pavimentar, apontar com mapas, os caminhos possíveis para a autoemancipação.

São os caminhos abertos para uma ciência cosmológica humana, para a metodologia da Cartografia Imagética e para vislumbrar uma ciência decolonial.

Nesta ciência decolonial é necessário dar a palavra a outros filósofos de outras formas de pensar que não fazem parte da racionalidade científica moderna, colonial e eurocêntrica, que estão marginalizados, invisibilizados e aprisionados na colonização do Sul para debater, por exemplo, com Emmanuel Kant, sem que ele seja considerado superior, sem a existência de uma hierarquia de conhecimento, ou para que busquemos eliminar suas contribuições por fato de ser europeu e favorecido pelas explorações coloniais.

É claro que devemos reconhecer a contribuição deste filósofo, especialmente aqui para nós na "Crítica da Razão Pura" (KANT, 2009), quando expõe como o conhecimento se torna possível e como nossa mente processa informações para formar conceitos sobre o ambiente em que somos inseridos. Esse é o seu reconhecimento e importância atribuída ao senso comum como ponto de partida fundamental para a compreensão do nosso ambiente, e lugar de diálogo entre a sua filosofia e outros saberes. Na prerrogativa de que o senso comum fornece experiências sensoriais brutas que são mentalmente organizadas e estruturadas através de categorias e padrões inerentes às nossas capacidades cognitivas.

Mas para a metodologia e a ciência que aspiramos, para a construção de alternativas, o senso comum ao contrário de Kant, não é apenas o ponto de partida para a formação de conceitos mais complexos e abstratos, ele está presente no início no meio e no fim. Nossos sentidos nos fornecem mais do que informações sensoriais básicas e são eles que organizam nossas mentes e não o contrário, são eles que estruturaram e organizam o conhecimento. Consequentemente, o senso comum é fundamental como base perceptiva, imaginativa e criativa sobre a qual produzimos nossa compreensão do mundo.

O senso comum é uma forma cíclica de constituir saberes, sem começo ou fim determinado.

Esse senso comum que encontramos nas epistemologias do Sul deve desafiar a epistemologia dominante, consentindo o conhecimento fora do domínio da ciência, mas sempre analisando-o criticamente. Devem estar conscientes de seus saberes e de outras formas de conhecimento, mas também devem estar conscientes de que a crítica de Kant (2009) é igualmente válida. Principalmente quando apontou as limitações deste saber, enfatizando que nossos sentimentos podem nos enganar, por

isso não podemos confiar totalmente nesses sentimentos, nesses saberes. Uma afirmação que mostra que a mente humana também é ativa na interpretação de informações sensoriais, o que pode levar a distorções e equívocos de percepção.

É preciso ter um posicionamento crítico com tudo o que é analisado e investigado no que tange as construções humanas. Conseqüentemente, enfatizamos o nosso dever de aplicar a mesma crítica à ciência que é essencialmente um trabalho da mente humana.

Ao considerar essa diversidade do conhecimento dentro de um pensamento crítico, transformamos sujeitos ausentes em sujeitos presentes e ativos para verdadeira libertação, para a liberdade e para o desenvolvimento do potencial humano. Mais do que uma atividade prática, surge como uma atividade política ao romper com relações de poder desiguais que levam à dominação e à subjugação.

Esses sujeitos, sejam eles individuais ou coletivos, autores ou intérpretes, tornam-se o principal meio para apreender a relação social entre o conhecimento – aquele que conhece, que sabe – e o próprio objeto do conhecimento para compreender suas técnicas e culturas, como articulam suas formas de resistência. Sem ela, estaríamos simulando formas simultâneas de dominação e criando novas linhas abissais.

Nesta defesa das epistemologias do Sul ou da própria ciência decolonial pode dar a entender que se deseja eliminar e substituir tudo o que representa as epistemologias do Norte, contudo não se trata disso. Concordando com o sociólogo lusitano, o objetivo nesta empreitada de lutas sociais e resistência é “ultrapassar a dicotomia hierárquica entre Norte e Sul⁷” (SANTOS, 2019, p. 26). Não se trata de configurar o Sul como vítima ou se esconder em um processo de vitimização, figura significativa que o Norte os rotulou, e sim colocando o Sul como agente histórico e responsável pela sua própria existência, com plena capacidade para ir além deste dualismo.

Uma luta e resistência que vai ocorrer através do conhecimento de cada comunidade, respeitando as suas individualidades e práticas culturais. Apresentando neste contexto e base teórica, até este momento, nas epistemologias do Sul, a existência de dois tipos básicos de conhecimento nas ecologias de saberes (SANTOS,

⁷ Aqui podemos ver em seu pensamento como uma defesa prévia dos ataques que sofreria, tanto por sua origem, acusações, como por crimes e explorações que tenha exercido, e que ainda estão sendo investigados.

2019), posicionando o sociólogo lusitano não como um pesquisador imaginativo e criativo que desejamos ao pesquisador decolonial, mas tão somente um intérprete de outros pensamento e vivências. São os dois tipos básicos de conhecimento nas ecologias de saberes: os que nascem na luta e aqueles que podem servir a luta, podendo estes serem científicos ou não.

Os que não são científicos – saberes práticos, empíricos, populares, vernáculos – e nesta empreitada metodológica, apresentando a música, o Blues como uma forma de conhecimento, resistência e lutas sociais, uma ruína-semente, um espaço de esperança, nos aproximamos cada vez mais destes conhecimentos artesanais. E por outro lado o conhecimento Ocidental da ciência moderna – o que acaba criando uma linha abissal ao não reconhecer o pensamento científico proveniente de outros locais e métodos que não a ciência eurocêntrica, não reconhecendo e as outras formas de saberes.

E nada seria mais poético que reconhecer o Blues, e outras linguagens musicais que florescem das comunidades marginalizadas, como artesanal e avesso a industrialização, a sociedade de consumo em massa, a própria indústria cultural, como uma cultura com base em uma ciência vinda de solo africano, de um território marginalizado pela própria ciência moderna (o que será apresentado na sequência deste trabalho) para exemplificar esse raciocínio.

Mas antes precisamos dialogar com pensamentos próximo a esses saberes marginalizados, e é o que faremos no próximo subcapítulo.

2.3 As vozes da nossa ciência

A visão profunda que nos leva aos olhares desiguais e diferentes devem despertar em nós a recusa do desperdício das experiências. Ela nos leva a perceber que estamos desperdiçando o nosso próprio conhecimento que vem do Sul em nome de um conhecimento opressor e que tenta nos alienar vindo do Norte. Precisamos compreender que ao falarmos nas outras formas de conhecimento, no senso comum, estamos falando do nosso próprio conhecimento, da nossa própria forma de fazer ciência, de produzir conhecimento e reter sabedoria.

Como o próprio Boaventura de Sousa Santos demonstrou ao longo de suas pesquisas, publicações e aulas de forma teórica e também com suas práticas acadêmicas repudiáveis, é incoerente falar de epistemologia do Sul num argumento

predominantemente eurocêntrico, tal como expresso por pensadores acadêmicos do Norte. Centrando-nos nos intelectuais do Sul, convidando-os a participar neste debate e, o mais importante, lembrando-nos de ouvir ativamente e apreciar verdadeiras vozes da resistência e da libertação.

Convidamos agora aqueles que colocam em palco a magia do nosso blues. O nosso samba é vocalizado nessa ciência. Vozes que sempre nos alertaram sobre a importância da educação para garantir a nossa liberdade, para promover o nosso conhecimento, a nossa cultura, a nossa identidade e a nossa autonomia.

Inicialmente já falamos sobre muitos teóricos desta constelação cosmológica decolonial que são parte de nossas vozes, mas aqui reforçamos a ideia de nos voltarmos a eles, no lembrete da desobediência epistêmica e na noção de apropriações contra-hegemônicas.

Nesta desobediência, “educação” parece ser a palavra-chave como ferramenta de autoconhecimento e valorização de nossas raízes para começamos a refletir sobre uma epistemologia do Sul e sobre a comunicação como estratégia para acumular saberes e nos tornar participantes da produção de conhecimentos e experiências autênticas.

Uma notável participante desta produção de conhecimento e experiências é bell hooks, reconhecida autora estado-unidense, teórica feminista e ativista social antirracista, cujo trabalho influenciou profundamente a conjectura feminista, os estudos culturais e as questões raciais.

Em seu livro "Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade" (2017), hooks discute uma série de conceitos e ideias relacionadas à educação transformadora e ao exercício da liberdade. Publicado originalmente em 1994, este livro desafia as normas educacionais tradicionais, oferecendo uma abordagem mais holística, transformadora e centrada na liberdade. Através de uma abordagem teórica, de reflexão pessoal e exemplos práticos, oferece uma visão apaixonada e crítica de como a educação pode ser um veículo de emancipação individual e coletiva.

Argumenta que a educação verdadeiramente significativa ocorre quando os professores se tornam facilitadores da aprendizagem incentivando os alunos a participar ativamente na construção do conhecimento. hooks incentiva os professores a ir além do currículo padrão e mergulhar nas diversas perspectivas, experiências e identidades de nossos alunos.

Um dos pontos centrais deste livro (hooks, 2017) é que a aprendizagem deve ser uma atividade inclusiva na qual os alunos possam se sentir valorizados, desafiados e capacitados. Ao defender ambientes de sala de aula que incentivem o diálogo aberto, a escuta atenta e a participação ativa. Tendo como consequência a relação entre professor e aluno transformada em uma parceria colaborativa, de crescimento mútuo.

hooks (2017) também critica duramente as estruturas de poder que causam desigualdade social e destaca a importância da educação na decifração destas normas coloniais repressivas. Ressalta a necessidade de os educadores entregar de forma crítica e ponderada com questões de raça, gênero e classe. Isso é preparar os alunos para serem cidadãos conscientes e agentes de mudança.

A educação torna-se aquilo que deveria ser, uma força de resistência e mudança social. À medida que professores e alunos desafiam as normas de opressão e participam de ações conjuntas para edificar uma sociedade mais justa. Portanto, é responsabilidade dos educadores prepararem os alunos para se tornarem cidadãos ativos e críticos, capazes de desafiar as estruturas de poder e trabalhar por uma sociedade justa e equitativa.

Essa abordagem não deveria ser estranha na terra Tupiniquim, na nossa latinidade, pois nos lembra um dos nossos maiores intelectuais, não só na terra do Pau-Brasil, mas também no mundo quando falamos de educação, dispensando apresentações, Paulo Freire.

No seu livro "Pedagogia do Oprimido" (1987), publicado pela primeira vez em 1970, influente na educação e na pedagogia crítica, Freire explora a importância dos oprimidos, especialmente aqueles marginalizados e desfavorecidos na sociedade.

Grifamos a ideia principal apresentada no livro, nomeadamente o conceito de educação problematizadora, em que professores e alunos colaboraram para analisar criticamente as realidades sociais, políticas e econômicas em que estão inseridos. Freire argumenta que a educação tradicional muitas vezes mantém as pessoas oprimidas porque as ensina a aceitar passivamente o conhecimento em vez de encorajá-las a questionar, refletir e agir em prol das mudanças que consideram necessários.

A pedagogia proposta por Freire (1987) centra-se na conscientização e na libertação, tendo em vista que os educadores devem trabalhar com os alunos para identificar e superar obstáculos que os impedem de atingir seu pleno potencial. Um

processo que envolve diálogo, reflexão e ação. Um processo que os alunos se tornam ativos na construção do seu próprio conhecimento e na transformação da sua vida cotidiana e das suas comunidades. Sublinhando a importância da aprendizagem contextualizada em que o conteúdo do estudo é relevante para a experiência de vida do aluno.

Em outro lembrete a ser fixado a educação deve estar enraizada na realidade dos alunos para que possam usar o que aprenderam de forma significativa em suas vidas e estilos de vida.

Uma proposta pragmática de uma libertadora educação semelhante àquela que bell hooks levantou como bandeira para o cidadão consciencioso, é a voz de Freire ao criticar a educação bancária, cujo conhecimento é deixado passivamente aos alunos, ao passo que estes na realidade devem estar ativamente envolvidos no processo de aprendizagem e encorajados a questionar, analisar e mudar a realidade.

É clara a importância de uma relação amorosa entre professores e alunos, mas esta relação não se trata apenas de carinho e dedicação, trata-se de criar um ambiente de respeito mútuo onde o diálogo crítico, o diálogo de puro afeto, possa florescer.

Nessa esperança, Freire (1987) critica a ideia de que os professores devem ser detentores absolutos do conhecimento, antecipando Rancière já nos apresentava o mestre ignorante, e apela a um diálogo colaborativo de conhecimentos em que o saber prévio dos alunos seja avaliado e incorporado ao processo de aprendizagem.

São críticas às estruturas de opressão existentes na sociedade que abordamos e oferecem-nos uma visão alternativa da educação como exercício de resistência e liberdade. Trata-se principalmente de colocar a educação na missão central de permitir que as pessoas tomem consciência da sua situação, participem em ações transformadoras, tornem-se sujeitos ativos da sua própria história, pensadores e construtores de um mundo mais justo e igualitário.

Nesta leitura podemos absorver alguns conceitos importantes da metodologia que iremos propor, são eles: a educação como consciência das estruturas opressivas e das injustiças, da transgressão das relações de poder, das condições de vida e das possibilidades de mudança, a desconstrução do conhecimento, o conceito de diálogo entre professores e alunos de forma respeitosa e aberta como meio de construção de conhecimento e aprendizagem para todos; educação problemática, participando na investigação e reflexão crítica sobre questões sociais e pessoais, promovendo o

pensamento crítico, questionando, analisando e problematizando a sua realidade; a educação como instrumento de libertação individual e coletiva, de empoderamento, tornando os indivíduos autônomos e responsáveis pela sua própria existência ao mesmo tempo em que são responsáveis pela sociedade; alfabetização cultural baseada na experiência e no ambiente em que está inserida, valorizando os conhecimentos prévios dos próprios alunos, valorizando a liberdade de criação e; a importância da educação como um processo contínuo.

Tudo isso pode ser abreviado no amor demonstrado a tudo e a todos, e para essa questão fundamental outra obra de hooks (2021) “Tudo sobre o amor - novas perspectivas”, discute as complexidades do amor levantando questões como confiança, comunicação e compromisso. Explora como o amor está interligado com questões sociais, culturais e políticas.

Com essas constatações nos deleitamos numa perspectiva mais crítica sobre o conceito de afeto.

Isso acontece quando a autora descreve o amor como um compromisso ativo, uma escolha e uma ação contínua, e não apenas um estado emocional momentâneo. Sobre o cuidado e a autenticidade que temos para ter esse sentimento, que não é sobre estar com o outro por medo da solidão. Devemos nos concentrar na necessidade de uma comunicação aberta e honesta, uma escuta ativa e, compartilhar pensamentos e sentimentos, para evitar mal-entendidos e conflitos.

O amor em um paralelo com afeto deve ser uma experiência espiritual que transcende as limitações materiais, sem se separar da luta pela justiça social, tornando-se fonte de energia para a mudança social.

O amor deve ser um sentimento de mente aberta, sem preconceitos ou de desejos de ganhos imediatos, ou até mesmo desta expectativa de algum ganho, e deve ser desafiado pela realidade. Como a ideia de amor incondicional que hooks (2021) descreve e nos alerta, que devemos primeiro ter a ciência do amor-próprio se quisermos ter um relacionamento verdadeiramente saudável um com o outro.

Através do amor e da compaixão, também podemos desafiar preconceitos sobre gênero e estereótipos que causam tantas violências físicas e psicológicas na sociedade.

Os preconceitos falam mais sobre os nossos próprios sentimentos que a ignorância que carregamos em nosso ser. Ele fala mais sobre as nossas origens,

somente se revelam no presente, principalmente em momentos de crises e conflitos, e ofuscam um futuro minimamente mais humano.

Este amor (hooks, 2021) influencia e é influenciado pela educação e pela comunicação que desempenham um papel fundamental na forma como entendemos e praticamos o amor. As mensagens culturais e sociais moldam a nossa perspectiva sobre o amor, porque a educação crítica na comunicação aberta pode ajudar a redefinir estas perspectivas.

A vulnerabilidade diante desse sentimento nos coloca em condições de estabelecer uma conexão autêntica e intrincada na igualdade onde ninguém é superior ou inferior. É uma relação entre autoconsciência, gratidão, perdão, intimidade, aceitação e empatia.

O amor é a forma ideal para criticar a nossa busca insana por bens materiais e a forma como usamos a tecnologia, a nossa resistência aos sistemas de opressão e injustiça e, o que nos dá um sentido de comunidade. É através deste sentimento que percebemos a importância de nos relacionarmos diretamente com outros seres, sem intermediários ou trocas materiais.

O afeto que precisa ser incorporado na metodologia da cartografia crítica é exatamente essa definição de amor. Isto não significa que estaremos livres de conflitos e crises, mas a forma como gerimos esses conflitos e crises é que se torna necessária. As alternativas devem sempre pensadas através do afeto.

Conflitos que podem ser gerados por conceitos, costumes e tradições profundamente enraizados na sociedade mesmo que a sua existência não tenha fundamento, a não ser a preservação do poder de determinado grupo, como o racismo, o sexismo e o patriarcado.

Muitas vezes, a continuidade deste ciclo de desequilíbrios de poder escapa à atenção daqueles que são afetados por ele, e por vezes a própria classe dominante ou aqueles que beneficiam de formas de opressão física e psicológica já não têm consciência destas práticas. Bento (2022), conhecida ativista e pesquisadora brasileira, focou suas pesquisas na análise de questões de raça, desigualdade e discriminação no contexto brasileiro, bem como na manutenção desse poder, e introduziu o conceito de pacto da branquitude contra a forma de exclusão racial que encontramos normalizado na sociedade.

O conceito de Pacto da Branquitude refere-se a um conjunto de valores, crenças e práticas que mantêm a supremacia branca e perpetuam o racismo na

sociedade brasileira. É um conceito que enfatiza e explica como a ideia de branquitude é construída, como se enquadra na normalidade social e enfatiza o seu privilégio. Além de realçar como planeja e edifica estruturas sociais para apoiar mais alguns grupos do que outros.

O Pacto da Branquitude está presente em muitas áreas da sociedade, incluindo instituições, políticas públicas, educação e cultura. Bento (2022) defende a necessidade de reconhecer e abordar estas estruturas para promover uma sociedade mais justa e igualitária, onde o racismo e a discriminação já não tenham lugar e voz. Não se trata apenas de adotar uma postura discursiva que contraria esta realidade, mas é necessário, urgente e necessário colocar em prática os significados e transformá-los em ações concretas que se oponham a todas as formas de preconceitos enraizados na sociedade.

Nestas ações concretas encontramos Djamila Ribeiro (2019), a renomada escritora, filósofo, feminista e ativista brasileira, enriquece esse debate e prática sobre o combate ao racismo e o conceito de pacto da branquitude, com destaque para seu livro 'Pequeno manual antirracista'. Explora detalhadamente as intersecções entre o amor, o afeto e a resolução de conflitos raciais, principalmente nas relações de poder.

Seu livro apresenta experiências da vida real de pessoas negras, explorando como questões raciais podem ser resolvidas com amor e/ou afeto, ao mesmo tempo em que mostra como essas dimensões podem ser afetadas pela luta contra o racismo. O destaque da importância de reconhecer e incorporar emoções e relações humanas complexas em diálogos que abordam o racismo na busca pela igualdade.

O racismo afeta as relações interpessoais, a família e a formação da identidade. Ribeiro (2019) vai além ao abordar a importância do afeto nas alianças entre grupos étnicos e destaca como os vínculos pessoais podem ser uma forma de promover a empatia e a compreensão recíproca.

A autora reconhece que o carinho e o amor desempenham um papel central e fundamental na construção de uma sociedade mais justa e antirracista. A inclusão destes elementos nas suas análises e exemplos mostra como os aspectos emocionais estão indissociavelmente ligados ao combate à discriminação racial e à promoção da igualdade.

Ainda destaca (RIBEIRO, 2021) o que compreende por interseccionalidade na esfera do racismo, explorando a interconexão entre raça, gênero e outras formas de opressão, mostrando como esses aspectos se combinam e influenciam as

experiências das pessoas. Reafirmando a ideia do pacto da branquitude e a necessidade de autoconhecimento racial, da identidade racial, incentivando os indivíduos a examinarem suas próprias atitudes e preconceitos.

Nesta reflexão devemos levar em consideração a exploração dos estereótipos raciais, apropriação cultural e a falta de representação adequada na mídia. Dando espaço a importância da representação diversificada e autêntica para desconstruir preconceitos enraizados e desafiar as narrativas dominantes.

Para resolver essa problemática a proposta se daria através da promoção da igualdade racial no cotidiano com alianças fraternas entre grupos raciais e o papel fundamental da educação antirracista em todas as esferas visando a transformação social. O que iremos demonstrar com o conceito de Arena JAM no decorrer deste trabalho.

Centrando na educação antirracista como determinação e empenho de desconstruir ideia de mitos e noções equivocadas relacionadas ao racismo, é possível desafiar estereótipos arraigados e questionando a normalidade apresentada pela ideologia dominante, através das experiências dos indivíduos racializados, com objetivo de proporcionar empatia e compreensão entre todos. Se trata do lugar de fala, que em um contexto antirracista como mencionado, envolve dar espaço e valorizar os indivíduos, escutar as vozes que vivenciam o racismo.

É a ideia que podemos extrair da obra de Freire (1996), "Pedagogia da Autonomia", quando este pensador destaca a conexão entre ensino e aprendizagem em um movimento de afeto. A ideia é advertir que ensinar e aprender não são processos separados, mas sim um movimento conjunto que envolve a troca de conhecimentos e emoções.

Trata-se dos educadores se preocuparem genuinamente com os alunos, de reconhecerem suas identidades individuais e de estabelecerem uma relação de respeito e empatia. Contribuindo para criar um ambiente no qual os alunos se sentem amados, valorizados e encorajados a se expressarem plenamente.

Estamos falando do afeto na qualidade de conexão entre educação e esperança. A educação como prática que deve alimentar a esperança em um futuro melhor e mais justo, ao desafiar as estruturas de poder e ao promover o pensamento crítico. Como consequência a educação pode contribuir ao capacitar os indivíduos a superarem desafios e motivando a trabalharem coletivamente para transformar a realidade que estão inseridos.

Superar desafios e trabalho coletivo para transformar a sociedade é o que percorremos em “Os Condenados da Terra”, que representa uma notável contribuição literária do psiquiatra e filósofo franco-argelino Frantz Fanon (2022). Originalmente publicado em francês como "Les Damnés de la Terre" em 1961, esta obra se constitui como um marco no campo da teoria pós-colonial, explorando profundamente as ramificações psicológicas e sociais do colonialismo e, da luta pela emancipação. Embora sua ênfase esteja principalmente voltada para as complexidades do colonialismo, as batalhas pela emancipação, as dinâmicas de violência, identidade e descolonização - o tema afeto não é explicitamente trabalhado, mas atravessa toda obra.

Verificamos esse fato nas exposições de conhecimentos vivos das experiências humanas em um contexto de opressão e luta pela liberdade. Essas revelações podem de forma indireta aclarar as relações interpessoais e emocionais que surgem nos cenários coloniais e racistas. Desta forma, a obra “Os Condenados da Terra” (FANON, 2022) não apenas contribui nosso entendimento das implicações do colonialismo, mas também proporciona uma perspectiva sutil e valiosa sobre as dimensões humanas em situações de adversidade e busca por autonomia.

Principalmente ao abordar a psicologia dos colonizados e como o colonialismo afeta profundamente sua autoestima, identidade e relações interpessoais. Expondo a maneira como os colonizados internalizam a visão negativa que os colonizadores têm deles, o que pode influenciar a forma como eles próprios se percebem e como interagem com os outros. São considerações e implicações complexas que ocorrem nas relações humanas em um contexto de opressão.

Essa reflexão abre caminhos para a necessidade de superar as divisões criadas por colonialismo e buscar uma humanidade compartilhada entre colonizados e colonizadores – desde que estes aceitem reverem seus conceitos e modos de vida dentro de uma educação decolonial. Essa superação do conflito requer uma transformação das relações humanas e dos próprios indivíduos.

A problemática superação dos conflitos pode ser resolvido por viés da educação como ferramenta de liberdade e descolonização, de transformação social, empoderamento dos oprimidos e construção de identidades autênticas, que deve estar sempre sendo comunicada e debatida com a diversidade.

A educação que sempre se prestou ao serviço de instrumento de dominação no cenário colonial, com raras exceções, transmitindo ideologias e valores que

perpetuavam a superioridade dos colonizadores e a inferioridade dos colonizados. Essa dinâmica da educação colonial alienando os povos colonizados, impondo uma percepção distorcida da realidade e destruindo sua autoestima, sua identidade, pode ainda ser revertida em uma das mais poderosas ferramentas de resistência e libertação.

Uma educação verdadeiramente libertadora, como defendida por Fanon (2022) vai além da mera transmissão de informações. Envolve o desenvolvimento do pensamento crítico, da consciência histórica e de classes na capacidade de questionar as estruturas de poder.

Ao rejeitar as narrativas coloniais, a educação contribui efetivamente na reconstrução das identidades culturais e a revigorar línguas e tradições que foram negligenciadas e abafadas no colonialismo.

É a educação como resistência ao promover a transgressão ativa da opressão e manipulação, construindo uma consciência coletiva e solidária. À medida que as nações colonizadas buscam por essa independência e autonomia com princípios coletivos e solidários, a educação desempenha um papel fundamental capacitando os cidadãos a participarem ativamente na construção de suas sociedades, compreendendo os desafios políticos, econômicos e sociais que devem enfrentar.

Além do importante papel da educação ao criar líderes conscientes e comprometidos, capazes de guiar suas nações rumo a um futuro de igualdade e prosperidade.

Conjunto de ideias que nos lembra que a educação é muito mais do que a mera aquisição de conhecimento, é uma força dinâmica que pode impulsionar a transformação social, restaurar a dignidade humana e desafiar as estruturas opressivas, ou seja, é a base de toda sociedade livre.

Ao refletirmos sobre as lições de Fanon (2022) e dos outros pensadores até aqui apresentados, somos convidados a reconhecer o poder da educação como um veículo de liberdade, descolonização e construção de um mundo mais inclusivo e equitativo. Fica evidente que o projeto decolonial se inicia com a reconstrução e ressignificação da educação, conseqüentemente da ciência, principalmente para romper com todas as formas de preconceitos, e desta forma não replicarmos as estruturas de exploração, desigualdade e de poder que vigoram na sociedade contemporânea – colonialista, patriarcal, eurocêntrica e capitalista.

Apesar da perspectiva do afeto e da educação que demonstramos e buscamos, Fanon (2022) vai nos mostrar que em alguns momentos precisamos pensar na questão da violência como prática e ferramenta de libertação. Ao argumentar que o colonialismo não apenas explora recursos econômicos, mas também causa danos psicológicos profundos às pessoas colonizadas, examina como a opressão leva à internalização de ideias e valores do colonizador, resultando em uma sensação de inferioridade e auto aversão entre os colonizados, dificultando a própria união entre eles e identificação.

A violência é discutida como uma resposta à desumanização como instrumento de afirmação da dignidade. Por isso o autor explica (FANON, 2022) que a luta deve ser ao mesmo tempo política e armada para que ocorra a transmutação cultural. Com a finalidade de construir uma nova identidade nacional após a independência, enfatizando a rejeição do legado do colonialismo e a necessidade de desenvolver uma identidade autêntica e inclusiva.

É a violência como meio de resistência não destrutivo vista como um ato de asserção da humanidade e de luta pela igualdade. Violência no contexto de uma resposta ao pavor colonialista. Uma alternativa para quebrar as cadeias da opressão e restaurar a dignidade quando a educação não consegue comunicar, libertar e gerar consenso.

Especialmente porque a luta pela independência não se resume apenas nas fronteiras geográficas, mas também à rejeição de narrativas forçadas com o intuito da restauração das raízes culturais e à criação de um futuro autêntico e sustentável.

No cenário colonial que nos encontramos para manutenção das estruturas de poder a comunicação é muitas vezes manipulada para manter o domínio e prevenir revoltas populares. Se trata da denúncia o uso da mídia por colonizadores como instrumento de alienação para impor narrativas distorcidas e como meio de reforçar a visão de mundo da ideologia dominante dos opressores. No entanto, amplifica a possibilidade de comunicação libertadora quando utilizada para empoderar os oprimidos.

A comunicação autêntica e libertadora é uma arma contra a alienação que pode mitigar o inevitável conflito físico intenso. Vai além da simples transmissão de informações e permite ao colonizado questionar-se, refletir e denunciar os abusos que sofreu. Recusando-se espalhar a mensagem das colônias, a comunicação torna-se

assim um meio de reviver identidades culturais, línguas e costumes que foram suprimidos por domínio colonial.

Na desobediência epistêmica para a apropriações contra-hegemônicas infelizmente não ocorrem sempre no campo das ideias, em um debate democrático. Existem muitas armas de opressão física e psicológica utilizada por uma classe dominante para a manutenção do seu poder. Nestas práticas a eliminação não fica no extermínio de práticas culturais, ocorre igualmente o extermínio de corpos. Precisamos nos resguardar quanto a esse fato.

É necessário compreender o significado deste confronto, da resistência contra o colonialismo e da vitória do Sul contra esta ideia opressora.

2.4 Descolonial ou Decolonial?

Nestas significações e confrontos os termos descolonial e decolonial são frequentemente usados de forma equivalente, possuindo a mesma origem em discussões acadêmicas e políticas sobre a luta e superação dos legados do colonialismo. No entanto, esses termos têm particularidades que os diferem dependendo do contexto e das abordagens teóricas que estão inseridos.

Entre os principais pensadores associados à esses conceitos destacamos o sociólogo peruano Aníbal Quijano (considerado um dos fundadores destas ideias), o semiólogo argentino Walter Mignolo, a escritora e ativista chicana Gloria Anzaldúa, o psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon, o professor, crítico literário e ativista político palestino-estadunidense Edward Said, a professora de estudos chicanos e feminista Chela Sandoval, o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel, o filósofo-porto riquenho Nelson Maldonado-Torres, a professora, feminista, artista e ativista antirracista estadunidense bell hooks, o filósofo argentino Enrique Dussel, a feminista e acadêmica indo-americana Chandra Talpade Mohanty, a filósofa argentina María Lugones, a intelectual e ativista boliviana de origem Aymará - Silvia Rivera Cusicanqui, a ativista, intelectual e uma das principais vozes do feminismo negro no Brasil - Lélia Gonzalez, o sociólogo venezuelano Edgardo Lander, o líder indígena e pensador Ailton Krenak, o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro, a feminista negra e fundadora do Geledés Instituto da Mulher Negra, Sueli Carneiro, a filósofa brasileira Márcia Tiburi e o mestre quilombola brasileiro Antônio Bispo dos Santos.

Quijano (2005) utilizando do termo colonialidade do saber, reconhece que o colonialismo não se limita apenas à exploração econômica e política, mas também se estende à esfera do conhecimento. Isso significa que as ideias, as teorias, os métodos de pesquisa e as formas como o saber são produzidos na sociedade colonizadora muitas vezes o considera como superior e universal, enquanto os conhecimentos locais, indígenas, não ocidentais etc., são desvalorizados, marginalizados ou subalternizados.

A colonialidade do saber destaca como os padrões eurocêntricos de pensamento e conhecimento continuam a influenciar as estruturas acadêmicas e intelectuais nas sociedades pós-coloniais. Isso pode se manifestar em currículos educacionais que priorizam o conhecimento ocidental em detrimento das perspectivas locais, na valorização de idiomas e formas de expressão associados ao colonialismo, e na multiplicação e manutenção de narrativas históricas que reforçam visões eurocêntricas.

Os teóricos decoloniais, como é o caso de Quijano, argumentam que a descolonização do saber é fundamental para a superação das estruturas de poder e opressão. Isso envolve reconhecer e valorizar os conhecimentos locais promovendo a diversidade epistêmica e desafiando a hegemonia das perspectivas eurocêntricas. Em essência, a luta contra a colonialidade do saber é parte integrante da busca por uma transformação mais ampla das estruturas sociais, culturais e políticas nas sociedades pós-coloniais.

Ao utilizar o termo colonialidade do poder em seu artigo “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, Quijano (2005) se refere à maneira pela qual as estruturas de poder e dominação colonial continuam a influenciar e moldar as sociedades latino-americanas mesmo após o fim do domínio colonial formal, ou seja, sustentado pelas monarquias. Quijano argumenta que a colonialidade não é apenas uma questão histórica, mas também uma estrutura contínua que permeia várias dimensões da vida social, política, econômica e cultural na América Latina. E por esses motivos exercem o seu domínio até os dias atuais.

Uma das contribuições centrais no desenvolvimento teórico do pensamento de Quijano para os embates contra o colonialismo, é sua análise das categorias raciais e sua influência persistente na América Latina. Nessa análise enfatiza que as categorias raciais introduzidas durante o período colonial, como branco, índio e negro, não apenas foram utilizadas para justificar a exploração e a opressão, mas também

forjaram as identidades e as relações sociais ao longo do tempo. Argumenta que a superação da colonialidade do poder requer uma desestruturação dessas categorias, reavaliação das identidades e relações sociais em termos não coloniais.

Categorias que Freire (1987) ao abordar a descolonização do conhecimento, do saber, viu o seu enfrentamento na promoção de perspectivas não eurocêntricas na educação. Ao colocar a cultura e a experiência local no centro do processo educacional, a abordagem de Freire contribui para uma compreensão mais ampla e diversificada para os seus alfabetizados.

O que vai ser reafirmado por hooks (2017) ao reconhecer que a educação frequentemente reproduz ideias e valores coloniais, e que para ocorrer a descolonização do conhecimento os educadores devem procurar descolonizar o próprio currículo levado em sala de aula, incorporando perspectivas e indivíduos marginalizados, ampliando desta forma a compreensão e a diversidade do conhecimento.

Na mesma toada Ribeiro (2021) ao abordar a decolonialidade, percebe neste conceito um movimento intelectual e político que busca desafiar e dismantlar as influências coloniais e eurocêntricas nas sociedades nas suas formas de produzir conhecimento. Destaque que Fanon (2022) coloca na importância de rejeitar as narrativas coloniais impostas por opressores, argumentando que os colonizados precisam desconstruir as representações negativas que foram forjadas sobre eles e reconstruir suas próprias histórias e identidades, como já mencionado anteriormente.

Uma parte essencial desse entendimento de descolonialismo é o processo de conscientização e despertar das massas colonizadas, que a população no geral precisa compreender a visualizar a realidade da opressão a fim de se unir em torno da luta pela emancipação.

O descolonialismo implica desafiar as estruturas de poder estabelecidas por colonialismo. Isso envolve não apenas a independência política, mas também a reconstrução das instituições e relações sociais de maneira a garantir a igualdade e a justiça.

Dito isso, o processo da descolonização vai além do aspecto político e econômico; também envolve a descolonização da mente e da cultura que devem ser avaliados e até mesmo rejeitados por colonizados os valores e normas culturais impostas pela ideologia que estava no poder, com a finalidade de recuperar a autenticidade cultural.

Essa reavaliação das normas é um trabalho coletivo que poderia ser pensado dentro de um contexto de rede ou uma outra forma de comunicação afetiva entre os povos colonizados, entre os povos do Sul para nós; o que definimos em nossa metodologia como Arena JAM (que ainda voltaremos a tratar sobre esse conceito).

Fanon (2022) nesta concepção pensa na solidariedade internacional ao destacar a importância da solidariedade entre as nações colonizadas na busca por descolonialismo. Que os movimentos de libertação devem se unir, compartilhar experiências e apoiar-se mutuamente. Um pensamento local que se amplia para uma comunicação global dos oprimidos como exigência de uma nova identidade pós-colonial. Uma identidade que não seja definida por colonizador, mas que seja pensada com as aspirações e valores dos próprios colonizados.

A desobediência epistêmica é o mote encontrado no artigo “Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política” escrito por Mignolo (2008). O vocábulo desobediência epistêmica como já enfatizamos anteriormente refere-se a uma forma de resistência intelectual que procura desafiar e perturbar os paradigmas de conhecimento impostos por colonialismo e por eurocentrismo. Mignolo destacou que a cultura e o conhecimento não europeus foram ridicularizados e excluídos no passado por sistemas coloniais. A resistência intelectual é uma resposta a este processo e inclui uma recusa em aceitar estes padrões de pensamento estabelecidos.

Oferecendo opções decoloniais, aparentemente, o autor deixou a entender que devemos escolher e envolvermos em conjecturas e lutas destinadas a dividir a estrutura de poder colonial e desafiar narrativas e hierarquias dominantes. Isto implica interrogar a centralidade do pensamento ocidental e a necessidade de reconhecer e apreciar outras perspectivas e epistemologias.

Mignolo (2008) também oferece diretrizes para estratégias para desafiar e transformar essas estruturas através da consciência e valorização da diversidade cultural e da epistemologia questionando a hierarquia de poder que está enraizada no sistema mundial.

Rompendo as amarras do pensamento dominante e abrindo-se para ampla gama de conhecimentos, podemos contribuir para um mundo mais justo e inclusivo, onde a voz de todos é valorizada e todos são respeitados.

Ao avaliar esta diversidade e respeito pela identidade, no artigo de Anzaldúa (2000), "Falando em Línguas: Uma Carta para as Mulheres Escritoras do Terceiro

Mundo", a renomada teórica cultural, escritora e ativista Chicana cita questões relacionadas à identidade, cultura e escrita sobre meninas do Terceiro Mundo. Explora como essas escritoras conseguiram encontrar e expressar suas vozes únicas em dinâmicas culturais, linguísticas e sociais complexos.

Por trás do debate está a afirmação de que estas escritoras muitas vezes têm de negociar entre diferentes identidades culturais e linguísticas, o que influencia a sua escrita e a sua habilidade de comunicar com um público mais vasto. Anzaldúa (2000) procura encorajar estas mulheres a abraçar as suas identidades híbridas e usar a escrita como forma de resistência, fortalecimento e expressão criativa para batalhar contra os limites do colonialismo e contra todos os mecanismos repressivos herdados do colonialismo e de outros períodos históricos.

O surgimento de uma metodologia voltada para a compreensão dessas questões parece óbvio e exige grandes esforços intelectuais, como o livro *Methodology of the Oppressed* (tradução "Metodologia do Oprimido") de Sandoval (2000). A obra explora interseccionalidade, políticas de identidade e feminismo pós-colonial e contribui para controvérsias sobre justiça social, feminismo e pensamento decolonial.

A "Metodologia dos Oprimidos" de Sandoval (2000) visa desenvolver uma nova estrutura de compreensão para combater os sistemas de opressão. Sua abordagem foi baseada em uma perspectiva da teoria crítica da raça e pensamento feminista, incluindo a teoria pós-colonial. O livro enfatiza a importância de reconhecer a complexidade da identidade e as formas como os diferentes tipos de opressão dividem e interagem.

Um dos conceitos-chave da metodologia desta autora é a ideia de consciência diferencial. Este conceito sugere que os indivíduos marginalizados e oprimidos desenvolvem formas únicas de pensar e aperceber-se o mundo como resultado das suas experiências. Estas formas de conhecimento e compreensão podem ser absorvidas como fontes de resistência e empoderamento. Introduzindo o conceito de consciência opositora em resposta, isto significa uma tentativa consciente por parte dos oprimidos de resistir e desafiar as estruturas de poder dominantes. O que pode ser exemplificado como diversas formas de arte, literatura e produção cultural podem ser utilizadas como ferramentas para desenvolver e expressar esta consciência conflitante.

O feminismo descolonial tentou desafiar as estruturas de poder enraizadas no eurocentrismo e promover uma abordagem mais inclusiva e equitativa para compreender as experiências das mulheres em diversos contextos culturais e históricos. Lugones (2014) vai grifar a importância de reconhecer essa multiplicidade de identidades e experiências destas meninas e critica a tendência de impor uma visão monolítica do feminismo a partir de perspectivas eurocêntricas.

O seu argumento reside na necessidade de compreender as especificidades culturais e históricas das diferentes realidades das mulheres em todo o mundo a fim de construir um feminismo verdadeiramente inclusivo e decolonial.

A importância de refletir sobre um feminismo decolonial é evidente escutando e aprendendo com as experiências das mulheres em diferentes contextos, desafiando as estruturas de poder enraizadas no colonialismo e trabalhando por uma justiça social que reconheça e valorize a diversidade das vozes femininas.

Evidências utilizadas por Gonzalez (1984) ao abordar o racismo e o sexismo na cultura brasileira em sua obra. Principalmente quando falamos em interseccionalidade enfatizando a importância de compreender as intersecções de raça, gênero e classe social. É a consciência de que a opressão não ocorre de forma isolada, mas sim interligada, principalmente quando se trata de mulheres negras, seja por patriarcado ou por outras opressões sociais.

Ao explorar como as estruturas de poder coloniais influenciaram a construção de hierarquias raciais e de gênero, bem como as relações culturais e sociais na sociedade brasileira, examinaremos os problemas dos estereótipos raciais e de gênero. Apreendemos que estamos contribuindo para o desenvolvimento da sociedade brasileira, refletido na cultura através das mídias e imagens criadas e sustentadas na sociedade. É a marginalização da população negra, especialmente das mulheres.

O resultado é o bizarro movimento de branqueamento da sociedade e tentativas de diluir a identidade das pessoas negras através de mal-entendidos, que estão sempre em busca de padrões de beleza eurocêntricos.

Uma abordagem apresentada na "A Crítica da Razão Negra", do filósofo camaronês Mbembe (2014), aborda questões relacionadas à raça, colonialismo, política e identidade negra, explora como a negritude foi criada, desafiada e redefinida ao longo da história. Em particular, as ideias de raça foram instrumentalizadas para

justificar a exploração e a escravização e opressão dos povos africanos e dos seus descendentes.

O impacto político e social das ideias de negritude levanta a questão de como estas opiniões descabidas e sem lastros com as realidades continuam a influenciar as relações raciais e as estruturas de poder contemporâneas.

Abordando (MBEMBE, 2014) questões como a diáspora africana, a descolonização, a violência e a resistência, discute as formas pelas quais a negritude pode ser a verdadeira força para a transmutação social e política, argumentando que é necessário transformar os modos de vida tradicionais, em questionar a negritude e buscar uma abordagem crítica que leve em conta a complexidade das experiências e identidades dos povos africanos.

A estrutura histórica e social deste conceito de negritude explora como as ideias sobre raça e identidade negra evoluíram ao longo do tempo e como estes conceitos são usados para justificar a exploração e a opressão.

Sobre o impacto do colonialismo na identidade e nas relações raciais, políticas e económicas que ainda podem ser ouvidas hoje, Mbembe (2014), propõe o enfrentamento do colonialismo num processo de colonização que visa o fim da biopolítica.

A biopolítica faz referência às formas como o poder político e as instituições governamentais exercem controle sobre os corpos e vidas dos indivíduos quando analisados com estruturas de poder que operam de forma racista, afetando diretamente as populações negras.

É por isso que verificamos que tanto o camaronês como outros pensadores, quanto à ideia de um decolonialismo, enfatizam a ideia ou necessidade de uma decolonização não só pela sua estrutura política e económica, mas pela sua independência, principalmente a decolonização do pensamento e conhecimento. É importante repensar a ideia original, a padronização do conhecimento e suas conjecturas. Desafiando as perspectivas eurocêntricas e abrindo espaço para conhecimentos e estilos de vida diversos.

Recorremos à nossa atenção para refletir sobre o conceito de Diáspora Africana, examinando as experiências das comunidades negras reassentadas à força em todo o mundo devido à escravatura, migração e deslocamento. Analisando como a experiência da diáspora africana influi a formação da identidade e da cultura do povo negro em diversos contextos.

Ideias desenvolvidas no livro "Pele Negra, Máscaras Brancas" escrito por Frantz Fanon (2020), no qual examina os efeitos psicológicos e sociopolíticos do colonialismo e do racismo sobre os negros num mundo dominado por brancos; examinando o impacto do colonialismo na psique negra e aborda questões como identidade, autoconsciência, alienação cultural e racismo internalizado.

Fanon (2020) argumenta que as experiências coloniais obrigaram negros a se adaptarem e aceitar as normas culturais e sociais coloniais. Isso muitas vezes afeta negativamente a identidade e a vontade de alguém em ser existencial.

Utiliza da metáfora da "pele negra" e das "máscaras brancas" para descrever como negros às vezes se sentem obrigados a imitar a cultura e o comportamento branco, a fim de obter aceitação e superar a discriminação através deste mecanismo de fuga.

Isto gera uma dupla consciência que os indivíduos negros enfrentam, sugerindo que devem ver-se através da sua própria perspectiva cultural, ao mesmo tempo que precisam se ver através das lentes da cultura branca dominante. Desenvolvendo um complexo de inferioridade e, na dupla negativa, se tornando igualmente um opressor, pode criar um sentimento de superioridade em resposta a esses abusos.

São efeitos igualmente prejudiciais e, no último caso, podem levar alguns indivíduos a rejeitar suas raízes culturais e adotar uma atitude de superioridade sobre outros na sua própria comunidade, nas suas práticas cotidianas.

Por outras palavras, este colonialismo branco mostra que alguns negros podem procurar aceitação e igualdade recusando a sua negritude e distanciando-se das suas raízes culturais. É a pior das explorações, a psicológica, minando as chances de libertação, de emancipação. São corpos sem significados que se mantem em movimento somente para serem explorados e perpetuarem todas as formas de opressão.

A solução a essa problemática deve ser por meio da educação e desenvolvimento das práticas culturais através do incentivo da autoafirmação, autovalorização e a construção de uma autoestima positiva como resposta à marginalização e à opressão; a importância da preservação e celebração das culturas ancestrais como forma de resistência ao colonialismo e à assimilação. Na rejeição a branquitude pretensiosamente superior que somente gera indivíduos desumanizados e contribui para a perpetuação do sistema opressivo.

A obra "Discurso sobre o Colonialismo" de Aimé Césaire (2020) é uma denúncia assertiva a essa forma de exploração, opressão e desumanização que caracterizaram o colonialismo. Confronta a ideia de superioridade europeia e desmascara a hipocrisia das nações colonizadoras, que disseminavam valores de liberdade e igualdade, mas ao mesmo tempo subjugavam e exploravam populações inteiras. Práticas de brutalidade colonial que ocorria desde a exploração econômica até a repressão cultural. Uma afirmativa que demonstra e argumenta que o colonialismo deve ser visto como um crime contra a humanidade.

Na mesma concepção de Fanon (2020), Césaire (2020) coloca a importância da cultura como forma de resistência e empoderamento. Instigando as nações colonizadas a se reconectarem com suas identidades culturais, suas raízes, rejeitando a imposição de valores externos e defendendo a solidariedade global entre os oprimidos e colonizados, para se unirem na luta contra a opressão, contra a colonização seja ela qual for.

O autor menciona o impacto psicológico do colonialismo ao examinar como as narrativas coloniais afetaram a autoestima e percepção de identidade das populações colonizadas. Levando ao debate a necessidade de uma reavaliação da história para destacar as realizações das civilizações não europeias que foram marginalizadas por registros históricos eurocêntricos.

É a máxima marxista que a história é escrita por vencedores, ou seja, por opressores, e por isso deve ser reavaliada.

O que nos faz definir ao analisar a decolonialidade como uma abordagem teórica e política que procura desafiar as estruturas coloniais de poder, questionando as narrativas dominantes e recuperando o espaço de vozes silenciadas e as perspectivas culturais dos povos colonizados.

Antonio Bispo dos Santos (SANTOS, 2023), um pensador que atravessou e modificou esse trabalho, como iremos abordar nos próximos capítulos, observa que o atual debate central sobre as marginalizações, desigualdades e diversidades gira em torno da perspectiva decolonial, o qual interpreta como a desvinculação das consequências do colonialismo, em um discurso para a própria defesa deste sistema ao tentar apagar as marcas opressoras da humanidade. Na afirmativa que sua construção conceitual se alinha ao prefixo "de" como um indicativo de desapego, como se o colonialismo estivesse doente, com depressão: em um processo de desvanecimento, desintegração, desassociação, decomposição. Um conceito que ele

não vê dentro de comunidades quilombolas, de comunidades tradicionais, ou por menos não deveria fazer parte, ao colocar o conceito decolonial como algo mais urbano, construído por saberes próximos do próprio capitalismo.

Por esse motivo esse autor diz que o compromisso em torno deste debate deva ser simplesmente que as pessoas decoloniais, independentemente de sua localização, é a incumbência de instruir a próxima geração de modo a evitar que perpetue conflitos com a próxima geração destas comunidades tradicionais, ou cosmológicas (SANTOS, 2023).

Ou seja, para este autor o único valor deste conceito ou discurso decolonial é cumprir essa missão, uma necessidade imperativa para o convívio harmonioso de ambos os lados.

Sua alegação se encontra que o termo correto deveria ser contracolonialistas, o que abarcaria uma visão mais cosmológica. E a responsabilidade dos contracolonialistas é motivarem a próxima geração a continuarem se defendendo tanto de atitudes de grupos decoloniais como de grupos colonialistas. Uma prática que deve ocorrer pela autodefesa, sem a necessidade de uma ofensiva, sem a necessidade da completa erradicação dos colonialistas.

A erradicação não deve ser um dos objetivos dos contracolonialistas, visto que devem procurar sempre uma convivência pacífica, desde que cada parte viva sob sua própria luz, sem usurpar o espaço um do outro.

Mesmo que compreenda o colonialismo como algo perverso a qualquer tipo de harmonia ou ideia de igualdade e lute por fim dos preconceitos, o olhar deste mestre quilombola tanto para o processo colonialista quanto o processo decolonial é resultante da mesma origem, a humanidade (na compreensão ocidental, da sociedade industrial, da ciência moderna). Portanto colonialista e decolonialistas tem modos de vida semelhantes, contudo totalmente diferente do modo de vida contracolonialista, ou seja, dos povos que foram colonizados e escravizados.

Neste saber o conceito decolonial acaba conflitando com o pensamento cosmológico. E a alternativa apresentada por Bispo dos Santos, na sua lógica, reside na concepção que o mundo é grande o suficiente, com espaço para todos, conseguindo abarcar até essas diversidades:

Não precisamos destruir os colonialistas. Deixemos que vivam, desde que vivam com o sol deles e não venham roubar o nosso sol ou o nosso vento [...]

O mundo é grande e tem lugar para todo mundo. O mundo é redondo exatamente para as pessoas não se atropelarem. (SANTOS, 2023, p. 54)

Concordamos com quase todos os conceitos apresentados no raciocínio deste intelectual da cosmologia quilombola, mas aqui reside nosso principal ponto de embate. Principalmente por autor perceber o quanto é prejudicial o colonialismo, principalmente dentro de uma metodologia etnográfica e comparativa. Quando afirma que nas aldeias e quilombos existem caminhos que não são largos e que por esses caminhos é possível passar toda a natureza, que todos os seres ali residem coexistem sem conflitos, são compartilhantes. Ao passo que os colonizadores precisam construir estradas largas e nestas estradas a única coisa que é permitido passar são os automóveis. Destruindo os espaços das pessoas e de toda natureza. Até aqui concordamos o desenvolvimento colonial e capitalista causa grandes prejuízos a natureza e a sociedade.

No que continua dizendo que tal fatos não ocorrem nos quilombos ou aldeias porque estes são seres que habitam através de um sistema de cosmologia de natureza politeísta, uma existência baseada na cosmovisão e não centrada no indivíduo, no ser humano. E foi neste contexto que os portugueses aportaram com suas concepções humanísticas, buscando aplicá-las às cosmologias dos povos nativos, uma assimilação que não se concretizou por completo e desse choque emergiu o movimento contracolonial. Novamente concordamos, o choque cultural e a não completa destruição das culturas é que torna as comunidade uma das principais forças contra esse poder dominante do colonialista e eurocêntrico.

Contudo podemos definir que o contracolonialismo, em sua essência, se resume à resistência, que é uma das características do decolonialismo e/ou descolonialismo. É uma representação de recusa de submissão à colonização proposta por outrem, uma defesa contra qualquer tipo de imposição externa. E Santos (2023) ainda afirma que o contracolonialismo transcende o paradigma da colonização moderna estabelecendo um estilo de vida fundamentado na autodeterminação e na proteção das raízes culturais.

Como falamos aqui encontra o nosso embate com este pensamento.

O primeiro ponto é ponderado desvincular o conceito de humanidade dos conceitos e práticas do colonialismo. Na verdade, a compreensão deve se voltar para o quanto o sistema colonial se disfarçou de humanista para assumir a racionalidade distorcida da própria ciência moderna, com o simples objetivo de dominação.

Para essa tese, a afirmação de que tanto o colonialismo como o decolonialismo são perigosos para as comunidades tradicionais, parece um mal-entendido. É semelhante àquele que utiliza uma comparação entre socialismo e nazismo para defender os aspectos negativos do capitalismo. Este tipo de análise ignora o fato de que ao tratar o colonialismo e a independência como alegadas criações da humanidade na verdade reforça a exploração e a desigualdade em curso. Além de uma nostalgia com uma vida passada que não é mais possível, ou que geraria mais problemas ao planeta e a sociedade do que soluções.

O cerne deste conflito é que esta abordagem não parece levar em conta a realidade geográfica de que vivemos num planeta finito onde os limites da natureza não existem, são criações humanas. Não leva em conta que o capitalismo impede o surgimento de outras formas de vida além de suas próprias, mantidas por meio de sanções físicas, econômicas e psicológicas. Portanto, acreditar na viabilidade dessa resistência sem buscar mudar o sistema, seja do eurocentrismo, capitalismo ou colonialismo, equivale ao enredamento na alienação alimentada pela sociedade da espetacularização.

Todavia compreendo as ideias de Antônio Bispo dos Santos (2023) sobre as armadilhas que eles e os seus antepassados enfrentaram na sociedade e nas comunidades sob falsas bandeiras humanistas. Que o seu pensamento tem as melhores intenções ao abordar a prática contracolonial profundamente enraizada na cultura africana, que é um modo de vida que nunca foi nomeado ou validado pela ciência moderna, ou seja, pela humanidade de características ocidentais. Consequentemente, ele agora quer dizer que não terá qualquer efeito, que serão palavras vagas, que soarão mais estrangeiras do que revolucionários e que não amortecerão o colonialismo.

Concordamos que o vocábulo contracolonialismo atingiu o seu objetivo, o enfraquecimento das forças do colonialismo em questão, que é semelhante ou igual ao decolonialismo e/ou descolonialismo. E poderia até ser uma palavra mais forte, uma vez que o seu significado pode ser vestido na própria escrita. Mas como não compreendemos o humanismo como um igual neste processo, e como somos a favor do aniquilamento total, imediato e urgente do poder colonial, decidimos não adotar este termo.

Independentemente da posição assumida neste jogo de palavras e conceitos, qualquer forma de contracolonialismo é muito mais do que apenas retórica crítica;

deve ser um apor à ação, um apor à reflexão profunda e uma ferramenta para a transformação social. É o brado de liberdade por justiça, igualdade e fraternidade, não só para as nações, comunidades e culturas colonizadas, mas para todos os seres. Este é um caminho de esperança e consciência na nossa busca contínua por um mundo mais justo e equitativo.

A leitura desses pensadores nos dá informações e definições importantes para avaliar os termos e conceitos que vamos utilizar. Como já estabelecemos o nosso conceito e posição ao termo contracolonial, vamos definir os termos descolonização e decolonialismo.

A descolonização, ou o processo de descolonização, provou ser uma abordagem importante na procura de estimular e superar as estruturas de poder, conhecimento e domínio colonial que persistem na sociedade moderna. Esta visão parece criticar a hegemonia do pensamento eurocêntrico e procura apreciar o conhecimento e a perspectiva das culturas marginalizadas e coloniais do passado.

O vocábulo “decolonial” é frequentemente utilizado para descrever ações ou processos que procuram derrubar estruturas, instituições e sistemas de poder estabelecidos durante o período colonial. Pode referir-se a práticas e atividades políticas destinadas a alcançar a independência e o domínio político, econômico e cultural de nações ou grupos colonizados. Na procura de romper com a dependência econômica e cultural das chamadas potências coloniais e estabelecer as suas próprias identidades nacionais ou culturais. Isto pode incluir esforços para restaurar as línguas costumes e práticas culturais nativas que foram suprimidas durante o colonialismo.

O termo “decolonial” é frequentemente utilizado no contexto teórico mais amplo para se referir a críticas às estruturas de poder coloniais e examinar as maneiras pelas quais o colonialismo continua a influenciar a sociedade moderna, dando origem a uma nova forma de dominação. Inclui uma análise das ideias do conhecimento, da cultura e as estruturas sociais são criadas pela colonização. E como essas influências persistem nas dinâmicas contemporâneos. A abordagem decolonial pode ser aplicada a muitos campos, incluindo teoria política, epistemologia, filosofia, estudos culturais e educação.

O termo decolonial pode abarcar a significação de atitudes descentralizadas, valorizam o conhecimento e a experiência da cultura colonial.

A descolonialidade ou deconialidade é um campo que possui muitas particularidades e está em constante crescimento. Ocorrendo debates e controvérsias envolvendo muitos pensadores, pesquisadores e ativistas. A palavra quase se perde uma na outra, e neste trabalho é possível ver ela escrita das duas formas.

Contudo ao que esboçamos até aqui, parece correto dizer que o conceito decolonial envolve frequentemente ações e práticas concretas para dismantelar as estruturas coloniais. Embora o termo “descolonial” se refira frequentemente à crítica das consequências mais amplas do colonialismo e ao desenvolvimento de perspectivas alternativas para compreender e transformar a sociedade.

Os dois termos estão ligados pela luta contra os efeitos a longo prazo do colonialismo e procura promover a justiça social, a igualdade e a autodeterminação. Mas como se trata de uma mudança de pensamento através de conhecimentos e experiências de toda a diversidade, de uma mudança epistemológica, na construção de uma metodologia que se quer inovadora e transgressora, e embora estes dois conceitos se tornem em síntese quase que o mesmo posicionamento e significado, vamos adotar o conceito decolonial.

Adotamos o conceito decolonial para enfatizar que compreendemos nesta luta, na sua essência a coragem de questionar o eurocentrismo enraizado que dominou a produção de conhecimento durante séculos. Este conceito lembra-nos que as realidades têm múltiplas e diferentes características, e que o julgamento de seu valor na maioria das vezes depende tão somente da própria comunidade envolvida. Que diferentes perspectivas culturais merecem a atenção e o respeito que a narrativa dominante rejeita. No centro desta jornada está uma compreensão das tradições ancestrais e do conhecimento local que foi marginalizada à medida que uma visão distorcida do progresso foi minada.

A eliminação das hierarquias de poder é o pilar do decolonialismo.

Isto leva-nos a questionar a quem serve o sistema atual e a procurar justiça para os historicamente oprimidos. Com esta importante abordagem compreendemos como as estruturas coloniais sobrevivem. aumentando as desigualdades de acordo com raça, gênero e classe social.

Revela o desejo de uma sociedade mais justa e livre e encoraja-nos a ser ousados e críticos em relação ao colonialismo, adotando ferramentas interdisciplinares para decifrar as raízes da opressão.

Nosso caminho metodológico seja em direção à ideia decolonial ou de descolonização, tem como perspectiva primeira encontrar justiça na fusão de conhecimentos. É a asserção de que toda a vida deve ser valorizada, independentemente da sua origem. É uma celebração da diversidade de perspectivas e uma rejeição da uniformidade e massificação imposta por colonialismo.

Um caminho desafiador para uma ciência edificada com todo os saberes e diversidades que não é útil, mas necessária. Relembrando a declaração provocativa e filosófica do líder indígena brasileiro, pensador, escritor e ativista, membro da etnia Krenak, Ailton Krenak, que dará título a uma de suas obras, "A vida não é útil" (2020), que se refere à reflexão sobre os valores e prioridades da sociedade contemporânea.

Esta frase não deve ser interpretada literalmente, mas antes como um convite ao questionamento da mentalidade utilitarista que muitas vezes leva a uma visão reducionista da vida na qual apenas o que é produtivo ou "útil" é valorizado. É a importância de reconhecer a riqueza essencial da vida independentemente da sua utilidade prática, e de repensar as nossas relações com o meio ambiente, a sociedade e outras formas de vida.

Para contrastar a perspectiva utilitarista com uma visão de necessidade e para dialogar sobre as epistemologia do Sul e outras teorias que investigamos originalmente, que tinham um viés eurocêntrico e consistiam principalmente de figuras masculinos brancas, damos voz às correntes na nossa sociedade do conhecimento e do decolonialismo.

À medida que o debate se expande para considerar a diversidade se torna ainda mais importante a influência inspiradora de Antônio Bispo dos Santos para o centro do nosso palco, através do seu mais recente trabalho, "A Terra Dá, A Terra Quer" (2023).

As análises críticas e as divergências com que nos deparamos com o pensador ao definir o conceito de "contracolonialismo" em nada diminuem a sua significativa contribuição. Na verdade, este autor é um dos encontros e fontes de crescimento mais notáveis nesta jornada de encruzilhada intelectual. O "Nego Bispo" (como é carinhosamente conhecido) atua como um bálsamo, agindo como uma tocha brilhante na encruzilhada mais sombria dos debates sobre cancelamento que falamos inicialmente.

2.5 Por uma ciência decolonial: uma comunicação decolonial

Voltando à questão do que é útil e necessário, Santos (2023) descreve um contraste marcante: enquanto os habitantes das cidades estavam envolvidos num sentido na perspectiva da importância, ele, por sua vez, sentia-se intrinsecamente indispensável, trata-se de ser necessário. Mas para os indivíduos urbanos, a sua presença, e de qualquer outro, não era vista como uma necessidade, era uma coisa útil.

Sua pessoa é usada como um servidor, um prestador de serviços. Embora o seu valor possa ter sido reconhecida em algum momento, ocorre somente a percepção e reconhecimento da sua utilidade. A sua substituição era uma possibilidade constante, visto que não era considerado imprescindível.

Neste aspecto, o autor afirma que os indivíduos que se determinam urbanos cultivam conexões baseadas na utilidade e na importância, não vinculados por relações de necessidade.

No contexto quilombola, de uma comunidade, o indivíduo considerado importante por si só não tem um grande valor. A ênfase recai sobre a pessoa "necessária", aquela que desempenha um papel essencial e vital. As pessoas que se percebem como importantes frequentemente adotam a visão de que os demais existem para atender às suas necessidades, e aqui que se inicia a exploração e seu afastamento do sentido de comunidade.

Em contrapartida, as pessoas necessárias são marcantes; são aquelas cuja ausência é rapidamente percebida, deixando um vazio perceptível. São indivíduos cuja presença é essencial e por quem se empreende esforços para encontrar.

Essa ideia é exemplificada por nosso mestre quilombola ao relatar o caso que seus mestres e mestras da tradição oral foram subestimados por sistema, que tentou substituí-los por mestres da escrita, ou seja, por mestres da ciência moderna ocidental. Por esse motivo que ele se ausentou das atividades de sua comunidade por um tempo para ir buscar conhecimento na escola ocidental, na escola colonizada, no meio urbano, para entender o que se desenvolvia e aprendia neste universo distinto do seu, do mundo das letras que se estendia além das fronteiras de sua comunidade. Frequentou a escola com um único propósito: não para se tornar importante, mas para ser necessário, alguém capaz de contribuir para a sua comunidade e não deixar que

esse processo de invisibilidade de seus mestres quilombolas caíssem na invisibilidade.

Propósito que se fortaleceu com sua experiência na cidade ao perceber que apenas o que pode ser transformado em mercadoria é valorizado. A exemplo das narrativas que são frequentemente escritas, pois a arte de contar histórias se tornou uma profissão. Enquanto no contexto da comunidade em que vive, compartilhar histórias é uma prática que não demanda pagamento. As histórias são contadas com o propósito de enriquecer a jornada da própria comunidade, não monetariamente, mas emocionalmente.

O que Santos (2023) está nos relatando é justamente as consequências da separação entre o sujeito e objeto, onde o objeto mercantilizado é endeusado e o sujeito que lhe confere significação pode ser facilmente substituído por outro, portanto é somente útil em uma relação social, mas não é necessário. Esquecem que todas as vidas são necessárias e que essa é a prática de uma relação orgânica com a natureza.

A distinção entre sujeito e objeto na ciência moderna é uma separação teórica com consequências concretas; enquanto a separação que ocorreu entre natureza e a sociedade é uma aparente distinção da realidade e que acarreta consequências epistemológicas nas teorizações e conceituações. Transformando tudo, através do desenvolvimento tecnológico em artefatos tecnológicos, até a própria cultura e a natureza fora da consciência humana.

Foram criadas fronteiras semelhantes às da geográfica política, e acirrando o dualismo entre natureza e cultura, cidade e natureza, entre o ser o seu próprio conhecimento, abstrato e concreto, ser e objeto.

Em um discurso de dominação de poder e que respinga no discurso do sexismo, por colocar a figura do dominante como masculino e do dominado na figura do feminino. O masculino se transforma em uma abstração universal, fora da natureza, e o feminino em particularismo, vinculações naturais que devem ser dominadas. Motivo do cuidado e senso crítico que devemos ter com os ciclos sociais e históricos de retorno a natureza no sentido do discurso de dominação, de dominar o corpo feminino neste caso.

Não podemos olhar a natureza sobre a perspectiva da dominação e sim de extensão da nossa própria existência. É o que demonstra o mestre quilombola (SANTOS, 2023) lembrando a sua infância quando era orientado por mais velhos a ouvir os cantos dos pássaros e os sons da mata. Esse ambiente que vai guiar a

trajetória de cada ser, é ele que vai informar como será o dia e como a vida vai ser construída. Todos os seres da natureza estão conectados e comunicam algo, é preciso nos colocar na condição de ouvintes atentos para entender as suas mensagens.

É no reconhecimento da natureza, de si e da comunidade que configuramos e damos significado a vida material e imaterial, objetiva e subjetiva. A própria ideia de moradia, de arquitetura, deve seguir esses preceitos para uma harmonia não só com a natureza, mas também para com a cultura.

Por isso se faz tão necessário aproximar as ciências naturais das ciências humanas na revalorização da humanidade, na racionalidade estético-expressiva, ou seja, das artes e da literatura, que junto do princípio da comunidade, podem ir além da representação dominante da modernidade. Rompendo com a dicotomia ciências naturais e ciências sociais para reconstruir o conhecimento emancipação.

É a luta decolonial por fim de todas as hierarquias verticalizadas de poder.

O conhecimento deve gerar a emancipação, as representações da modernidade, da comunidade e da racionalidade deve ser um conhecimento local e transmitido por discurso argumentativo.

Não estamos aqui negando que a ciência moderna travou uma batalha benéfica contra os monopólios da interpretação e representação, a exemplo da Religião, Estado, família, partido etc. Existem resultados positivos desta luta e indispensáveis para o conhecimento-emancipação, principalmente para ultrapassar a própria modernidade, ou o que se denomina de pós-moderno. Entretanto a colonização das outras formas de racionalização causou um desequilíbrio entre a regulação e emancipação.

O benefício de romper com os monopólios da interpretação deu lugar a uma nova problemática, que é a própria renúncia da interpretação, uma causalidade própria do utopismo automático da tecnologia e do consumismo, na crença de que estaríamos salvos dentro das concepções do progresso. Somente esquecemos de questionar a quem servia este progresso.

O conhecimento emancipatório pós-moderno enfrenta desde o início das suas formulações os monopólios de interpretação e a renúncia à interpretação. Para combater isso precisamos ter como estratégia o fortalecimento e propagação de comunidades interpretativas. Que são comunidades políticas, subjetivas e solidárias, para ir contra o colonialismo.

Nesta perspectiva positiva de algumas batalhas travadas pela ciência moderna dentro do colonialismo é que encontraremos o principal embate entre Boaventura e Bispo dos Santos.

O mestre quilombola (SANTOS, 2023) apresenta uma analogia interessante sobre suas responsabilidades na comunidade, comparando seu papel no adestramento de bois à ação de colonização. Nessa comparação, ele ilustra como ambos os processos – o adestramento e a colonização – compartilham essencialmente o mesmo propósito. Tanto o adestrador quanto o colonizador iniciam seus esforços através da desterritorialização, buscando eliminar a identidade do indivíduo ou grupo, afastando-os de sua cosmologia e do que consideram sagrado, e impondo um modo de vida distinto do que estava acostumado. Esse processo é acompanhado até mesmo pela atribuição de um novo nome, um ato que o autor descreve como um esforço de apagar a memória existente, permitindo a composição de uma nova.

No contexto da nomeação e avaliação dos monopólios interpretativos, o pensador quilombola explora técnicas de adestramento para manipular habilmente a sociedade colonial. Ele entende que, para combater esta dominação, as interpretações coloniais da ciência e do discurso político devem ser utilizadas como armas contra os opressores que procuram subjugar diferentes formas de pensar e estilos de vida.

Para superar esta realidade, o autor sugere que as comunidades e culturas oprimidas, domesticadas e colonizadas devem redefinir as nomenclaturas de acordo com as suas próprias cosmologias.

Isso significa afinar conceitos científicos e repensá-los com base em conhecimentos ancestrais. Transformando em ferramentas contra o colonialismo. Santos (2023) chama esse processo de "guerra das denominações", um jogo concebido para contradizer as palavras dos colonizadores até que estes percam a capacidade de exercer o seu domínio.

Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: "Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?". E respondi: "Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofobia. Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandêmico e botar para ferrar a palavra

desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento. (SANTOS, 2023, p.13-14)

A seguir, o autor ilustra outros exemplos de substituição de termos, ilustrando a troca de desenvolvimento sustentável por biointeração, coincidência por confluência, saber sintético por saber orgânico, transporte por transfluência, dinheiro ou troca por compartilhamento, e colonização por contracolonização. Uma abordagem que ele compara aos recursos usados nas comunidades na favela. Usando gírias para melhorar sua comunicação e palavras para que seus colonizadores não as entendem.

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. (SANTOS, 2023, p.15)

A confluência de saberes é sem dúvida uma das definições conceituais que pode substituir o conceito de ruínas-sementes que iremos explorar, sublinhando inclusive a importância das epistemologias Sul ao nos proporcionar esses conhecimentos quando nos abrimos as suas ricas relações culturais. É a ruptura que necessitamos na luta decolonial para romper, ou melhor, contra o desperdício das experiências, para avançar com o próprio pensamento de Boaventura de Sousa Santos

Nas epistemologias do Sul precisamos sempre reconhecer, identificar, classificar, desconstruir e denunciar essas linhas abissais que nos impendem em adentrar a esses novos territórios e saberes, decolonizar o conhecimento, romper com os ideais do patriarcado. Não se trata somente de ir além no campo da política, mas principalmente no campo epistemológico promovendo um novo conhecimento, ou melhor, alternativas ao conhecimento.

É o rompimento com a ciência moderna para uma ciência pós-abissal que vai estar assentada na ecologia de saberes na copresença dos diferentes saberes, de suas confrontações, afinidades, divergências, contradições, complementaridades e validades.

É utilizar do conhecimento que emana destas comunidades para romper com a dominação ao desenvolver a capacidade autônoma de poder em cada indivíduo ou coletivo. É o mantra do poder ao povo, para as suas lutas sociais e de resistência. Que aqui vai resultar no desenvolvimento da ciência pós-abissal para uma ciência

decolonial, da ecologia de saberes para a confluência de saberes e da ruína-semente para as coordenadas de territórios.

A retórica dessa nova ciência pós-abissal somente pode se opor a toda forma de opressão e para tanto deve ser compartilhada com o todo. Não se trata da democratização do conhecimento e sim a democratização dos conhecimentos, é no plural que vai falar essa nova retórica.

Boaventura (SANTOS, 2002) expõe como a retórica se tornou um discurso central na ciência, um elemento fundador da ciência moderna. Que pode levar a uma ciência fraca e dentro de um novo paradigma a retórica deve ganhar uma mudança radical.

Nesta linha de argumentação, ao reconhecer os limites do conhecimento, somos lançados a uma análise que parte das implicações da vida cotidiana em direção ao global. O autor ressalta que a análise retórica da ciência moderna oferece uma visão limitada do conhecimento pós-moderno, o qual se baseia nas tradições epistemológicas marginalizadas na modernidade e no Ocidente, focando em um saber que busca a emancipação. No entanto, existe a determinação do papel central da retórica na construção de um conhecimento prudente para uma vida descente.

Estamos aqui então cumprindo com uma de suas afirmativas, ao romper com o conhecimento limitante do colonialismo, não que seu pensamento seja descartado, é acrescentado. Por sorte ou pela própria cosmologia, Santos se torna dos Santos.

O que nos arremata para a urgência e necessidade de reimaginar o conhecimento emancipatório, com a emergente nova retórica totalmente reconstruída desde suas bases. Isso implica em uma crítica radical visando a concepção de uma retórica inteiramente nova, que priorize a persuasão genuína em vez da simples convicção. Na nova retórica (SANTOS, 2002) ainda encontramos a polarização do orador e do auditório, com protagonismo ao primeiro. O diálogo entre eles é existente, mas exige do orador um conhecimento prévio do auditório, para com isso alcançar o seu objetivo de influenciar. Logo a dimensão dialógica é minimizada para este fim, em uma relação semelhante à relação entre sujeito e objeto na ciência moderna.

Propondo então uma novíssima retórica, Boaventura (SANTOS, 2002) diz que para ocorrer um fortalecimento da dimensão dialógica, convertendo em princípio regulador da prática argumentativa, as fronteiras entre o orador e auditória praticamente devem deixar de existir. Gerando um progresso do conhecimento através do autoconhecimento.

Na nova retórica o auditório se torna um dado; na novíssima retórica é um movimento de permanente transformação do conhecimento, é um processo social.

A ciência moderna, colocando a sociedade como um dado e não um processo social, se constituiu em oposição ao senso comum, que se trata de sua ruptura epistemológica prejudicial. Que delimitou aquilo que chamamos de conhecimento verdadeiro e do outro lado, em oposição, colocou o senso comum.

O ideal então ocorre com a dupla ruptura epistemológica na perspectiva do senso comum sendo transformado em conhecimento, em uma forma de fazer ciência, ou seja, a própria ciência se tornando senso comum, ou como se pretendia. Onde toda forma de conhecimento é voltada para compreender e explicar algum fenômeno.

Esta dupla ruptura epistemológica é a proposta do Boaventura, e o próprio sociólogo acabou assumindo o papel de ciência moderna, conservadora e mistificada:

[...] o conhecimento-emancipação tem de romper com o senso comum conservador, mistificado e mistificador, não para criar uma forma autônoma e isolada de conhecimento superior, mas para se transformar a si mesmo num senso comum novo e emancipatório. (SANTOS, 2002, p. 107)

Logo o conhecimento-emancipação deve ser convertido em um senso comum emancipatório, dentro de uma dimensão utópica e libertária. Este senso comum deve ser prático e pragmático. Prático ao dialogar com as necessidades reais, e pragmático na interdisciplinaridade ao se colocar em oposição a ciência moderna.

Boaventura (SANTOS, 2021), ao escrever sobre a Pandemia, ao perambular pelas inúmeras cartografias do mundo como um aventureiro pandêmico ao estilo de seus compatriotas colonizadores em suas caravelas e tronos, distante dos reais problemas da sociedade, ao criar seus mapas e em outros momentos estar na figura de intérprete se viu diante de um duplo sentimento, o medo e a esperança. Ao se colocar como espectador e agente histórico na expectativa de um novo século, uma nova época, que como todas, tem o seu início com um grande marco histórico, que agora seria a pandemia. Na exposição que a lição mais radical do vírus é que a época que começou no século XVI com a expansão europeia está encontrando seu fim, a natureza que nos pertencia aparentemente por nossos princípios e leis desde o século XVI, agora nos recorda do pertencimento das nossas limitações com a própria natureza. A bussola da história parece estar apontada para um outro local, para um novo momento.

A esperança pode ser medida pela validade utópica que a própria concepção de epistemologias do Sul carrega. Mas o medo é facilmente justificado no conceito de cosmofobia cunhado nesta perspectiva quilombola (SANTOS,2023). Onde a cosmofobia, uma aflição intrínseca ao pensamento colonialista, manifesta-se através de diversos sintomas, sendo um deles o receio em relação ao que é considerado sagrado, portanto, imutável. Para uma compreensão mais profunda dessa condição, é imperativo explorar a trajetória das pessoas que a ela cedem. Para tal processo exemplifica a análise iniciando no relato bíblico da expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden.

Desta forma o medo da pandemia pode ser visto tanto na eliminação quanto na exclusão da sociedade moderna, na própria mudança do que poderia vir a ser a sociedade ocidental. Um medo que se justifica exatamente na artificialidade que se tornou a vida humana se distanciando da natureza e que tem a sua representação máxima na vida urbana. Compreendendo as cidades como espaços de exclusão de toda forma de vida que não a vida artificial.

Segundo a análise de Santos (2023), a humanidade se viu desconectada da natureza a partir da ocorrência do pecado original. Esta ruptura resultou em uma penalização que impediu os seres humanos de experimentarem sua conexão intrínseca com o reino animal, configurando uma distância originada, em parte, pela manifestação da própria cosmofobia.

A cosmofobia é o medo, é uma doença que não tem cura, apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofobia? A contracolonização. Ou seja, o politeísmo, porque a cosmofobia é germinada dentro do monoteísmo. Se deixamos o monoteísmo e adentramos o politeísmo, nos imunizamos. No mundo politeísta não existe pecado original, ninguém foi expulso do Jardim do Edem, ninguém tem memória de terror. Os deuses e as deusas são muitos e não temos medo de falar com eles. No mundo politeísta, ninguém disputa um deus, porque há muitos deuses e deusas para todo mundo. Como no monoteísta só há um deus, é uma disputa permanente. O povo de Israel contra o povo da Palestina, por exemplo. (SANTOS, 2023, p.15)

Isso não quer dizer que todas as pessoas ou religiões precisem cultivar vários deuses, somente significa que não precisamos disputar com ninguém aquilo que é sagrado e muito menos devemos impedir o sagrado do outro. Que precisamos sair dessa lógica de mercantilização e posse, de hierarquização entre as pessoas, que acaba levando ao medo para com os nossos próprios semelhantes e para com o futuro.

Que é essa lógica que nos leva a querer cada vez acumular mais, é o acúmulo da exploração, do esgotamento, gerando um sentimento estranho de pertencimento com a natureza através da sua desconexão e dominação, um pertencimento baseado na posse e subjugação.

Lógica própria das cidades, própria das estruturas colonialistas

Este sentimento de pertencimento e dominação da natureza são de responsabilidade direta dos três pilares da dominação moderna: o capitalismo, colonialismo e o patriarcado. Exploração da natureza que serve como base da exploração do trabalho humano, da mercantilização da vida, do sexismo e racismos.

O próprio ato laborioso humano, assim como a transformação de sua existência em uma mercadoria transversal, converte toda produção em um vazio significativo. Nesse contexto em que tudo acaba sendo mercantilizado, Santos (2023) direciona sua análise ao teatro, abordando-o como uma prática que adultos executam enquanto outros adultos pagam para contemplar. No entanto, com a mercantilização da arte, o teatro perde sua essência, transformando-se em uma mera simulação de atividade. Contrastando essa prática, nas comunidades quilombolas e tradicionais, a noção de "brincadeira" que está ligada à ação construtiva; é uma forma de interação com o próximo e com o meio ambiente.

Como afirma o mestre quilombola Bispo dos Santos (SANTOS, 2023, p. 22):

O teatro, assim como qualquer outra manifestação artística subjugada à lógica mercantil, obstrui o diálogo das almas. A arte nutre-se da vida e não deve ser reduzida a uma mera mercadoria.

A explicação da arte como conversa entre almas é justificada pela ausência de autoria das cantigas nos quilombos, que não existe este sentimento de posse por parte dos artistas. A ideia da arte, do indivíduo que faz arte é servir ao comunitarismo, é o compartilhamento. O que para o autor contradiz o conceito de cultura ocidental.

Uma afirmativa dura a nossa própria forma de existência que precisamos encarar, enquanto eles possuem modos de vida e que podem ser modificados, na cultura existe uma maior resistência as mudanças por ser padronizada, mercantilizada e colonial.

A contradição reside que são eles justamente que escutam dos colonialistas que eles não possuem uma cultura exatamente por não compreenderem essa padronização e mercantilização, um suposta erudição. Enquanto essa razão, ou

melhor, estranha indagação, deveria ser justamente inversa, que são os colonialistas, os eurocêntricos ocidentais que não conseguem viver culturalmente por não conseguirem viver harmoniosamente e artisticamente com a natureza.

É nesse conflito existencial entre as formas de saber, dos modos de viver que os problemas se colocam nas emergências que estão balançando os alicerces da ciência e da sociedade moderna. São conflitos que inicialmente interpretávamos nas epistemologias do Sul através de uma sociologia lusitana (SANTOS, 2021), aplicada em três dimensões principais:

a) Ruína-semente:

São um presente ausente, uma fusão de memória e uma vislumbre de um futuro alternativo. São a personificação de tudo aquilo que grupos sociais marginalizados identificam como conceitos, filosofias e práticas originais e autênticas. Apesar de terem sofrido embates históricos, essas ideias continuam a existir, sobrevivendo não apenas na lembrança, mas também nos espaços escondidos do cotidiano marcado pela exclusão e discriminação. Elas brotam como fontes de dignidade e de esperança, forjando um caminho em direção a um horizonte pós-capitalista e pós-colonial.

Embora existam traços de nostalgia nessa relação, a nostalgia é vivenciada de maneira antinostálgico. Ela se insere em um quadro de expectativa por um futuro que transcende o caos das alternativas eurocêntricas, pois sempre se manteve à margem dessas mesmas alternativas. Assim, essas concepções paradoxais são, ao mesmo tempo, ruínas e sementes. São personificações de grupos sociais marginalizados da cartografia do pensamento moderno, encontrando-se do outro lado da linha abissal e imersos na sociabilidade colonial.

b) Apropriações contra-hegemônicas:

São conceitos, filosofias e práticas que originalmente surgem das esferas dos grupos sociais dominantes, com o propósito de manutenção da dominação moderna. Entretanto, os grupos sociais marginalizados apropriaram-se destas ideias, reinterpretando-as e reestruturando-as. De forma criativa e criteriosa, eles as subvertem, remodelam e transformam, transformando-as em instrumentos de resistência contra essa mesma dominação.

c) Zonas Libertadas:

São espaços construídos em torno de princípios e normas que se contrapõem àqueles que prevalecem nas sociedades capitalistas, colonialistas e patriarcais. Denominadas de zonas libertadas, essas comunidades operam com um consenso

fundamental, fundamentado na participação equitativa de todos os seus integrantes. Esse espaço possui uma dimensão que é simultaneamente performativa, figurativa e educativa. Em essência, as zonas libertadas são um exemplo concreto de utopias realistas, representando uma das manifestações concretas das aspirações das epistemologias do Sul.

Esses três tipos de emergências apontadas na teoria das epistemologias do Sul podem trabalhar conjuntamente (como ocorre na maioria dos casos) ou pensadas de forma individualizadas, tanto para desenvolvimento de alternativas ou como escolha metodológica.

No desenvolvimento desta metodologia, posteriormente nos Partes 2,3,4 e 5, que se trata da exemplificação prática de nosso pensamento, tendo como o estilo musical do Blues, essas dimensões se mostram bastante pertinentes. Todavia veremos elas se transmutando dentro da ciência decolonial na terceira realidade, na confluência de saberes e nas coordenadas de territórios.

Na sua essência o Blues é um presente ausente, é um gatilho de memória e se configura como uma alternativa de resistência no futuro. Este estilo musical é representativo e significativo para diversas classes sociais e comunidades, que os reconhecem como concepções, filosofia e práticas de resistência e luta social. Mesmo que em algum momento tenham se curvados ao sistema capitalista, fortalecido o colonialismo e reforçado o patriarcado, ainda se configuram como lembranças e esperanças de um futuro promissor.

Aqui encontramos outra semelhança com o Blues, como não poderia ser diferente até por nome que é dado ao conceito – ruína –, um aspecto de nostalgia, entretanto essa nostalgia deve ser experienciada e sentida como antinostálgico, precisamente porque ela visa romper com um passado que era opressor, com um capitalismo avassalador, colonialista e patriarcal. A ruína-semente deve se configurar com uma alternativa inteiramente nova e moderna, algo que transforme a sociedade. As ruínas sementes devem ser vivas, ativas e memórias do que fomos e o que pretendemos ser.

Pode consistir na invocação de um mundo pré-moderno, mas o modo como é invocado é moderno, representa a aspiração de uma modernidade outra. Estamos perante ruínas que são vivas, não porque sejam 'visitadas' por vivos, mas porque são vividas por isso, são simultaneamente ruínas e sementes. Representam o paradoxo existencial de todos os grupos sociais que foram vítimas da cartografia do pensamento abissal moderno ao serem 'localizados' no outro lado da linha abissal, no lado da sociabilidade colonial [...] Enquanto

para o mundo colonizador a nostalgia das ruínas é a memória perturbadora da 'face obscura da modernidade', para o colonizado é simultaneamente a memória perturbadora de uma destruição e um sinal auspicioso de que a destruição não foi total e de que o que pode ser resgatado como energia de resistência aqui e agora é a vocação original e única para um futuro alternativo. (SANTOS, 2019, p. 56)

O foco na ruína-semente neste momento não quer dizer descartar totalmente as duas outras emergências, observe que essas dimensões interagem entre si, existe uma relação triádica.

Seria impossível não pensar por exemplo no estilo e modo de vida do Blues, na música, e na própria produção cultural, e não perceber que a própria indústria cultural, na indústria fonográfica, a sociedade de consumo em massa e mesmo a sociedade moderna (informatizada, com seus diversos processos de globalizações) são aparatos de dominação hegemônicos e que precisamos então realizar o processo de apropriações contra-hegemônicas para uma efetiva transformação nas lutas sociais.

Precisamos nos apropriar deste conceitos filosóficos e práticas de dominação os ressignificando, refundando, subvertendo e transformando de forma crítica e prudente em instrumentos contra todo em qualquer tipo de dominação do ser humano sobre o ser humano.

Da mesma forma que devemos procurar dentro deste desenvolvimento cultural, seja ele da música no geral ou no próprio Blues, as zonas libertadas, que tentam dentro dos seus princípios e regras se manterem distantes das amarras do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. Essas utopias realistas não só se configuram como objetos, mas como espaço rico de conhecimento para a ecologia de saberes. São experiências que não podem ser desperdiçadas pelas epistemologias do Sul.

As zonas libertadas se configuram em alternativas que já estão sendo colocadas em práticas, testadas e validadas, seja dentro de uma lógica de confrontação ou paralelo ao próprio sistema vigente. São experiências sociais que enriquecem a pedagogia das epistemologias do Sul.

Estas três emergências abrem caminho à transição da ciência para uma sociedade pós-abissal, para a ciência decolonial, todavia o processo não é imediato e requer muito trabalho coletivo.

Nos capítulos subsequentes, à medida que são apresentados conceitos de ciência decolonial e métodos da Cartografia Imagética, estes três fenômenos emergenciais combinam-se e vão se transmutando em outros conceitos, seguindo o jogo de palavras apresentado por Santos (2023), a exemplo do conceito que apresentaremos como Coordenadas de Territórios.

Uma abordagem no interior da comunicação decolonial que se baseia nessas reflexões das tradições quilombolas, na relação entre o sujeito e o objeto, na separação entre natureza e cultura, e complexas dinâmicas de poder que lhe são inerentes, e forjamos os conceitos refletidos no conceito da sociedade decolonial.

Essa ideia nos convida a repensar a forma como nos comunicamos e entendemos o mundo especialmente no contexto de comunidades marginalizadas e ex-colônias (se isso é possível de ser verificável hoje).

Precisamos nos debruçar sobre o conceito de comunicação decolonial, precisamos reler trabalhos que tratam diretamente do assunto ou o tangenciaram, e exemplo dos pensadores: Nelson Maldonado-Torres, Anibal Quijano, Ramón Grosfoguel, María Lugones, Walter D. Mignolo, Arturo Escobar, Gloria Anzaldúa, Édouard Glissant, Sabelo J. Ndlovu-Gatsheni, Frantz Fanon, Sueli Carneiro, Frei Betto, Muniz Sodré, Luiz Rufino, Kabengele Munanga, Catherine Walsh, Linda Tuhiwai Smith, Homi K. Bhabha, entre tantos outros que debatem a decolonialidade.

A comunicação decolonial vai além das abordagens tradicionais de troca de informações e significados. Baseia-se na criação de um novo conhecimento de libertação e redefinindo a nomenclatura desafia a estrutura dominante de interpretação e, avaliando o conhecimento de novos ancestrais. Neste paradigma, a comunicação não é apenas um meio de transmissão de dados, mas um ato de resistência e transmutação cultural.

É necessário confrontar as estruturas de poder e dominação que estão presentes na comunicação e conseqüentemente na própria produção de conhecimento. Uma abordagem crítica que visa objetivamente decolonizar a produção, distribuição, recepção e significação das mensagens na sociedade. Questionando sempre o eurocentrismo, as hierarquias de conhecimento e poder da comunicação global.

A centralidade da comunidade é essencial na comunicação decolonial; que reafirma a promessa de uma conexão interdependente entre o indivíduo e o ambiente natural e cultural. As comunidades são vistas como espaços sem fins lucrativos onde

histórias são compartilhadas para melhorar emocional e espiritualmente a jornada coletiva. A prática de recontar histórias não é simplesmente uma transmissão de informação, mas uma forma de manter a identidade cultural, fortalecer os laços comunitários e desafiar as narrativas impostas por colonialismo.

A comunicação decolonial também enfatizou a necessidade de superar o dualismo entre as ciências naturais e sociais. Pretende combinar diferentes tipos de conhecimento, incluindo o conhecimento tradicional e científico, para remodelar a nossa compreensão da realidade. É fundamental a revalorização da humanidade na qual a racionalidade estético-expressiva (arte e literatura) desempenha um papel importante na reconstrução do conhecimento emancipatório.

Com essas premissas busca-se a transformação social através da conscientização, do diálogo aberto e crítico para a construção de alternativas comunicacionais para contestar o colonialismo, o racismo e todas as outras formas de preconceito e opressão. Formas de exploração que estão baseadas nas questões conceituais da colonialidade do poder, subalternidade – que demanda uma forte resistência de todos.

Pensando na perspectiva da teoria decolonial para refletirmos uma metodologia da cartografia imagética e da centralidade do conceito de terceira realidade, a perspectiva deve ser sempre interdisciplinar, tensionando ao ponto de as próprias disciplinas perderem as suas fronteiras.

Existe então a centralidade da comunicação decolonial na teoria decolonial, não que ela se limite a comunicação, mas que se utiliza dela para as transformações sociais necessárias em grande escala através da conscientização, auxiliando e sendo essencial para decolonizar as estruturas de poder e dominação ao promover uma perspectiva mais justa e fraterna, inclusiva e igualitária, com diversidade e equidade.

No centro da comunicação decolonial se encontra a “Guerra das Denominações” proposta por Santos (2023). Esta estratégia envolve apropriar-se de ideias científicas e repensar através de conhecimentos decoloniais. Esta não é apenas uma forma de resistência simbólica, mas uma forma poderosa de desconstruir o domínio colonial no campo de peleja da linguagem e do pensamento.

Assim, a comunicação decolonial está a reconectar, repensar e redefinir estruturas coloniais desafiadoras. Apreciar a cultura e o conhecimento das pessoas marginalizadas. Convertendo a comunicação em uma ferramenta de empoderamento

e resistência, bem como maneiras de criar uma compreensão mais autêntica e cosmológica.

No contexto do conceito de comunicação decolonial apresentado acima, a ciência é vista de novas maneiras e com uma outra roupagem, com ênfase na reconstrução do conhecimento emancipatório e a libertação das estruturas de interpretação e poder associadas a esse conhecimento. Isto é o que denominamos de ciência decolonial. Procurando ir além da ciência moderna tradicional e eurocêntrica, combinando diferentes tipos de conhecimento.

A ciência da decolonização reconhece a relação intrínseca entre o indivíduo, a natureza e a cultura conforme demonstrado por conceito de comunicação da decolonização. Procura compreender ao trabalhar com complexas relações e influências que moldam a nossa realidade, enfatizando a importância das perspectivas e contextos culturais na interpretação dos fenômenos naturais, sociais e culturais.

No âmbito desta análise a prática científica não é apenas uma busca de conhecimento concreto, é também uma busca pela compreensão contextual e sensível.

A ciência colonial tem que combinar métodos de investigação que respeitem e valorizem a diversidade do conhecimento para promover a colaboração entre pesquisadores e comunidades, entre a universidade e a vida cotidiana.

Ao mesmo tempo em que enfatiza a importância da ética e da responsabilidade na pesquisa científica examina criticamente os impactos sociais, políticos e culturais que provocam com suas ações.

Deve evitar padrões de dominação e exploração questionando as estruturas de poder dentro da própria comunidade científica, desafiando as estruturas hierárquicas tradicionais e incentivando uma participação mais equitativa e inclusiva dos cientistas em diversas áreas do conhecimento.

Isto é valioso não só para os avanços da ciência e dos outros saberes para decifrar as estruturas de coloniais, mas sobretudo ajuda a criar um conhecimento libertador que seja verdadeiramente inclusivo, avesso as normatizações e normalizações que nos são impostas e limitam a participação e representatividade.

2.6 Ecologia de saberes ou Confluência de Saberes?

A utilização do conceito da ecologia de saberes é a forma de resistência inicial da pesquisa que encontramos para refletir sobre o alcance das epistemologias do Sul no objetivo da emancipação e o pleno desenvolvimento do ser humano. Parecia ser a conexão necessária e suficiente entre o senso comum (os diversos saberes) e a ciência, ou seja, a integração de todos os conhecimentos e saberes que estão além dos muros da academia, dos laboratórios.

É o refrão de nosso blues: a ciência por si só não basta para solucionarmos os problemas da humanidade diante da complexidade do universo.

Se trata de uma definição conceitual interdisciplinar e holística que reconhece a diversidade de conhecimentos e perspectivas de realidades presentes em diferentes culturas e disciplinas. Essa concepção fomenta ou pretende criar alternativas para o diálogo, a troca e a colaboração entre diferentes formas de saberes.

Ao reconhecer que diferentes sociedade, grupos, comunidades e culturas têm seus próprios modos de vida para se relacionar com a natureza e com os seus semelhantes para produzir sua existência ou cultura, está valorizando a importância de preservar e respeitar esses diversos saberes. Principalmente quando os integra em uma análise crítica para uma compreensão ampla e propondo diversas perspectivas para enfrentar os desafios e oportunidades da sociedade. Não apresentando soluções deterministas e sim alternativas a serem debatidas por todos.

Outro aspecto positivo é a sua enfática consideração em superar as hierarquias da ciência ao promover a colaboração igualitária entre as supostas diferenças do conhecimento.

A ecologia de saberes não tem como pretensão descartar ou substituir o conhecimento científico, está buscando seu reposicionamento nas reais necessidades da sociedade, levando este ao cotidiano, as comunidades. Em uma comunicação aberta entre os saberes, na interculturalidade, o respeito e valorização de toda forma de conhecimento, com princípios de sustentabilidade, equidade e justiça, adaptação e resiliência, cooperação interdisciplinar, conhecimento situado, promove a racionalização do senso comum e a humanização da ciência. Com propósitos de promoção da inovação social e da necessária mudança epistemológica.

Esta é a proposta lusitana de Santos (2007, 2019) e o seu conceito sobre a ecologia de saberes rumo as epistemologias do Sul, ao buscar valorizar os saberes

existentes. Principalmente dos indivíduos que se encontram marginalizadas na sociedade, os saberes dos excluídos, excluídos de uma forma abissal da suposta e única verdade da racionalidade científica. Uma exclusão sistêmica com base principalmente no eurocentrismo e o colonialismo, que trabalha em parte a sociologia das ausências.

A proposta é que a sociologia das ausências precisa ser substituída pela sociologia das emergências, com foco nas problemáticas e necessidades locais autênticas e não mais impostas por mercado.

A ecologia de saberes e a tradução intercultural são as ferramentas que convertem a diversidade de saberes tornada visível pela sociologia das ausências e pela sociologia das emergências num recurso capacitador que, ao possibilitar uma inteligibilidade ampliada de contextos de opressão e resistência, permite articulações mais abrangentes e mais profundas entre lutas que reúnem as várias dimensões ou tipos de dominação de modos diferentes. (SANTOS, 2019, p. 59)

Reconhecendo as outras formas de produzir conhecimento além do conhecimento científico, é um dos objetivos desta tese para se pensar na Terceira Realidade, criando meios para que tais conhecimentos tenham uma relação sem hierarquias definidas e baseadas em uma relação de poder, sem perder de vista uma perspectiva crítica destes saberes. São pontes de linguagem, de espaço e tempo entre estes conhecimentos em um movimento cíclico.

Logo não se trata somente de reconhecer e catalogar estes saberes quando se menciona a tradução intercultural, e sim de uma democratização da liberdade do conhecimento através da comunicação que confere diferentes modos de vida, no respeito de suas autonomias. É um campo que se abre principalmente ao tentar tornar uma linguagem acessível para todos.

Esta forma de linguagem que se pretende ser acessível, sem que isso signifique a universalização da linguagem, é justamente a alternativa possível e viável de conferir visibilidade as epistemologias do Sul.

Conferir a possibilidade de visibilidade as experiências não eurocêntricas, a diversidade de experiências só pode ocorrer com a consciência de que existem outras formas de pensar e produzir a vida que são eficientes além da nossa. Se trata de organização e resistência para conferir justiça em todos os seus aspectos através da justiça cognitiva – do reconhecimento das igualdades.

Na perspectiva da tradução intercultural, Boaventura (2018;2019) verificou nas formulações das epistemologias do Sul com o reconhecimento de três importantes passos: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul e; aprender com e a partir do Sul. Em uma clara oposição ao pensamento do colonizador sobre o pensamento do colonizado que causa a ruptura entre o Norte e o Sul, do Norte global e do Sul global.

Lembrando que essa separação, ruptura, entre o Norte e o Sul, não é relacionada as questões geográficas e sim da marginalização de alguns povos, culturas e saberes. No Sul geográfico podemos encontrar o Norte colonizador e no Norte Geográfico também encontramos o Sul colonizado, eles podem ocupar o próprio espaço ou não.

E nessa perspectiva da tradução intercultural, da perspectiva do Sul e da ruptura entre o Norte e o Sul que surge a oportunidade e necessidade de trazer os conceitos e perspectivas de Antônio Bispo dos Santos (SANTOS, 2023) para enriquecer o conceito de ecologia de saberes, não só por jogo de palavras, mas pela carga cultural que pode provocar. Principalmente por sua compreensão de comunidade, validando o próprio conceito da ecologia de saberes através das suas contribuições e críticas.

Em uma destas críticas, ao afirmar que a sociedade está se constituindo em torno da ideia do igual, para o autor a comunidade, em oposição, se constitui através da ideia dos diversos.

É o que o autor denomina e se autodenomina "diversais", "cosmológicos", na significação de seres autênticos e convivendo harmoniosamente com o universo. Uma concepção que coloca ser diferente dos que se denominam como "humanistas", os quais teriam a tendência de mercantilizar tudo, inclusive a natureza para a simples obtenção cada vez maior de lucro. Os diversais, por outro lado, se reconhecem como parte do cosmos, ou seja, são partes da natureza e não seus possuidores enquanto os humanistas que se denominam seres humanos se retiram dessa equação.

A lógica é que os diversais se identificam como seres naturais, como consequência estão intrinsecamente ligados a todo o cosmo e não separado deles. Ao passo que os humanistas se limitam ao estarem enraizados em uma cosmofobia, a fobia do universo que se caracteriza por medo de tudo e todos.

A contextualização desta cosmofobia é dada por Santos (2023) como a representatividade da autêntica catástrofe que está colocando em risco a perpetuação

da humanidade, consequência direta do ser humano ter se desconectado da sua principal ou primordial origem, de sua primeira raiz, a natureza.

Esse feito catastrófico de desconexão não é acaso, é intencional para os tornarem criadores e não mais criaturas ou parte do todo. Nesta ação desmedida manipulam toda forma de vida, tudo o que é orgânico, para ser transformada em mera matéria-prima, em mercadoria.

Nesta lógica todo ser vivo se torna objeto mercantilizado, transformado, processado e reduzido em um objeto de consumo que foge a sua própria existência e cosmologia para satisfazer necessidades não naturais, mas da estranha racionalidade humana.

Servindo ao mantra da publicidade e do marketing, onde não se criam necessidades (visto que elas são naturais), mas se desperta desejos – que aqui é visto como consumo desnecessário.

Agem desta maneira ao reivindicar para si mesmos como únicos seres dotados de consciência e inteligência, se nomeiam deuses na hierarquia natural e, por este motivo acreditam que podem controlar tudo e todos, sem precisar pensar na relação de biointeração.

E aqui reside um dos motivos para Santos (2023) preferir abandonar o conceito ou termo “humanismo” para apresentar o termo “diversais”, ao expor que o termo humanismo é conectado ao conceito de desenvolvimento, que tem como objetivo principal propiciar condições para tornarem os humanos em criadores e não reconhecendo a relação primordial com a natureza. Transformando todo orgânico em artificial, até o próprio corpo, na tentativa de purificar tudo o que é original com essa racionalidade.

Na contrapartida os diversais se posicionam como seres cosmológicos, orgânicos, ambicionando por viverem nesta condição natural dentro de um equilíbrio e harmonia com a natureza, com o objetivo de continuarem sendo orgânicos.

Neste posicionamento e pensando na guerra de palavras, os diversais abandonam a palavra “desenvolver” para em seu lugar pensar na palavra “envolver”, na tentativa de conferir um maior significado para esse equilíbrio e relação natural. É a oposição que se coloca um pensamento cosmológico com o pensamento humano de desenvolvimento.

Esses conceitos de diversais, orgânicos, biointeração e envolvimento são importantes nas suas significações ideológicas e devem ser incorporados na

metodologia que estamos desenvolvendo, principalmente quando falamos na valorização da diversidade de saberes, e para realmente colocar em prática a comunicação decolonial.

Se trata de significações de saberes e modos de vida que podem evidenciar as fronteiras existentes entre o Norte e o Sul.

Nestas fronteiras entre Norte e Sul, que dentro do pensamento teórico das epistemologias do Sul são denominadas de linhas abissais, são resultantes diretas da dominação colonial, que não é somente uma questão geográfica, mas epistêmica ao colonizar o próprio desenvolvimento intelectual, a produção de conhecimento através desta aceitação de uma pretenciosa superioridade que confere aos indivíduos um poder intelectual estranho e não natural.

Como o objetivo principal desta tese é o desenvolvimento da Terceira Realidade, que para ser pensada e praticada precisamos desmistificar essas linhas abissais e todo o pensamento colonial, a análise e observação atenta que realizamos do pensamento de ideia de diversos parece bastante pertinente, ainda que pensemos e não abandonamos a potência que o conceito de humanidade e ser humano carrega.

Principalmente (SANTOS, 2023) com os diversos afirmando que o seu pensamento vai além das questões dicotômicas ao trabalharem um raciocínio aberto e fronteiriço com o próprio campo do humanismo. Não almejando ultrapassar essas fronteiras (que podem ser fluidas), todavia teremos uma relação de respeito e diálogo de saberes dentro destas zonas limítrofes, conservando as identidades e existência de cada um, ou seja, sem a necessidade de eliminar nenhum pensamento, modo de vida e até mesmo a forma como cada indivíduo e grupo quer ser denominado.

Compreendemos piamente a preocupação deste autor ao olhar o caos do humanismo, dos humanistas, mais precisamente do pensamento colonial adentrar a sua comunidade, que pode ter um efeito devastador no modo de vida deles. Entretanto, a relação entre os diversos saberes da nossa proposta metodológica é o compartilhamento de conhecimento para o envolvimento de todos em pró de um mundo verdadeiramente livre e com justiça social. De nada nos valeria o esforço social e cultural em dialogar com a diversidade se as barreiras das linhas abissais forem mantidas, por vivermos em um planeta finito e conectado, isso fatidicamente iria manter as desigualdades.

Os diversos, o conceito de ecologia de saberes, as confluências de saberes, a terceira realidade, as epistemologias do Sul, as lutas decoloniais tem o poder de

transformar e criticar o pensamento opressor que pode estar em algum aforismo humanista.

Não podemos nos iludir e esquecermos de nossa herança eurocêntrica, colonialista, patriarcal e capitalista a ser combatida. Isso é inegável, visto que somos frutos deste processo produtivo e cultural. Por isso que compreendemos as preocupações de nosso mestre quilombola, todavia ainda confiamos no potencial e necessário de uma educação e comunicação decolonial nascendo dentro deste espírito comunitário da humanidade, ao mesmo tempo que são mantidas as identidades e diversidades.

Os diversos não só contribuíram para a ecologia dos saberes, como a substituíram pela confluência de saberes exatamente nessa citação:

A globalização para os humanos não existe, o que existe para eles é a história do eurocentrismo – da centralidade, da unicidade. Não no sentido que nós entendemos por universalidade, mas no sentido da unicidade [...] os humanistas não querem globalizar no sentido diversal, mas no sentido de unificar, de transformar tudo em um. Quando falam de indivíduo, falam de unicidade. Nós quando falamos de indivíduo, estamos falando de unidade, estamos dizendo “um”, mas esse “um” é parte do todo, do universo. Se para os humanistas o “um” é o universo, para nós só há “um” porque existe mais de um. Percebemos a diferença entre ser “um” e ser único, enquanto para eles, o “um” e o único são a mesma coisa. Quando dizemos “globo”, estamos englobando e, ao mesmo tempo, reconhecendo as individualidades que existem dentro do globo. Essa é uma questão germinante, que precisa ser trada e cultivada. (SANTOS, 2023, p. 31-32).

A resistência e transformação através da ecologia de saberes que é justamente o rompimento com este conhecimento segregador, da descolonização do saber, que se faz reconhecendo os outros saberes em conjunto da construção do conhecimento com afeto. Pensamento próximo ao da emancipação intelectual proposto por Rancière, Freire, bell hooks e tantos outros pensadores, e que Antônio Bispo dos Santos se mostra tão próximo, mesmo que informe um distanciamento.

Toda forma de saber deve ser vista, analisada e incorporada de maneira crítica, não se trata de um colecionismo de saberes, de uma pilhagem e consumo como é imposto pela sociedade moderna.

Nesta mesma concepção é que nos permitimos realizar a crítica ao pensamento de Boaventura de Sousa Santos quando este parece falar de um conhecimento pluricultural em oposição ao conhecimento monocultural do eurocentrismo, que é a ecologia de saberes e, que em uma tradução intercultural visa efetivar transformações progressistas para a emancipação social e individual, para

conferir dignidade a todos. Posicionando a ecologia de saberes como um processo de ação contra-hegemônico, de descolonização, que se faz necessário a substituição das zonas de contato, das relações desiguais de poder e dando espaço para o lugar de relações de autoridades partilhadas (que se trata de uma utopia das epistemologias do Sul); mas aqui não parece em momento nenhum estar sendo considerada a forma de vida que uma determinada comunidade deseja e que seja própria de sua cultura. Parece que ela precisa alterar sua forma de vida, existe uma imposição escondida nas entrelinhas para se enquadrar no que determina o pensamento progressista, que será igualmente imposto.

O mesmo ocorre com o pensamento científico, com as universidades, que falam de uma suposta liberdade, de uma emancipação e inclusão, ao mesmo tempo que impõem um pensamento limitado metodologicamente com normas e conceitos de normalidade que não representam verdadeiramente a diversidade. Parece mais um adestramento da normalidade a serviço do mercado, do eurocentrismo e do colonialismo.

Na crítica construtiva realizada pela etnomusicóloga Susana Sardo (2013) encontramos respaldo para a linha de raciocínio e crítica que estamos realizando a esse pensamento, citando a preocupação destas alternativas dentro de uma ecologia de saberes validarem práticas do colonizador. Algo que somos igualmente alertados por pensamento de Antônio Bispo dos Santos (SANTOS, 2023).

Principalmente quando evocamos outros conhecimentos da ecologia de saberes, que não estão inscritos no paradigma ocidental científico-racional, mas simplesmente os fazemos quando estes se tornam possíveis, e, portanto, se tornam alternativas, que podemos comprovar e legitimar através do próprio conhecimento científico-racional.⁸

Não podemos cair na armadilha ao deixar de analisar que na própria teoria desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos exista a possibilidade de influência de

⁸ Um exemplo claro é essa própria tese que ao propor uma metodologia da Cartografia Imagética, com alguns conceitos, a exemplo da centralidade da Terceira Realidade, que pretende ir além das fronteiras da ciência, visando uma ciência decolonial, imaginativa, criativa e verdadeiramente inclusiva. Todavia é desenvolvida no interior da própria ciência moderna que pode julgar sua veracidade, visibilidade ou invisibilidade. Mais que uma tese acaba se tornando um ato revolucionário ou um exercício de futilidade caso caia na invisibilidade. É a mesma concepção de quem luta contra o sistema dentro do próprio sistema que não permite outras formas de vivências em qualquer parte do globo que não esteja respaldado por ele.

pensamentos do colonialismo, patriarcado e capitalismo – ele é um ser vivo dentro desta ideologia dominante.

Uma autocrítica que também devemos realizar com os nossos pensamentos e práticas constantemente como exploramos inicialmente ao discutir brevemente, sem que isso não queira tirar o seu peso crítico, sobre o conceito de cancelamento.

Ao não realizar essas críticas e autocríticas estamos reproduzindo as mesmas relações de poder que buscamos desconstruir, e nos tornamos iguais ao querer impor alguma normatização geral, desconsiderando as diversidades.

Ora os saberes inscritos nas diversas práticas musicais – e outros saberes efêmeros e transitórios –, porque são incorporados, entoados, improvisados, coexperenciados, tácitos, sensíveis e não verbalizáveis, recusam a tradução, ficando, portanto, em teoria, excluídos da lógica da ecologia dos saberes. Mais uma vez, ao procurar reverter as epistemologias dominantes, a proposta da ecologia dos saberes replica a violência epistêmica de que nos fala Dwight Conquergood, porque exclui significados que estão mascarados, camuflados, escondidos ou que se expressam a partir, 'do silêncio da entoação, da tensão dos corpos, e outras artes de proteção do disfarce e do segredo' (CONQUERGOOD, 2002, p.146), que lhes retira o privilégio da explicitude e a luxúria da transparência que a ciência racional reclama para os saberes que advoga. (SARDO, 2013, p.69-70)

Sardo (2013) percebe na ecologia dos saberes um conceito que por muitas vezes não consegue ir além do paradigma do conhecimento único e universal, por contrário, demonstra as vezes replicar esse pensamento. A solução dada por ela para superar essa problemática relação de poder que parece perpetuar neste conceito é utilizando dos conceitos e das teorias da etnomusicologia.

A etnomusicologia como prática acadêmica já consolidada e validada, segundo a autora, essa metodologia e área do conhecimento já abordava questões da ecologia de saberes. O que também não poderia ser colocado a essa área como originalidade, visto que isso já é algo explorado pelas artes e por outros povos tradicionais, a exemplo dos nativos brasileiros e da comunidade quilombola.

Outro destaque apresentado nessa crítica seria relacionado ao seu próprio objeto, a música, que em essência transcende a comunicação por ser um objeto de análise mais complexo. O que afirmariamos que a música é complexa exatamente por tentar materializar sonoramente e poeticamente o objeto mais complexo que pode existir no universo, por menos em nossa limitação e contraditoriamente, estamos falando da percepção humana.

A argumentação da etnomusicóloga para manter o seu tom crítico a esse conceito e a teoria que o envolve é que não existe uma cartografia epistêmica fixa, mas sim uma dinâmica epistemológica constante, fluida e que se constrói com o diálogo constante entre diversas culturas. Um posicionamento que lhe coloca na afirmativa de não existir uma epistemologia dominante, mesmo que em alguns momentos isso possa ocorrer, ou no mínimo existam tentativas, em outros ela acaba sendo transformada ao se confrontar com o diferente. Nessa relação fluida e dialógica é que a música está inserida.

A música aqui se configura no som de nossa consciência além das linguagens tradicionais de cada povo.

A música, e iremos perceber ao estudar o blues nas outras partes que compõe a coletânea desta tese, responde exatamente a esse universo fragmentado, não linear, plural e dependente da contextualização do artista e do meio que está inserido. A sua existência é determinada por uma coexistência entre o músico, a música e tudo que o circunda. É uma interação de intersubjetividade que através do diálogo no ato do fazer música é visível a dependência com o ser, o contexto, a ação, o ouvinte, é visível a relação entre o tempo e espaço.

[...] o conceito de ecologia dos saberes mostrando, de facto, que qualquer cartografia que procure situar o saber no tempo, no lugar ou na escala da ciência, mais não faz do que estabelecer fracturas abissais que contrariam o próprio desígnio ecológico que defendem. A música é, talvez, o domínio do saber mais bem apetrechado para nos mostrar esta evidência [...] a música possibilitou a inversão da hierarquia dos saberes, mostrando que o seu carácter efêmero e supostamente imaterial e perecível não representa necessariamente uma condição de subalternidade em relação ao conhecimento 'científico-racional'. Por contrário, pode transformá-la num poderoso instrumento para legitimar os indivíduos o direito de existir e o privilégio de estar de forma diferente. Mostrou também que o lugar da música não define uma circunscrição rígida limitada por uma geografia histórica e patriarcalizada. Ela viaja através da paisagem topográfica e demográfica que a acolhe e que a performa contribuindo, igualmente para a construção permanente de novos lugares de memória. E mostrou, finalmente, que as linhas abissais que separam o planeta entre norte e sul são moveis e encontram pontos de separação e de reversibilidade em momentos de crise, gerando novas propostas epistêmicas e, por conseguinte, novos saberes demonstrando, como propõe Boaventura de Sousa Santos, que é possível encontrar o Sul no interior do Norte. (SARDO, 2013, p. 75)

Não iremos defender a posição da ecologia de saberes do Boaventura de Sousa Santos, não somente em virtude das últimas revelações de seu comportamento patriarcal, colonialista e capitalista; ou mesmo uma defesa de Susana Sardo e toda

sua coerência crítica, que adotaremos nas outras partes de coletânea ao falar do blues e da música.

Os dois pensamentos se configuram como alternativas possíveis, da mesma forma que pretendemos apresentar a nossa aqui através da Cartografia Imagética.

Neste momento a alternativa, em uma utopia possível, que propomos diante destas problemáticas expostas, e desviando deste conflito acadêmico de muita revisão teórica e praxes, é uma sinergia e a própria renomeação do conceito nas Epistemologias do Sul, visando uma ciência decolonial, através de conhecimentos e experiências dos saberes marginalizados por eurocentrismo e colonialismo.

Dito isso o termo que passaremos a utilizar, que iremos incorporar no lugar de ecologia de saberes, e que por algumas vezes citamos no texto que se desenrolou até aqui, é confluência de saberes forjado com as lutas e conhecimentos quilombolas e decoloniais por Antônio Bispo dos Santos (2023).

A definição deste termo é justificada não só pela crítica que levantamos e da etnomusicóloga Susana Sardo, mas é embasada na concepção apresentada por Nego Bispo (SANTOS, 2023) sobre a sua compreensão da palavra ecologia. A qual é frequentemente empregada pela comunidade acadêmica para exemplificar diversos conceitos em múltiplas áreas e não encontra ressonância direta nas práticas de comunidades como é a quilombola a qual pertence.

A narrativa e vivência deste autor, deste mestre quilombola, retrata que nessas comunidades e modos de vida diversos, as palavras que traduzem o apreço e relação para com a natureza não são universais, por contrário, são múltiplos e dizem sobre algo específico, citando as roças de quilombo, roças de aldeia, roças ribeirinha, roças de marisqueiro, roças de pescador e roças de quebra-de-coco.

Palavras específicas que não são utilizadas por meio acadêmico ao se referir a relação com a natureza, preferindo generalizar no conceito de ecologias, ao ponto de ofuscar essas culturas cosmológicas que já praticam as confluências de saberes. Culturas e modos de vida que não precisam retornar a sua origem natural, visto que nunca saíram dela. Isso é algo direcionado tão somente a sociedade moderna na sua suposta racionalidade de domínio das leis naturais. É a normatização da ciência que não permite a plena inclusão de toda a diversidade.

Essa falha de comunicação (SANTOS, 2023) e reconhecimento destes saberes é atribuído tanto as instituições acadêmicas, visto que são os principais agentes de transformação e disseminação do conhecimento; e por mercado, que absorveu a

própria academia, a ciência. E justamente por esses modos de vida não poderem ser mercantilizados ou resistirem a lógica de mercantilização, não incorporam esses saberes em suas, teorias, discursos e práticas.

As universidades enquanto instituições no interior da sociedade moderna, dentro dos cânones da ciência moderna ocidental, carecem de uma comunicação decolonial autêntica, e por isso não efetivam o projeto de inclusão, mantendo a segregação da normalidade eurocêntrica e colonial.

Uma crítica contundente no que se transformou as universidades na contemporaneidade ao privilegiar os conhecimentos que podem ser comercializados, padronizados e massificados. Uma educação voltada ao mercado de trabalho como verificamos nas maiores peças publicitárias destas instituições.

Dentro deste raciocínio que seguiremos o conselho deste mestre quilombola, levando o seu conhecimento para as instituições acadêmicas com a finalidade de incorporar seus conceitos e adensando nossos discursos e conceitualizações através destas práticas autênticas e valorativas por meio da confluência de saberes.

Uma análise crítica e constante para escaparmos das armadilhas de pensarmos na construção do saber para o único objetivo de sua mercantilização, limitando o seu potencial ao insignificante pressuposto do lucro ou da manutenção das estruturas de poder que servem a uma minoria dominante.

Até porque nesta lógica de conhecimento mercantilizado o que se aprende e se desenvolve nas universidades não são mais saberes, são mercadorias, é a ciência no seu papel servil ao mercado deixando de lado as reais necessidades da sociedade.

Inventaram o "alimento orgânico". Ora, isso que se compra no supermercado com o selo de "orgânico" é um produto, às vezes sem veneno, mas não é algo orgânico. Não é produzido por saber orgânico, não é voltado para a vida. Se um quilo de carne orgânica é muito caro, o pobre não pode comprar; e se o pobre não pode comer, não é orgânico. Orgânico é aquilo que todas as vidas podem acessar. O que as vidas não podem acessar não é orgânico, é mercadoria com ou sem veneno. (SANTOS, 2023, p. 101)

Seria engrandecedor e construtivo a inclusão dessas terminologias, práticas e perspectivas nas instituições acadêmicas, estaríamos de fato promovendo na ciência a inclusão, justiça social e ambiental. Seriam práticas autênticas e experiências históricas reais para se pensar em alternativas viáveis para os problemas de toda sociedade.

É incorporar o que Antonio Bispo dos Santos (SANTOS, 2023) define como circularidade, onde tudo tem um começo, um meio e um novo começo, sem a necessidade de um tempo específico para esse fim e recomeço.

Ainda sim precisamos ser críticos com o pensamento abordado da confluência de saberes e do mestre quilombola, na realidade se trata mais de um exercício de interpretação. Nunca devemos nos fechar para novas alternativas e realidades, caso contrário não faria sentido falar na confluência de saberes.

É fato que as práticas coloniais são realizadas para nos iludir, subjugar os conhecimentos à pura mercantilização, todavia, Santos (2023) ao desenvolver esse mesmo raciocínio afirma que os seres humanos, que não é o caso dos diversos, são os únicos seres naturais que necessitam de aprendizado constante, não alcançando uma maturidade, ou seja, não compreendendo como se relacionar com a natureza para prover sua subsistência.

Fico feliz em ter esse reconhecimento em sermos os únicos neste sentido, e é isso que chamo de humanidade, na qual os diversos fazem parte e almejamos debater com eles essa metodologia e pensamento.

Possuímos cognição que nos coloca em um constante processo imaginativo e criativo, conferindo significações a nossa própria existência, ao mesmo tempo que nos permite nos diferenciarmos um dos outros, mantendo nossas individualidades e liberdade. É o que nos permite querer conhecer lugares no Universo que sequer avistamos, que nos faz querer saber mais sobre esse infinito de possibilidades. Motivo suficiente para buscarmos cada vez mais conhecimento até o dia que os pulmões não tenham mais ar.

Contribuindo para o conceito de confluência de saberes definiremos ele em nossa metodologia como uma contante relação com os diversos saberes para promover conhecimentos de perspectivas culturais plurais para apresentar alternativas ao objeto estudado. Uma relação dinâmica onde os diversos saberes e culturas interagem em um espaço de diálogo livre de hierarquias pré-definidas.

Nesse contexto, a Confluência de Saberes deve reconhecer a igualdade das inteligências ao valorizar os saberes e conhecimentos que vão além do que reconhecemos na modernidade como racionalidade científica. Mais que uma ferramenta, técnica ou conceito se trata de uma visão cosmológica na coexistência e laços efetivos e afetivos entre as diversas realidades.

As confluências de saberes devem se constituir em diversas imagens construídas e analisadas por múltiplas perspectivas culturais em um espaço de igualdade e fraternidade.

É o reconhecimento prévio, portanto livre de preconceitos, que cada conhecimento, cultura ou modo de vida tem suas qualidades e podem contribuir em diferente escalas para uma compreensão do universo e propor alternativas que sejam validadas por todos.

Esse conceito precisa encontrar uma metodologia que lhe proporcione um ambiente de aprendizado constante e questionador, com comunicação decolonial, para conferir soluções não para uma, mas para diversas realidades simultâneas, ou seja, para diferentes modos de vida.

Este é o desenvolvimento que daremos a seguir com a metodologia da Cartografia Imagética, do conhecimento cartográfico como uma imagem construída culturalmente e mediadora de conhecimentos.

Pensando que os seus produtos, os mapas, são guias, caminhos e possibilidades, não determinações fechadas, não existindo uma única concepção de mapa, mesmo que apresentemos uma (isso pode ser desconstruído e ressignificado). E que esses mapas ao entrarem na seara da mercantilização são apenas artefatos uteis para análise, ao passo que transformados em imagens repletas de significações se tornam imagens necessárias ao encontrar espectadores emancipados decoloniais.

3 IMAGENS E SUAS REALIDADES

Quando falamos de imagens visuais partimos das imagens fotográficas, e até mesmo quando pensamos nos vídeos, temos a ciência que elas são compostas por frames, um conjunto de imagens que em uma determinada sequência são reproduzidos em velocidade gerando uma sensação de movimento contínuo. Todavia isso não quer dizer que o ser humano se guie somente através deste tipo de imagens, até dentro da questão cartográfica.

Entretanto na perspectiva que estamos nos colocando não podemos mais falar em imagens estáticas, bidimensionais, tridimensionais ou resumir o objeto de estudo a fotografia. Falamos das imagens que consigo captar com a minha cognição, imaginação e que se tornam gatilhos da memória.

Uma imagem pode ser tudo aquilo que vejo ou imagino e que constrói um determinado significado, seja ela emanada de objetos concretos ou abstratos, presente ou ausente. As quais se tornam difíceis de se apreenderem pelas metodologias fechadas da ciência contemporânea e dos tradicionalismos embrutecedores, para não dizermos preconceituosos, do desenvolvimento humano até o presente momento.

Nós possuímos outros sentidos que despertam a nossa imaginação, constroem o nosso conhecimento, alteram a nossa percepção e despertam emoções e memórias. A exemplo da audição (como iremos trabalhar com música), o olfato, o paladar e o tato. Embora estes sentidos sejam naturais, são igualmente construídos, ou melhor, transformados culturalmente no meio que o indivíduo está inserido e por suas experiências. E nessas transformações em alguns casos sendo limitados e em outros potencializados – e isso deve sempre ser levado em consideração, nossos sentidos se valem do conhecimento que adquirimos de nosso próprio ser, das nossas potencialidades, limitações e dos conhecimentos externos. São através deles que percebemos o nosso meio e damos significações a nossa existência.

A emancipação humana na sua razão principal que é conferir a plena liberdade ao indivíduo deve garantir o desenvolvimento destes sentidos também com espírito crítico com respeito as diferenças e limitações de cada ser.

Não teria razão alguma falar das desigualdades, marginalizações e preconceitos combatidos pelas Epistemologias do Sul se não nos colocarmos contra qualquer tipo de capacitismo.

Ao falarmos na análise cartográfica imagética, das Epistemologias do Sul, da terceira realidade, devemos sempre pensar na inclusão de todos e das suas diferenças, nunca na exclusão e na padronização (suposta normalidade) que a ciência moderna ocidental na sua suposta racionalidade tanto persegue.

Refletindo a imagem dentro do arcabouço da comunicação, da informação, de todo aparato e desenvolvimento tecnológico, Sodré (2006), percebe nela uma forma de conhecimento liberta das amarras hierárquicas dos conhecimentos clássicos. As imagens como potência que possibilitam uma forma de refletir sobre as questões sociais. E se faz necessário, ainda, dentro de todas novas experiências que o desenvolvimento nos permite, elaborar conceitos e práticas, ou melhor, compreensões dos fenômenos contemporâneos. “[...] coerente com esse espírito do tempo marcado pela imagem e por sensível, em que emergem novas configurações humanas da força produtiva e [...] dos meios de produção.” (SODRÉ, 2006, p. 12)

As imagens são importantes na cultura, seja em seu contexto ou na sua relação histórica desempenham funções de comunicação, expressão, conhecimento e obviamente artística. Nesta função cultural as imagens representam valores, crenças, identidades e transmitem narrativas. Isso não coloca sua significação como estática, por contrário, ela pode evoluir e ter a sua significação alterada no decorrer do tempo, e ainda carregar em si vestígios do passado. Por este motivo que as imagens não fazem parte de uma ciência, de um campo do conhecimento ou de um determinado saber, é um objeto complexo que na ciência exige interdisciplinaridade e na decolonialidade a confluência de saberes.

A mídia visual que ela integra é igualmente diversa, e por essa versatilidade é que se torna presente nos diversos momentos das construções das realidades e identidades culturais. O que exige de nós um olhar crítico, afinal as imagens ao mesmo tempo que podem ser um instrumento positivo e de reflexão nas transformações sociais, podem se configurar em instrumentos que perpetuam estereótipos, valores e normas sociais de exploração e desigualdades.

A visibilidade, em uma presença constante, que as diversas formas de imagem se encontram na contemporaneidade se tornou algo constante e acelerado com o avanço das mídias visuais, digitais e agora com o constante avanço da inteligência artificial. Sua proliferação se tornou uma característica da sociedade contemporânea principalmente com o advento da internet, com as redes sociais e outros dispositivos moveis. Uma visibilidade que confere poder e influência, que se tornou participativa

não só na cultura e mercado, é mecanismo da comunicação, da política e da própria ciência.

Como tudo no capitalismo, a imagem se tornou uma mercadoria, e inserida na sociedade de consumo está sendo igualmente consumida de forma massiva, sem grandes reflexões sobre as suas significações, o que pode deturpar a nossa percepção para com o cotidiano e para com o mundo.

Ao mesmo tempo que ela vem sendo consumida de forma avassaladora e sem grandes reflexões sobre as suas significações, as imagens se tornaram centrais na sociedade contemporânea. Da mesma maneira que Deus se torna onipresente no teocentrismo, o Capital no capitalismo, as imagens o são na sociedade contemporânea. Elas se tornaram toda nossa percepção e se encontram em todos os lugares em diversos meios, sem que tenhamos consciência deste fator a todo momento. Isso transformou a comunicação novamente, substitui até mesmo os textos, tanto que a própria ciência e educação hoje embarcada nesta onda solicita cada vez mais textos menores. Sem nos atentarmos que pouco refletimos sobre esse consumo massivo de imagens e o quanto ela pode servir a espetacularização da sociedade.

A própria essência humana por vezes é trocada por uma imagem sem grande significação, principalmente nas redes sociais. Imagens que são utilizadas para criar realidades espetaculares, movimento as vezes inconsciente do indivíduo ou da sociedade por se deixar levar pela alienação que a imagem representa fielmente uma realidade ou objeto como um espelho. Sendo que o grande erro desta concepção é não levar em conta que existem diversas realidades em um mesmo espaço, tempo e contexto. O original já se confunde com a cópia, e a sua autenticidade é deturpada por alguma manipulação.

Na teoria decolonial não devemos entrar neste embate sobre a definição de autenticidade, até mesmo porque estaríamos normalizando um conceito e lhe retirando toda subjetividade, toda liberdade do espectador emancipado decolonial. O que é autêntico para uma cultura pode não ser para outra.

Não pretendemos aqui criar uma ciência da imagem ou determinar o que pode ou não ser uma imagem de visualização científica, de um determinado saber. Apenas estamos apontando que elas são as nossas representações conscientes e subconscientes de nossas realidades.

No primeiro momento de pesquisa, com base em Belting (2014), foi definido a importância de compreender a imagem diferente do seu meio – suporte,

materialização e reprodução –, seja no campo da ciência, da arte ou mesmo memorialístico na qualidade de gatilhos de sentimentos. Na definição de imagem com base no campo da antropologia, na afirmação de um objeto determinado culturalmente. Imagens que são materializadas muito vezes em um suporte, em um meio, e este serve como mediador da imagem com os corpos (o ser imaginado).

A imagem compreendida como fenômeno social sem significado em sua superficialidade cotidiana somente é vista na sua manifestação material, logo somente visualizamos o meio da imagem. Esta é o que consumismo e descartamos sem transformar em um conhecimento. É o consumo que foge a nossa consciência e somente tem valor mercadológico, sem contribuições para as relações sociais autênticas.

Nesta forma de consumo da imagem não percebemos a sua origem e significação, não temos nenhuma compreensão do seu processo de criação. Ao passo que a imagem valorativa deveria estabelecer uma conexão cultural entre quem a produziu e quem está observando, em uma relação direta e significativa com aquilo que é retratado, com o objeto da imagem. Sem que isso queira dizer que a imagem deve estar associada as suas questões estéticas ou técnicas, o que lhe confere valor é a sua autenticidade cultural. Mas que elas tem significações seja na sua produção, na própria qualidade de imagem ou na visualização do seu espectador, e necessariamente essas significações não precisam ser as mesmas, visto que este processo pode transcorrer em realidades distintas.

Afirmamos com isso que a imagem não deve ser vista como uma mercadoria e sim como um produto cultural intermediando as relações sociais, com objetivo de conferir significados para a existência de todos os envolvidos. Essa é a comunicação da imagem, é isso que constitui dizer que a imagem fala.

Essa concepção nos leva a compreender, com base em Belting (2014), que as imagens não possuem o corpo (o que é retratado) como o seu único lugar de significações, mas também existem os lugares geográficos, o espaço, pois ela fala de um lugar específico e pode chegar a um observador distante ou alheio ao lugar que foi produzida. E aqui reside uma tensão que ocorreu na sociedade com a invenção da fotografia, principalmente da fotografia digital e da informatização, ampliando uma das faces das globalizações, a globalização da comunicação.

É inegável que a invenção e a evolução da fotografia, tanto analógica quanto digital, nos proporcionou a oportunidade de explorar inúmeros lugares por meio de imagens, gerando um novo conceito de presença: a presença da ausência.

Isso liberta a imagem de suas amarras geográficas e cronológicas, permitindo que transcenda seu contexto original. Além de simples representações, essas imagens se transformam em valiosas fontes de conhecimento.

O ponto negativo que encontramos nesta contribuição é que ela contribuiu para um maior distanciamento entre o ser humano e a natureza, do ser humanos para com os outros seres, visto que agora podem substituir suas relações e curiosidades por visualizações em algum meio, a exemplo das telas dos smartphones. Existe uma tendência moderna em substituir as experiências concretas por experiências virtuais, não mais em um consumo ativo e direto com as imagens, ficando mais suscetíveis a realidades construídas. E com a inteligência artificial não precisamos mais nos esforçar para modificar ou imaginar o que poderia ser diferentes, tudo se tornou acessível em simples comandos e em um tempo mais acelerado do que já nos encontrávamos.

Abandonando essas vivências práticas podemos perder o olhar crítico, contemplativo e livre para as imagens do mundo. Um processo de alienação que pode nos retirar o sentimento de empatia para o sujeito-objeto da imagem, intensificando manifestações e políticas de exploração, preconceito, pobreza, destruição e desigualdade. O que nada mais é que resultado da espetacularização realizada pela ideologia dominante, acarretando uma cisão maior entre o Norte e o Sul, aumentando e modificando as linhas abissais.

As consequências não poderiam ser outros se não o substancial aumento dos poderes do colonialismo, patriarcado e do capitalismo destrutivo. Existem aqueles que atribuem a solução para esse processo em um capitalismo limpo, lhe atribuindo princípios como fraternidade, igualdade e liberdade. Uma perspectiva que ignora as complexidades sociais e culturais, e as próprias contradições do sistema que criam esses problemas e se alimentam deste caos.

É fundamental reconhecer a importância de avaliar o sistema capitalista com uma abordagem mais crítica, e perceber que uma busca por um capitalismo limpo – se realmente isso é possível - requer um exame profundo das estruturas e práticas vigentes, uma mudança no seu modo de produção e consumo, deixando de ser capitalismo. Se assim continua a ser nomeado é somente por um jogo de palavras

vazio de significação como as próprias imagens de consumo massivo que está gerando.

Essas inovações são diariamente potencializadas com os avanços dos aparatos tecnológicos em uma agilidade alarmante, não dando tempo para que a sociedade reflita em tempo hábil seus aspectos positivos e negativos, e quando ocorre a análise muitos já foram substituídos ou se tornam difíceis de serem retirados do mercado.

Claramente temos um avanço na agilidade e quantidade de informações e imagens que são consumidas sem igualmente serem refletidas. Além dos corpos transitarem em velocidade semelhante, seja de forma física ou virtual, sendo hoje possível estar em vários locais simultaneamente ao refletirmos os aspectos da virtualidade.

A relatividade do tempo e espaço nunca foi tão visível em nosso cotidiano no que tange as questões das imagens, em uma falsa ideia para os corpos que continuam determinados por tempo e local que ocupam no espaço, nas suas limitações e finitudes.

Desde a revolução imagética da fotografia podemos visitar e revisitar as próprias imagens em lugares fora de seu espaço e tempo, fora do contexto e das suas significações originais. Fator que modificou a compreensão sobre os lugares, que antes eram sinônimos de cultura em sua limitação geográfica, se tornando agora lugares comunicados e de contemplação.

São hoje, espaços abertos, o que era um espaço da memória torna-se lugares na memória. É a imagem está se “emancipando” do próprio lugar [...] Os meios de comunicação atuam nessa transformação da compreensão dos lugares, já separado do próprio lugar físico. Informações e experiências são transportadas para os lugares, ou seja, vivemos em um sistema de informação e não em locais determinados. (SCHIAN, 2020, p. 55)

Um ponto de partida interessante para refletir essa perspectiva da imagem, corpo, tempo e espaço é o conceito de Tríade Imagem-Meio-Corpo na análise beltingiana. Refletindo este conceito dentro de nosso desenvolvimento teórico e metodológico, em analogia poderíamos afirmar que a imagem na contemporaneidade assume o campo da disputa política na figura representativa do Estado dominado por mercado; o meio é a ciência que cria os discursos de superioridade humana através da racionalidade e ditando as regras de como esse deve ser criado, produzido e reproduzido e; o corpo constitui a sociedade (comunidade) alienada no consumo de

sua própria imagem, que não sendo uma imagem cultural, é transitória, sem significações e descartável – é um corpo útil mas não necessário, pois é um corpo que pode ser facilmente substituído por outro.

Isso ocorre por darmos prioridade ao meio, seja na produção do conhecimento ou da própria utilização das imagens, retirando do próprio corpo a sua real significação e passando para um objeto que pode ser consumido e descartado tão rápido quando é substituído. As relações sociais são então esvaziadas de sentido e as imagens não dizem mais nada sobre o seu espaço e tempo para validar a forma de um corpo alienado de todo contexto. É o fim das imagens determinado por mercado decretando o fim dos corpos.

Nessa relação dialética entre o meio e o corpo que resulta na imagem sem grandes significações, perdendo a sua sacralidade, retomando a nossa analogia e relação social em uma visão cosmológica; é a relação dialética entre ciência e comunidade/sociedade/indivíduo resultando na perpetuação da política eurocêntrica e colonialista. Em um mundo próximo do ideal a compreensão deste processo poderia resultar na emancipação, estando cientes de como as realidades são pensadas e produzidas por uma determinada cultura.

Todavia precisa ficar claro que essa emancipação somente é possível em nossa consciência e nunca em nossa base real, ou seja, na natureza. É aqui que reside um dos discursos mais ilusórios da espetacularização, ao afirmar que seria possível superarmos a necessidade da natureza através da tecnologia. O que é impossível visto que nossos corpos são a própria natureza, e ao nos desprendermos deles deixaríamos na realidade o próprio sentido de nos intitularmos humanos.

Como abordamos esse seria o ideal, mas hoje a dialética ocorre entre o meio e a própria imagem fabricada, entre a ciência e a política que determina estranhamente o significado da comunidade/sociedade/indivíduo, que é a alienação conferida pela espetacularização.

O que estamos identificando e traduzindo como meio é qualquer base material, ou melhor, o suporte de uma imagem. Tensionando a teoria proposta por Milton Santos (2006) relacionado ao seu conceito de técnica, na concepção do meio se encontrar dentro de cada contexto, visto que depende da base material acessível a uma sociedade ou comunidade, ele poderia ser qualquer coisa, mas nunca a imagem em si, é somente o local onde ela está sendo representada. Logo o meio deve ser visto como a atividade humana em um determinado contexto, de tempo e espaço

determinado, que pode manifestar a resistência a uma exploração ou expressar a própria política da ideologia dominante.

As técnicas participam na produção da percepção do espaço, e também da percepção do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante da velocidade, como por seu imaginário. Esse imaginário tem uma forte base empírica. O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício da política, para o exercício das crenças, para o lazer e como condição de 'viver bem'. Como meio operacional, presta-se a uma avaliação objetiva e como meio percebido está subordinado a uma avaliação subjetiva. Mas o mesmo espaço pode ser visto como o terreno das operações individuais e coletivas, ou como realidade percebida. Na realidade, o que há são invasões recíprocas entre o operacional e o percebido. Ambos têm a técnica e a origem, e por essa via nossa avaliação acaba por ser uma síntese entre o objetivo e o subjetivo. (SANTOS, 2006, p. 34)

Kossoy (2001) pensando, em uma perspectiva otimista, na história da fotografia, nos seus avanços e contribuições, destaca como uma das suas características principais: a função social de informar e produzir conhecimento. O que tornou possível um mundo revelado para todos, um mundo que pode ser transportado para todo lugar, e que relaciona as questões objetivas e subjetivas em um único objeto.

Essa característica que é comemorada como uma potencialidade é incompleta na sua forma de produção e utilização, visto que a imagem fotográfica por muitas vezes não é analisada pelas suas possibilidades de significados, mas enaltecida como uma imagem espelho da realidade. Tudo que ela não é, já que a visão desta realidade depende da realidade de quem a olha, logo nela contém várias realidades. São como alternativas e não tendo uma única verdade intrínseca, como seria um espelho.

Dentro de sua metodologia Kossoy (2001) relata que o pesquisador deve investigar a trajetória da fotografia, procurando as especificidades de sua história, suas informações e conhecimentos, realizando uma leitura imagética completa. Para isso é necessário cumprir por menos três etapas: 1) demonstrar a intenção de quem produziu uma determinada fotografia; 2) explicar o ato fotográfico e a sua materialização e; 3) investigar o olhar e os caminhos percorridos pela fotografia, seja de quem a guarda ou do espectador.

Por isso creditamos que precisamos pensar e repensar uma metodologia que consiga extrair das imagens todo seu conhecimento, ampliando ou reduzindo sua

escala, não ficando preso somente a um meio ou concepção na perspectiva da imagem como um simples artefato histórico.

Isso não quer dizer que desmerecemos a teoria imagética de Kossoy, muito por contrário, somente estamos demonstrando que partindo da imagem como artefato dotado de conhecimento, de uma suposta verdade de um fato/objeto, sua análise pode se configurar em um conhecimento potencialmente transformador, revolucionário e emancipador. Que a imagem fala, que ela ganha autonomia, vida própria no momento que é produzida.

O que torna imprescindível olhar a imagem, seja ela qual for, sempre pela ótica da diversidade se realmente pretendemos produzir um conhecimento humano e cada vez menos individualista, sem que isso signifique negar as individualidades. Um olhar livre das amarras do mercado e do poder dominante para desta forma ir além do sistema vigente.

A imagem não é um objeto simples de ser captado, nós temos as nossas limitações contextuais e de saberes, somos seres limitados, e as imagens são a própria percepção humana do espaço que se tornou livre do seu criador. Sua compreensão pode ser difícil até para o pensamento mais crítico e metucioso, suas experiencias podem se tornar estranhas até ao pensamento mais abrangente e livres de preconceitos. Existe uma camada translúcida (SODRÉ, 2006) que os sujeitos que estão analisando as imagens são eles próprios sujeitos envolvidos na análise, é a consciência humana que confere os significados, e por vezes é complicado definir em um imediatismo científico as múltiplas realidades e fragmentações. A consequência são análises com valores mais estéticos do que éticos, em uma crítica apressada e sem quase nenhuma contemplação, as imagens novamente sofrem um consumo rápido e para depois serem descartadas.

Nesta forma de analisar, ou seja, dentro desta metodologia analítica, mesmo que seja validada por uma racionalidade e ética, diante do seu imediatismo não aborda as questões da sensorialidade e estética cultural com o seu devido valor. Considerando as imagens somente nos seus aspectos utilitários, que na sociedade espetacularizada e moderna, é o mesmo que dizer, consumo para uma alienação política e econômica.

Analisar uma imagem é ir além da sua bidimensionalidade, que já contém algumas informações importantes, mas não representa o seu todo. É preciso varrer essa imagem por dentro, perambular por caminhos que estão atrás do que foi

representado. É necessário inverter a sua utilização moderna, do ser imagem, que é uma mera veneração ou domínio de poder ideológico, para a imagem do ser, que é a significação que a ela é dada e construída por próprio objeto, ou seja, por corpo.

A emergência de uma nova Cidade humana no âmbito de novas tecnologias do social nos impõe, não apenas no plano intelectual, mas também nos planos territoriais e afetivos, terminar com um velho contencioso da metafísica que se irradiou para o pensamento social: a oposição entre o logos e o páthos, a razão e a paixão. Nesta dicotomia, a dimensão sensível é sistematicamente isolada para dar lugar à pura lógica calculante e à total dependência do conhecimento frente ao capital [...] é uma oposição que perde progressivamente a sua racionalidade diante do desafio que os novos modos operativos da ciência e da técnica lançam ao racionalismo platônico, velha garantia entre o sensível das imagens e a verdade inteligível do mundo. (SODRÉ, 2006, p. 12)

A confluência da teoria da imagem com a teoria colonial determina a própria decolonização da história da arte ao criticar o seu posicionamento eurocêntrico principalmente dentro de questões estéticas ao negligenciar e subestimar as contribuições, perspectivas e tradições artísticas de outras culturas.

O pesquisador decolonial, o Agrimensor-Flâneur, vai poder percorrer as cartografias das diversidades dialogando, amplificando, recuperando e reinterpretando narrativas visuais que foram marginalizadas.

Definimos então nosso conceito de imagem de uma forma ampla como toda representação imagética visível em uma consciência emancipada e que confere significação a todo o cosmo, ou seja, a todo universo. É a forma como nos comunicamos e nos identificamos conosco e com os outros, é a nossa ferramenta de visibilidade das transformações e saberes, é a representatividade da emancipação. Não sendo imagens úteis - consumíveis, mas necessárias – significativas.

- A imagem por essência transcende o seu meio, a sua base material. É a representação visual do conhecimento, sentimentos e transformações. Não sendo objetos de uma única ciência ou saber, mas da consciência humana para com seu meio.
- Não é uma representação estática e sim uma narrativa visual que fala de diferentes realidades. Uma noção que mostra que a imagem vai além do seu aspecto visual, ela inclui todos os outros sentido (audição, paladar, tato e olfato), sendo responsáveis diretos pela construção de nossos sentimentos para com o universo.

- Não pode ser analisada como um simples artefato histórico ou por seus valores estéticos. Tem a sua grandeza por se tratar de uma manifestação cultural, seja ela qual for, portanto é significativa para uma ou mais comunidades. É a representatividade da diversidade, singularidades, identidades e experiências;
- São transitivas, podendo pertencer a múltiplos espaços geográficos, já que a sua produção é realizada pela consciência humana e suas perspectivas de realidades. Podendo transcender o próprio contexto e tempo ao ser reinterpretada e incorporada, revelando na presença da ausência novas significações. No entanto, essa emancipação não deve ser confundida com um consumo passivo de imagens, mas sim com um olhar crítico no reconhecimento das complexidades e contradições presentes em suas representações.
- A sua análise não deve ser limitada ao seu primeiro significado, ao primeiro olhar, deve ser levada em conta as suas camadas, inclusive a sua intencionalidade original, a intencionalidade do ato gerador. Por isso que se configura em um objeto interdisciplinar e ideal na perspectiva da confluência de saberes.

Com essas considerações destacadas apresentamos aquilo que compreendemos, como síntese de tudo o que for abordado, com o conceito de Imagem Decolonial. Com a definição anterior realizada adensamos com a necessidade de tornar as imagens uma ferramenta de resistência as estruturas coloniais e ao eurocentrismo.

1. A Imagem Decolonial tem como função principal revelar e desconstruir os padrões hegemônicos ao evidenciar as narrativas visuais dos povos marginalizados, com objetivo de desnudar os estereótipos e hierarquias culturais construídas por colonialismo.

2. A emancipação é possível através da ressignificação de imagens que foram utilizadas para dominar os colonizados. E isso é possível ao mostrar como essas imagens foram pensadas, selecionadas e quais são as suas verdadeiras raízes. Visto que as imagens são produtos diretos da relação cultural, não construídas por poder ideológicos vigente, e sim deturpado por esse para fins específicos de dominação e exploração.

3. Através destas imagens é possível pensar na transformação estrutural ao reconhecer que as imagens são representações das múltiplas realidades.

4. A concepção de imagem decolonial deve se apoiar no diálogo interdisciplinar e na confluência de saberes, visto que elas não são fixas a um único conhecimento e são objetos complexos.

5. A imagem decolonial se configura na representatividade das experiências, na comunicação dessas experiências.

6. A imagem decolonial se torna um agente autônomo e importante na transformação social por ser portadores de conhecimento, gatilho de memória e emoções.

O conceito de Imagem Decolonial se apresenta para enfatizar a percepção, compreensão e lembrança memorialística de que devemos sempre realizar uma autocrítica contra todas as representações visuais que repliquem a dominação e subjugação colonialista. É a decolonização e compreensão das nossa própria concepção de imagens no empoderamento dos diversos saberes, seja através de sua interpretação, reinterpretação ou ressignificação.

3.1 A Escala da Imagem Decolonial

O conceito de escala pode ser definido em uma generalização nos diversos campos que é utilizado como à proporção ou tamanho de um objeto, fenômeno ou sistema em relação a outro objeto, fenômeno ou sistema. É uma unidade de medida que indica como algo está sendo representado, o que pode ser mensurado de forma quantitativa por alguma unidade de medida ou comparativo de algum objeto de valor semelhante e/ou que lhe padronize.

A ideia de escala é fundamental em diversas disciplinas, como geografia, matemática, economia, ciências sociais, arte, design e aqui fundamental para aplicar a imagem decolonial e pensar nas confluências de saberes nas epistemologias do Sul dentro de um metodologia da Cartográfica Imagética, pensando na sua apropriação para uma ciência decolonial.

O conceito de escala é um dos principais pontos que nos permite pensar em uma metodologia que trabalhe de forma conjunta com questões quantitativas e qualitativas, objetivas e subjetivas. Ela é a perspectiva por qual definimos o olhar para a imagem e que dita as formas como iremos proceder em nossa jornada metodológica.

Imagine-se diante de um objeto que se coloca em tela ou outro meio refletindo as múltiplas dimensões de sua jornada, seus possíveis caminhos e alternativas. A representação metafórica da escala de imagem revela-se como uma ferramenta mágica para o envolvimento de um pequeno ser e suas limitações para com todo universo, capaz de ampliar e reduzir, de mudar ângulos e destacar detalhes, de revelar algo que era inimaginável porque ignorávamos ou porque era até o momento inimaginável.

A escala tem um valor inverso na sua representação. Quando aumentamos os valores da escala, aqui falando da imagem, a escala é menor, e você consegue perceber um espaço maior, ao mesmo tempo que perde alguns detalhes, entretanto as relações entre objetos parecem ser mais claras para além da sua centralidade, o universo ganha vida e a história se torna mais intensa. O todo fica mais claro e vai se revelando.

Ao passo que reduza os valores de uma escala, o espaço ou objeto visualizado se torna mais específico, aqui a escala é considerada maior, e desta forma consegue ter a percepção de mais detalhes. Poderíamos dizer que neste caso se trata de um retrato e na explicação anterior a foto de família. desapegando-se dos detalhes e vislumbrando o todo.

Outra contribuição da escala da imagem surge quando você muda de ângulo, de ponto de vista. O que iremos ver com o nosso Agrimensor-Flâneur (conceito que logo iremos demonstrar), permitindo que você caminhe pelas imagens, explorando novas direções. São olhares diferentes sobre o mesmo objeto, são olhares na confluência de saberes, que articulados se configuram em alternativas. Ou seja, são perspectivas, pontos de vista diferentes que podem apresentar soluções inesperadas e novas possibilidades de se envolver com a natureza, com o universo. E nestas perspectivas dentro desse universo é que surgem as constelações de alternativas, oportunidades de mudança e emancipação.

Encontrar o equilíbrio entre o objeto, o espectador e o conhecimento é a arte de quem quer comunicar algo, quer se relacionar com algum ser, é a arte do pesquisador, do sujeito curioso e imaginativo. É mais que um recorte da metodologia

para somente dar conta de um determinado assunto, é como sintonizar a melodia da compreensão, onde a harmonia entre detalhe e visão geral cria uma sinfonia de discernimento, cria os blues e sambas que escutamos nas encruzilhadas da vida.

Na obra “O futuro começa agora: da pandemia à utopia”, Santos (2018), apresenta uma ideia de escala, partindo da concepção da pandemia do coronavírus, que nos parece interessante principalmente para quem está pensando dentro das questões imagéticas e da cartografia, em como as imagens se tornam visíveis em toda sua rugosidade.

Refletindo sobre a vastidão do nosso planeta quando visto a partir da perspectiva microscópica do vírus (SANTOS, 2018), somos levados a recordar a icônica fotografia capturada em 07 de dezembro de 1972 pela missão espacial Apollo 17, que nos mostrou a Terra a uma distância de 29 mil quilômetros. Essa imagem singular redefiniu a nossa compreensão da escala do planeta em relação ao vasto cosmos, apresentando-nos um mundo diminuto, em uma escala menor, inserido em um universo infinito. Antes da divulgação dessa imagem, muitos de nós mantínhamos a visão de que o planeta ocupava um papel de magnitude quase infinita, mantendo-nos arraigados na crença da centralidade da humanidade no universo - uma perspectiva que se mantém para muitos até os dias atuais.

O coronavírus agora exhibe um efeito semelhante ao situar cada indivíduo em uma escala global, ao mesmo tempo em que reduz essa perspectiva sobre ele mesmo, o reduz. Nessa mudança de escala que carrega consigo uma ameaça a própria vida humana e exige uma transformação profunda, podemos interpretá-la como uma segunda forma de miniaturização. Essa nova escala nos instiga a contemplar o planeta como um todo, a compreender suas complexas interconexões globais, e nos impulsiona a questionar se teremos a oportunidade de testemunhar uma terceira miniaturização, considerando os desafios sociais e ambientais que atualmente colocam em xeque o futuro da humanidade e a continuidade de nossa espécie.

Ao mesmo tempo que a ciência amplia o nosso campo de atuação, hora diminuindo e em outros aumentando a escala na percepção do desenvolvimento, do Universo, ela inversamente pode estar reduzindo o tempo da espécie humana no planeta, em desastres naturais e sociais eminentes, esse tempo parece ser cada vez mais breve. Isso ocorre porque não compreendemos as nossas próprias criações (imaginações e criatividade), transformações e reflexões, uma vez que não estamos

dispondo de tempo para compreender a nós mesmos, em uma ponderação de escala temporal cada vez mais acelerada.

No ponto de vista deste presente trabalho e pesquisa a miniaturização do mundo, ao longo da história, foram ocorrendo através de pequenos processos e grandes passos para a humanidade, ao exemplo do desenvolvimento da linguagem, da nossa ocupação em diferentes espaços do planeta e até conquistando algumas ocupações no cosmo. Contudo, a primeira grande, ou melhor, tecnologicamente revolucionária miniaturização do mundo, de sua escala, ocorreu antes mesmo da humanidade viajar por espaço, ocorreu com a invenção da fotografia.

Através deste meio da imagem transportamos pequenas proporções do mundo em um papel ou outro meio que caberia em nossos bolsos, possibilitando exibir uma paisagem ou até mesmo uma família inteira dentro de um pequeno álbum.

Essa escala da imagem não deve ser vista somente pela ótica do distanciamento, redução ou ampliação que se faz sobre aquilo que está sendo representado, mas da complexidade sobre aquilo que queremos significar com a sua representação, com a forma como o conhecimento deve ser apresentado.

Pensando através de escala conseguimos nos aproximar ou nos afastar de qualquer coisa, mas essa não é uma decisão unilateral de quem produz a imagem e sim de uma relação direta com o objeto retratado, por vezes é o próprio objeto que diz qual é a escala ideal, o quanto ele quer responder sobre a forma como foi questionado.

O conceito de escala tem semelhança com o pensamento dialético de Benjamin (2009), principalmente na sua concepção imagética e na importância da fotografia que percorre toda a sua obra. Ele não abordou explicitamente a escala da imagem em seus escritos de forma direta ou como um conceito central. No entanto, discutiu amplamente a relação entre a arte, a tecnologia e a sociedade, incluindo considerações sobre a reprodutibilidade técnica da imagem, a aura da obra de arte e a experiência estética na era moderna.

A ideia de escala da imagem, no contexto das obras de Walter Benjamin, pode ser abordada de maneira mais ampla em relação à forma como as imagens são percebidas, reproduzidas e distribuídas na sociedade moderna. Na sua exploração de como a tecnologia, especialmente a fotografia e a reprodução em massa, afetou a forma como as obras de arte eram produzidas, consumidas e valorizadas.

Um exemplo relevante pode ser encontrado em seu ensaio "A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica" (1994b), no qual ele discute como a

reprodução técnica, a exemplo da fotografia e impressão afeta a autenticidade e a aura da obra de arte. Argumenta que a reprodução técnica torna a arte mais acessível, mas também a desvincula de seu contexto original, o que tem implicações sobre como a arte é percebida e valorizada.

Se a tecnologia, a exemplo da fotografia e do cinema, afetaram a natureza da imagem, isso ocorreu diretamente por sua representação nas diversas escalas. As quais não removeram a sua “aura” como determinava Benjamin, mas tornaram sua singularidade acessível e possibilitando a disseminação de sua comunicação. Faltando apenas encontrar espectadores emancipados para que atingisse sua função social de comunicação e produção do conhecimento.

Ainda assim valorizamos e enalteçemos esse esforço teórico, principalmente por sua visão da imagem como um campo fértil para analisar as experiências humanas, o desenvolvimento cultural, as questões memorialísticas e as transformações sociais. Posicionando todo o processo histórico como uma sucessão de imagens que se desdobram diante do espectador.

O pensamento dialético de Walter Benjamin e seu interesse com a vida cotidiana (COELHO; PERSICHETTI, 2016), da presença simultânea de elementos contraditórios e determinantes para uma transformação da vida nas cidades é perceptível na concepção do flâneur na sua relação e afastamento com a própria cidade, com o consumo, espaços e nas suas lembranças. Levando a concepção de historicidade, do presente como momento de decisão e ação ao momento da autenticidade, de descoberta, possibilidade de ruptura e libertação de um passado repressor.

A historicidade, para Benjamin, é indissociável da existência das imagens dialéticas, marcadas pela articulação entre momentos distintos no tempo mediante a técnica da montagem. O que há de específico na concepção benjaminiana da dialética é a sua valorização do olhar, que decorre do entendimento de que o presente é o tempo da vivência, por intermédio das imagens do passado (da lembrança), da experiência dialética da temporalidade, da relação contraditória entre passado e presente. No presente deve ser mostrada a possibilidade da destruição da temporalidade vivida como continuidade. (COELHO; PERSICHETTI, 2016, p. 58)

No texto “Pequena História da Fotografia” (1994a), Benjamin colocando a importância da fotografia como meio de produção de imagens no auxílio da compreensão dos espaços urbanos, da vida cotidiana dentro da sua concepção dialética, diz que sua potencialidade se configura em conferir visibilidade aquilo que

estava invisível. O que estava invisível pode ganhar aspectos de representatividade na fotografia e este por sua vez se torna documento de análise histórica, contextualizada e revelador.

Walter Benjamin nutria uma profunda paixão pela fotografia, mas sua abordagem foi marcada por uma paixão crítica, digna de um verdadeiro pesquisador e intelectual engajado em seu tema de investigação.

Em suas análises detalhadas das imagens e na busca por compreender as funções sociais da fotografia, revela inquietações contínuas sobre o seu uso político positivista. Utilização que teria como objetivo alterar a função social da imagem, da fotografia.

A imagem fotográfica que poderia ser reveladora e um aparato de transgressão pela transmissão de conhecimento e despertar da consciência, torna-se uma armadilha e uma prisão na relação com o poder dominante.

É também nos textos "Pequena história da fotografia" (BENJAMIN, 1994a) e "A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica" (BENJAMIN, 1994b) que encontramos argumentos sobre a linguagem vernácula da fotografia, da dialética da imagem, a ser realizada na análise das imagens por meio da cartografia imagética.

Neste pensamento de dialética da imagem, não só nestes textos, mas no conjunto de sua obra, fica evidente a sua rejeição da ideia da história linear e progressiva. Rejeição da característica própria do colonialismo e do pensamento eurocêntrico para perpetuar sua pseudo superioridade para subjugar outras culturas.

A história vista como uma série de fragmentos, contextos e imagens que não precisam se encaixar como quebra-cabeças, ao mesmo tempo que estão interligados de maneira não linear, é que torna possível o consenso entre as diversas realidades.

Essa é a dialética entre a história e a cultura surgindo da tensão entre o passado e o presente, entre a memória e o esquecimento, entre o progresso e as tradições. Entre essa tese e antítese é que pode surgir uma síntese redentora, uma alternativa de transformação social. Além de seus fragmentos e tentativas de remontá-los historicamente apresentarem fatos e conhecimentos que estavam ocultos; revelando as contradições, tensões e possibilidades nas experiências humanas.

Há previsões em seus textos de que a proliferação de imagens reproduzidas tecnologicamente mudará a forma como as pessoas notam e interpretam a arte principalmente em conjunto com a possibilidade da gradativa ignorância futura. O autor sugere que a capacidade de interpretar imagens visuais se tornará mais

importante do que a capacidade de ler e interpretar texto. Esta mudança origina uma nova forma de vivenciar e compreender a realidade, na qual a imagem visual teria um papel fundamental. Isto não significa que a literacia tradicional será obsoleta, mas que o alfabetismo visual será igualmente vital.

Utilizamos a metodologia da cartografia baseada no conhecimento visual, contudo encontramos apoio no conhecimento tradicional, sem esquecer a história oral.

É a memória nas legendas das fotos um fator importante nas imagens, ou seja, a descrição escrita que acompanha uma imagem pode alterar significativamente a interpretação da própria imagem. A legenda tem o poder de direcionar o olhar do espectador contextualizando ou destacando elementos específicos. É a compreensão de que combinar uma imagem com uma descrição escrita cria ou confere um novo significado, que influencia a percepção e interpretação de imagens. E salientando a importância de quando uma memória narrada oralmente por uma pessoa que viveu na época ou viu a própria imagem, confere um potencial maior ao objeto.

Para ir além das legendas e do caráter mistificador da imagem utilizável na espetacularização e nos dispositivos de colonização, propomos uma leitura imagética através dos mapas e seus memoriais. Isto só é possível através de uma determinação e importância dada à questão espacial, geográfica dentro do sistema atual. Com uma compreensão ampla e significativa do conceito de espaço-tempo que vai além do conceito estético do lugar.

Ressignificando esse pensamento dentro da perspectiva decolonial, que poderíamos até intitular no jogo de palavras que estamos nos propondo de “dialética da imagem decolonial”, ocorre ao reconhecer que as imagens, sejam elas culturais ou históricas, são influenciadas pelas dinâmicas coloniais e pós-coloniais. É o esforço intelectual com Benjamin para reconhecer as narrativas eurocêntricas que ele próprio pode ter reproduzido. Uma análise das heranças coloniais nas imagens para decolonizar a própria experiência da imagem no reconhecimento de que a representação imagética foi muitas vezes instrumento da perpetuação das hierarquias de poder e dos estereótipos colonialistas.

Neste processo dialético de decolonização vamos nos permitir uma apreciação mais diversificada e igualitária das imagens e da história, revelando suas contradições e promovendo uma representatividade e uso consciente das imagens.

A dialética da imagem decolonial também pode iluminar o que Walter Benjamin denominava de coisificação, mas para nós no contexto decolonial. Um processo que

não ocorre somente dentro das questões tecnológicas, mas também nas questões coloniais, onde o indivíduo e as culturas estão sendo tratadas como meras mercadorias, prontas para serem vendidas, consumidas e descartadas.

Somente neste processo de coisificação que as imagens em todas as suas formas perdem a sua “aura”, sua verdadeira significação.

Focar na escala significa ver a diversidade, apontar suas representações além deste processo antinatural da coisificação da vida. Algumas visibilidades podem ter maior intensidade em determinado contexto, enquanto outras visibilidades formam significados que dependem de outras partes que ainda precisam ser contempladas.

A escolha consciente do tamanho da escala em um dado contexto da imagem e do pesquisador é o que definirá o tom das prioridades e direções da pesquisa. Esse diálogo entre o sujeito e o pesquisador faz do contexto uma bússola que pode orientá-lo em direção aos seus objetivos ou surpreendê-lo com novas descobertas e perguntas antes não feitas.

É o que mantém o indivíduo progredindo em direção aos seus objetivos com uma bússola confiável que lhe permite ir e voltar quando necessário.

A medida depende do contexto e do ponto de referência, do que está sendo observado. e por quem observou. Cada elemento de uma determinada imagem tem significado quando colocado em relação a totalidade de sua composição. É uma lente multifacetada que permite explorar o labirinto de conhecimentos imagéticos.

Revelam experiências, moldam narrativas, mineram e permitem-nos reimaginar a própria realidade, desvendando outras realidades que pareciam imperceptíveis ou escondidas por algum motivo. É uma ideia que se revela num determinado momento e lugar.

A imagem decolonial está diretamente relacionada para uma escala decolonial que se altera na perspectiva cultural que se encontra inserida.

O conceito de escala decolonial torna-se uma ferramenta importante e reflexiva para ampliar ou abreviar a narrativa que é inicialmente definida por um objeto, para somente depois ser intencionalmente empregada por pesquisador.

Isto não é uma escolha aleatória, é determinado pelas representações. Reconhecendo que a análise de imagens pode ser influenciada ou relacionada a determinados fatores que podem alterar a proporcionalidade em diversos contextos históricos e culturais, evitamos desta maneira generalizações simplistas.

A escala decolonial é a flexibilidade de um olhar sensível que adere ao todo, que exige reflexões mais profundos, específicas e ao mesmo tempo globais. Isso se aplica tanto às particularidades quanto à complexidade. Estas histórias são narrativas completas e autênticas que recriam experiências e jeitos de vida tal como aparecem às comunidades às quais pertencem, sem intervenção no mercado colonialista e eurocêntrico.

Na sua essência, a escala Decolonial é a espinha dorsal do repensar social e cultural para o questionamento das prioridades da visão tradicional. Explorando novas perspectivas e opções para uma sociedade mais justa e equitativa na redefinição de novas prioridades para uma visão cosmológica e decolonial.

3.2 A realidades dos espaços e lugares – coordenadas de territórios

Como foi dito, os conceitos de realidade surgem inicialmente na metodologia fenomenológica de Kossoy (2011), transformando uma foto em artefato histórico e nos leva aos conceitos de primeira e segunda realidade. Uma tese que se mostra satisfatória para a compreensão da história e utilização da imagem, da fotografia especificamente, mas não dá conta de sua potencialidade transformadora. Por isso que estamos nos propondo pensar em uma terceira realidade.

Partindo da concepção de um materialismo histórico e dialético (SCHIAN, 2020) a primeira realidade (tese) se encontra na fotografia como um artefato histórico, museológico, falando do seu passado, de sua contextualização sobre uma determinada realidade, de sua história, é o real em si de um determinado ponto de vista e que está diretamente conectado a produção da fotografia, do contexto do fotógrafo e do objeto retratado. É uma realidade teoricamente imutável, por ser histórica, é a objetividade da fotografia, muito próxima do positivismo.

Sua antítese, a segunda realidade, é a maneira que a fotografia é utilizada, consumida (para utilizar um termo referente a espetacularização e da indústria cultural). Se trata da percepção que temos da imagem carregadas com suas ideologias, utopias e determinações externas. É a realidade que se assume depois dela ser representada. Que pode se configurar em uma realidade criada dissimuladamente por fotógrafo, por um observador da imagem ou por um elemento estranho a própria comunicação (econômico, poder).

A segunda realidade nesta perspectiva é a própria espetacularização na qualidade de realidade percebida e experienciada na modernidade.

Uma sociedade que não vive a espetacularização como a sua alienação e sim sua forma prática de se relacionar e produzir [...] Compreender a segunda é entender como as imagens servem para manutenção de um consenso social ou para sua dominação, mas nada nos dizem além das suas relações de poder e das diferentes percepções socioculturais [...] Realizar esta complexa análise para chegar à informação da primeira realidade, também nada nos diz, a não ser tornar uma imagem fotográfica, dependendo de seu conteúdo, como um artefato histórico e/ou museológico [...] (SCHIAN, 2020, p. 89-90)

A terceira realidade deve se configurar em uma comunicação horizontal, liberta das relações de todas as formas de dominação e preconceitos, próxima da Tríade Imagem-Meio-Corpo elaborada por Belting (2014), e das perspectivas decoloniais. Uma comunicação que se faça por meio material que se constitui do seu passado, a sua utilização e percepção no presente, nos falando sobre um futuro, que pode manter, descartar, transformar ou gerar novas imagens construídas a partir de um pensamento coletivo, integrador e fraterno.

Voltaremos mais a frente para elaborar definitivamente o que estamos compreendendo por terceira realidade, por hora essas informações apresentadas são suficientes para pensarmos em uma relação conceitual anterior, um fragmento das realidades, o espaço.

Voltemos a falar de uma ciência que nasce no interior da sociedade (confluência dos saberes), da pluralidade e diversidade dos conhecimentos e dos processos da comunicação, que nos permite ir além da sociedade do espetáculo.

Compreendendo o Meio como a mídia, onde se transporta, transita a informação e a retórica da comunicação dentro do paradigma que se apresenta para ultrapassar as limitações da ciência moderna. Os quais devem encontrar um espectador emancipado (RANCIÈRE, 2012) e uma comunicação aberta, de igualdade entre o receptor e o emissor (RANCIÈRE, 2002).

Na análise da cartografia imagética, e que pretendemos transgredir com todas as formas que usurparam a nossa liberdade, seja para pensar ou ocupar espaços, é necessário sublinhar as questões da localização das imagens e das culturas.

[...] enquanto nós arquitetos rebeldes não conhecemos a coragem de nossa mente e estivermos preparados para dar um mergulho igualmente especulativo em algum desconhecido, também nós continuaremos a ser

objetos da geografia histórica (como abelhas operárias) em vez de sujeitos ativos que levem conscientemente ao limite as possibilidades humanas. Aquilo a que Marx deu o nome de 'o movimento real' que vai abolir 'o estado de coisas atual' está sempre por ser feito e por ser apropriado. Esse é o único sentido que pode ter adquirido a coragem de nossa mente. (HARVEY, 2006, p. 335)

Nessa perspectiva de Harvey (2020), que em suas perspectivas da geografia e exploração se torna um pesquisador decolonial, afirma que espaço e geografia não podem ser reflexões complementares como tópicos de uma dada teoria. Sua demonstração que o capitalismo forma uma organização espacial própria e revela a sua mecânica e as mudanças em curso na paisagem geográfica de produção, circulação e consumo.

Harvey (2020) desenvolveu o conceito de espaço-tempo na sua teoria como parte da sua análise crítica da dinâmica social, econômica e espacial do capitalismo contemporâneo. O objetivo deste conceito é explorar como o espaço e o tempo estão conectados e interagem de maneiras complexas.

Fatores que influenciaram o desenvolvimento da cidade e da produção econômica e refere-se à forma como as relações sociais e as atividades humanas ocorrem numa área geográfica específica e são determinadas por dimensões temporais. Na argumentação de que espaço e tempo são interdependentes e inseparáveis e, que as mudanças em uma área afetarão inevitavelmente a outra.

As imagens são miniaturizadas ou sofrem ampliações de determinado objeto para o simples ato de consumo num sentido que não é dado por ele, por indivíduo ou pela relação social que nele está inserida: seu sentido é dado pela espetacularização.

Espetacularização que é responsável por controle e manutenção do sistema.

Ao mesmo tempo em que as imagens são simples mercadorias de comunicação e consumo imediato na sociedade contemporânea, elas também se configuram em outras funções, quando as instituições de mercado, os governos os atores políticos e até mesmo os intelectuais, que efetuaram essa transformação da imagem em mercadoria, na sua coisificação, tornam-se dependentes, criam uma imagem diferente de estabilidade, de valorização e de manutenção das relações de poder.

São imagens que não devem ser consumidas tão rapidamente, devem ser permanentes no conceito da marca.

O sociólogo da geografia (HARVEY, 2020) coloca essa generalização metodológica, superficial e enganosa de produção e consumo de imagens de mediação da política como resultado da competição social, não apenas na mercadologia, mas também em todas as áreas que transformam imagens em valor social.

O que leva ao comportamento individual ao longo do caminho, uma contradição ao discurso do coletivo, das globalizações. Permite também reduzir a complexidade e a pluralidade dos espaços, a diversidade cultural ali encontrada, numa única imagem ou num conjunto delas, como parques de diversões, praças de alimentação temáticas e étnicas, grandes centros comerciais e estabelecimentos comerciais.

As mudanças que acarretam neste processo na economia global, na tecnologia, nas políticas públicas e nas estruturas sociais afetam diretamente as paisagens urbanas e os ambientes construídos ao longo do tempo. O próprio capitalismo cria espaços diferenciados e desiguais, onde o poder e a riqueza são distribuídos de maneira desigual, moldando as experiências e as oportunidades das pessoas de maneira complexa. Dois indivíduos podem estar no mesmo local e suas experiências se tornam desiguais por questões econômicas e relações de poder. São as práticas do colonialismo moderno.

Passamos desta forma a experienciar o mundo em qualquer espaço, seja ele físico ou virtual, se constituindo em simulacros da vida cotidiana e suas diversidades constituídos em um mesmo tempo e espaço. Mas fazem este processo dentro da lógica da espetacularização, ocultando as origens, processos de trabalho, relações sociais intrínsecas a essas imagens.

A compressão espaço-temporal sempre cobra seu preço em nossa capacidade de dar conta das realidades que se desdobram à volta. Sob estresse, por exemplo, fica cada vez mais difícil reagir de maneira precisa aos acontecimentos. Confundir um Airbus iraniano, na rota de determinado corredor aéreo comercial, com um caça-bombardeiro aproximando-se na mira de um navio de guerra estadunidense – é um exemplo da forma como, em situações de estresse e compressão espaço temporal, a realidade acaba sendo criada em vez de interpretada. (HARVEY, 2020, p. 148)

Nestas relações espaciais que não são neutras, seja no seu desenvolvimento ou na questão da temporalidade e repletas de fenômenos geográficos, são variáveis materiais de extrema importância para as análises. Variáveis que estão constante movimentação e imersas nas contradições do capitalismo.

Com o conceito espaço-temporal se relacionando com a produção do espaço, ou seja, como o espaço é criado, moldado e transformado pelas relações sociais e econômicas, as consequências imediatas são sentidas nos processos de urbanização, gentrificação, segregação e transformação do espaço urbano, os quais são mediados por tempo, tanto histórico quanto contemporâneo.

Uma noção delineada por Marx em sua obra “Grundrisse” (*apud* HARVEY, 2020) como a supressão do espaço e tempo, determinando que na circulação do capital o tempo é o fator de dimensão fundamental nas relações humanas que são determinadas por sistema. Na lógica que o lucro é determinado por tempo de trabalho excedente e a taxa de juros, é um valor acrescido pela média entre o tempo de trabalho excedente e o tempo de rotação socialmente necessário.

Para que essa condição seja validade e aceita o sistema capitalista realiza as configurações e ressignificações de espaço em detrimento do tempo, condicionando esse em consumo rápido como qualquer outra mercadoria. Desta forma que o capitalismo modifica as cidades e todos os ambientes construídos para controlar as experiências humanas.

Isso não quer dizer que o espaço não tenha a sua devida importância nesse processo de exploração, por contrário, o conceito visa demonstrar como o sistema vai dominar, organizar, criar e usar o espaço para que ele se adeque ao que é necessário ao lucro e a circulação de capitais.

Pode-se desenvolver a fertilidade do solo, localizações relativas podem ser alteradas por meio de melhoras no transportes e é possível embutir na terra novas forças produtivas por meio do trabalho humano. Além disso a vantagem de acesso a, digamos, uma cachoeira como fonte de energia pode ser eliminada da noite para o dia com o advento do motor a vapor. Marx está interessado principalmente em analisar como transformações desse tipo liberam a produção capitalista das amarras naturais e formam uma ‘segunda natureza’ criada pela mão humana como palco para a ação humana. e, se surgem circunstâncias (e Marx reconhece que isso ocorria com frequência na agricultura de sua época) em que a fertilidade natural e a localização continuam rendendo vantagens permanentes a produtores privilegiados, o benefício poderá ser abatido por meio da renda da terra [...] a localização da produção não pode, portanto, ser interpretada como mera resposta a condições naturais, mas como o resultado de um processo social em que modificações da natureza, da vantagem locacional e do processo de trabalho se conectam. (HARVEY, 2020, p. 58)

No mestrado em Ciências Sociais, na PUC-SP (SCHIAN, 2011), foi refletida a necessidade de articular um conceito de terceira natureza, de concreta sustentabilidade e harmonia entre os seres, o que hoje compreendemos através da

cosmologia. Partindo da síntese da primeira natureza ser aquela que não teve intervenção humana, e a segunda natureza quando ocorre a intervenção humana em uma concepção produtivista da ciência moderna que tem como um dos seus objetivos principais o domínio da natureza.

Uma terceira natureza, que voltaremos a debater em outro trabalho futuro e que se torna um elemento necessário na virada epistemológica das epistemologias do Sul e da ciência decolonial. Que agora parece ser uma concepção possível com o desenvolvimento do conceito de Terceira Realidade e da Metodologia da Cartografia Imagética. Principalmente pela contribuição de Antônio Bispo dos Santos (SANTOS, 2023) com os conceitos de biointeração, compartilhante e envolvimento e com a definição de espaço que iremos expor agora.

Nesta concepção as distinções que Ribeiro (2018) realiza para sua análise cartográfica dos conceitos de espaço e lugar são pertinentes. Definindo espaço como algo produzido por uso em uma relação direta de espaço e corpo. Sendo que sua percepção é dada a partir da interação que temos com ele, tornando fundamental abarcar suas condições materiais e históricas.

Já a concepção de lugar (RIBEIRO, 2018), com uma visão mais humanística, são espaços que podem ser criados ou percebidos através das experiências e relações sociais dos seres que neles estão inseridos. Desta forma o lugar tem uma importante característica que é a relação de afetividade, necessitando um contato próximo e uma associação temporal com ele.

São lugares de significados e por isso não se restringem a espaços físicos e podem ter significados pessoais, diferenciados para cada ser ou relação.

Explorando a concepção de natureza e realidade que examinamos, percebemos que os espaços estão intrinsecamente ligados à primeira realidade, enquanto os lugares estão mais relacionados à compreensão da segunda realidade. Contudo, para engajar na exploração da terceira realidade, convidamos a considerar espaços e lugares como Coordenadas de Territórios.

As coordenadas de territórios são como pontos precisos que marcam nossa trajetória passada, presente e aspirações futuras. Essas coordenadas se manifestam como referências geográficas rigorosas, e dado o constante movimento dos corpos, podem ser ocupadas por diversos protagonistas em diferentes culturas, quase que no mesmo tempo e espaço, alternando rapidamente a percepção do contexto e realidades.

A variável que define a experiência neste contexto de Coordenadas Territoriais, é o tempo que, com espírito de responsabilidade comunitária, respeito e valorização da diversidade, transforma estes pontos de acurácia geográfica em pontos de encontro partilhados, ou melhor, compartilhados. Um espaço que não aceita o conceito de propriedade privada, tudo se torna coletivo geograficamente.

O papel dos meios de comunicação, enquanto suporte de todas as imagens, cumprindo o seu trabalho comunicativo e função social, com a forma de interação do indivíduo com o espaço que o rodeia, funciona aqui como uma instituição educativa. A comunicação ética e democrática está retoricamente ligada a um público independente, com igualdade entre receptor e emissor encontrando consenso sobre o uso do tempo e respeito pelas diferenças das entidades que ocupam estas coordenadas. “É curioso recordar como a invenção de novos meios de comunicação ao longo da história acaba por exercer uma influência significativa na maneira como lidamos com o próprio espaço.” (RIBEIRO, 2018, p.114)

O corpo, seja o nosso ou de qualquer outro ser ou coisa, é um espaço delimitado e que pode se expandir dependendo de suas relações, utilizações ou ambições. E quando pensamos nesta expansão realizada por uma consciência humana, o indivíduo se torna um lugar, seu corpo como um lugar/local, não estando mais preso a um espaço específico. O que não significa que o espaço esteja submetido as questões temporais, são grandezas de igualdade, só que tornadas possíveis de dividir fraternalmente.

A internet, as nossas novas formas de comunicação e seus aparatos, na Revolução 4.0 que desponta no horizonte, para não falar de nosso presente com a inteligência artificial, é uma prova cabal que o ser humano hoje dotado de uma consciência livre se torna um agente histórico não mais preso a um simples espaço, mas se tornando um local e referência para outros.

No entanto antes desta distinção de espaço e lugar, precisamos ter claro que o espaço é formado por objetos, os quais não são determinados por si mesmos e sim por próprio espaço - chegando a serem determinados independente de suas vocações originais. O que reafirma a importância do espaço na equação que se monta nas análises cartográficas imagéticas para refletir as alternativas para as Epistemologias do Sul.

Nesta determinação que segue uma lógica própria, se entrelaçando com a lógica da história que é assegurada e determinada por espaço (SANTOS, 2006), os

objetos são organizados e acionados. A história se torna um meio que se realiza no espaço, não necessariamente em uma relação harmônica, mas dialética. Sempre produzindo uma nova síntese, ou seja, uma criação espaço-temporal nova.

Uma relação nada harmônica que pode ser percebida já na ausência de democratização das técnicas, ou na própria publicidade falsa da democratização destas técnicas. A exemplo do que é falado dos smartphones como aparato de liberdade, mas que se torna opressor ao colocar o indivíduo em uma presença constante, no fato de sua tecnologia não ser igualmente fornecida a todos e no desconhecimento dos indivíduos quanto ao potencial de seus equipamentos.

O discurso de democratização das técnicas só existe para corroborar com outro discurso ainda maior e de dominação, o da globalização imperialista (uma das faces das globalizações), com base no patriarcado, eurocentrismo e capitalista. Que tem no seu objetivo a homogeneização, a massificação cultural, não levando em conta as diversidades existentes.

O uso dos objetos através do tempo mostra histórias sucessivas desenroladas no lugar e fora dele. Cada objeto é utilizado segundo equações de força originadas em diferentes escalas, mas que se realizam num lugar, onde vão mudando ao longo do tempo. Assim, a maneira como a unidade entre tempo e espaço vai dando-se ao longo do tempo, pode ser entendida através da história das técnicas: uma história geral, uma história local. A epistemologia da geografia deve levar isso em conta. A técnica nos ajuda a historicizar, isto é, a considerar o espaço como um fenômeno histórico a geografizar, isto é, a produzir uma geografia como uma ciência histórica. Assim pode-se também produzir uma epistemologia geográfica de cunho historicista e genético, e não apenas historicista e analítico. (SANTOS, 2006, p. 33)

Nesta sentença, um dos tesouros da intelectualidade brasileira, latina e decolonial, Milton Santos (2006), expõe que ao tornar empírico o tempo, o tornamos igualmente material. Desta forma conseguimos incorporar o tempo no espaço através da técnica, visto que o espaço só existe exatamente pela materialidade. Uma união realizada pela técnica tanto por sua historicidade e epistemologia, por incluírem em sua composição uma própria temporalidade, por serem uma medida de tempo qualitativa e quantitativa, com “o tempo do processo direto de trabalho, o tempo da circulação, o tempo da divisão territorial do trabalho e o tempo da cooperação.” (SANTOS, 2006, p. 34)

O que estamos desenvolvendo e definindo como Coordenadas de Territórios, uma importante ferramenta para a nossa metodologia para determinar a referência

geográfica de um ser, uma cultura e um objeto, é próximo do que Milton Santos (2006) definiu como paisagens.

Essa proximidade pode ser vista quando esse autor demonstra que paisagens e espaços não são sinônimos.

Paisagens está conectada as relações humanas e suas heranças culturais e memorialísticas, suas relações afetivas, e até mesmo sua relação com a natureza – a paisagem aqui se torna um componente importante do espaço geográfico por ser o resultado das atividades humanas e naturais, e as suas transformações refletem nas mudanças sociais e econômicas.

Já o espaço são essas relações e características acrescentadas da vida que está ocorrendo no tempo presente. Desta forma a dialética não deve ocorrer entre sociedade e espaço e sim entre sociedade e paisagem.

Posicionamos as coordenadas de territórios como as atividades humanas ocorrendo em um tempo e espaço específico, momento que define a existência de um indivíduo. Por isso que os espaços e lugares ocupam na metodologia a interação dos outros seres neste mesmo espaço e tempo ou em outro espaço e tempo, simultâneo ou não, podendo se configurarem como uma coordenada de território dependendo da escala adotada para análise, dependendo do ângulo e referencial.

Essa é a configuração da comunicação, ou melhor, da comunicação decolonial, que se esforça para desintegrar as fronteiras artificiais que nos separam, seja no tempo ou espaço. Promovendo a coexistência das diferenças.

Lembrando que Milton Santos (2006) ao examinar a relação entre a razão técnica e a dimensão emocional na construção do espaço, enfatizando como as emoções e os sentimentos das pessoas influenciam sua experiência e percepção do ambiente realiza a crítica a tendência à homogeneização do espaço devido à globalização econômica e cultural. Destacando a importância de preservar a diversidade cultural e as especificidades locais.

Cerqueira-Neto (2017), em seu artigo “Epistemologias do Sul e nova geografia: por uma geografia popular no encontro entre Milton Santos e Boaventura de Sousa Santos”, apresenta a proposta de uma geografia popular, que visa resolver os problemas gerados pelas linhas abissais que fragmentam e estabelecem uma hierarquia entre Norte e Sul no território brasileiro. Nesta proposta aproxima a dinâmica social da geografia de Milton Santos da relação entre sociedade e território/paisagens com a Epistemologia do Sul de Boaventura.

Tal separação do território são fruto da política-administrativa histórica do Estado na sua geografia oficial e produção de cartografias abissais. Acarretando investimentos desiguais em todo território, concentração de riquezas e incapacidade de governança em total oposição a geografia dos nativos antes da colonização.

A delimitação imposta a sociedade em confinamento de espaços determinados não pela vontade do indivíduo, mas por forças externas a ele, é ponto central da Cartografia Crítica e todo este processo ocorre com a subserviência da ciência para com as necessidade e vontades de um Estado, uma relação de poder, que é estranho as necessidades e vontades da população.

Logo ao articular sobre uma geografia popular não podemos falar de neutralidade científica, a própria ciência e toda forma de conhecimento se tornam atos políticos de transformação social.

É um chamado para a ciência ocupar seu lugar por essência, que é servir as necessidades da sociedade com uma ênfase na criação de comunidades.

[...] Santos, M. (1988, p. 07) analisando a perversão das ciências vai dizer que “quando a ciência se deixa claramente cooptar por uma tecnologia cujos objetivos são mais econômicos que sociais, ela se torna tributária dos interesses da produção e dos produtores hegemônicos e renuncia a toda vocação de servir a sociedade”; entretanto não se pode servir a sociedade estando distante da sua realidade e tampouco negligenciando sua dinâmica. (CERQUEIRA-NETO, 2017, p. 71)

Dentro do contexto da ciência moderna discutido por Franco (2019), emerge a necessidade premente de transcender as limitações das abordagens dicotômicas que tendem a categorizar e simplificar indevidamente todas as explicações relacionadas a fenômenos ou entidades. Nesse âmbito, carece-se da apreciação da rica multiplicidade que permeia tanto a vida quanto o universo.

Essa visão mais ampla e abrangente não apenas supera as dicotomias, mas também nos capacita a identificar e compreender os conceitos de híbridos, conforme delineado por Bruno Latour (1994, *apud* FRANCO, 2019), ao destacar, por exemplo, como essa perspectiva é relevante para desvendar as interações entre natureza e sociedade, bem como entre sujeito e objeto, contestando as divisões tradicionais.

Neste processo de neutralidade de purificação da ciência que acabam por negar um dos pilares da vida humana, a relação direta da natureza e cultura, tornam incompletos qualquer sentido de humanidade, sendo que é impossível separar o natural do ser humano. E mais do que nunca parece que o conceito de “diversais”

(SANTOS, 2023) que abordamos parecem complementar aquilo que pretendíamos com o projeto de humanidade que se iniciou desde o momento da revolução cognitiva e da nossa consciência da nossa relação para com o outro, com a natureza, para com o universo.

Para ilustrar tal constituição híbrida, Latour (1994, p. 115) propõe uma pergunta envolvendo um par de conceitos opositivos: uma ferrovia é local ou global? Nem uma coisa nem outra, responde o autor: é local em cada ponto, já que há sempre travessias, ferroviários, algumas vezes estações e máquinas para venda automática de bilhetes, mas é também global uma vez que pode transportar as pessoas de Madri a Berlim. (FRANCO, 2019, p. 47)

A proposta de geografia popular se aproxima ideologicamente das confluências de saberes ao conferir espaço democrático a outros saberes, aos oprimidos que se encontram marginalizados nas linhas abissais, dando visibilidade aos ausentes e conferindo uma ocupação dos espaços mais igualitária, tornando possível pensar a terceira realidade.

O que determina que as coordenadas de territórios, conceitualmente na lógica deste pensamento, não são espaços ou lugares, são paisagens comunitárias, zonas de conflitos democráticos onde não importa quem ocupa aquela delimitação em um determina tempo, mas no tempo que se ocupa, se permite produzir e ser.

[...] paradoxo central: quanto menor for a importância das barreiras espaciais, maior será a sensibilidade do capital à variação de lugar dentro do espaço e maior será o incentivo para que locais se diferenciem de forma a atrair capital. Como resultado surgem a fragmentação, a insegurança e o desenvolvimento desigual efêmero no interior de uma economia espacial global, unificada de fluxos de capital. A extraordinária descentralização e a proliferação da produção industrial acabam emplacando produtos da Benetton ou da Laura Ashley em quase todo shopping center do mundo capitalista avançado. Com efeito, a nova onda de compressão espaço temporal oferece tantos riscos quanto possibilidades – de sobrevivência a determinados lugares ou de soluções ao problema da sobre acumulação [...] (HARVEY, 2020, p. 138)

O conceito de coordenadas de territórios pode ser definido em termos de representações de pontos de encontro e interações no espaço-tempo, onde as dimensões sociais, culturais e geográficas estão conectadas e expressas através de ações, experiências e relacionamentos humanos. Estas coordenadas vão além da mera representação física de um lugar, pois incluem a complexidade das histórias individuais e coletivas, das experiências afetivas e dos desejos futuros ao que está sendo produzido, principalmente quando falamos de conhecimentos.

Ao contrário das abordagens tradicionais que tendem a categorizar e simplificar através de leis determinadas (herança do positivismo), as coordenadas de territórios reconhecem o hibridismo e a interdependência entre diferentes elementos.

Estas coordenadas são espaços em que as fronteiras entre natureza e cultura, local e global são fluidas, permitindo a coexistência de diferenças, estando abertas a respeitar e avaliar múltiplas opiniões e conhecimentos sem serem restringidas por fronteiras artificiais.

A comunicação decolonial aqui desempenha um papel importante e fundamental na determinação e ocupação das coordenadas, ao servir como forma de superar barreiras que desintegraram e fragmentam a sociedade. Através da comunicação decolonial, as coordenadas de territórios tornam-se um ponto de encontro onde os indivíduos podem partilhar as suas experiências. Visando construção de consenso, quando possível e não determinante, contudo, desafiando a todo momento às relações de poder que causam desigualdades e preconceitos.

Esta abordagem reconhece a importância da temporalidade na formação das coordenadas, pois o tempo não apenas afeta sua percepção e utilização, mas também é afetado pelas atividades e transformações humanas que ocorrem nos espaços. Estes são os pontos onde o passado, o presente e o futuro estão interligados, resultando em uma compreensão mais completa e poderosa das relações sociais e geográficas.

É a abordagem da dialética da imagem decolonial que abordamos anteriormente. É uma alternativa que se configura como inovadora e abrangente para analisar e compreender áreas, lugares e territórios.

Ecoa o imperativo de uma geografia que reconheça a complexidade da vida humana e da interação com o meio ambiente, promovendo uma comunicação que transcenda as fronteiras físicas e culturais ao edificar uma nova narrativa de coexistência e solidariedade.

No contexto decolonial se configura um convite para repensar o espaço e o lugar como espaço de encontro e inclusão, onde as diferenças são valorizadas e o conhecimento é compartilhado. Servindo de ponto de partida para o desmantelamento da estrutura colonial, desenvolvendo justiça social e criando narrativas geográficas que reflitam a complexidade da diversidade humana e suas interações com o universo que nos rodeia.

Devemos discutir como as coordenadas de territórios agregam valor à discussão da cartografia crítica e refletem na metodologia da cartografia imagética. Como configurá-la como alternativa para mudar nossas percepções das diversas realidades.

4 A MUDANÇA PARADIGMÁTICA – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA JAM NA CARTOGRAFIA CRÍTICA

A Cartografia Crítica (CRAMPTON; HARLEY, 1988; KRYGIER, 2008; WOOD, 2014) pode ser compreendida como uma teoria, abordagem ou método utilizada para analisar e representar visualmente as relações de poder e de dominação, estruturas sociais, políticas e econômicas.

Combinando elementos da cartografia, na sua forma taxativa de estudo e representação de mapas e espaços geográficos, em conjunto com uma perspectiva crítica e sociocultural, busca realizar mapas para analisar as relações de poder, identidade, gênero, raça, classe social, políticas e espaços culturais. Em uma apropriação contra-hegemônica para desafiar as representações tradicionais do espaço que estão enraizadas as hierarquias, exclusões e conflitos.

Através da abordagem da Cartografia Crítica, torna-se viável evidenciar e analisar como determinadas regiões geográficas são moldadas por complexas interações sociais, que por sua vez podem se manifestar em formas de exclusão, disparidades, marginalização, preconceito e exploração. Esta metodologia emerge como uma ferramenta fundamental no desvelamento e exploração das disparidades, injustiças e processos de marginalização que permeiam variadas estruturas sociais e culturais.

Emerge com este movimento teórico e prático a capacidade intrínseca ou, melhor ainda, a possibilidade inerente de forjar representações cartográficas que transcendem a mera descrição topográfica, de modo a abranger a complexidade das interações sociais e das estruturas de poder contidas em um determinado espaço. Sua natureza transdisciplinar abrange uma gama que se estende desde a cartografia propriamente dita até a geografia crítica, os estudos culturais e as ciências sociais. Ao invés de simplesmente retratar as características geográficas e territoriais, essa abordagem almeja desvendar e questionar as narrativas e discursos dominantes. Isso ocorre não apenas em relação ao discurso predominante, mas também quanto às formas de poder enraizadas na cartografia tradicional.

Os produtos gerados são mapas críticos que podem levar a conscientização da sociedade sobre alguma questão social pertinente, buscar influenciar, ou melhor, adensar com conteúdo as decisões políticas, apresentar alternativas e promover novas olhares para as pesquisas na educação e outras produções acadêmicas. Seus

objetivos ainda podem ser maiores ao proporcionarem visibilidade e voz a comunidades marginalizadas, trazendo à tona suas experiências e lutas que por compartilhamento podem gerar uma maior representatividade.

Tornam os mapas ferramentas de resistência denunciando as formas de distribuição de recursos; denunciam a segregação racial, socioeconômica; evidenciam as fronteiras, as linhas abissais, sejam elas culturais ou políticas; descrevem o cotidiano de uma determinada sociedade ou comunidade.

Seu objetivo através dos mapas e da visualização de alternativas converge com uma das bandeiras do afeto que levantamos nesta Arena JAM, no que tange o ato de desafiar as representações convencionais que dificultam a ultrapassagem de um determinado poder dominante e suas relações que geram injustiças.

É uma ferramenta analítica e comunicativa que busca revelar as dinâmicas sociais por meio de representações cartográficas inovadoras e contextuais, convertendo os mapas de instrumentos geográficos em instrumentos sociais, culturais e políticos.

Enquanto estou propondo uma análise da cartografia imagética que seja possível a todas as formas de imagens e como imaginamos o universo para a compreensão da sociedade ou de uma determinada informação, Santos (2002) propõe uma sociologia cartográfica ou cartografia simbólica, mesmo que metaforicamente e minimizando o seu alcance, até por uma ignorância ou preconceito sobre essa área, para compreender todas as relações sociais. Pensamento que consequentemente visa refletir toda a forma de produzir conhecimento científico para compreender o paradigma emergente. Percebendo na cartografia a importância do progresso tecnológico, com impactos políticos e éticos substanciais, sem que seja afetada diretamente por paradigma da ciência moderna, no mínimo como um foco de resistência.

Santos (2002) parece seguir os preceitos da cartografia crítica, onde os mapas são distorções da realidade, mas distorções próximas da realidade feitas com técnicas e padrões regulamentados que podem ser medidos, estudados e analisados. Portanto, estas não são distorções caóticas da realidade são determinadas e definíveis, tal como as encontramos em outras áreas da ciência.

Já poderíamos parar por aqui e dizer que os mapas vão nos servir como meios das imagens que analisaremos. Mas os mapas se mostram mais do que isso, eles

são registros e possibilidades de outros trajetos além daquele que o próprio pesquisador desenhou. Por isso continuaremos nessa reflexão teórica.

Esses conceitos colocam os mapas e a cartografia com a vantagem metodológica de servir como guias e se aproximarem do senso comum e da vida cotidiana.

Os mapas são objetos vulgares, triviais. Fazem parte do nosso cotidiano ao mesmo tempo que nos orientam nele [...] ao usar como metáfora de base um objeto tão comum e vulgar como o mapa, a cartografia simbólica do direito pretende contribuir para vulgarizar e trivializar o direito de modo a abrir caminho para um novo senso comum [...] (SANTOS, 2002, p. 220)

Acreditamos que ao utilizar uma imagem e sua análise em conjunto com um mapa cartográfico, levamos a todos conhecimento, ou melhor, um senso comum na confluência de saberes que se torna transformadora.

O que pode ser mais vulgar na sociedade moderna do que uma imagem introduzida numa carta? Uma imagem dentro de outra imagem? O que pode ser mais vulgar do que uma canção ou um estilo musical que nos guia múltiplas e possíveis cartografias? O que pode ser mais trivial do que transformar todos os indivíduos em flâneur nesta virada paradigmática em busca do conhecimento coletivo?

Trivial e vulgar são tratados aqui como a humildade que nos posicionamos diante da confluência de saberes e da igualdade das inteligências. Todavia não parece ser o mesmo tratamento dado por Boaventura de Sousa Santos, que mais uma vez parece minimizar os outros saberes diante de um saber científico. Reafirmando a nossa escolha por conceito de confluência de saberes em detrimento da ecologia de saberes.

Até agora não teríamos tido grandes inovações, nenhuma originalidade com esse pensamento crítico. Ribeiro (2018) em sua tese de doutorado em comunicação e semiótica, abordou esta questão encaixando o mapeamento crítico e questionando o papel político dos mapas como ponto de partida, enfatizando que os mapas são abstrações visuais e não devem ser confundidos com o próprio território, mas são artefatos comunicativos dentro de um contexto de tradições e culturas.

Na cartografia crítica todo mapa é uma imagem retórica mesmo que obedeçam às regras científicas, pois também são construídos dentro de questões ideológicas, reforçando relações de poder e conhecimento. Por isso que se faz necessário identificar as relações de poder nas representações deste espaço.

Motivos que levaram Ribeiro (2018) a levantar os seguintes questionamentos dentro do código cartográfico: quais são os aspectos de espaço em um mapa que podem ser comunicados? e; quais são as propriedades deste espaço e como podem ser representadas?

Ribeiro (2018) e outros pensadores da cartografia crítica, a exemplo de Crampton e Krygier (2008), Harley (1988) e Wood (2014), concordam que os mapas vão além do âmbito da ciência cartográfica e são considerados presentes e vulneráveis à elaboração em diversas áreas científicas e campos socioculturais. Este fenômeno se manifesta como um paradigma na arte, na literatura e na cibercultura.

Vários investigadores (FRANCO, 2019; HARVEY, 2001; SANTAELLA, 2007) sublinham complexas relações entre a tecnologia e as mudanças sociais que converteram crescentemente a concepção a experiência e a expressão do espaço nas representações cartográficas. Este fenômeno produziu um efeito notável, transformando os dispositivos móveis, especialmente os chamados meios locativos, em ferramentas essenciais para a produção e consumo modernos de representações cartográficas.

Esses autores também têm em comum a defesa da ideia de explorar a produção de mapas na experimentação de outras estratégias de representação do espaço, e que isso é possível através de mapeamentos alternativos. Para transmitir propriedades que estão faltando ou não validadas ao gerar uma cartografia alternativa. A ênfase é colocada em critérios de experiência não verificada.

Neste conceito de experiências limiaries, que não são facilmente identificáveis, torna-se possível visualizar ambientes em transição, suas heterogeneidades e hibridizações. Em outras palavras, é um ambiente onde novos experimentos são possíveis em tempo e espaço flexíveis. Perto do interesse dos experimentos de percorrer entre as fronteiras em ambientes urbanos de Walter Benjamin (2009), que também entendeu o limiar como uma zona de transição, fronteiras que delimitam o espaço e que muitas vezes limitam e inibem o desenvolvimento humano.

Neste conceito de limiar ocorre uma crítica do espaço e tempo, incorporando uma crítica da arbitrariedade das fronteiras. Explorando e investigando os limiaries da cartografia podemos tencionar os limites e potencialidades da linguagem cartográfica como forma de autodidatismo ou em um segundo plano (pensando nas contradições da autoemancipação) como alfabetização imagética.

Seria o limiar o ponto de encontro da ruptura paradigmática da ciência moderna para se reencontrar com o senso comum? O limiar na tríade criatividade-imaginação-subjetividade?

Os pesquisadores e pensadores da Cartografia Crítica, questionando-se, sobre essas distorções, criticam e mostram que os mapas não são neutros e, que devem ser interpretados como discursos políticos. Apontando para uma certa construção da realidade da comunicação das relações de poder e valores culturais determinados.

Considerar os mapas como imagens mostra que os mapas como outras imagens são produtos da construção social e, portanto, requerem uma interpretação crítica. Isso se deve ao fato de que as cartas, plantas são sinais inerentemente incompletos e retóricos.

Uma das grandes contribuições da tese desenvolvida por Ribeiro (2018) é o que ele define como mapeamento profundo e que se encontra ainda em fase inicial de desenvolvimento, segundo esse autor. Conectado diretamente com a relação entre memória e narrativa desenvolvida por Benjamin, posicionando os lugares como espaços de memórias, em outras palavras, relações dentro da dialética da imagem.

De maneira sucinta, o mapeamento profundo pode ser definido como uma tendência que procura investigar lugares em profundidade por meio de mapeamento de dados geográficos provenientes de múltiplas fontes, incluindo ficção, as artes, as narrativas e as memórias” (RIBEIRO, 2018, p. 157)

O mapeamento profundo é por essência interdisciplinar, utilizando de técnicas alternativas de mapeamento para se aprofundar sobre os lugares, dando prioridade aos seus aspectos qualitativos, a exemplo da memória.

É nesta proposta de mapeamento profundo que a metodologia com referência Walter Benjamin constrói três momentos na cartografia que são interessantes e merecem a nossa atenção, principalmente na reflexão que faremos sobre o Agrimensor-Flâneur. São eles: a deambulação, arqueologia e a montagem.

A deambulação se torna o processo compreendido como um mapeamento da cidade através da figura do flâneur de Walter Benjamin (em referência a Baudelaire, Edgar Allan Poe). O que pode se constituir como uma forma de mapeamento dentro de um método qualitativo. Existindo uma afinidade entre a deambulação e a observação participante.

Definindo deambulação como a ação de caminhar, colocando o corpo em movimento e em contato direto com o espaço, se configurando como um ato político.

A deambulação pressupõe que os mapas devem estimular a descoberta de lugares por meio da própria ação de andar. A construção de lugares nas cidades se torna mais rica quando seus atores se engajam nessa atividade.” (RIBEIRO, 2018, p. 230)

A fase de arqueologia inicia a exploração de dimensões históricas não lineares, que é projetado para interpretar diferentes lugares. Tal exploração resulta muitas vezes numa multiplicidade de narrativas, atribuindo aos mapas o papel de estruturar essas narrativas, bem como os vestígios e rastros deixados ao longo do tempo. Esses elementos ficam então abertos à interpretação do leitor.

Este foco contrasta com a ideia de que uma cultura pode simplesmente desaparecer ao longo do percurso histórico, o que é frequentemente associado a uma visão linear e cumulativa da história.

As culturas ressurgem em diferentes tempos e espaços, e a imagem é uma prova desta sobrevivência, que era a proposta de Aby Warburg (2010) e a afirmação do conceito de dialética da imagem de Walter Benjamin (2009).

Na etapa final, a montagem, ainda na busca da profunda reflexão dos mapas, temos a combinação dos suportes dos mapas com outros suportes midiáticos para enriquecer sua narrativa. Ou seja, é a combinação dos mapas com novos elementos, a exemplo, de imagens/fotografias, áudio, vídeos e sons.

Justamente nesta terceira e última etapa, a montagem, que o autor (RIBEIRO, 2018) deixa mais evidente a relação de sua proposta metodológica com o conceito de imagens dialéticas, dos choques de temporalidades, de polaridades, que por fim vai gerar uma síntese.

Ao definir as imagens dialéticas, Benjamin faz uso de metáforas luminosas: são lampejos surgidos a partir do choque de dois elementos temporais, cujas diferenças contrastantes, em uma dimensão dialética, formam novas constelações de significados. (RIBEIRO, 2018, p. 251-252)

Numa abordagem cartográfica que explora a subjetividade em detrimento da pretensa objetividade, emerge uma busca por satisfazer desejos já delineados nas concepções de Crampton e Krygier (2008). Eles afirmam que a cartografia pode ser uma alternativa justamente porque, nos anos recentes, tem escapado do controle e da dominação que antes recaíam sobre suas técnicas e produções, um domínio

historicamente exercido por oficinas de mapas ocidentais, que presumiam sua racionalidade e reivindicavam sua suposta superioridade. Essa fuga do domínio se estende do Estado até a própria produção científica acadêmica, que eles identificam como instituições dominantes nesse campo.

Entretanto, é fundamental observar que a efervescência da cartografia crítica se materializa tanto na academia quanto na colaboração com cidadãos comuns, constituindo um ponto importante de ressalva.

Esse movimento em curso na cartografia é um desdobramento (CRAMPTON; KRYGIER, 2008) de dois eventos necessários derivados da modernidade: 1) A dinâmica da produção, coleta de dados e mapeamento não se encontra mais restrita apenas a especialistas. Impulsionado por avanço tecnológico e pela gradual democratização das ferramentas, a capacidade de criar mapas em computadores domésticos, utilizando recursos colaborativos e gratuitos, não demanda mais uma expertise avançada na área; 2) A própria crítica, integrante da teoria social, identifica de forma aguda a dimensão política e as intrincadas relações de poder embutidas nos mapas. Essa percepção claramente expõe a falta de neutralidade inerente a esses artefatos e à própria ciência cartográfica.

[...] o mapa é um conjunto específico de assertivas de poder e conhecimento, então não apenas o Estado como outros poderiam fazer afirmações concorrentes e igualmente poderosas [...] esse golpe duplo – um conjunto amplo de práticas imaginativas de mapeamento e uma crítica ressaltando a política do mapeamento – indisciplinou a cartografia. Isto é, essas duas tendências resistem e desafiam a prática e o método de mapeamento recebidos e estabelecidos quando a cartografia se tornava uma disciplina acadêmica [...] a cartografia está sendo indisciplinada: isto é, libertada dos limites acadêmicos e aberta para a população. (CRAMPTON; KRYGIER, 2008, p. 85-86)

Neste aspecto existe um duplo movimento na cartografia, no desenvolvimento da cartografia crítica, um mais próximo do cotidiano das pessoas e outro próprio da ciência. Os autores, Crampton e Krygier (2008,) posicionam a crítica como movimento político, uma política do conhecimento e que existe um movimento crítico anterior.

Por isso não se trata de uma crítica vazia, de simples negação, mas uma crítica para procurar pontos falhos no conhecimento, para então sugerir alternativas aos próprios pressupostos conhecimento que utilizamos. Examinando as relações de poder e conhecimento em um determinado contexto, de uma determinada perspectiva

histórica. Não se trata de negar, descartar ou invalidar um conhecimento, mas demonstrar que muitas vezes a verdade é determinada por uma questão de poder.

A cartografia (CRAMPTON; KRYGIER, 2008) deve ser vista como um campo interdisciplinar, teórico e prático, e por esse motivo vem sendo rapidamente dissociados dos especialistas. Não se trata de uma simples representação da realidade, admitindo que podem produzir uma determinada realidade e representatividade.

A cartografia incorpora o poder e apoia estruturas políticas dominantes quando realizadas pela máquina ideológica vigente, como afirma WOOD na sua obra “MAPS, ART, POWER” (2014). E que leva o geógrafo John Pickles (2004 *apud* CRAMPTON; KRYGIER, 2008) afirmar que devemos procurar a forma como a cartografia codifica os objetos e produzem identidades.

Pickles repensa o mapeamento como a produção de espaços, geografia, lugar e território assim como das identidades políticas mantidas por pessoas que habitam e constituem esses espaços. Mapas são ativos; eles constroem ativamente o conhecimento, exercem poder e podem ser poderosos meios para promover a transformação social. (CRAMPTON; KRYGIER, 2008, p. 89)

É com o geógrafo John Brian Harley (1988a, 1988b, 1989, 1990b, 2001), HARLEY; ZANDVLIET (1992 *apud* CRAMPTON; KRYGIER, 2008) na introdução da ideia de poder, ideologia e vigilância, na sua rejeição a concepções binárias a exemplo de arte/ciência, objetivo/objetivo e científico/ideológico, que os mapas podem ser vistos na concepção própria da racionalidade científica ao mesmo tempo que fora dela.

Apreensões importantes para a compreensão dos mapas como documentos sociológicos dentro de um contexto histórico específico e que rejeita o seu suposto caráter de neutralidade e cientificidade puras dos mapas – que foram consequência do favorecimento dos interesses do Estado.

Existem mapas em outras culturas repletos de informação e conhecimento e que não foram produzidos na racionalidade e suposta linearidade temporal da modernidade.

A crítica teórica da cartografia (CRAMPTON; KRYGIER, 2008) abriu espaços para pensar em mapeamentos alternativos fora da academia, produzidos pela população e principalmente pela comunidade artística. Os quais exploraram as

características dos mapas serem significativos atos políticos para se tornarem resistência, fortemente influenciados pela Escola de Frankfurt e de Guy Debord.

[...] se o “espetáculo” era foco para alguns, outros direcionaram as próprias ferramentas de distribuição em massa para outros usos, trazendo tecnologias de mapeamento mais diretamente para a população. Ao fazê-lo, eles cruzaram novamente os caminhos disciplinares da expertise e do controle acadêmicos: uma “cartografia popular. (CRAMPTON; KRYGIER, 2008, p. 93)

Tal experiência da cartografia é compreendida como mapeamento livre (CRAMPTON; KRYGIER, 2008), desenvolvida por programadores independentes e que viam na cartografia a potencialidade de informações e produção do conhecimento. Logo o mapeamento se encontra nas mãos dos usuários e não dos seus especialistas. Mas para isso é necessário o acesso e conhecimento para usufruir da tecnologia, e infelizmente tal acesso ainda é desigual. O que não afirma a importância da tecnologia, mas a forma como ela é utilizada.

O que nos lembra os conceitos e perspectivas dos teóricos decoloniais que abordamos, a exemplo Aimé Césaire, Donna J. Haraway, Milton Santos, Achille Mbembe, que vai ao encontro do pensamento da geografia humanista do cartógrafo Denis Wood (1978 *apud* CRAMPTON; KRYGIER, 2008), para uma cartografia da realidade, humanista e fenomenológica, diferente da cartografia acadêmica.

Os mapeamentos correntes, sejam eles performativos (Krygier 2006), lúdicos (Perkins 2006), indígenas (Lewis 2006), afetivos e experimentais (Cieri 2003, 2006) ou narrativos (Pearce 2006), esclarecem criativamente o papel do espaço na vida das pessoas ao se oporem a perspectivas globais e generalizadas. Um texto recente de cartografia (Krygier and Wood 2005) integra implicitamente a cartografia crítica, ideias da arte e dos mapeamentos comuns, e é concebido como uma motivação popular [...] os mapas como resistência [...]” (CRAMPTON; KRYGIER, 2008, p. 103)

A Cartografia Crítica é uma abordagem transformadora que desafia as narrativas dominantes, revela as relações de poder contidas nos mapas e busca dar voz a grupos marginalizados. Utilizando dos mapas como ferramentas de resistência e promovendo a representatividade, estimulando a criação de representações cartográficas mais detalhadas, complexas e socialmente conscientes.

Sem dúvida foi fundamental para o mapeamento das experiências humanas, analisar as relações de poder, promover a luta pela decolonização do conhecimento geográfico, por explorar novas formas de linguagem e comunicação visual e, por adensar um engajamento político ao buscar influenciar as decisões, a justiça social e

as políticas públicas necessárias através da forma como aplicava a sua representatividade.

O conceito de Cartografia Crítica adensado pelas Coordenadas de Territórios emerge como uma abordagem interdisciplinar e transformadora para a análise e representação das relações de poder, dominação, exclusão e interação presentes nos espaços geográficos e culturais. Esta abordagem vai além da simples descrição topográfica, incorporando a complexidade das dimensões sociais, culturais e geográficas que se entrelaçam no espaço-tempo.

Ao incorporar as Coordenadas de Territórios à Cartografia Crítica, enriquecemos o debate e a transformação da nossa percepção das múltiplas realidades. Essa abordagem expande os limites da cartografia convencional, buscando representar de forma mais fiel e contextualizada as complexas interações sociais, culturais e geográficas que moldam o mundo ao nosso redor. Ela nos convida a questionar as narrativas dominantes, a valorizar as vozes marginalizadas e a promover uma compreensão mais profunda e empática dos territórios que habitamos. Com isso chegaremos ao que compreendemos por Cartografia Imagética.

Obviamente tanto essa teoria como inúmeros de seus teóricos são passíveis de crítica, também sofreram algumas influências da ciência moderna ocidental, do eurocentrismo e do colonialismo.

Poderíamos nos apoiar na crítica de que seus conceitos são abstratos e difíceis de serem visto na prática, mas estaríamos realizando aqui uma autocrítica. Pois na verdade o que dificulta a sua aplicação não é a abstração, mas é o fato de ainda estarmos presos aos mesmos princípios normativos de uma ciência eurocêntrica e colonial, estarmos presos a concepções dicotômicas e determináveis, por ainda não conseguirmos olhar com tanta clareza para as inúmeras realidades.

A nossa dificuldade de aplicação ou da compreensão desta abstração, é que tanto a cartografia crítica quanto a cartografia imagética não são para explicarem a sociedade contemporânea, são pensadas para revolucionar esse estado de dominação que nos encontramos. São representações de alternativas e utopias possíveis que nos convidam a imaginar.

A cartografia imagética que iremos apresentar parte da cartografia crítica na tentativa de adensar com a teoria decolonial e promover uma maior inclusão de saberes e modos de vida. Assinalando o compromisso com a inclusão das diversas

perspectivas locais com objetivo de desconstruir as estruturas de poder que tanto influenciam os espaços geográficos.

Neste momento falamos então em uma decolonização do espaço na reconstrução de práticas cartográficas para potencializar a visibilidade das imagens decoloniais, para torná-lo um espaço de afetividade.

A Cartografia Imagética vai se configurar neste sentido como um mapeamento decolonial ao voltar seu olhar para as epistemologias locais e tradicionais, para as raízes de cada cultura, promovendo a participação e colaboração, buscando desconstruir as hierarquias de poder, rompendo com o eurocentrismo para incorporar a complexidade e a multidimensionalidade do espaço ao trabalhar com as narrativas locais, e sempre preocupado com a contextualização histórica principalmente quando falamos de experiências de colonização e resistência.

4.1 Cartografia Imagética

Neste percurso teórico e metodológico precisamos ter claro a compreensão do conceito de imagem que definimos nos capítulos anteriores. Seja elas imagens que se formam através de nossa memória, dos sons, de um mapa, entre tantos outros meios ou significações. Definição que foi gerada partindo do pensamento do historiador de arte alemão, Belting (2014).

O interessante deste conceito de imagem é que o autor realiza uma distinção entre a imagem em si do seu suporte material e reprodução (meio). Justamente a forma como devemos olhar os produtos cartográficos, eles não são a reprodução em um papel, ecrã ou outro suporte, e sim a significação de quem o produziu e de quem está fazendo uso dele. É a significação de seu valor sociocultural.

A suposta confusão que realizamos ao não diferenciar a imagem do suporte onde ela se encontra, é justamente a incompreensão que temos, ou melhor, o distanciamento que nos colocamos com o conceito de escala (tão importante para agrimensura e outras áreas científicas espaciais).

A escala cartográfica permite a miniaturização do mundo, o que dentro da complexidade dos objetos permite um estudo mais direto e pormenorizado do todo ou das partes, com maior controle e rigor científico.

transformações sociais, seja na sua relação e afastamento com a cidade, seus espaços e memórias. (SCHIAN, 2021, p. 4)

Então se entendemos que uma imagem dentro de um determinado meio é definida por uma escala que fala de uma primeira e segunda realidade (como já mencionado) para refletir a terceira realidade, cada objeto está dentro de um espaço, de um lugar, seja ele concreto ou abstrato.

A terceira realidade deve sempre levar em conta que o tempo histórico não é linear e sim uma determinação sociocultural e que a sua concepção de espaço não se faz por fronteiras fictícias e sim por uso e significações de uma determinada cultura. (SCHIAN, 2021, p. 5)

Logo compreendemos esta imagem como um objeto da natureza e uma análise intrincada que vai além da interpretação tradicional. São estruturas cognitivas que não se limitam apenas à visão, capazes de desencadear memórias e emoções. Destacamos a diversidade de significados e experiências veiculadas pelas imagens tendo em conta as suas dimensões estéticas, culturais e políticas, e por isso é possível examinar a relação entre imagens, meios de comunicação e sociedade, explorando tanto a dominação como a emancipação que podem resultar do seu uso.

Lembramos que no atual desenvolvimento tecnológico, a evolução das imagens permitiu que a presença da ausência ultrapassasse as limitações geográficas e cronológicas.

Advertimos também contra o consumo passivo e compulsivo de imagens, o que nos alerta para a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva. As imagens contêm conhecimentos, emoções e transformações complexas que podem contribuir para a emancipação humana quando examinadas com sensibilidade e compreensão das suas múltiplas dimensões.

Conforme mostrado na exposição da leitura de mapas há uma diferença significativa entre os termos espaço e lugar, que deve ser representado e analisado na perspectiva de imagens, seja qual for o objeto de estudo, dentro do que denominamos de coordenadas de territórios.

A lógica aqui destacada compreende o espaço através do uso de relações diretas, materiais e históricas com o meio ambiente. Já o conceito de lugar provém de ideias mais empáticas que emergem nas experiências e relações sociais (secular e emocional).

O conceito de escala para pensar o espaço deve ser semelhante ao dos mapas e diagramas, que são de grande escala, justamente por representar uma parte geográfica maior, tendo como perda sua maior distorção da realidade e menor nível de detalhamento, mas permitindo ver o todo; Da mesma forma, a noção de escala para pensar o local ou as coordenadas de território deve ser a da escala das plantas onde está representada uma parte geográfica menor, mas os níveis de detalhe são maiores.

[...] a escala é definida a partir de uma intenção arbitrária do observador sobre o objeto, sendo que ela aponta o espaço de referência em que se supõe a pertinência do fenômeno. Desta maneira, a escala é uma escolha, uma arbitrariedade que divide e classifica o espaço estabelecendo a parcela da realidade que se concebe e percebe, dando a este um significado, modificando a percepção da natureza deste espaço a partir de um ponto de vista específico (CASTRO, 2014 *apud* GOUVEIA, 2021, p. 37).

Seja um espaço, um lugar ou uma coordenada, o que lhe determina é a forma como se organiza a sociedade, ou seja, a forma como isso é contextualizado. Para tanto assumimos que na contemporaneidade ocorre um acúmulo de espetáculos (DEBORD, 1997) onde toda existência se tornou uma simples representação das aparências coletivas, transvestidas de individualidades.

Uma forma de sair desta espetacularização é ir além da superficialidade que vivenciamos, e aqui reside a importância da leitura cartográfica. Um objeto superficial por ser bidimensional em seu uso corriqueiro, mas que apresenta dados e informações mais complexas, ganhando múltiplas dimensões na imaginação.

Os mapas são uma forma de levar tal leitura a todos, uma leitura das realidades dadas como concretas, físicas e das realidades reconhecidas, entre o senso comum e a ciência, e entre tantas outras dicotomias que nos impedem de desenvolvermos toda potencialidade humana e de nos emanciparmos.

Na produção e leitura cartográfica imagética que estamos propondo como alternativa para a epistemologias do Sul na teoria decolonial, em um objeto tão trivial como um mapa, ainda mais um mapa com imagens que fogem as suas aparentes características diretas ao que tange os conceitos espaciais, que iremos contribuir para a transição do paradigma da ciência, de uma nova forma de saber que se apresenta neste século.

Todavia, não podemos cair no erro de compreender os mapas, da mesma forma que compreendemos as imagens no passado, como um espelho fiel da realidade, como um retrato da espetacularização.

Quando o mapa tem essa leitura positivista tem grande chance de ser desvirtuado e ser utilizado como mecanismo nesta relação de dominação e alienação. Erro de leitura recorrente encontrado nas fotografias e a outras formas de representações imagéticas no interior da sociedade do espetáculo, na sociedade colonial.

Apesar dos esforços teóricos (HARLEY, J.B, 2009; WOOD, 2010; dentre outros) em desconstruir a noção do mapa como uma forma objetiva de conhecimento, como espelho da realidade, a ideia do mapa como representação objetiva da realidade persiste. Segundo Seemann (2003, p. 1-2), os geógrafos em sua maioria concebem o mapa como representação fidedigna, geométrica e precisa da realidade [...] No caso específico das mídias locativas, é possível afirmar que aceitação tácita dos mapas institucionais e convencionais denota uma percepção dos mapas como 'espelhos do mundo'. Santaella (2007) denomina tal processo de "metáfora do espelho". (FRANCO, 2019, p. 37)

Nas confluências de saberes (SANTOS, 2023), que vislumbramos achar respostas para tentar dar fim a sociedade do espetáculo através de alternativas. Ressignificando o senso comum como conhecimento racional, e isso vai se dar através do reencontro da ciência com as necessidades da comunidade, com o cotidiano dos indivíduos.

A dicotomia presente tanto nas relações sociais, no cotidiano, e na própria ciência, somente tem como finalidade o embrutecimento do conhecimento e a manutenção de um poder estranho ao ser humano que o impede de se emancipar. É a própria fragmentação do conhecimento e da sua comunicação.

A Cartografia Imagética, seguindo as premissas da epistemologia do Sul, deve aproximar as ciências naturais das ciências humanas, o quantitativo do qualitativo, o objetivo do subjetivo, a ciência do senso comum. O que vai revalorizar a humanidade através da racionalidade estético-expressiva, potencializando as comunidades e rompendo com as representações da modernidade baseadas no domínio do mercado e na distinção entre natureza e cultura. (SCHIAN, 2021, p.8)

A cartografia imagética vislumbra em sua utopia possível apropriar-se do mapa como ferramenta multidisciplinar, que abrange desde as ciências exatas até as humanidades. Em um sonho de afetividade e inclusão real, se permite a previsão de um futuro em que as fronteiras entre estas disciplinas científicas se dissolverão, ou

por menos se tornarão imperceptíveis, permitindo um desenvolvimento de conhecimento mais fluido e integrado.

A forma como os mapas estão se ligando à fotografia, à música e a outras formas de representação imagética, que refletem a essência e a memória dos processos culturais, torna-se um poderoso catalisador de mudança. Esta ênfase não só inverte o conceito do mapa como meio de controle político e demarcação espacial, mas também o confere outra forma, ao que já lhe era dado como instrumento de resistência, agora se permite denominar de instrumento revolucionário.

Lógico que não se trata de um instrumento revolucionário por ele mesmo, mas por encontrar espectadores emancipados decoloniais, por ser utilizado por Agrimensor-Flâneur.

O resultado é uma transmutação do mapeamento de uma ferramenta dominante para uma abordagem de combate ativo na visibilidade e representatividade. Isso cria um espaço de comunicação inclusivo e envolvente. Essa abordagem proporciona os trajetos para as mudanças. Porque o mapeamento imagético vai além das funções tradicionais e torna-se uma ferramenta de expressão e compreensão cultural.

Assim, o conceito de Cartografia Imagética é uma extensão e presunçosa evolução do mapeamento crítico, complementado com coordenadas de territórios, visando estudos multidimensionais e sensoriais de áreas geográficas e culturais. A cartografia crítica enfatiza os aspectos sociais, culturais e geográficos da interação humana, enquanto a Cartografia Imagética vai ainda mais longe, revelando essas complexidades através da linguagem visual, da arte e da imaginação coletiva.

A Cartografia Imagética reconhece que a representação cartográfica tradicional muitas vezes negligencia a plenitude emocional, espiritual e sensorial intrinsecamente ligada aos lugares. Todos os cartógrafos e espectadores ativos são convidados a mergulhar nos níveis mais profundos da experiência humana, explorando as texturas, cores e significados subjetivos que permeiam os locais.

Ao incorporar elementos da psicogeografia e da percepção ambiental, a Cartografia Imagética visa captar narrativas individuais e coletivas não apenas através de coordenadas geográficas, mas também através de representações simbólicas, metáforas visuais e expressões artísticas. Proporcionando uma conexão mais profunda com a paisagem, revelando as interações sutis entre espaço, memória e inspiração.

A comunicação decolonial desempenha um papel central na Cartografia Imagética, bem como na Cartografia Crítica, no entanto, a ênfase e diferença está na comunicação visual, onde imagens, símbolos e padrões visuais atuam como pontes de compreensão recíproca e construção de narrativas compartilhadas; com a colaboração interdisciplinar de cartógrafos, ilustradores e comunidades locais.

As coordenadas de territórios são, portanto, expostas na forma de afrescos, pinturas, instalações, músicas e outras expressões humanas que superam barreiras culturais e linguísticas.

A temporalidade continua a ser uma dimensão fundamental na Cartografia Imagética ao intensificar a exploração do passado, do presente e do potencial futuro de um território. Contudo, em vez de serem separadas em linhas temporais distintas, esses períodos são entrelaçados e sobrepostos em uma dança visual que retrata a evolução dinâmica das relações sociais, culturais e geográficas.

Sua busca por representações mais autênticas e inclusivas, desafia as narrativas dominantes, amplificando vozes marginalizadas e oferecendo novos ângulos de visão sobre os territórios que habitamos. Ela não apenas documenta, mas também inspira a coexistência, a solidariedade e a transformação ao promover uma apreciação profunda da diversidade e da interconexão humana.

Assim, a Cartografia Imagética se revela como alternativa para a decolonização das representações cartográficas, redefinindo os territórios como espaços onde as fronteiras são dissolvidas e as possibilidades são infinitas. Nos convidando a explorar, questionar e reinventar o mundo, abrindo caminho para uma compreensão detalhada e empática das complexas teias que tecem a geografia da coexistência e transformação.

4.2 Contribuição da Agrimensura na Cartografia Imagética

Agrimensura é uma área da ciência de engenharia que abrange a prática e a ciência de medir e mapear a superfície terrestre, determinando sua forma, posição e dimensões, frequentemente visando o planejamento, desenvolvimento e gestão territorial. Se trata de uma arte milenar, datada sua origem no antigo Egito, que desempenha um papel necessário na compreensão e organização do nosso ambiente.

O campo da imagem, comunicação, cultura, e agrimensura são aparentemente opostos e que se encontram dentro de exceções, a exemplo da fotogrametria; e na própria compreensão dos mapas se constituem como imagens e falarem sobre espaços quantitativos, enquanto na realidade são igualmente qualitativos, são imagens híbridas em toda a sua potencialidade enquanto lugares e coordenadas.

Assim como um agrimensor utiliza equipamentos de medição como teodolitos, estação total, GNSS e drones para determinar com o máximo de precisão as dimensões de uma determinada área, um profissional de comunicação faz uso de ferramentas analíticas para medir o desempenho de uma campanha, por exemplo. Isso envolve a coleta de dados sobre alcance, engajamento, conversões e outros indicadores-chave para avaliar o sucesso da estratégia de comunicação.

O agrimensor coleta dados topográficos e geodésicos para mapear e medir uma área específica, um pesquisador na área da comunicação coleta dados relevantes para sua pesquisa em um determinado recorte. Isso pode envolver a coleta de informações demográficas, opiniões públicas, comportamento do consumidor ou outras variáveis relacionadas à comunicação.

Da mesma forma a relação do agrimensor com a área da cultura pode não ser evidente, entretanto existem conexões interessantes e que devem ser exploradas. Mesmo quando falamos de uma agrimensura associada a medições de áreas e planejamento urbano de modo tradicional e dentro das especificidades da engenharia.

Podemos citar por exemplo a demarcação de territórios históricos de grande valor cultural, as próprias delimitações de fronteiras entre nações, regiões ou comunidades respeitando as suas histórias culturais e tradições; a atuação na preservação do patrimônio cultural, na sua identificação e preservação, delimitando sítios arqueológicos, áreas históricas, monumentos culturais; na fomentação do planejamento urbano sensível as questões culturais, com estudos voltados para o desenvolvimento urbano que respeite as características culturais e identidade de uma comunidade visando uma sustentabilidade cultural, preservando bairros tradicionais, espaços culturais e arquitetônicos; a demarcação das terras indígenas e quilombolas ou de outros grupos específicos, como os religiosos, tradições de uso da terra, as rotas históricas, para respeitar a sua herança e identidade cultural; o mapeamento dos recursos ambientais nas suas cinco vertentes – Meio Ambiente Natural, Meio Ambiente Artificial, Meio Ambiente Cultural, Meio Ambiente do Trabalho e o Patrimônio

Genético – visando contribuir para o desenvolvimento sustentável; a delimitação e análise dos espaços públicos e sua interação cultural, para compreender como os indivíduos se relacionam com esses espaços, sejam eles permanentes como praças e parques, ou sazonais como os eventos culturais, atividades sociais e festivais.

Nestes exemplos, como podemos perceber, embora o papel do agrimensor esteja frequentemente ligado a medições e delimitações de áreas, seu trabalho pode desempenhar um papel importante na preservação, compreensão e promoção da cultura em várias formas. É uma questão de ampliar a perspectiva e reconhecer as maneiras pelas quais a agrimensura pode contribuir para a valorização e sustentabilidade cultural.

A Agrimensura é um campo da imagem que se coloca de forma objetiva na grande área da engenharia. Todavia constrói imagens dotadas de significados e informações, que precisam ser iluminadas na contemporaneidade para terem toda sua potencialidade desenvolvida.

Uma potencialidade de conhecimentos e dotada de aspectos para a transformação social que é possível quando conseguimos transitar dentro do que foi desenhado e/ou retratado de um determinado espaço e tempo – este sempre falando do presente, mas dialogando com o seu passado e seu futuro.

A agrimensura é uma ciência, específica da área da engenharia pelas limitações hierárquicas e acadêmicas, que pode ir além dos seus objetivos quantitativos que lhe foram postos imperativamente como função social, ou seja, da aquisição, tratamento e gerenciamento de dados e informações da superfície terrestre (do espaço).

Se trata de uma ciência que pode e deve também trabalhar o seu conhecimento, processos e técnicas para as questões qualitativas, subjetivas, almejando análises sobre as questões socioculturais (do tempo). O Agrimensor deve se tornar um verdadeiro investigador socioespacial inserido em um determinado contexto cultural.

Uma ciência que por quase todo seu desenvolvimento nas ciências exatas partiu das questões espaciais e das tentativas de se aproximar ao máximo da acurácia e precisão de suas medições para demarcação, delimitação e conhecimento de áreas (nos referindo ao espaço geográfico terrestre), pode ao incorporar as questões temporais contribuir para análises das ciências denominadas de humanas.

É a ampliação da própria epistemologia da agrimensura, é sua incorporação dentro das ecologias de saberes; onde AGRÍ significa campo e MENSURA significa medição. Se medimos um campo que é imagem devemos igualmente compreender toda a sua significação além das questões métricas.

A medição de um campo não ocorre somente por suas questões físicas, mas como nos apropriamos e significamos este espaço.

Se a agrimensura teve em seu princípio a função social de delimitar um espaço através de conceitos matemáticos, seja para a agricultura, construções ou questões jurídicas de posse, estamos propondo o seu renascimento ao ampliar este processo através da imaginação humana. Uma ciência que pode contribuir com a transição paradigmática da ciência dentro da proposta das teorias decoloniais.

Almejamos que os seus produtos cartográficos, seus memoriais e seu trabalho de campo se tornem uma alternativa de leitura para a compreensão sociocultural. Se transformando em ferramentas de emancipação, ou no mínimo para melhorar através de ações embasadas na expansão no detalhamento de informações com vistas a qualidade de vida.

Podemos neste caso citar o projeto Dashboard da covid-19 contemplando os municípios de Alagoas (ASCOM UFAL, 2020), que é realizado por um grupo de estudos da Engenharia de Agrimensura da Ufal (Universidade Federal de Alagoas) e com parceria privada com a empresa ESRI.

O projeto consiste na geração de um painel online de mapas e dados estatísticos, de acesso público, para monitorar e controlar os avanços da covid-19 nos municípios de Alagoas, a exemplo das cidades de Maceió, Marechal Deodoro, Pilar, Penedo, Rio Largo, União dos Palmares e Arapiraca.

A agrimensura ao mapear um local em seus aspectos físicos e socioculturais, por seu trabalho de campo direto com o cotidiano, com o senso comum, dialogando com as técnicas científicas, se torna um meio de comunicação com todas outras ciências. Salvo-conduto que todas falam dentro de um espaço e tempo determinado, na forma como imaginamos e nos apropriamos deles.

Não se trata de desmerecer uma das principais áreas da agrimensura, que é a topografia, mas sim de compreender que ela simplesmente nos fornece questões quantitativas, o conforto em delimitar uma determinada área para conhecimento e estudo, ou até mesmo nos posicionar através das próprias coordenadas pré-estabelecidas, servindo como base para análises mais complexas, qualitativas.

Compreendendo a topografia como o trabalho de campo do agrimensor e importante para o ato de produzir conhecimento, fazer ciência.

Com estes dados levantados em campo que se torna possível transformar informação em conhecimento, materializados nos mapas, cartas, plantas e seus memoriais. Através da cartografia, outra hierarquização da ciência, a fragmentação do trabalho humano, que ao mesmo tempo que é independente esta estritamente ligada a agrimensura e na geografia.

Não vamos entrar no mérito de ampliarmos a epistemologia do termo cartografia, no seu significado de escrita através de cartas, mas propomos a ampliação da sua utilização. Se ela antes era vista como uma leitura de um determinado espaço, agora ela deve ser lida também dentro das questões temporais e ser influenciada por desenvolvimento histórico.

É uma leitura sociocultural tanto dos seus aspectos quantitativos quanto qualitativos, abstratos e concretos, físicos e imaginados, de uso e memorialístico. Não deve ser somente uma ferramenta de leitura, deve se transformar em uma ferramenta de transformação.

Seu conceito de escala é o primeiro princípio desta leitura, onde podemos representar questões complexas dentro de aparatos com dimensões apropriadas para o nosso campo de visão. Torna visível aquilo que é escondido, seja por seu tamanho colossal ou diminuto.

Outro fator dentro deste conceito de escala que pode se tornar importante para as ciências sociais é que só podemos compreender os seus valores quando estão determinados pela mesma unidade, evitando comparações sem sentido, como as comparações culturais.

Na ciência também poderíamos estar utilizando em analogia a diferenciação entre os mapas, cartas e plantas realizados através de suas escalas, para os estudos de objetos em sua amplitude, ou até mesmo para decidir quando um conhecimento precisa ser generalizado, transitório ou detalhado.

Da mesma forma que as projeções cartográficas que podem levar a deformações, distorções e ausências de informações, a maneira como realizamos a leitura da sociedade também se torna igual, são dependentes das projeções da ideologia e experiências de vida do pesquisador. Claro que ainda temos que se iluda com a neutralidade da ciência ao aplicar metodologias aceitas e normatizadas.

Toda forma de fazer ciência é em si um ato político, sendo impossível sua neutralidade, somente minimizamos seus efeitos através das metodologias, tornando essa leitura subjetiva complexa.

A projeção de um objeto, da forma como é exposto, é uma escolha direta do pesquisador, entretanto em relação direta com o objeto retratado que lhe informou a melhor forma de ser representado, e onde ele será transmitido como conhecimento (a visão de quem lendo e interpretando). É o diálogo entre as diferenças, entre as diversidades, para almejar um consenso do que fazer com a informação fornecida.

Nunca deve ser uma escolha autoritária, seja o motivo que for. A escolha unilateral não responde a confluência de saberes, as diversas realidades, a cartografia imagética e a luta decolonial.

O ato de confeccionar estes produtos cartográficos, preferencialmente de forma digital, somados as outras formas de imagens e conteúdos socioculturais, se assemelham ao sensoriamento remoto. Que se trata de uma área que consegue realizar levantamentos espaciais, de superfície sem estar em contato com ela.

A referência aqui e que devemos desenvolver em breve, está no ato de criar uma rede mapas dentro dos conceitos da decolonialidade e que esteja disponível para todos, seja para leitura ou para a confecção de novos mapas, além de contribuir com novas informações.

O próprio sensoriamento remoto na utilização de aeronaves, satélites e drones para gerar imagens aéreas é uma forte influência para pensar na junção da cartografia com as diversas imagens gerando análises socioculturais.

Se trata de um olhar geral, em uma vista superior e ampla, possível para todos, e que pode adentrar a questões mais específicas, em objetos antes amplos e agora delimitados. É o olhar do todo e das partes, e que por seus princípios de funcionamento, processos e técnicas só se torna possível levando em consideração a interação com o meio, com a natureza, o contexto.

Prática que se torna ainda mais precisa e nos posiciona corretamente dentro de um determinado espaço ao utilizar o GNSS (Sistema Global de Navegação por Satélite), conhecido no senso comum como GPS, além do Sistema de Informação Geográfica (SIG), tornando possível a implementação de técnicas matemáticas e computacionais para a realização do Geoprocessamento.

É precisamente através do geoprocessamento que conseguiremos construir mapas de leituras físicas e sociais, contemplando as transformações decorrentes de

um espaço e tempo, além de incorporar outras formas de imagens, as denominadas imagens culturais.

Thürlemann (2011) define este olhar como sendo dos pássaros, e defendendo a leitura além das questões textuais, para as questões imagéticas dos mapas.

[...] o conceito de vista à voo de pássaro, Vogelschau ou Vogelperspektive em alemão, bird's eye view em inglês, foi imaginado por homem bem antes que ele dispusesse dos meios de alçar-se nos ares. Antes de ter tido a possibilidade de olhar a superfície da terra a partir de balões e de aviões, o homem desenhou mapas e plantas de cidades à voo de pássaro, como ainda o chamam hoje - e isto independentemente da possibilidade de uma vista real inclinada a partir de montanhas ou de torres. (THÜRLEMANN, 2011, p. 121)

O autor (THÜRLEMANN, 2011), estudando alguns mapas antigos datados do século XVI, descreve que a leitura do texto cartográfico (gênero de texto visual extraestético) através de um processo que ocorre na enunciação primeira do mapa cartográfico. Sendo que em uma primeira leitura da representação em um dado meio (que iremos denominar como leitura superficial) advém o olhar sinóptico, que é totalizante; para logo depois se lançar para um olhar mais complexo, sobre as projeções e pontos de interesse, para então adentrar em seus diversos percursos.

Estes percursos que servem para imaginar como será produzido um mapa não são aleatórios, mas guiados por variáveis que visam enunciar os melhores caminhos. Isso não quer dizer que exista somente um caminho, mas um apanhado de alternativas que dependem do objetivo do próprio leitor do mapa, de seu ponto de partida, de seu contexto, é a sua leitura mental.

Os mapas como imagens percorrem os mesmos caminhos que o espectador, seja na sua produção quanto na sua forma de visualização.

É a relação direta entre quem enunciou o mapa e quem está interpretando. Uma relação muito próxima ao pensamento de Rancière sobre a igualdade das inteligências e com o conceito de confluência de saberes de Antonio Bispo dos Santos. É a liberdade dos dois polos do conhecimento e que estão intrinsecamente ligados para a produção de um saber, de uma alternativa para sua utilização e função social.

Essas inúmeras variáveis que podemos encontrar nos mapas, na nossa própria ignorância e nos caminhos metodológicos que podemos seguir para chegar ao nosso objeto ou apontar as nossas considerações aos outros, muitas vezes carregam em si um silêncio atordoante, semelhantes as notas não tocadas nas canções do blues ou outro estilo musical.

Na música por vezes o silêncio, o tempo, a nota não tocada, é o que lhe confere um significado, na imagem o ausente na própria reprodução salta em alguma referência memorialística, que pode ter sido deliberadamente esquecido por algum motivo. Nos mapas alguma informação ou caminho surge como alternativa mesmo que não tenha sido desenhado.

O pesquisador decolonial dentro de uma análise da cartografia imagética deve saber escutar e ver o que lhe é apresentado, mas também deve treinar sua visão para o invisível e sua audição para o inaudito, para o silêncio.

A agrimensura se posiciona aqui como um elo necessário na concepção da Cartografia Imagética e da ciência decolonial, oferecendo uma ponte entre os campos aparentemente distintos da imagem, comunicação, cultura e espaço geográfico. Neste subcapítulo apresentamos diversas formas pelas quais a agrimensura, embora frequentemente associada a medições precisas e demarcações de áreas físicas, pode enriquecer e ampliar o entendimento da cultura e da comunicação por meio da cartografia.

Pela proximidade com o mundo do senso comum, da ciência, do cotidiano, das tecnologias, das instituições, dos anseios da população, dos estudos de afeto na compreensão de uma determinada área ou projeto, nas suas investigações sobre o passado, no seu levantamento de campo do presente, e nas suas análises para o futuro, o Agrimensor se torna o nosso cientista pós-abissal, como Agrimensor-Flâneur o nosso pesquisador da ciência decolonial.

Especialmente aqui no contexto deste trabalho, onde o nosso cientista pós-abissal, o cientista decolonial é o agrimensor da imaginação humana, um investigador capaz de migrar entre espaços concretos, a suas visibilidades, imaginações e usos. Ou seja, ele consegue perambular pelas ruas, por guetos, estradas da realidade. Delimitando ao mesmo tempo que liberta pela visibilidade que proporciona, tornando visual o nosso espaço urbano, rural e natural. Compartilha quais significados e ideias damos a cada espaço, nossa relação com o meio. Propõe as cartas geográficas como alternativas para diferentes usos no passado, presente e futuro.

As ligações entre o agrimensor, cultura e comunicação são multifacetadas e abrangentes. Além da sua função técnica tradicional, o agrimensor desempenha um papel vital na preservação, planejamento e valorização da cultura ajudando a criar espaços que respeitem e celebrem as identidades culturais únicas das comunidades em todo o mundo.

Vincular o papel do agrimensor ao campo da imagem oferece alternativas interessantes de como a percepção imagética pode ser interligada com o trabalho de medição e delineamento. As imagens neste contexto são mais do que apenas uma representação estética, são uma ferramenta poderosa para compreender, comunicar e preservar paisagens físicas e culturais.

O agrimensor fantasioso, o agrimensor criativo, o cientista pós-abissal, o cientista decolonial pode ser um flâneur que expandiu seu conhecimento de agrimensura, ou o próprio agrimensor que entrou na vida de um flâneur. Por esta razão, denominei o explorador da ciência decolonial na metodologia da Cartografia Imagética de Agrimensor-Flâneur.

Sua finalidade é ampliar a visão e o detalhamento do objeto, das escolhas e decisões tomadas por cada ser diante das responsabilidades socioculturais que o cercam. Esta afirmativa se faz verdadeira no conhecimento compartilhado.

4.3 Agrimensor-Flâneur

Tal como o ambiente físico de qualquer área pode se modificar ao longo do tempo, o panorama das comunicações também é dinâmico. Os profissionais de comunicação devem se adaptar a novas tendências, tecnologias e mudanças no comportamento social para garantir que suas estratégias permaneçam eficazes.

A analogia entre o agrimensor e o profissional de comunicação enfatiza a importância da acurácia da estratégia do delineamento do público-alvo e do uso apropriado de ferramentas para atingir objetivos específicos em condições físicas e culturais específicas. Ambos os aspectos envolvem medição, análise e definição do escopo dos dados físico ou comunicação, sugerindo opções para um determinado estudo ou problema.

Embora digamos que os investigadores da ciência decolonial são representados por agrimensores, não excluimos investigadores de outras áreas. Neste momento estamos falando que as características do trabalho de campo, da pesquisa documental, da geração de mapas, dos memoriais descritivos e da conservação de um determinado espaço para descrever as alternativas do presente, passado e futuro, podem e devem ser adotadas e acrescentada pela pesquisa,

saberes e experiências de outros pesquisadores, que não necessariamente precisam estar diplomados por uma universidade⁹.

O Agrimensor é talvez o ator social mais trivial que viaja no espaço e no tempo, é ele quem mais frequentemente encontra encruzilhadas e tenta extrair delas informações sem se perder e sem realizar ações que contrariem a definição estabelecida da sociedade ou comunidade. A sua preocupação deve ser sempre entre a relação harmoniosa entre o espaço público e o privado.

Assim como entendemos que existe uma lacuna com os pesquisadores que não prestam atenção a esses atributos quantitativos e qualitativos para estabelecer seu apego aos objetos. Não houve nenhum momento na história em que os Agrimensores se levassem pelas questões culturais e de comunicação. A única exceção é quanto ao propósito da representação do sistema burocrático e conservação de uma ideologia quando suas produções cartográficas são utilizadas como mecanismos de dominação de uma determinada estrutura hegemônica de poder.

Seja na ciência moderna, na ciência pós-abissal, ou na ciência decolonial, é impossível para um pesquisador e agrimensor, não se deixou envolver, principalmente durante o processo de coleta de dados, na fase de análise e interpretação, na definição do seu âmbito e metodologia. E provavelmente nestes momentos se silenciou e se deixou levar por embrutecimento de tratar dos temas identificando padrões e tendências, elaborando relatórios e apresentando os resultados com o máximo de detalhes possível sem se atentar para o que realmente sentia sobre aquele objeto ou qual era o sentimento de outros diante daquele contexto.

Para não cair nessas armadilhas e lacunas é que complementamos o agrimensor com o flâneur, o batizando desta forma de Agrimensor-Flâneur. Quase um herói impossível na decolonialidade, visto que o agrimensor surge em um pensamento imperialista egípcio e o outro nas ruas eurocêtricas, colonialistas e positivistas de Paris.

O fato de suas origens e de reconhecer isso é que coloca a figura do pesquisador com uma autocritica constante, é a sua posição de humildade para com

⁹ Isso não deve diminuir a importância da carreira acadêmica principalmente como produtora de conhecimento, somente salientamos que essa não é a única forma de produzir um saber. E existe o engano do conhecimento ser verificável através de conceitos de nota e diplomação, visto que essa afirmativa invalida a confluência de saberes.

os outros saberes. Seu conhecimento sobre as pirâmides ou sobre a modernidade na cidade das luzes são somente um fragmento da potencialidade humana.

A descrição que recebemos sobre as atividades do agrimensor é dada por próprio autor destes textos, é a sua experiência em campo e universidade, é uma das faces de sua vida, uma de suas profissões. O flâneur, em sua descrição conceitual pertence a Walter Benjamin (1994d, 1994e), na sua descrição do observador urbano perambulando pelas ruas da cidade, colecionando informações sobre a vida urbana e modernidade.

Seu caminhar contemplativo, solitário e reflexivo é à sua maneira de pertencimento. Sem objetivos específicos em suas deambulações, sem uma metodologia e normas que o limitem, consegue captar momentos, fatos, fenômenos que podem passar despercebido por multidões que estão ao seu lado, ou seja, no mesmo tempo, espaço, e por vezes, contexto.

Tudo que ele almeja é captar a essência e transformações que o circundam, com o estranhamento com a aceleração da vida moderna e com a imposição da cultura de massa. É o sujeito capaz, o espectador emancipado, se tornando decolonial, captando de forma criativa, imaginativa e com detalhes as transformações sociais, culturais e políticas

Lembramo-nos da forma do flâneur em termos culturais e literários ligado à figura de um observador errante que explora a cidade-estado de forma pensativa e sociável. Seu papel inicial era mergulhar na atmosfera urbana, observar a vida cotidiana e coletar detalhes sobre a cidade-estado. Muitas vezes é uma forma de arte ou inspiração. Sua abordagem subjetiva e intuitiva, focada nas experiências pessoais e nas suas percepções, em um caminhar mais livre por caminhos sem um conceito ou objetivo específico e pré-determinado, era guiado por seus sentimentos e reflexões, por sua experiência.

Queremos que flâneur continue se concentrando na observação e na criatividade. Atento as interações humanas, arquitetura, mudanças nas paisagens urbanas e rurais, e as emoções que essas experiências despertam. O flâneur que, se permite por muitas vezes, criar obras artísticas, literárias ou reflexivas a partir de suas observações e reflexões.

Nessa união desses dois personagens, podemos juntar as abordagens quantitativa e qualitativa sem precisar delinear uma linha fictícia entre elas.

A combinação das características do agrimensor com as do flâneur resultaria em uma figura híbrida que combina a acurácia técnica e a objetividade do agrimensor, com a observação contemplativa e a sensibilidade artística do flâneur. Esta combinação pode ser personificada por um profissional que incorpora tanto a capacidade de medir e analisar detalhes tangíveis como a capacidade de contemplar as particularidades e emoções subjacentes de um ambiente.

A imagem do Agrimensor-Flâneur é de uma figura que se move pela paisagem com um olhar atento e contemplativo, mas que também está equipado com as ferramentas técnicas do agrimensor para captar e interpretar informações acuradas sobre o ambiente natural e humano. Esta figura híbrida pode ser revelada da seguinte forma:

- 1) Exploração sensível: perambula pelas ruas e paisagens com a mesma curiosidade e atenção aos detalhes de um flâneur tradicional, absorvendo os aspectos emocionais, sociais e estéticos do ambiente.
- 2) Observação Tecnológica: Em vez de apenas observar, também seria capaz de realizar mensurações acuradas e coletar dados topográficos, geodésicos e de localização usando ferramentas como o GNSS, ou qualquer outra forma de quantificação que se queira realizar.
- 3) Interpretação contextual: A força do Agrimensor-Flâneur residirá na sua capacidade de interpretar dados técnicos no contexto mais amplo da paisagem. Conseguem ver como os aspectos físicos da terra afetam a vida das pessoas, a arquitetura, o uso do espaço e as interações humanas.
- 4) Expressão artística e comunicação. Da mesma forma que os flâneur's tradicionais criam obras de arte baseadas em observações e retornando aos seus estúdios, o Agrimensor-Flâneur no levantamento de campo retorna ao seu escritório para criar mapas artísticos, visualizações de dados estilizados ou elementos técnicos. Às vezes comunica suas descobertas por meio de histórias, nos moldes de um memorial, que combinam elementos emocionais.

Em última análise, combinar as características do agrimensor com as do flâneur resultaria num profissional que vai além da simples mensuração técnica, mergulhando nas profundezas emocionais e culturais do ambiente enquanto procura uma compreensão holística e inspiradora do mundo que o rodeia, uma visão cosmológica. Uma compreensão complexa dos espaços, lugares e coordenadas de território.

Não é a limitação da visão nas formas e tamanhos, mas também capta com sua percepção os sentimentos, narrativas e interações que dão vida a esses lugares.

O impacto desta abordagem vai além da estética. O Agrimensor-Flâneur na Cartografia Imagética pode influenciar o planejamento urbano sensível e a sensibilização do público. Ao mapear não só o espaço físico, realiza as ligações emocionais e culturais, podendo formular alternativas que se tornam decisões coletivas mais informadas sobre como preservar o patrimônio, promover a inclusão e conceber espaços que tenham ressonância na comunidade.

Uma combinação de precisão e expressão na cartografia imagética gerando uma jornada emocionante na compreensão do nosso mundo. O Agrimensor-Flâneur, com a sua habilidade de mensurar com acurácia, ao mesmo tempo que abraça a subjetividade da experiência convida-nos a olhar além das mensurações espaciais e a explorar os sentimentos, as histórias que moldam os nossos ambientes.

O mapeamento de imagens torna-se a lente através da qual olhamos não apenas a paisagem física, é a completude de emoções e significados que existem, cruzando as fronteiras entre técnica e reflexão.

Esta combinação convida-nos a mapear não só a geografia, mas também a alma, a nossa essência e existência.

A relação entre agrimensor, flâneur e cartografia imagética, a combinação destas perspectivas muito diferentes com muitos outros conceitos que definimos neste trabalho, na perspectiva decolonial, da confluência dos saberes, proporciona uma abordagem única e compreensível do que representa o nosso mundo e a nossa percepção dele.

A epistemologia tradicional, apoiada na visão ocidental e neutra do conhecimento, ignora as perspectivas locais e o conhecimento das comunidades, das culturas marginalizadas. Nos conceitos que estamos elaborando em um pensamento decolonial, reconhecemos a riqueza de diferentes formas de conhecimento, enfatizando a importância de trazer à tona vozes e visões que foram historicamente subjugadas.

Ao delinear linhas rígidas e limites concretos, o agrimensor pode ser colocado como um representante de uma abordagem hegemônica do conhecimento. Porém, aliado ao olhar sensível do flâneur e com abordagem aberta ao mapeamento de imagens, esse conhecimento técnico pode ser enriquecido e transformado. O Agrimensor-Flâneur, em vez de só mensurar, envolve-se com as comunidades

locais, escuta histórias, compreende as relações humanas, se envolve com o meio ambiente e mapeia estas narrativas invisíveis para a espetacularização da modernidade.

A cartografia de imagens, ligada principalmente ao conceito de confluência de saberes, torna-se um meio de amplificar as vozes de diferentes formas de saberes e modos de vida.

O mapa criado coletivamente por Agrimensor-Flâneur pode incluir símbolos culturais, visualização de arte e a história orais, que acrescenta significado ao espaço físico. Ao captar as emoções e memórias associadas a um lugar, estes mapas vão além da simples representação geográfica e tornam-se testemunhas complexa interação entre o ser humano e o meio ambiente.

A influência dos pensamento decoloniais se estende à aplicação prática destes mapas, as comunidades locais, podem e devem ser envolvidas no processo de mapeamento através da adoção de uma abordagem inclusiva e participativa. Isto não só fortalece as vozes negligenciadas e silenciadas, mas também enriquece a compreensão do ambiente, levando a decisões de planejamento mais sensíveis e culturalmente relevantes para a comunidade.

Essa fusão na confluência de saberes, representa uma viagem emocionante e transformadora para compreender o nosso mundo e repensar a ciência e para contribuir com a edificação da ciência descolonial. O Agrimensor-Flâneur torna-se não apenas um observador, mas um mediador entre diferentes formas de saberes.

A cartografia imagética, neste contexto, torna-se um ponto de encontro entre técnica e subjetividade, permitindo que os mapas contenham narrativas profundas sobre o meio ambiente e as pessoas que o habitam.

Sua representação do espaço deve tornar-se um ato de justiça cognitiva, social, cultural e ambiental. E quando imaginamos nessas relações e fusões sob o conceito colonial, o mapeamento imagético torna-se um instrumento para desafiar e moldar a narrativa espacial segundo o modo de vida de cada indivíduo. É o espaço aberto para múltiplas perspectivas e vozes que foram historicamente desfavorecidas, que tiveram as portas fechadas, seus corpos aprisionados, escondidos e eliminados.

O decolonialidade é um movimento intelectual e social que visa dismantelar as estruturas de poder e as hierarquias culturais criadas por colonialismo. Neste contexto, a fusão entre agrimensor, flâneur na cartografia imagética torna-se um ato de resistência, transformação e revolução. A independência que encontramos na

decolonialidade nos convida a repensar não apenas como representamos o espaço, mas também quem tem o direito de contar essas histórias e como elas devem ser expostas.

O Agrimensor-Flâneur inspirado nesta autonomia, além de apenas observar, envolve-se de forma decisiva com as comunidades locais, dando liberdade a saberes ancestrais e experiências cotidianas muitas vezes suprimidas. Em vez de estabelecer limites rígidos, mapeia complexas redes de relações humanas e ecológicas, honrando a história que o solo carrega consigo e as lutas que moldaram os lugares ao longo do tempo.

A cartografia imagética imersa nestas perspectivas torna-se um espaço de resistência cultural. Os mapas que são produzidos por Agrimensor-Flâneur tornam-se ferramentas para decolonizar o olhar, permitindo que as comunidades se vejam e se confessem nos espaços que povoam com a liberdade crítica e imaginativa que é particular de suas realidades.

A aplicação do decolonialismo neste contexto vai além da representação visual, adotando uma abordagem coletiva, reconhece que o ato de mapear é uma construção social e política, na participação ativa da comunidade em todo o processo, para que suas perspectivas e conhecimentos sejam entrelaçados na organização de uma narrativa imagética espacial.

Nesta concepção de decolonialidade, a aventura imagética que adentramos enfatiza o aspecto da resistência e das alternativas, que podem ser revolucionárias, na transformação social. Tornando o Agrimensor-Flâneur e todos os envolvidos em agentes de mudança, e combatentes as hierarquias do conhecimento e ideias preconcebidas.

O mapeamento imagético vai atuar como uma ferramenta para decolonizar o espaço ao potencializar as vozes dos marginalizados, e estes devem assumir o papel protagonista das pesquisas.

Nesta lógica da representação imagética do espaço, tempo e contexto se posiciona essa metodologia, mais uma vez, que não se trata simplesmente de uma questão de arte, mas de um ato de justiça social ao interrogar e propor alternativas para reconstruir as histórias que compõem as nossas paisagens, os nossos espaços, os nossos lugares e coordenadas de territórios.

5 APLICANDO A CARTOGRAFIA IMAGÉTICA – EPISTEMOLOGIAS DO SUL UMA CIÊNCIA DECOLONIAL

Até este ponto, examinamos uma problemática profunda que se insere no contexto contemporâneo, enraizada tanto na esfera teórica quanto nas complexas interações das questões sociais e ambientais. Esse entrelaçamento se desenrola no cenário atual de progresso tecnológico, evolução cognitiva e transformação cultural, permeando a ampla esfera da comunicação e do conhecimento. O propósito subjacente foi o de estabelecer os alicerces que conduzirão os rumos diante dos desafios paradigmáticos e da transição inerente a uma sociedade almejada como plenamente livre e fraterna no que abarcamos por decolonialidade e cosmologia humana.

Neste contexto se faz necessário revisar o que compreendemos por ser humano, natureza, ciências, cultura, enfim todas as esferas da vida humana e seu entorno. Precisamos nos reconectar com as realidades – conceito de realidade que não pode mais ser visto no singular –, não perdendo a nossa essência humana de imaginar e criar, de ir além da superficialidade.

Ao reconfigurarmos nossa abordagem de pensamento e nossa conduta, desencadeamos um efeito transformador que se estende a reavaliar e reestruturar nossos padrões de comunicação, tanto com nossos semelhantes quanto com o mundo e o Universo em si. Esta metodologia almeja enriquecer essa revolucionária e libertadora forma de comunicação, conferindo-lhe um caráter prático e emancipatório.

Cooperando para uma sociedade com igualdade, livre e fraterna, que se torna plausível com indivíduos verdadeiramente emancipados de toda forma de dominação humana. Ao mesmo tempo que o indivíduo percebe que é parte do todo, que é a natureza, o universo, do qual nunca será igualmente emancipado.

Concordamos com o polêmico pensamento sobre projetos de pesquisa em Comunicação, que estendemos para toda ciência, que defendeu Carrascoza (2016) na disciplina de Seminários de Pesquisa, na PPGCOM-ESPM, dando ênfase ao afeto, as paixões (pathos) em detrimento de enfatizar na pretenciosa fundamentação lógica da ciência moderna (logos).

Projeto...Plano de Voo. Onde estamos e para onde vamos. Geografia vista do papel; pelas dobras insinuam-se os detalhes da paisagem [...], mas não passe de um trecho, só uma ria do rio. Como um decote: imagina-se o todo,

sem desenglobá-lo [...] executa-se a semelhança da música: adágio, andante, allegro. (CARRASCOZA, 2016, p. 58)

Mas aqui o nosso plano de voo não se limita ao objeto em si, a uma ria deste rio, queremos ver a nascente e quando ele desemboca no oceano, até antes de ser e o depois que virá – queremos ver a água correr, cair, ser quente e fria, lavar e hidratar, queremos ver a água em todos os seus estados físicos.

Durante todo o processo o objeto pode se mostrar maior ou menor, simples ou complexo, isolado ou conjugado. É a significação do objeto que nos guia e não as amarras limitantes de uma determinada metodologia e uma escala pré-estabelecida.

Não vamos nos contentar só com o decote, queremos nos deleitar caso o objeto nos convide, basta o seu sim e o pesquisador se perde nas suas paixões. Não queremos só escutar a música, queremos ver o disco, saber do artista, dos seus trejeitos e dos seus instrumentos, com ele conversar a luz do luar, adentrar aos seus sentimentos mais profundos sem deixar as futilidades de lado.

Não somos produtivistas da ciência, somos românticos, somos boêmios, somos mais que cientistas humanos, somos apaixonados pela humanidade, somos o que deveríamos ser conosco, com os outros e com o universo, nos tornamos diversos, seres humanos - somos cientistas decoloniais.

Como estudiosos decoloniais, somos convidados a pensar profundamente sobre a intersecção de questões sociais, ambientais e tecnológicas no contexto contemporâneo. As diretrizes adotadas enfatizam a importância de reavaliar e valorizar o nosso entendimento das áreas de uma vida humana, que seja diferente do modo adotado por eurocentrismo e colonialismo, na sua consequência devastadora das desigualdade e explorações que percorrem o capitalismo: incluindo natureza, ciência, cultura e comunicação.

Necessitamos nos conectar e reconectar com múltiplas realidades, superando a superficialidade e abraçando a imaginação humana, criando e transcendendo as fronteiras tradicionais.

A proposta básica é lançar as bases de uma sociedade igualitária, livre e fraterna onde os indivíduos sejam emancipados das formas de governos totalitários e de dominação, admitindo ao mesmo tempo a sua interligação com a natureza e o universo. Sempre sublinhando a importância de uma abordagem emocional e emotiva, valorizando a paixão em detrimento de uma ênfase exagerada na lógica científica, como defendeu Carrascoza (2016).

Antes de propor um modelo metodológico de projeto que possa servir de modelo, e simplesmente como tal, como alternativa e não como norma ou lei, e ilustrá-lo de forma prática, vamos definir o que é a já mencionada Arena JAM, qual o seu objetivo e como pensá-la.

5.1 Definição da Arena JAM

Espero que neste momento possa expressar a minha intenção de avançar no desenvolvimento de novas alternativas criativas, integrando livremente os conceitos em que tenho trabalhado sem estar vinculado a uma metodologia rígida. Nossa jornada nesta exploração, neste ensaio quase existencial, pode fluir sem seguir uma rota pré-determinada. No entanto, dado o nível de desenvolvimento cognitivo em que nos encontramos, isso parece improvável.

A metodologia funciona como um guia, um mapa que mostra o caminho. Ao reconhecermos que o objetivo não é único, se trata de alternativas, de diversas realidades, percorremos vários itinerários interligados por desvios e atalhos, proporcionando grandes surpresas e descobertas. Nesses momentos, o conhecimento próprios destes desvios podem surgir.

Logo não estranhe essa tese, a sua escrita e metodologia não serem lineares.

À medida que os paradigmas da ciência moderna permanecem por resolver e rodeiam medidas provisórias ou insustentáveis, e avançamos aqui ainda enredados em conceitos e noções do passado, é porque ainda estamos nas fases iniciais da procura de uma nova teoria do conhecimento decolonial que responda aos nossos anseios. Não vai achar algo acabado nas próximas páginas, e acredito que colocando a subjetividade como fator primordial, além da complexidade que é o próprio ser humano, dificilmente essa tese e desenvolvimento encontre seu fim.

A abordagem metodológica da cartografia imagética parece aproximar-se naturalmente da fenomenologia e da prática etnológica. Consequentemente, acabamos nos concentrarmos no estudo dos fenômenos que emergem na consciência.

Motivo que nos faz partir das regras básicas da metodologia científica no seu processo sistemático de planejamento, condução e avaliação. Todavia, nossa organização e confiabilidade não podem prevalecer sobre a criatividade e imaginação dos atores envolvidos na pesquisa.

Para tornar transparente a nossa intenção neste momento, pretendemos elaborar uma metodologia de acordo com o seu real significado. Esta concepção (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008) abrange não apenas o estudo das diferentes abordagens metodológicas viáveis para diferentes investigações e conhecimentos, mas também abrange a noção de um conjunto de processos direcionados para um objetivo específico. Pretendemos integrar esta abordagem com o pensamento científico, sem criar obstáculos para aplicá-lo a outras formas de conhecimento, sem elitismo e hierarquia.

E nesses processos conjuntos dos procedimentos que vão sendo delineados, planejados e executados, os métodos nos auxiliam na vista para o objetivo. Objetivo que pode ser pequeno no papel, que cada tese se torne um objetivo específico, para que o seu contíguo se torne grandioso no objetivo geral que é a emancipação humana, no reconhecimento das diversidades, no fim das desigualdades e preconceitos, no reconhecimento da igualdade das inteligências e da importância das equidades.

Uma metodologia científica que não pode deixar de tangenciar o desejo de realizar uma Arena JAM¹⁰, onde a ciência e o senso comum vão se fundir para propor, demonstrar ou elucidar um conhecimento, sem a necessidade de definição de um percurso metodológico taxativo, dogmático.

Não existe a pretensão de tornar os métodos aqui em normas rígidas, são somente princípios de prudência e moderação, lembretes e observações, um dos trajetos que a carta nos apresenta, sem que prevaleça uma ordem contrária a criatividade.

Os métodos que vá empregar, seja ele qual for, devem incorporar sensibilidade à diversidade, devem ter afeto.

Creditamos que toda ciência, metodologias e as diversas formas de saberes devem visar sempre a emancipação humana e o desenvolvimento de todo o seu potencial, deve promover a liberdade criativa e não o seu aprisionamento.

Metodologia [...] Começa-se, seja o que for, agarrando-se ao que as mãos têm de mais próximo – somos todos náufragos, então cada um que pegue o que puder à sua maneira ou no desespero [...] Corpus não é amostra. Certifique-se da integridade de seus instrumentos, revise-os antes de usá-los [...] O método é, apenas, uma prescrição para a viagem. Uma bússola primitiva, como o sol. A desvantagem do método? Ser um meio per se, como

¹⁰ Referência a forma musical, Jam Session, onde os instrumentistas tocam de improviso, sem saber o que vem a frente, sem ensaio, sem uma banda definida.

a existência – e nada prepara melhor para a vida que o viver.
(CARRASCOZA, 2016, p. 64)

Nesta perspectiva fenomenológica, nesta Arena JAM, e no nosso próprio objeto de análise imagética, que aqui é a exposição desta metodologia, lembramos das propostas da *anthropological blues*, descrita por antropólogo Roberto da Matta (1978), e da aproximação da nossa proposta e hipótese com os preceitos, ou melhor, tarefas, do etnólogo, da etnologia. Na dupla tarefa de transformar o exótico em familiar e transformar o familiar em exótico.

Por *anthropological blues* se quer cobrir e descobrir, de um modo mais sistemático, os aspectos interpretativos do ofício de etnólogo. Trata-se de incorporar no campo mesmo das rotinas oficiais, já legitimadas como parte do treinamento do antropólogo, aqueles aspectos extraordinários ou carismáticos, sempre pontos a emergir em todo relacionamento humano. De fato, só se tem a Antropologia Social quando se tem de algum modo o exótico, e o exótico depende invariavelmente da distância social, e a distância social tem como componente a marginalidade (relativa ou absoluta), e a marginalidade se alimenta de um sentimento de segregação e a segregação implica em estar só e tudo desemboca – para comutar rapidamente essa longa cadeia – na liminaridade e no estranhamento. (MATTA, 1978, p. 4)

O conceito de Arena JAM, conforme delineado, representa uma abordagem inovadora e flexível para a investigação científica e a compreensão da realidade. A sigla JAM sugere uma convergência entre a música, a arte e o movimento, refletindo a natureza criativa, dinâmica e fluida da abordagem proposta.

Baseia-se na premissa de que a rigidez das metodologias tradicionais podem limitar a exploração profunda e a compreensão genuína, especialmente quando se trata de questões complexas e multifacetadas.

A Arena JAM valoriza a liberdade intelectual e a criatividade dos pesquisadores, incentiva a exploração de conceitos e perspectivas de formas não convencionais. Parte das regras básicas da metodologia científica, mas não visa impor barreiras ou hierarquias ao processo de pesquisa. Em vez disso, valoriza a prudência, a contenção e a sensibilidade à diversidade, permitindo aos exploradores embarcar numa viagem de descoberta que abrange tanto o exótico como o familiar.

Que o pesquisador na Arena JAM sinta a dança entre o estranhar e confortável em todo o momento, que essa dança lhe cause excitação para buscar cada vez mais confluir com os diversos saberes.

Isso parece consistente com a fenomenologia e a prática etnográfica, enfatizando a importância de acessar fenômenos na mente consciente e buscar novas

epistemologias. Contudo nos afastamos dos rigores de um percurso metodológico exaustivo e descabido, esforçando-se para integrar criativamente a ciência e o senso comum, a integração de todas as formas de saberes.

Enquanto estiverem na Arena JAM, os pesquisadores são incentivados a explorar além dos limites ordinários, admitindo o estranhamento e as fronteiras como ferramentas para serem desconstruídas com a finalidade da compreensão profunda.

É uma interpretação e oportunidade de oferecer alternativas na tentativa de captar a complexidade, diversidade e identificação da experiência humana. Concede que os pesquisadores sigam um caminho não convencional na busca de conhecimentos mais profundos e significativos.

E nesta abertura para os pesquisadores se permitirem percorrer outros caminhos é que posicionamos a Arena JAM como uma metodologia etnológica. Aproximação que se torna possível porque estamos enfatizando a flexibilidade, criatividade e liberdade na pesquisa científica.

A própria metodologia etnológica que por essência se concentra na análise e compreensão das culturas humanas por meio da observação participante e da imersão nos diversos contextos sociais, já tenta realizar essa liberdade criativa e imaginativa em suas pesquisas.

Não pretendemos nos debruçar no campo da etnografia citando pensadores como o pai da etnografia Bronisław Malinowski, outros pensadores igualmente consagrados como Clifford Geertz, Annette Lareau, Pierre Bourdieu, Mary Douglas, Ruth Behar, Claude Lévi-Strauss, o que nos lembra dos pesquisadores brasileiros e que estavam presentes com suas teorias na construção do presente trabalho, no início da formulação desta tese – Ronaldo Mathias, Clarice Peixoto e Barbara Copque.

Acreditamos também que a distinção entre etnografia e etnologia se tornou menos importante à luz do atual desenvolvimento tecnológico. A presença física no local de estudo muitas vezes já não é absolutamente necessária. No entanto, isso não significa que o trabalho de campo tenha perdido importância e relevância, mas sim que ele continua a dar contribuições significativas.

Negar o impacto deste desenvolvimento tecnológico seria o mesmo que argumentar que relações humanas autênticas não podem ser encontradas em espaços virtuais, ou mesmo ignorar a verdade de que a inteligência artificial no presente e emergente futuro próximo não é equivalente ao ser humano, tanto que é edificada pela mesma inteligência.

A mensagem central que queremos transmitir é que a Arena JAM, no seu cerne, pode ser classificada tanto como etnológica como etnográfica, devido ao conceito de confluência de saberes, é o parque do Agrimensor-Flâneur. Independentemente da natureza do estudo, objetivos da análise ou escopo de ação, este método atravessa esse espectro, baseado principalmente nas relações sociais.

À medida que essa relação atinge estágios avançados de interação, novas abordagens metodológicas são gradativamente incorporadas, como sugere a metodologia da cartografia imagética.

A Arena JAM é a própria materialização da utopia da ciência decolonial, é uma arena onde todos os métodos e conhecimentos podem convergir para propor alternativas, portanto é Jam.

É importante compreendemos que, diante da curiosidade dos pesquisadores, a Arena JAM é uma abordagem dinâmica e exploratória de pesquisa que valoriza a flexibilidade, experiência prática em algum plano, sensibilidade à diversidade e encontrar os elementos essenciais, levando a novas alternativas para a compreensão de problemas complexos. Visamos sempre oferecer alternativas em diversas realidades, que é a terceira realidade.

A Arena nada mais é do que uma tentativa de nomear campos onde a ciência decolonial e a confluência de saberes ocorrem sem hierarquia. É uma abordagem de pesquisa dinâmica e exploratória, de experiência direta, de sensibilidade à diversidade e descoberta de elementos-chave.

Isso resulta em caminhos inovadores para a compreensão de questões complexas e multifacetadas, que corresponde à fenomenologia, bem como à prática etnográfica e etnológica, possível de ser aplicada em qualquer área e não necessariamente científica – poderia ser uma mesa em um Congresso Internacional, em um sarau recitando poesias, ou mesmo em uma mesa de bar. Os saberes se encontram em todos os lugares.

Estamos nos afastando do rigor metodológico tradicional, permitindo que os pesquisadores explorem além das fronteiras convencionais.

A Arena JAM é uma utopia possível da ciência decolonial, onde métodos e conhecimentos convergem para propor alternativas, contribuindo assim para a emancipação e plena realização do potencial humano.

5.2 Terceira Realidade

A busca por explicar uma terceira realidade, dentro da análise cartográfica imagética, na substituição do pesquisador normativo por sujeito do pesquisador cultural, do Agrimensor-Flâneur e da confluência de saberes, só pode ser empreendida num primeiro momento pela etnologia. Seja local (clássico), virtual, literário, etnográfico, ou seja, todas as áreas socioculturais de uma determinada comunidade ou grupo.

Uma ressalva importante neste ponto é que quando falamos de realidade não podemos insistir no sentido estrito da palavra como algo puro, real que se torna inquestionavelmente verdadeiro, ou mesmo como imitação de algo, que seria a própria indústria cultural, na sociedade de massa que reproduz os espetáculos. Também é inaceitável a simplicidade dos seus aspectos concretos, utilitários e práticos.

Isso não é possível de ser aplicada porque aqui a nossa realidade ganha contornos imaginativos, ela é utópica. Não somos adeptos a um realismo, mas somos realistas quanto as reais necessidades humanas, somos pragmáticos pela igualdade e fraternidade, buscamos valorizar as significações subjetivas das práticas cotidianas e tradições.

Um conceito que se inspirou na terceira natureza esboçada no mestrado em ciências sociais na PUC-SP em 2011, também encontrou inspiração em um intelectual da cartografia crítica, Edward W. Soja.

Soja (1996) elaborou um conceito denominado de “terceiro espaço” dentro do campo da geografia e dos estudos culturais. Esse conceito faz referência a um espaço de intersecção e hibridização entre as diferentes culturas e identidades, tornando mais complexa a compreensão das relações sociais, culturais e políticas. A sua definição de espaço é corroborada pela presente tese, onde não estamos falando apenas de espaços físicos, eles também são conceituais, significativos e imaginativos.

A integração destes espaços ocorrem exatamente como pensamos os conjuntos das realidades (que incorporam a noção de espaço, tempo e contexto), na interação e confluência entre os diferentes grupos sociais, experiências, saberes e culturas. Em uma relação dialética que se configura as alternativas, novas formas de identidade e significações.

Não existe uma fronteira que limite esses espaços e realidades com o intuito de valorizar a diversidade e a produção de conhecimento que surge destas relações. Uma relação dialética que não é dicotômica, que na resolução de conflitos e problemas, se encontra em constante estado de evolução e revolução.

Uma terceira realidade que pode ter sido inspirada pela terceira natureza ou por conceito de terceiro espaço, mas foi iluminado por pensamento de Kossoy (2001; 2021), na sua teoria fundamental para se compreender a fotografia como documento histórico.

Em sua teoria introduziu dois conceitos centrais, a primeira e segunda realidade. Como já mencionamos a primeira se trata da realidade objetiva capturada pela câmera fotográfica, ou seja, é a representação direta do objeto que se encontrava diante da lente, é o seu aspecto documental, o registro visual da realidade no momento do clique. A segunda realidade se refere a interpretação e percepção desta fotografia por espectador, ou seja, é a forma como a imagem é recebida, interpretada e compreendida por esse observador. É nessa segunda realidade que entra as questões de subjetividade, sua contextualização e interpretação, logo, podem ocorrer interpretações e significações diversas, uma dependência do conhecimento do próprio espectador.

A terceira realidade, pensando que existem igualmente essas múltiplas realidades, não exclui a existência factual de uma realidade concreta, mas afirma que existem nesta relação imagética por menos três realidades subjetivas. A realidade do fotógrafo, a realidade do espectador e a realidade percebida por objeto retratado.

Na exclusão desta terceira realidade, na concepção da cartografia imagética, a primeira realidade se torna a imposição normativa da ciência moderna ocidental, colonial e eurocêntrica, e a segunda realidade se torna a espetacularização da sociedade.

O conceito de terceira realidade é a subjetividade imaginativa e criativa, são as alternativas e utopias possíveis que buscam transformar a sociedade. São as significações e formas de olhar para o espaço e tempo partilhado que cada comunidade adota como consenso nas suas etnias, tradições, culturas e práticas religiosas – é a forma como a comunidade transforma através de suas organizações o meio para viverem, seja no seu passado, presente ou futuro.

Com esse conceito pretendemos posicionar as realidades como espaços, tempos e contextos híbridos e dinâmicos, indo além da dicotomia tradicional entre a

realidade objetiva (primeira realidade) e a sua representação (segunda realidade). Que em um contexto decolonial são utilizadas para transcender as narrativas impostas por eurocentrismo e colonização. Com objetivo de afirmar as identidades e autonomias das diversas culturas.

A imagem, seja ele fotográfica ou em outro meio (suporte midiático), não tem como fim a simples documentação de uma determinada realidade, ela pode dar visibilidade a múltiplas realidades, ao mesmo tempo que também poderia gerar novas realidades e possibilidades com a confluência de saberes, sem que com isso ocorra a perda de representatividade de um determinado grupo ou mesmo seja um projeto de espetacularização e alienação. São as imagens construindo a si próprias, é cada indivíduo enquanto imagem ativa, autônoma e autêntica participando desta construção das realidades.

Se trata do reconhecimento, com a terceira realidade, da imagem como potência de saberes, de igualdade e de transformação social.

A terceira realidade então não pode se constituir de uma verdade, é um conjunto de verdades, ou melhor, de consensos, dialogando para construir a humanidade na sua pluralidade e compreender o universo. É o reconhecimento da nossa ignorância diante da realidade do outro, sobre as realidades inesperadas, novas ou que simplesmente não nos eram visíveis.

São realidades que se apresentam quando estamos abertos a conhecer, quando nos encontramos emancipados e, portanto, livres de preconceitos.

Nesta realidade que inserimos a ação do etnógrafo, junto a ampliação do seu campo com o desenvolvimento tecnológico, as novas formas de comunicação e imaginários. A própria presença do pesquisador se tornou relativa vista pela ótica do virtual, o próprio conhecimento acadêmico é questionado no que tange a possível disseminação do conhecimento por meios digitais, além do fato de não reconhecemos mais a ciência como única racionalidade, como única fonte de conhecimento.

Tenta-se delimitar a escala do mundo atualmente através de um ecrã, mas para quem mantém o espírito crítico e curioso a cada pesquisa se depara com uma surpresa, algo que transforma a nossa própria realidade e a do outro, algo que lhe estranha. Surge o inesperado, algo novo ou que até o momento desconhecíamos.

Neste sentido, Matta (1978), delimita a área básica de estudo da anthropological blues, sobre o elemento inesperado, quase que uma surpresa, que

surge na prática etnológica e que acaba dando uma nova significação ao objeto estudado. Objeto inesperado que falamos anteriormente que pode surgir sem ser planejado por uma metodologia ou estratégia, e modificar toda direção e entendimento da pesquisa, que pode descortinar a verdadeira face do objeto, ou até mesmo demonstrar, que estávamos namorando o objeto errado.

Em uma perfeita analogia com o estilo da composição e das letras do blues (MATTA, 1978), que tem como característica de sua melodia, a harmonia ganhando força através das repetições das frases, sejam elas notas musicais ou palavras, tornando este elemento inesperado, oculto, nesta repetição de ideias e imaginários se torna cada vez mais perceptível.

Um elemento inesperado que se revela e desmonta tudo aquilo que julgávamos natural, conceitual, normal, dado como certo; é o princípio do exótico se tornando familiar, e o familiar se tornando exótico. Momento que o próprio pesquisador percebe, em um sentimento de estranhamento, que ele ali se encontra em uma posição de marginalização, de isolamento, desejando o retorno ao conforto de seus domínios.

O inesperado é a própria voz da subjetividade na ciência que tanto procuramos silenciar com a eloquência da objetividade. O inesperado torna a subjetividade, que por muitas vezes é descartada, em um dado sistemático, em um ato fenomenológico importante e por vezes central.

É neste momento paradoxal da subjetividade do inesperado que o pesquisador percebe que o conhecimento está se construindo fora dele, por forças externas, as quais ele não deve interferir para não contaminar o processo, ou por menos tentar minimizar sua intervenção. Mas no momento que a imagem é descrita por ele abandona a neutralidade, que também não existiria na descrição realizada por próprio objeto da análise. Ou seja, essa objetividade pura e neutra é algo que somente existe por uma questão conceitual, não encontra lastro em nenhuma das realidades possíveis.

Logo não se trata de neutralidade do pesquisador, algo que não acreditamos em seu estado de pureza, se trata em não criar uma relação de poder, de dominação, conferindo liberdade ao objeto, tendo afeto a sua história e ao seu desenvolvimento autônomo.

Não podemos correr os mesmos riscos da antropologia, não em sua totalidade, mas que acabou seguindo os anseios dos empiricistas ingleses e americanos em tornar essa uma ciência natural, por consequência estranha ao próprio

desenvolvimento da cultura, dos indivíduos. Ao mesmo tempo que não podemos separar o animal humano (seu corpo) da sua essência (consciência/alma/conhecimento).

Almejamos uma ciência interpretativa, trabalhando constantemente com a subjetividade e que constantemente desloca a nossa própria subjetividade, a nossa visão de mundo que de forma estranha ganha contornos racionalistas e objetivos, que nada deve ser visto como certo, fechado e imutável.

Indagação que deve servir a todas as ciências humanas, e mesmo as outras ciências, mais duras, como a exatas e biológicas, que podem se beneficiar desta abordagem. Ao ver que seus resultados são constantemente alterados na significação de uma determinada realidade social, que se imagina e cria a sua própria existência aquilo que determina como real.

Um grande exemplo disso é a transdisciplinaridade da sustentabilidade ambiental, que demonstra claramente que não estamos propriamente preocupados com as vontades e necessidades da natureza, e sim com o desenvolvimento saudável e futuro da espécie humana dentro de uma determinada lógica, ideologia que hoje infelizmente é produtivista e economicista.

Até a própria significação da natureza é dada pela consciência humana e não por ela, pela sua própria realidade. Todavia isso ocorre na objetividade que conferimos ao conhecimento humano como único catalizador de transformações. Em uma teoria que enfatize a subjetividade é possível dialogar com a natureza e permitir que ela própria se ressignifique.

[...] anthropological blues [...] uma dedução possível, entre muitas outras, é a de que, em Antropologia, é preciso recuperar esse lado extraordinário e estático das relações entre pesquisador/nativo. Se este é o lado menos rotineiro e o mais difícil de ser apanhado da situação antropológica, é certamente porque ele se constitui no aspecto mais humano da nossa rotina. É o que realmente permite escrever a boa etnografia. Porque sem ele, como coloca Geertz, manipulando habilmente um exemplo do filósofo inglês Ryle, não se distingue um piscar de olhos de uma piscadela marota. E é isso, precisamente, que distingue a 'descrição densa' – tipicamente antropológica – da descrição inversa, fotográfica ou mecânica, do viajante ou do missionário. Mas para distinguir o piscar mecânico e fisiológico de uma piscadela sutil e comunicativa, é preciso sentir a marginalidade, a solidão e a saudade. É preciso cruzar os caminhos da empatia e da humanidade. (MATTA, 1978, p. 11)

Em síntese o conceito de Terceira Realidade pode ser compreendido como um espaço de entendimento que transcende a dicotomia tradicional entre realidades

objetivas e subjetivas, buscando uma síntese criativa e imaginativa que se origina do diálogo entre múltiplas perspectivas e significados. Essa abordagem procura ir além das definições estritas de realidade, reconhecendo-a como um conjunto de verdades interconectadas, construídas coletivamente e em constante transformação.

A Terceira Realidade não se fixa em uma única verdade, mas sim na interação e na harmonia das diferentes interpretações que se entrelaçam para compor uma compreensão mais ampla e enriquecedora.

Conceito que também incorpora as transformações trazidas por desenvolvimento tecnológico e pelas novas formas de comunicação. A presença do pesquisador se expande para o ambiente virtual, onde as interações e as relações são moldadas de maneira diferente. A disseminação do conhecimento através de meios digitais desafia a noção tradicional de autoridade acadêmica, abrindo espaço para diferentes vozes e perspectivas.

Essa abordagem transcende a busca pela neutralidade e reconhece a importância da subjetividade na construção do conhecimento. O elemento inesperado, tão presente na prática etnológica ou etnográfica, é valorizado como uma fonte de enriquecimento da compreensão humana. Reconhece que o conhecimento é coletivo, pode ser influenciado e moldado por forças externas e, está em constante evolução. Onde o pesquisador assume um papel de facilitador e colaborador nesse processo, em vez de um mero observador distante.

Assim como a harmonia se desenvolve na música do blues através da repetição e do elemento inesperado, a Terceira Realidade também encontra sua riqueza na interação contínua e cíclica entre o familiar e o exótico, entre a subjetividade e a objetividade. Essa abordagem se destaca por sua natureza interpretativa e dinâmica, reconhecendo que todas as formas de conhecimento são permeadas por subjetividade e que a busca pela verdade está enraizada na diversidade de perspectivas.

Portanto, a Terceira Realidade é alternativa de abarcar a complexidade do mundo, romper com noções rígidas de realidade e conhecimento, e criar um espaço de diálogo, transformação e coexistência de múltiplas verdades e significados. Ela convida a uma abordagem mais humana e compassiva para a pesquisa e a compreensão das sociedades e culturas, abrindo caminho para uma visão inclusiva e enriquecedora da existência.

A Terceira Realidade é o resultado das confluências de saberes, da ciência decolonial no interior da Arena JAM. Um resultado que deve ser sensível com a diversidade, afetuoso nas suas alternativas.

5.3 Metodologia Sensível

Cruzar os caminhos da empatia e da humanidade foi o empenho de Muniz Sodré, em sua obra “As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política” (2006). Onde o autor define estratégias, que podemos equiparar aos métodos em nossa metodologia, sobre a ação etnológica ou etnográfica se posicionado em ação afetiva para com o outro sem necessidade de uma medida racional. Como resultado nesta estratégia, nesta relação de entrega e comunhão encontraremos alternativas e singularidades.

É trazer o sensível em uma estratégia metodológica para abarcar as diferenças e somente depois pensar em uma teoria que lhe revista. Para tanto devemos fazer justiça a outros intelectuais e ativistas da teoria decolonial que compõe essa defesa do afeto, a exemplo de bell hooks, Sueli Carneiro, Paulo Freire, Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Angela Davis, Silvia Rivera Cusicanqui, Vandana Chiva, Sônia Guajajara, Maria Lugones, Achille Mbembe e tantos outros que atravessam a nossa encruzilhada decolonial.

A estratégia de entrega afetiva nas relações para com o outro e para com tudo que nos circunda se trata da própria ação da práxis, para que se constitua um conhecimento coletivo, em construção e acesso. É o conhecimento, “de um saber que, mesmo sendo inteligível, nada deve à racionalidade crítico-instrumental do conceito ou às figurações abstratas do pensamento” (SODRÉ, 2006, p.10).

Conhecimento que não necessita de comparações e equivalências, de imperativos racionalistas. Este conhecimento se vale por seu momento e contexto, pela própria necessidade e problemática do sujeito sensível e/ou do objeto.

São operações singulares, fenômenos únicos, que não está diretamente ligadas ao individual ou ao grupal, mas ao sentido que ela dá, as suas significações, a afetividade em si.

O singular não é o individual, nem o grupal, mas o sentido em potência [...] é um afeto, isento de representação e sem atribuição de predicados a sujeitos – que irrompe num aqui e agora, fora da medida (ratio) limitativa [...] Não é o mesmo o que Michel Foucault chamou de ‘estratégia direta’ ou ‘estratégia sem estrategista’ para referir-se à autolegitimação da racionalidade que

regula as normas do funcionamento social. As experiências sensíveis podem orientar-se por estratégias espontâneas de ajustamento e contato nas situações interativas, mas salvaguardando sempre para o indivíduo um lugar exterior aos atos puramente linguísticos, o lugar singularíssimo do afeto. (SODRÉ, 2006, p. 11)

Para responder a tais indagações partimos do pressuposto que a contemporaneidade, em sua dicotomia tradicional, está se percebendo e produzindo partindo de duas realidades, o que nos leva novamente a defender o conceito de terceira realidade como alternativa ao caos sociocultural e ambiental vigente.

Na contemporaneidade vivemos na falsa percepção de dualidade entre duas realidades: a primeira realidade que é a concreta, histórica, o que poderia ser definido como quantitativo e; temos a segunda realidade, que se trata de como imaginamos e conferimos os significados para a sua utilização.

Muito próximo do que compreendemos por mundo real e virtual, sendo que real ou virtual são as mesmas realidades e significações, a diferença se encontra somente no meio ou espaço que estamos produzindo e nos relacionando com o outro. O que se torna quase impossível definir suas fronteiras, e quando o fazemos simplesmente os limitamos aos aparatos tecnológicos utilizados.

A grande diferença entre este suposto mundo real e o mundo virtual que erroneamente se colocam em oposição, e na pior das hipóteses que se queira dizer que um é concreto e outro é ficção, para nossa teoria somente diz como devemos tratar as escalas e as coordenadas de território. Principalmente neste último conceito que precisamos estar mais atentos, pois no cotidiano da vida física as coordenadas de território são singulares para as relações sociais, já na vida digital essas coordenadas de territórios se tornam plurais e depende de onde está analisando. Exemplo: poderia estar tendo uma relação social em Moçambique agora caso estivesse na perspectiva do outro nesta localização, mas estaria em uma relação social no Brasil caso o referencial muda-se para a análise do meu computador ou outro aparelho tecnológico. E ainda ambos poderíamos estar passeando virtualmente em outra localização, ou estaríamos dialogando com um grupo em diferentes pontos do planeta. São relações reais mesmo que em tempo e espaço diferentes, são relações reais mesmo que ela tenha ocorrido em um passado e seja somente uma gravação, são relações sociais autênticas porque faz parte do contexto da realidade de um indivíduo.

Este é um dos motivos para pensarmos na terceira realidade, uma realidade que seja transformadora e inclusiva, que dialogue com a diversidade. Sem ser impositiva e que consiga manter as diferenças ao mesmo tempo que integra todo o universo em uma única comunidade. Uma realidade que não se coloque no singular, e sim no seu plural, são realidades possíveis de coexistência, que em seu único momento se torna singular quando falamos que essa pluralidade é a realidade humana.

Como já foi mencionado, a terceira realidade não deve ser ou servir uma razão única, ela deve ser um conjunto de realidades, ser o meio da comunicação das diferenças e base da transformação que as diversidades e pluralidades precisam para se manter em pleno desenvolvimento e garantir a possibilidade de existência, de liberdade para todos.

Uma realidade partindo das teorias decoloniais para se refletir as epistemologias do Sul, que visa uma ampliação da imaginação política e intelectual, para além do ocidentalismo, cultura eurocêntrica, colonialismo, contra o pensamento abissal, o epistemicídio e dando visibilidade a sociologia das ausências.

A terceira realidade é composta pelas vivências e experiências dos seres compartilhantes, conceito de Santos (2013), na concepção que vivemos em um ambiente onde compartilhamos tudo, inclusive a nossa própria existência, que somente nos pertence momentaneamente pela causalidade biológica.

Ampliando esta concepção, dentro ainda do que estamos trabalhando no jogo de palavras ensinado por mestre quilombola, e para alcançar o que pretendemos utilizando o afeto na pesquisa, falamos de um conceito ou ideia que vamos denominar de Compartilhante Cultural Comunitário.

A concepção do compartilhante cultural comunitário se refere a uma abordagem inclusiva e participativa para compartilhar e transmitir estilos de vida, expressões artísticas e valores dentro de uma comunidade e para outras comunidades. Com base na visão da cultura como um conjunto dinâmico de formas de ver, sentir e fazer as coisas. O conceito enfatiza a importância de partilhar essas formas de fazer entre os membros de uma comunidade para fortalecer os laços culturais e promover um relacionamento profundo e amplo.

Ao contrário da cultura padronizada e mercantilizada, onde um conjunto específico de normas e valores é imposto, o Compartilhante Cultural Comunitário reconhece a diversidade e a riqueza dos modos de vida individuais e coletivos.

Manifesta-se em diversas práticas como rituais, danças, musicalidade, comidas e outros elementos que refletem experiências e perspectivas únicas da comunidade. Ao partilhar ativamente estes caminhos, os indivíduos ligam-se às suas raízes culturais, enriquecem a sua experiência de vida e fortalecem a coesão social.

Este conceito desafia concepções eurocêntricas de cultura, que muitas vezes excluem expressões multiculturais e locais, como as associadas ao som de tambores e outras tradições. Afirma o valor intrínseco dos modos de vida autênticos e experiências, realçando que a verdadeira cultura reside na habilidade de viver e interagir harmoniosamente com o meio ambiente e com outros membros da comunidade.

O Compartilhante Cultural Comunitário pode ser definido sinteticamente como a ação pela qual o indivíduo promove uma compreensão profunda da cultura como algo em constante evolução, onde a troca ativa de modos de vida individuais e coletivos fortificam os laços sociais, promovem a coesão comunitária e enriquece a experiência humana. É a sua entrega afetiva na confluência de saberes sem esperar nada em troca.

Com base nestas premissas, propomos outro conceito denominado de Afeto Transformador e Inclusivo, na busca pela harmonização de estratégias sensíveis com as epistemologias do Sul, com a confluência de saberes e principalmente para a luta do decolonialismo, para forjar uma abordagem metodológica que transcenda os limites da racionalidade instrumental, que abrace a multiplicidade de realidades e experiências em toda ação e pensamento decolonial.

Este afeto deve ir além da simples empatia, procurando atingir um nível mais profundo de conexão emocional e sensível com o outro. Baseia-se na ação etnológica ou etnográfica movida pela comunicação decolonial e pela entrega sem estar vinculada a medidas racionais. Estratégias que combinam sensibilidade metodológica para que as diferenças e singularidades possam ser consideradas antes mesmo da teoria ser criada ou pensada.

A aplicação prática torna-se fundamental para a construção do conhecimento coletivo em constante evolução, na medida em que o próprio conhecimento é moldado pelas necessidades e problemas dos sujeitos e/ou objetos sensíveis analisados.

Esse conhecimento afetivo não se trata de comparações ou equivalências, mas de interpretar as experiências em seu contexto e tempo. É um conhecimento que vai

além de indivíduos e grupos. Ele se concentra no significado e na emoção contidos em cada experiência específica.

Singular não significa uma pessoa ou um grupo. Por contrário, refere-se ao possível significado do amor que surge sem referência ao sujeito, irrompendo no momento presente fora da esfera da medida racional.

A abordagem à Terceira Realidade não existe por um único motivo, mas visa superar a dicotomia, manter um conjunto de perspectivas e realidades, uma comunicação das diferenças que proporcione a transformação necessária para a convivência e o desenvolvimento da diversidade e das pluralidades.

Baseada na epistemologia do Sul e nos pensamentos práticos e teóricos da decolonialidade, a Terceira Realidade procura desafiar o ocidentalismo, eurocentrismo e o colonialismo, expandindo a imaginação política e intelectual para além das fronteiras ocidentais.

Portanto, discutir abordagens sensíveis que envolvem o afeto transformador e inclusivo é uma metodologia que prioriza a conexão emocional e compassiva com a outra pessoa, é assumir a posição humana. É a superação do raciocínio instrumental puro no consentimento várias realidades ao buscar constantemente alternativas, utopias possíveis, uma terceira realidade inclusiva.

Ao integrar sensibilidades e metodologias, esta abordagem amplifica às vozes silenciadas, potencializa e reconhece a força das culturas marginalizadas, reflete alternativas de coexistência de diferentes perspectivas e busca garantir, ou no mínimo reflita, que toda mudança deve ocorrer de forma sustentável, ou seja, cosmológica.

5.4 Exercitando a Cartografia Imagética

Partindo da abordagem metodológica convencional da ciência, para a compreensão de todos, seguiremos neste exercício de pesquisa no formato de um processo sistemático para o planejamento, execução e avaliação da pesquisa, visando uma organização e confiabilidade intrínsecas.

O ponto de partida é a seleção do tópico e a definição precisa do problema de pesquisa. Aqui, o catalisador é a sua própria curiosidade, que o conduz a uma encruzilhada em busca de respostas. Portanto, é necessário delinear claramente o problema, identificando aquilo que despertou a sua inquietação intelectual. Enquanto

a formulação da pergunta certa é valiosa na compreensão de que acharemos uma resposta com o mesmo peso, construindo assim o alicerce da pesquisa.

A pesquisa deve ser, primordialmente, instigante e relevante para o pesquisador, considerando o esforço e o tempo dedicados a esse empreendimento. No desenrolar do processo, é inevitável que críticas surgirão, mas também haverá indivíduos igualmente interessados no tema. Portanto, a motivação intrínseca deve prevalecer, pois enquanto você investe recursos e energia, o impacto e o interesse crescerão, englobando um público mais amplo.

A curiosidade que nos guiou a encruzilhada neste momento e suscitou algumas perguntas, é uma foto encontrada em uma pesquisa realizada no acervo do Museu Histórico Sorocabano.

Figura 1: Rua Barão do Rio Branco, Sorocaba – 1926.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico Sorocabano

Em um primeiro momento o que nos desperta na fotografia é pensar como era o centro de uma das maiores cidades do Estado de São Paulo há quase um século, com crianças brincando nas ruas centrais de Sorocaba, onde pedestres, carroças e carros parecem dividir o mesmo espaço.

Tomados por essa curiosidade nostálgica continuamos analisando a imagem e reparamos que na parte central existe um menino imitando um soldado com seu rifle de madeira no ombro esquerdo e batendo continência com a mão direita.

Só por esta pose para a foto já poderíamos questionar muitas coisas, mas o que realmente nos causa espanto, ou melhor, curiosidade, é a pilastra no canto esquerdo da imagem. Reparem que no topo desta pilastra existe um símbolo associado ao nazismo, a suástica.

Então nos perguntamos: o que faz a suástica no centro de Sorocaba, no estado de São Paulo, Brasil? Seria a cidade, o estado ou o país adepto a essa ideologia? Estaria nesta cidade uma organização, uma célula do nazismo alemão? Seria Sorocaba uma Terra Rasgada¹¹ por essa ideologia nefasta?

O segundo momento de uma metodologia convencional é a revisão de literatura para identificar as lacunas na pesquisa que sua metodologia pode abordar. O que não faremos aqui com tanta profundidade, visto que se trata tão somente de um exercício da metodologia Cartográfica Imagética que estamos apresentando dentro da concepção da Arena Jam, para se pensar nas Epistemologia do Sul e na construção de uma Ciência Decolonial na Confluência dos Saberes.

Então para a história e dados da cidade de Sorocaba, aqui nos basta o conhecimento do pesquisador, que é um sorocabano, vivendo boa parte de sua vida nesta cidade, escutando muitas histórias orais deste local, da excelente professora de história Regina Ferrari que lhe ensinou muitas coisas sobre este município e seus arredores, e também das conversas com o seu orientador Paulo Celso Silva – outro apaixonado pela história desta cidade. Então podemos afirmar que a nossa fonte são as histórias orais.

Pesquisando sobre a imagem no Museu Histórico Sorocabano, tudo que se encontra lá é a legenda da foto. Alguns relatos espalhados na internet que se referem a essa mesma imagem da suástica em outras cidades e o artigo “O Conceito de Emancipação no Pensamento de Rancière: Alfabetização ou Autodidatismos”, de Rodolfo Medeiros Schian, apresentado no XIII Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura e II Encontro Internacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, em setembro de 2019, na UNISO.

¹¹ Referência ao nome de Sorocaba, termo cujas raízes remontam à língua Tupi-guarani, desvela sua essência como "terra" (aba) "fendida" ou "rasgada" (çoro).

Partimos então para o terceiro momento da pesquisa que se trata da definição de objetivos e hipóteses. Nosso objetivo principal é compreender o que faz a suástica no centro de Sorocaba, e nossos objetivos secundários fica na indagação da influência desta ideologia na cidade e quais as suas implicações.

Nestes simplificados objetivos a nossa hipótese não poderia ser outra que não este questionamento: Sorocaba é uma cidade nazista?

Com essas informações podemos partir para o quarto momento da pesquisa que é o seu próprio desenho. Como estamos falando da Metodologia da Cartografia Imagética. A nossa pesquisa é um híbrido entre questões qualitativas e quantitativas. Com ênfase na primeira, lembramos que definimos no decorrer do texto que toda pesquisa na ciência decolonial é através das confluências de saberes, e por isso devem partir de questões próxima da etnologia.

A pesquisa dentro desta metodologia deve despertar a criatividade do pesquisador dentro dos seus conhecimento, em um primeiro momento é um estudo de caso que atravessa uma pesquisa experimental (visto que é uma nova abordagem) até chegar a um estudo de campo com o Agrimensor-Flâneur.

Desta forma nossas técnicas vão abordar questões da agrimensura e da pesquisa na área de humanas. Principalmente coletando mais imagens que descrevam a trajetória da imagem.

Voltamos então a análise da fotografia da Rua Barão do Rio Branco, centro de Sorocaba de 1926.

Pesquisando a imagem no Google, de seus símbolos e palavras-chaves, chegamos a um infográfico no site do Portal Terra, onde mostra que a suástica que temos na fotografia não se trata propriamente do símbolo nazista e sim da empresa Anglo-Mexican Petroleum Company, que no período compreendido entre 1920 e 1933, incorporou a suástica como seu emblema.

Entretanto, em consonância com o surgimento do movimento nazista na Alemanha no mesmo ano, a empresa optou por substituir esse símbolo, anunciando através dos jornais a adoção de uma nova identidade visual: a icônica concha. Essa mudança marcou o início da transformação da empresa em um nome globalmente reconhecido, agora associado à denominação "Shell".

Figura 2: Montagem com Logos Anglo Mexican Petroleum Company – SHELL



Fonte: Arquivo Pessoal

Neste panfleto abaixo do primeiro logo, seguido do segundo e do atual da empresa Shell, temos o seguinte texto:

“ESTE MYSTICO EMBLEMA - Cuja origem remota e significação histórica já foram divulgadas, é tanto hoje uma "Cruz da Boa Sorte", como foi para os povos antigos do Mundo; pois, agora, a "SVASTIKA" serve como uma marca própria sob a qual são offerecidos ao povo Brasileiro dois productos de uma excellencia inexcédível, e ambos auxilios importantes, senão essenciaes, para nossa moderna civilização a progresso. Eil-os: Kerosene "Aurora" (Cruz Vermelha); Gasolina "Energina" (Cruz Verde) - Ao apresentar ao povo Brasileiro dois productos acima mencionados, garantimos a sua qualidade superior e. nosso objectivo será sempre servir a nossa clientela com a máxima attenção e eficiencia. Guardae um em mente a marca "SVASTIKA" e lembrae que é estandarte de excellencia e um forte baluarte contra os Monopolios. - Anglo-mexican petroleum company, ltd. avenida rio branco, 41-rio de janeiro - agentes para o estado de s. paulo. companhia mechanica e importadora de s. paulo. joão jorge figueiredo & c. wilson, sons & company ltd.” (Figura 3: Montagem com Logos Anglo Mexican Petroleum Company – SHELL)

Além da possibilidade de verificar a evolução da língua portuguesa com este texto antigo, sabemos agora que aquela pilastra na fotografia é na realidade uma bomba de óleo da Anglo-Mexican Petroleum Company, atual Shell. A empresa está em solo brasileiro desde o início do século passado, sendo em 1913, construiu sua primeira fábrica de lubrificantes no Rio de Janeiro, inaugurando sua presença no mercado.

Ao longo da década de 1920, a Shell expandiu suas operações no Brasil, introduzindo combustíveis e lubrificantes, conquistando um espaço significativo entre os consumidores. Foi nesse período que o emblemático símbolo da suástica, que a

empresa havia adotado, deu lugar à reconhecível concha, em 1930, em resposta à ascensão do nazismo na Alemanha, a tornando uma marca globalmente reconhecida.

As décadas seguintes testemunharam um crescimento contínuo da Shell no Brasil. Nos anos 1960, a empresa participou da descoberta do campo de petróleo de Guaricema, na Bacia de Campos, contribuindo para o desenvolvimento da indústria petrolífera nacional.

Com a nacionalização da indústria do petróleo na década de 1970, a Shell firmou parcerias estratégicas com a Petrobras e outras empresas locais, consolidando ainda mais sua presença no país. À medida que adentramos nas décadas mais recentes, a Shell manteve seus investimentos em terras brasileiras.

Figura 4: Propaganda da SHELL, 1933



Fonte: NASCIMENT, Douglas. A “Suástica” Em SP – A Curiosa História do Símbolo da Shell. São Paulo Antiga. 18/11/2016. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/suastica-simbolo-shell/>
Acesso em: 15/09/2022

Nesta publicidade, que marca o início da empresa com o nome Shell, temos o seguinte texto:

“Ao Publico - Gasolina Energina Gasolina Aviação Shell Kerosene Aurora Tractolina Oleo Combustivel Oleo Diesel Solarina Oleos E Graxas Lubrificantes Energina Sanga Jol Shellaraz Mexphalte Colas Naphtha Shell Tox - Sendo desejo do Grupo de Companhias de Petroleo "Shell", do qual ha muito fazemos parte, uniformisar em todos os paizes do mundo a marca registrada que distingue os seus productos de petroleo, vimos communicar aos nossos freguezes amigos que acabamos de adoptar essa marca, uma gravura da qual damos acima, em substituição à marca actual.

Communicamos, outrosim, que os nossos oleos e graxas lubrificantes "Swastika" passarão a chamar-se "Energina", sendo entretanto mantidas as mesmas especificações técnicas. Estas mudanças em nada affectarão a qualidade dos nossos productos, que continuarão como sempre a proporcionar ao publico qualidade irreprechensivel. Aproveitamo-nos desta oportunidade para agradecer a todos os nossos amigos, freguezes e agentes o bom acolhimento dispensado até hoje aos nossos productos e esperamos continuar merecendo sempre sua preferencia." (Figura 3: Propaganda da SHELL, 1933)

Independentemente do emblema que a empresa utilizou nos seus primeiros anos, mesmo que as suas tendências sejam diferentes daquelas associadas ao nazismo, uma vez que os emblemas budistas são amplamente reconhecidos, não se pode negar que levanta questões sobre os motivos da mudança do logótipo da empresa ter ocorrido tardiamente, sendo que os nazistas já estavam utilizando essa simbologia. É estranha a coincidência com a época em que os próprios nazistas incorporaram um emblema semelhante em suas bandeiras e uniformes. Esta curiosidade leva-nos a refletir sobre o posicionamento da empresa face à vil ideologia que afligia o mundo na época, e cuja sombra se projeta até hoje.

Deve-se notar que a Shell ainda não abordou esta questão e é praticamente impossível encontrar qualquer evidência desta história no seu site oficial. A escolha da empresa de permanecer em silêncio e esquecer ao longo do tempo é notável e levanta questões pertinentes.

É claro que existe o receio de participar desta discussão importante para a sociedade. Um receio que pode ser justificado por se tratar de uma corporação norte-americana de forte viés imperialista (colonial, patriarcal, eurocêntrica, capitalista) que opera num campo nefasto semelhante à ideologia nazista, como a indústria petrolífera, que muitas vezes causa danos semelhantes ou piores à sociedade e natureza.

Ocorrência semelhante pode ser colocado no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, quando o clube "Palestra Itália", da cidade de São Paulo, foi obrigado a mudar de nome e trocar seus emblemas representativos, para renascer com o nome de "Sociedade Esportiva Palmeiras". Fato que se deve à oposição do Brasil a Mussolini e aos fascistas italianos, uma ideologia igualmente repulsiva que ainda reverbera em nossa história. Com a ressalva de que neste clube e parte de sua torcida essas questões não são esquecidas e ainda são discutidas em busca de entendimento e desenvolvimento pessoal e coletivo. O que ainda enfatizamos não

significa que não haja entre eles pessoas que ainda defendem absurdos iguais ou semelhantes ao fascismo.

Mas a aparente mudança de posição pode muitas vezes transformar-se em mera retórica, mascarando a xenofobia subjacente. Embora a mudança possa ter removido o nome e os emblemas associados à ideologia fascista, não garante a remoção completa dos adeptos dessa fé dentro do grupo. O criminoso também persiste mascarado, enquanto a vítima permanece vulnerável e indefesa.

Simplificando, este é um exemplo de como as mudanças superficiais nem sempre refletem mudanças profundas e significativas. Avaliar tanto as medidas visíveis como as características subjacentes é essencial para compreender o impacto real destas mudanças e para garantir uma abordagem eficaz para a construção de uma sociedade cada vez mais justa.

É o que denominamos de “espetacularização” na concepção de transformar experiências em representações abstratas e imagens ocas de conteúdo humano, gerando um distanciamento entre os indivíduos e a realidade iminente, promovendo assim uma conexão alienante com o mundo. O espetáculo usa uma estrutura de visão de mundo que se concentra apenas na aparência, consumismo e minam a verdadeira compreensão da existência crítica.

Quantas coisas ficaram no subconsciente do povo de Sorocaba, que via a empresa e seu potencial de crescimento como algo encorajador e acabaram associando ao nazismo por conta do símbolo compartilhado, o que era retratado de forma positiva nos jornais rádios e outros meios de comunicação da época?

Mesmo com o nazismo defendendo uma raça pura, ariana, e subjugando todas outras etnias e culturas, ainda olhando a nossa foto da cidade de Sorocaba, daquela rua, boa parte das pessoas sendo negras, é difícil prever hoje as consequências daquela comunicação. Mas o menino ao centro imitando um soldado e ao seu lado um outro menino negro desarmado me parece bastante emblemático neste contexto e suscita no mínimo algumas dúvidas sobre isso, principalmente em uma sociedade que cresceu com o trabalho escravo, obviamente com uma herança racista.

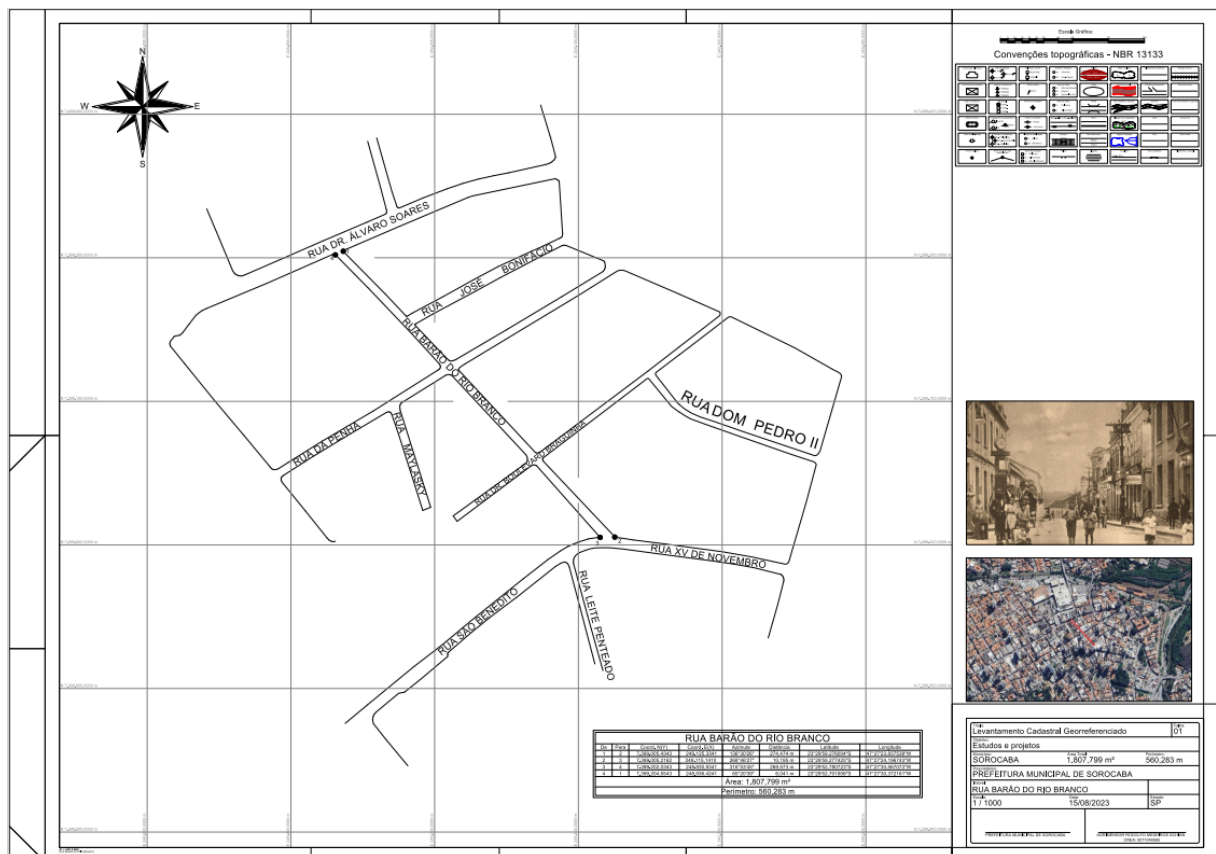
Em nosso trabalho de campo fomos até essa rua e suas adjacências para procurar por vestígios deste passado e também para realizar um mapeamento simplificado desta rua.

No local não encontramos nenhuma menção da ideologia nazista. Hoje felizmente se trata de um local de livre trajeto de pedestres, sendo proibido a

circulação de carros. É uma rua ladrilhada para conferir um maior conforto ao pedestre, mas impede o seu contato direto com a natureza, não existe nenhuma vegetação; o maior contato que temos são com as pombas e cachorros abandonados. Somente encontramos edificações, comércios, um prédio maçônico, pessoas apressadas, ambulantes e moradores de rua.

É uma das poucas ruas do centro da cidade que parece ainda resistir ao modismo dos grandes centros comerciais e das vendas virtuais.

Figura 5: Mapa Georreferenciado Da Rua Barão Do Rio Branco.



Fonte: Arquivo Pessoal

Seguindo o trajeto deste mapa que produzimos, pensando como um Agrimensor-Flâneur, do ponto mais ao norte da Rua Barão do Rio Branco, cruzamento com a Rua Dr. Álvaro Soares, seguimos descendo ao Sul, precisamente, a sudeste. Passaremos por três cruzamentos, o primeiro é com a Rua José Bonifácio, o segundo com a Rua da Penha e o terceiro com a Rua Dr. Boulevard Braguinha. Seguindo chegaremos ao seu fim, encontrando a Rua XV de Novembro.

Neste final de rua, depois de passar por duas encruzilhadas, fica a dúvida se realmente não existe nenhum vestígio, nenhuma memória do sorocabano com a suástica. Será que essa memória consciente ou subconsciente nunca atrelou aquele símbolo no centro da cidade ao nazismo alemão? O sorocabano não teria uma memória de elefante?

Convidamos vocês a seguirem com o Agrimensor-Flâneur descendo a Rua XV de Novembro em busca de mais dados e informações. Por sinal quem sabe não proclamamos algo neste trajeto e construímos algum entendimento, como ocorreu em 15 de novembro de 1889 com a Proclamação da República do Brasil, mas desta vez realmente pensamos em uma sociedade para todos, livre dos preconceitos e desigualdades.

Ao seguir por essa rua, antes de chegarmos a Avenida Dom Aguirre, que não pode mais ser chamada de marginal, em outra clara tentativa de alterar nomes para não configurar desentendimentos e debater o que é necessário.

Descendo a sudeste, do lado direito, chegamos a Rua Leopoldo Machado.

Não saberia lhe dizer se o sorocabano tem memória de elefante, o que provavelmente não tem, mas nesta rua em 1931, dois anos antes da Shell alterar seu logo e nome, na distância horizontal de 459,660 metros da rua Barão do Rio Branco, passou um ser que possui tal memória.

Figura 6: Elefante na rua Leopoldo Machado, Sorocaba – 1931.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico Sorocabano

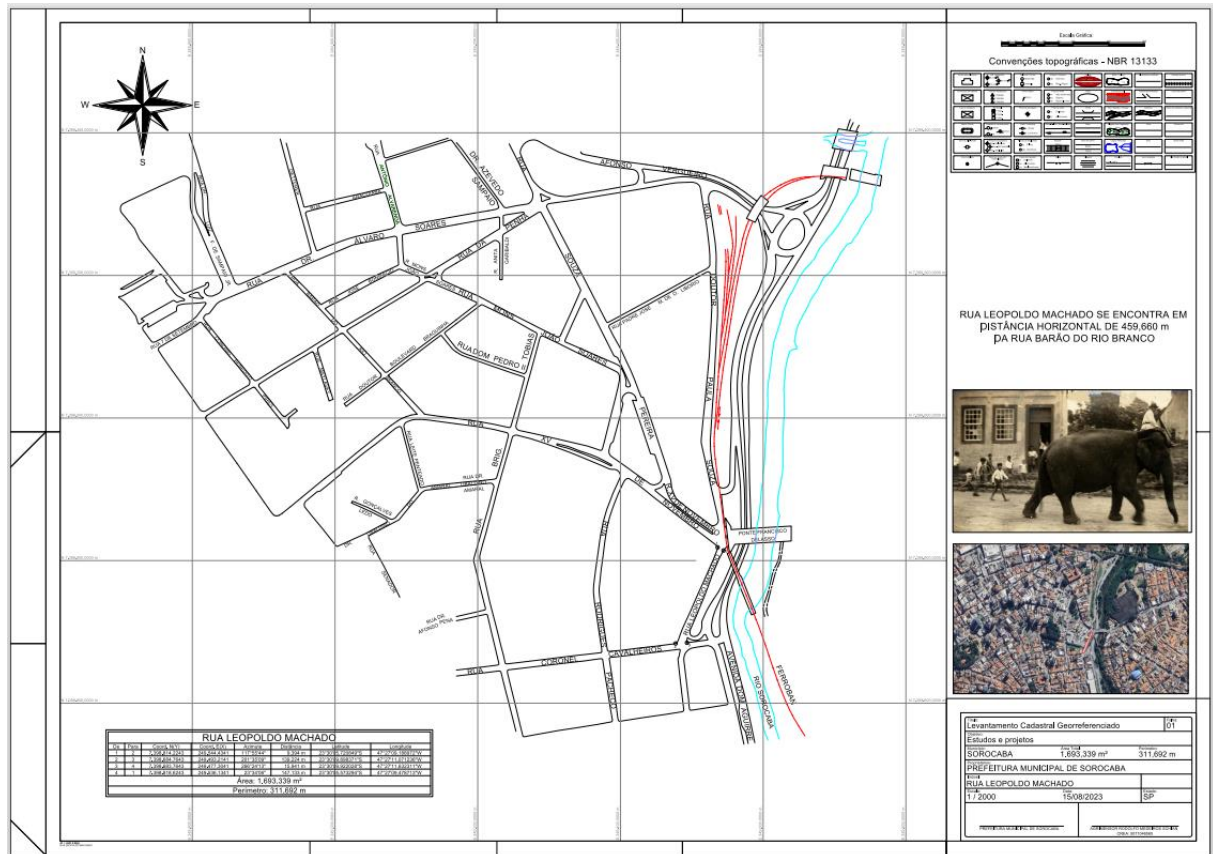
Provavelmente se trate de algum animal promovendo a chegada do circo na cidade, enquanto o pobre elefante deve estar somente pensando em sua terra natal, seja ele do continente africano ou asiático.

Foram longos anos até estes seres selvagens, para estes seres naturais e magníficos, fossem proibidos de serem maltratados como atrações destes espetáculos – a lei que iria lhes beneficiar neste sentido somente viria em 2005.

Óbvio que muitas crianças e adultos que estavam na Rua Barão do Rio Branco se divertiram e ficaram maravilhadas em ver nesta rua de pavimentação de terra, do continente americano, passando um animal deste porte, o maior animal terrestre. Infelizmente poucos naquela época tinham a consciência dos maus tratos sofridos por estes seres naturais, o quanto eles sofriam. Possivelmente muitos de nós não teríamos essa consciência na época e ali estaríamos nos divertindo nesta situação, o trágico é que atualmente ainda continuamos sem essa consciência cosmológica.

Então não ficaremos muito tempo nesta rua, o Agrimensor-Flâneur não pretende medir toda sua extensão, somente uma pequena parte para nos localizarmos. Ao que parece essa rua no centro da cidade era antigamente majoritariamente residencial. Hoje ela abriga poucas casas, existem algumas árvores, sendo repleta de comércios e prestadores de serviço, local do fundo (parte de trás do imóvel) de dois serviços públicos – Poupa Tempo e o Terminal de Ônibus São Paulo. As pessoas ali parecem correr mais do que em outros lugares, elas querem transitar de forma rápida, e os poucos que ali ficam parecem ser esquecidos, são marginalizados.

Figura 7: Mapa Georreferenciado Da Rua Barão Do Rio Branco.



Fonte: Arquivo Pessoal

Seguindo o mapa, retornamos para a Rua XV de Novembro e continuamos descendo a sudeste, chegando a Avenida Dom Aguirre, que poderia ser uma marginal, visto que ela está margeando o Rio Sorocaba. Mas que não pode assim ser denominada pela imposição da lei para não nos lembrarmos que muitas pessoas que se escondem atrás de uma suposta religiosidade podem ser igualmente marginais e atentar contra pessoas indefesas, explorar, segregar e matar. Enquanto outros verdadeiros insultos e preconceitos ainda são mantidos, a exemplo do que sofre a comunidade negra, indígena, outras religiões não cristãs, mulheres, LGBTQIA+ e tantos outros modos de vida e cultura que encontramos na diversidade humana.

Chegando na Avenida Dom Aguirre nos deparamos com o Rio Sorocaba, e estando com o nosso amigo Elefante em companhia para que se refresque nestas águas. É o mínimo que podemos fazer para minimizar o seu sofrimento.

O pensamento de proclamação da república, mesmo estando nas margens de um rio, neste momento já deve ter ficado no passado e aguardando um futuro.

Nosso amigo elefante com a sua bela memória e senso de coletividade fala da importância de manter essa esperança na liberdade. Ele nos lembra que primeiramente precisamos ser livres, com autonomia individual e responsabilidades coletivas. Não adianta nada buscar uma mudança, um significado para a humanidade sem essa concepção. Mas aqui não vamos fantasiar ainda mais a história de Dom Pedro a margem do Rio Ipiranga, gritando “Independência ou Morte” olhando para o saudoso Rio Sorocaba.

Existem ações a serem tomadas, lutas a serem travadas, afetos a serem entregues. Seria um exercício de futilidade, quase que igual aos trabalhos acadêmicos que nunca são lidos, na tentativa de apenas mudar uma palavra no discurso, agora nos chamando de livres, nos enganando que alguma coisa realmente tenha mudado.

Nosso amigo paquiderme vai ainda nos dar outra lição valiosa, não podemos esquecer os nossos trajetos, o que foram feitos com ele e como a natureza se comporta nele.

Estando em frente a Ponte Francisco Dellosso, o elefante nos conta que em uma ponte semelhante e no local, com o rio bem ao fundo – onde pessoas pescavam, nadavam e lavavam as suas roupas – na ponte onde passavam pessoas, animais, carroças, trens e carros, quase não era possível de ser vista em janeiro de 1929, na pior enchente até então ou por menos que se tenha memória disso.

Figura 8: Enchente em Sorocaba – 1929.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico Sorocabano

Neste momento, a reflexão se torna inescapável: diante das tragédias ambientais que ceifaram inúmeras vidas em enchentes como estas, por que ainda não nos sentimos compelidos a planejar e repensar profundamente nosso estilo de vida? Persistimos na expansão urbana ao redor de rios e na contaminação de corpos d'água que pontilham nossa cidade, na ignorância assoreamos, canalizamos e poluímos.

Será que estamos, de alguma forma, silenciando nossa memória coletiva em prol de um desenvolvimento e lucro restritos a uma minoria? Quanto custou em vidas — todas as formas de vida — esse caminho que trilhamos? Poderia nossa maior contribuição consistir na dilapidação de tudo em troca do conforto de poucos? São esses poucos, como deuses, desprendidos de qualquer necessidade pela natureza e por nossa presença?

Figura 9: Ponte do Rio Sorocaba – 1928. Fonte: arquivo do Museu Histórico Sorocabano



Fonte: Arquivo do Museu Histórico Sorocabano

Figura 10: Ponte do rio Sorocaba na enchente – 1929.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico Sorocabano

Figura 11: Duplicação da Avenida Dom Aguirre – década de 70.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico Sorocabano

Figura 12: Vista Da Marginal Dom Aguirre – 2020. Fonte: Arquivo Pessoal



Fonte: Arquivo Pessoal

É inegável que exista uma certa beleza na Avenida Dom Aguirre atualmente, que ela consiga dar uma certa fluidez a cidade. Mas ainda continua com seus pontos de alagamento, por muitas vezes ocorrem congestionamentos, acidentes, animais são atropelados, e a natureza ali é quase morta. Existem tentativas de salvar o pouco que resta na natureza neste local, mas são somente placebos, precisamos alterar o nosso modo de vida para realmente poder pensar em harmonia, em sustentabilidade.

Nosso amigo, balançando a sua tromba e jogando terra em seu corpo para se refrescar, compartilha uma observação perspicaz: as pessoas frequentemente se deixam envolver por pensamentos grandiosos, perdendo-se nas miragens dos espetáculos ou na busca incessante por riquezas. Em alguns casos, até cedem sua preciosa liberdade de ser, permitindo que outros ditem seus caminhos. Nesse processo, parece que muitos abandonam os volantes de suas próprias vidas, entregando-se à deriva, desprovidos de direção.

Um exemplo emblemático que ele evoca, remonta um dia na década de 20, quando um incidente peculiar cativou a atenção dos transeuntes de Sorocaba e culminou em um acidente quase inacreditável. É um lembrete vívido de como o espetáculo muitas vezes prevalece sobre a própria existência, obscurecendo reflexões significativas e impedindo crescimento pessoal. Infelizmente, tal fenômeno

persiste, visto os inúmeros acidentes e tragédias no trânsito, frutos da imprudência humana.

Isso nos convida a contemplar com mais atenção como o fascínio por espetáculos, nas suas alienações e a submissão às influências externas podem obscurecer a essência da vida. Ao nos perdermos nesses padrões, abdicamos de nossa responsabilidade como condutores das nossas próprias jornadas e a oportunidade de aprendizado. A evolução muitas vezes se perde no caminho, até porque a evolução dos saberes, como o tempo, não é linear e igual em todos os espaços.

Existem momentos na verdade que involuímos.

Figura 13: acidente entre um caminhão e trem – década de 20, Sorocaba.

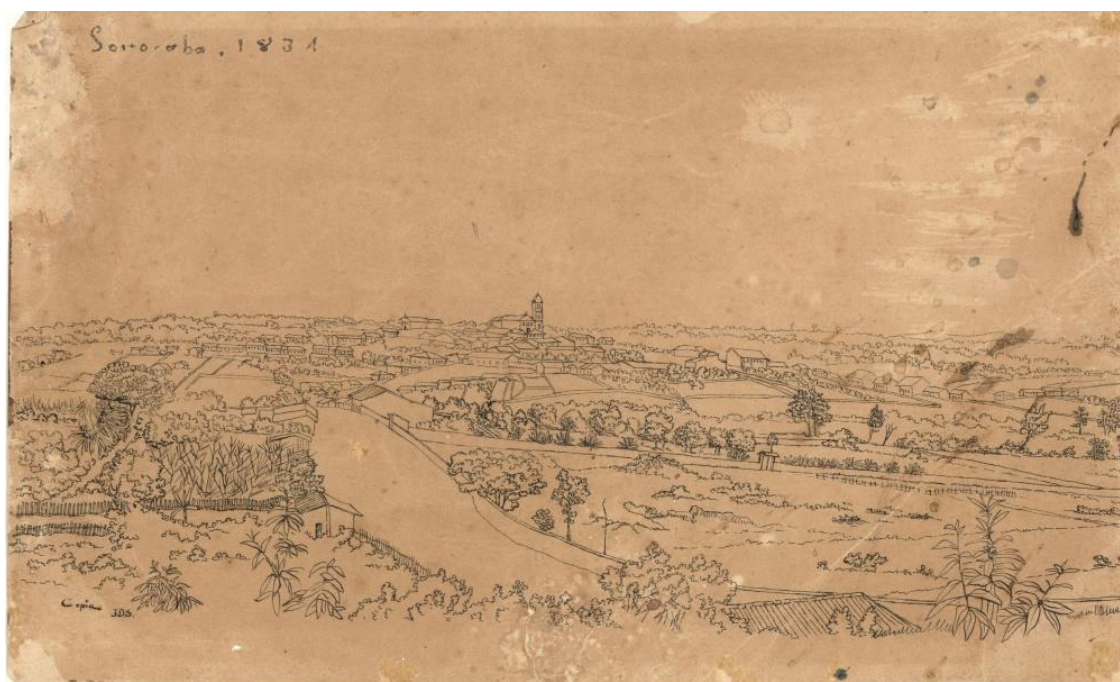


Fonte: arquivo do Museu Histórico Sorocabano

Perguntamos ao nosso paciente elefante: Mas como poderíamos refletir a vida na atualidade, de passado que foi tão traumático, ao mesmo tempo que existem alguns no presente? Como poderíamos criar um modo de vida com mais harmonia na contemporaneidade?

A resposta a essas perguntas podem estar nos nossos antepassados, não que eles tivessem uma forma de vida melhor. Até porque são formas de vidas diferentes, pensamentos, contextos diferentes, um outro espaço e tempo. Mas toda explicação ou tudo se inicia pelas suas raízes, e lá é um bom começo. Entretanto essa é uma jornada de desprendimento da prepotência da sociedade que temos hoje não é fácil. Uma sociedade que se julga avançada, moderna, civilizada, e que continuam destruindo e aprisionando o afeto em lugares inacessíveis.

Figura 14: Desenho da vista de Sorocaba - 1831 – Hercule Florence.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico Sorocabano

O caso do franco-brasileiro Hercule Florence, que teve uma passagem por Sorocaba, exemplifica de maneira clara esse fenômeno. Apesar de ser amplamente reconhecido como um dos precursores da fotografia e, inclusive, ter cunhado o termo antes mesmo de Louis Daguerre, tendemos a priorizar as inovações e teorias europeias que perduraram no continente. Parece que, no contexto das Américas, especialmente na América Central e do Sul, subestimamos o valor de nossas próprias realizações.

A relutância em reconhecer o pensamento ou as contribuições significativas de europeus em nosso território reflete as complexidades arraigadas em valorizar nosso próprio pensamento, nossa cultura e, sobretudo, os povos originários. A espetacularização que se formou em torno do colonialismo e do eurocentrismo parece ter se enraizado de forma tão profunda que prejudica até mesmo nossa capacidade de conceber plenamente nossa própria liberdade.

É crucial enfrentar essa tendência radicada, desvincular-nos dessas ideias preconcebidas e abraçar nossa própria história, nosso conhecimento e nossa diversidade. Somente ao rejeitarmos a influência paralisante dessas narrativas antiquadas seremos capazes de afirmar nossa identidade e libertar nosso pensamento da armadilha do eurocentrismo. Pavimentando um caminho em direção a uma verdadeira compreensão e valorização do que é nosso.

Então no nosso caso devemos voltar aos tropeiros como Baltazar Fernandes (fundador de Sorocaba), aos portugueses que vieram aqui colonizar e criaram vínculos de pertencimento com a terra, ou aos africanos que aqui residiram e sofreram das piores agressões já vista na história, a sua escravidão?

Claramente o elefante com a sua memória está rindo de nós e deve estar rindo até agora com toda razão. Todos os estes são personagens importantes para repensarmos as nossas raízes, até para não esquecermos de seus crimes e tentarmos reparar os danos que ainda são sentidos, contudo precisamos ir um pouco além e encontrar os povos nativos.

Da mesma forma como o leite não vem da caixinha, Sorocaba não nasceu dos portugueses, dos tropeiros, do sangue dos africanos – eles contribuíram em muito, principalmente os africanos – estamos no Brasil, na cidade de Sorocaba, que não só no nome na língua nativa, é uma cidade que começou com os povos indígenas, com os tupis-guaranis.

Figura 15: Lembrança do III Centenário da Fundação de Sorocaba - 1954.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico Sorocabano

A dificuldade em se encontrar estes ancestrais nativos aqui no Brasil são que eles foram dizimados a quase nada, foram totalmente expulsos de suas terras e quando ousaram resistir foram mortos, silenciados. Podem até ter trocado seus nomes na tentativa de que esquecessem de quem eram. Seus corpos e mentes foram submetidos a grandes barbaridades, como ainda são hoje os poucos que resistem e tentam sobreviver.

O conhecimento que eles vão lhe dar é a relação harmoniosa com a natureza, do ser natureza e crescer sem a necessidade de destruir tudo e a todos. Isso não quer dizer que seja necessário viver como nossos ancestrais, abandonar todos os avanços que a humanidade nos trouxe até aqui. Mas que precisamos repensar o nosso modo de vida e como nos relacionamos com os outros, com a natureza e com o universo.

Que aos procurarmos as nossas raízes, tão profundas e ricas, vamos perceber que as respostas aos problemas que buscamos também não são tão superficiais. Que a ascensão do nazismo e do fascismo por exemplo não estão com Hitler ou Mussolini, que não são apenas fantasmas e sombras na contemporaneidade, são construções de raízes igualmente profundas, mesmo que sejam raízes nefastas e muitas vezes

transvestidas de uma suposta humanidade, de uma suposta fraternidade e boas intenções dos “cidadãos de bem”.

Agora, nosso majestoso elefante pede gentilmente licença, almejando um merecido repouso após enfrentar um trajeto exaustivo. Carregou consigo as marcas de uma jornada árdua e ecoa seu desejo fervoroso por liberdade. Deixa-nos, como legado, sua rica memória e a valiosa lição de que buscar o conhecimento de outras fontes e compartilhar o nosso próprio são alicerces do crescimento.

É necessário construirmos lugares para depositar esses conhecimentos e saberes, para que exista o descanso e valorização merecida de quem tanto lutou e experienciou a vida. Por isso convidamos nosso amigo a encontrar o seu espaço na Arena JAM.

Precisamos lembrar que na nossa existência este é o nosso tempo de ação, de procurar alternativas e construir um mundo cada vez melhor. O passado nos ensina, no presente que transformamos e com o futuro sonhamos.

Antes de se despedir, quem sabe com a promessa de um retorno futuro do nosso sábio amigo, sussurra em nossos ouvidos a instrução de seguir o fluxo do rio, em uma analogia ao próprio fluxo da vida.

Recorda-nos que ao vivermos em harmonia com a natureza, encontraremos as respostas que tanto anseiam nossa busca incansável. Nas margens desse fluxo, encontraremos outros afluentes, desbravando suas trilhas até a grandiosidade do mar. Nesse ponto culminante, a harmonia da natureza se desenha de forma notável, como ela sempre faz. Ela encontra seu próprio curso de volta à origem primordial, pronto para recomeçar o eterno ciclo de renovação.

Seguimos então o fluxo do Rio Sorocaba, viajamos ao norte, quem sabe no caminho não achamos as respostas que tanto desejamos e temos o prazer de reencontrar com as nossas origens. Como a própria vida, este é um caminho árduo, que se espera que seja longo e sem grandes imediatismos, mas de gratas surpresas.

O Agrimensor-Flâneur seguiu nesse percurso realizando as suas medições. Partindo do ponto da Rua Leopoldo Machado percorreremos quase 3 quilômetros e nos deparamos com uma placa.

Essa placa que fica na principal saída da cidade para a Rodovia Senador José Ermírio de Moraes, carinhosamente apelidada por Sorocabanos de Castelinho, por ser a via de acesso para a Rodovia Castelo Branco sentido interior ou para a capital São Paulo.

Figura 16: Placa “Sorocaba É Do Senhor Jesus Cristo” – 2020.



Fonte: Arquivo Pessoal

À primeira vista, pensando na placa, poderia ser um ponto reconfortante para quem, como nós neste trajeto se inquietava e temia com a possibilidade de encontrar vestígios de influências nazistas ou fascistas na cidade.

O eco da sabedoria do nosso amigo elefante e das interseções do conhecimento, das confluências dos saberes e do respeito a diversidade nos leva a contemplar essa placa de uma perspectiva mais ampla. Ela surge como uma expressão religiosa imposta, ocupando um espaço público, e parece excluir outras divindades e crenças religiosas, contrariando um sentimento de pertencimento diversificado.

A erradicação das diferenças sempre foi uma premissa do nazismo e do fascismo, mas essa ideia se desvia dos princípios que conhecemos através da história de Jesus. Ele enfatizava a inclusão e a fraternidade, dialogando abertamente com indivíduos de todas as esferas, sem menosprezar ninguém. Por contrário, ele compartilhava generosamente com todos, sem distinção. Portanto, por que não compartilhar o espaço da cidade com igualdade? Ou melhor, com equidade?

Além de usurpar a sensação de pertencimento de quem não segue a fé cristã, essa placa parece comprometer a visibilidade dos legítimos guardiões desta terra: os

povos nativos. As sombras do passado, como aquelas que obscureciam as festividades brutais no Coliseu Romano, insinuam-se mais uma vez.

A prática ancestral de silenciar e erradicar por meio de violência física e psicológica parece persistir, ecoando a advertência sobre a profundidade dessas raízes. O nazismo e o fascismo, como se de uma analogia religiosa se tratasse, emergem dessas raízes profundas, tocando as chamas do submundo e se nutrindo de seu ódio.

Este tipo de ação, de imagens e discursos parecem criar cada vez mais desunião e intrigas, gerando relações conflituosas que no final somente levam a destruição de todos.

Figura 17: Pichação Placa Nazista – 2020.



Fonte: Arquivo Pessoal

Placas como essas, por sua natureza, às vezes provocam respostas contraditórias. Infelizmente, tais respostas podem erroneamente insinuar que todos os seguidores da fé cristã se alinham com ideologias nazistas.

A pichação sobre a pedra, contudo, revela seu propósito inequívoco. São essas manifestações de imposição que, ironicamente, aproximam aqueles que perpetraram

tal ação do nazismo, e não a própria fé cristã, que inerentemente pode e deve ser vista como algo positivo - contanto que não seja deturpada para fomentar segregação e preconceito.

São atitudes como essas atreladas a ânsia de poder e enriquecimento que gerou boa parte das guerras por mundo, que ainda causam muitos conflitos, mantém barreiras e divisas imaginárias, que separam amigos e familiares, que nos impede de confluir com plenitude com todos, com a natureza, com o universo. Que nos impede de nos tornamos seres cosmológicos.

Provavelmente essa é a principal encruzilhada da cidade de Sorocaba, é onde nos deparamos e questionamos se as nossas almas estarão a serviço da segregação, desigualdades e exploração ou do compartilhamento, da confluência e do afeto.

Uma alternativa seria criar um espaço para todas as manifestações religiosas e culturais neste ponto. Ou até mesmo, de forma mais saudável e sustentável guardar em nossos corações a quem queremos conferir o pertencimento da cidade e respeitar a escolha do outro.

Ainda não nos parece certo, essa é uma encruzilhada que precisamos exercitar uma confluência de saberes com outras pessoas e culturas, para quem sabe apresentar alternativas viáveis e afastarmos de nossa Terra Rasgada qualquer vestígio que possa existir consciente ou inconscientemente de alguma ideologia usurpadora da liberdade de cada indivíduo.

Precisamos exorcizar e nomear os demônios que flertaram na Rua Barão do Rio Branco e tantas outras ruas.

Precisamos dar liberdade e descanso aos nossos elefantes e guardar conosco as suas memórias, os seus saberes. Não devemos nunca esquecer da nossa história, seja ela boa ou ruim, não precisamos perdoar a quem nos feriu, basta encontrar uma alternativa harmoniosa de convivência.

Como foi falado no início deste trabalho não queremos somente conhecer uma ria do rio, queremos conhecer o rio inteiro ou por menos até acharmos uma resposta satisfatória. Que nos tornemos um dia oceanos para no outro nos tornarmos nascente.

O rio como a vida tem um longo percurso, atravessa cidades e pode chegar ao outro lado do planeta, não existem fronteiras para a natureza e muito menos para a imaginação. Continuaremos mapeando e seguindo ao norte, hora aumentando nossa escala e, em outros momentos, desacelerando, a diminuindo. Quem decide isso é o sujeito do protagonista, o objeto da análise, em seu contexto, o espaço e tempo, é

Para finalizar as regras acadêmicas de pesquisa, não podemos deixar de compartilhar as descobertas que realizamos com a comunidade, transmitindo as alternativas que verificamos.

Nas considerações finais refletiremos sobre o percurso de exploração e conceções através dos conceitos abordados nos textos e nessa exemplificação prática – mostrando onde a metodologia e os conceitos podem ser vistos.

Esta jornada revela a capacidade do indivíduo de transcender fronteiras mentais e emocionais, expandir o conhecimento e promover mudanças positivas. Os conceitos explorados nos inspiram a questionar normas, abraçar a diversidade e agir como agentes de mudança. Ao solenizar o nosso conhecimento acumulado e participar numa busca constante para fortalecermos a nossa vontade de compreender e contribuir para um mundo mais inclusivo, harmonioso, humano e cosmológico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS – POR UMA CIÊNCIA DECOLONIAL

Em um olhar rápido e superficial a proposta Metodológica da Cartografia Imagética e a Ciência Decolonial que apresentamos pode lembrar os ideais do Manifesto Antropofágico (ANDRADE, 2017), também denominado de Movimento Antropofágico.

No Manifesto Antropofágico, documento de grande importância cultural e artística, a metáfora central do manifesto é a imagem de antropofagia, ou seja, da prática de comer carne humana. Mas dentro do seu contexto essa ideia é usada de forma figurativa para representar a assimilação e transformação criativa de elementos culturais estrangeiros, especialmente europeus, pela cultura brasileira.

Enquanto Nas Encruzilhadas das Epistemologias do Sul: Um Blues em Sul Maior a ideia é de diálogo para romper com as linhas abissais entre as diversidades culturais sem que isso represente deixar de lado as individualidades.

Nos aproximamos das celebrações do Movimento Antropofágico ao valorizar e perceber a diversidade cultural, com particularidade ao Brasil, e na capacidade de uma cultura conseguir assimilar influências e elementos de outras culturas de forma criativa, autêntica e singular, na manutenção das identidades, ao mesmo tempo que rejeitava a mera imitação.

Por isso que poderíamos facilmente herdar em nosso contexto o termo antropofagia para simbolizar o ato de devorar e transformar culturalmente elementos de outras culturas, de modo a criar algo novo e genuíno. Além deste conceito também possuir conotações políticas e sociais, em uma abordagem mais ampla de caráter provocativo e de confronto com a cultura europeia dominante, que muitas vezes era vista como uma imposição colonial.

O Manifesto Antropofágico foi, e ainda é, provocativo, de resistência e com viés revolucionário, rompia com as tradições estabelecidas, buscando novas formas de se expressar para a construção de uma identidade nacional, tangenciava a relação harmoniosa com a natureza. Sugerindo a possibilidade de subverter relações de poder e dominação cultural através de uma transgressão criativa, desafiando as normas, experimentando novas formas e estilos, se libertando das convenções rígidas, na ênfase da identidade híbrida da diversidade étnica e cultural. O que para nós é um ato decolonial, são objetivos da ciência decolonial.

Só que precisamos ir além. A ideia de antropofagia acaba por vezes simplificando a complexidade cultural e histórica de cada grupo, comunidade ou sociedade ao reduzir suas transformações no simples ato de absorção, apropriação, para ocorrer uma transformação. Na ideia de transformar em algo genuinamente brasileiro, o que aqui vamos extrapolar para a ideia de transformar em algo genuinamente decolonial. Existem os erros de retificação da cultura ocidental, as lacunas com as culturas marginalizadas e silenciadas, um colonialismo interno que ainda precisamos exorcizar.

Obviamente não temos a pretensão de anular esse importante manifesto, um dos importantes pilares do modernismo brasileiro, quando utilizamos o termo “simplifica”, é necessário reconhecer o seu impacto duradouro e transformador na sociedade brasileira, latina e para o mundo. É necessário reconhecer, enaltecer e contemplar os esforços e contribuições sociais, políticas e culturais de Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Raul BoppFGuy, Heitor Villa-Lobos, Santa Rosa, Menotti Del Picchia, Sérgio Buarque de Holanda, Tácito de Almeida, Pagu (Patrícia Galvão), os contemporâneos Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Arnaldo Antunes, Adriana Calcanhotto, Regina Casé, entre tantos outros artistas e pesquisadores que continuam a levantar essa bandeira.

O que estamos querendo nesta crítica construtiva é trazer a complexidade da sociedade contemporânea, é demonstrar que existem muitos outros saberes que estavam invisíveis neste manifesto e que precisam ter o seu espaço de honra. Estamos trazendo essas novas perspectivas e alternativas.

Da mesma forma que o blues é pai do rock, temos como nossa mãe a figura importante do Manifesto Antropofágico e lhe apresentamos respeitosamente a concepção do Manifesto da Encruzilhada.

A metáfora antropofágica se torna aqui a metáfora da encruzilhada, aprendemos nesta gestação antropofágica a realizar a crítica à imitação cega, a valorização da miscigenação é evidente na confluência de saberes e na concepção de afetividade que ponderamos, aprendemos a valorizar as identidades culturais e buscar por nossa originalidade, para inovarmos e sermos autênticos. Essa é uma breve síntese do tanto que aprendemos com esse manifesto.

Como pássaros queremos voar, sair do ninho, conhecer novos lugares, novos saberes. Queremos nos deliciar com os frutos que encontraremos e levar suas sementes de prosperidade a outros lugares.

Precisamos considerar que já existem dentro de outras culturas suas próprias formas de resistência, afrontando as influências externas. Que a revolução através do conhecimento, da cultura, não pode ser elitista, não pode ser puramente estética ou ficar no discurso político da democratização da cultura. As mudanças devem partir diretamente do cotidiano dos indivíduos, de suas próprias experiências, de suas identidades.

Em conjunto, é necessário considerar que mesmo em uma sociedade utopicamente fraterna e com afeto, ainda vão existir conflitos e contradições nas interações culturais como sugere uma terceira realidade. É a valorização de todas as formas de cultura que nos importa e não procurar eliminar e hierarquizar essa diversidade.

Neste reconhecimento e valorização das diversas influências culturais, com a abordagem sensível e crítica à apropriação cultural, desafiando todas as formas de hierarquias que perpetuam as relações de poder eurocêtricas, colonialistas, patriarcais e colonialista, e no reconhecimento que essas mazelas fazem parte de nossa própria formação, é que estamos propondo a metodologia da cartografia imagética.

Nosso afastamento através do nosso voar livremente com a confluência dos saberes, como o Manifesto Antropofágico, é o nosso próprio Manifesto da Encruzilhada, que colocamos como sexta Parte do desenvolvimento deste trabalho.

Consequentemente, afirmamos que a ciência moderna ocidental, que é base do Manifesto Antropofágico e que ainda respinga em nossas ideias presentes, deve tornar-se uma ciência decolonial, uma ciência da epistemologia do Sul que convergirá para outros conhecimentos, não com a pretensão de se tornar a única verdade. Mas na ponte de comunicação que estará para nós na Arena JAM dentro do conceito da Terceira Realidade, ou seja, nas diferentes percepções das realidades que estão na diversidade do ser humano.

Os ideais implícitos na nossa aplicação prática da Metodologia da Cartografia Imagética revelam como as ideias tradicionais, modernas e contemporâneas estão interligadas na complexa teia das experiências humanas. Ela molda nossa percepção e compreensão do mundo que nos rodeia.

Na busca constante por compreensão e significado nosso caminho nos leva através do labirinto do conhecimento e obriga-nos a decifrar os mistérios que ressoam através dos tempos que representam as normas regras e tradições. Um desses

mistérios é a perpetuação da espetacularização, um conceito curioso que, com as suas raízes profundamente entrelaçadas na cultura e na sociedade obscurece as interseções entre as realidades e as suas representações.

A espetacularização desta viagem engenhosa acontece como um processo que transcende o tempo e o espaço. Tornou-se um fenômeno que molda a maneira como interpretamos e assimilamos o mundo que nos rodeia, claramente de forma negativa pela manipulação a massificação dos modos de vida. Neste contexto, a metamorfose das experiências humanas em representações abstratas e imagens ocas de conteúdo humano essencial emerge como o cerne deste conceito de alienação.

A experiência humana, rica em detalhes e complexidade, muitas vezes cede à tentação da simplificação excessiva se escondendo em leis, metodologias, métodos e normas de aparência complexa. Ocorre uma tradução simplista na objetividade para o espectro visual, escondendo as profundidades das subjetividades emocionais, racionais e contextuais que enriquecem a nossa compreensão.

Dessa forma, o fenômeno do espetáculo oferece um prisma que permite examinar a dinâmica da sociedade moderna, focando na aparência do consumismo imediato das próprias relações sociais. E na superficialidade da análise perdemos a oportunidade de realizar um esforço de compreensão genuína e crítica. Como protagonistas modernos do espetáculo que nos mina e aliena, estamos muitas vezes imersos numa realidade mediada, estamos presos, onde a procura constante do próximo estímulo visual nos rechaça da contemplação profunda e de uma ligação íntima com o nosso ambiente.

Contudo, a espetacularização não é um fenômeno moderno. Encontra-se ecos em histórias anteriores atado com a memória coletiva e influencia ainda a forma como interpretamos as histórias e imagens de tempos distantes. Um exemplo vivo dessa ligação histórica e contemporânea é produzido por estudo da história de Sorocaba, onde o exame atento das fotografias provoca a reflexão sobre a superficialidade das mudanças e seu real impacto nas profundezas da consciência humana, ou melhor, dos viventes sorocabanos.

Ao entrar no reino da espetacularização estamos diante de uma encruzilhada de questões, problemas e desafios. A superficialidade do fenômeno espetacularizado promove, muitas vezes, uma máscara que encobre significados e contextos mais profundos. Aqui fazemos um convite a interrogar transformações aparentes que nem

sempre refletem mudanças genuínas. É também um chamado para explorar sutilezas ocultas.

Como um canto de blues que serve de alerta para os perigos da colonização, que se encontra disfarçado para a não compreensão dos capatazes e senhores das fazendas. São nestas palavras não ditas ou trocadas, nas notas não tocadas, que podemos encontrar o verdadeiro pulso da existência.

Enquanto apreciamos a beleza efêmera do espetáculo por estarmos alienados a algo, urge a necessidade de nos aprofundarmos e descobrir o que está por trás do brilhante véu visual que precisa urgentemente ser desvelado e/ou revelado.

A tensão deste processo coloca-nos numa posição em que temos de nos rebelar se quisermos realmente conquistar a liberdade. Devemos revitalizar e revolucionar a nossa relação com o mundo para descobrir ou tornar visível o que está oculto e moldar a nossa realidade, ao concentrar-nos numa compreensão mais plena e verdadeira da condição humana.

Na medida que navegamos nesta narrativa complexa e multifacetada, e nos questionamos se estamos na polpa da caravela ou nos seus porões, é importante não apenas reconhecer o espetáculo como uma realidade contemporânea, mas também como uma força que reverbera através do tempo, moldando as perspectivas daqueles que vieram antes de nós e daqueles que herdarão o legado que foi deixado.

Se trata de uma força colonialista e eurocêntrica que devemos desconstruir, que somente com um olhar crítico e uma busca constante de autenticidade e profundidade podemos quebrar as cadeias da superficialidade espetacular e encontrar a verdade subjacente que tece a intrincada teia da vida, dos seres compartilhantes e afetuosos. Dos seres pensantes na ciência decolonial em uma perspectiva cosmológica.

Na encruzilhada da avenida Don Aguirre, onde o rio Sorocaba acaricia a margem e o elefante da memória deu o seu testemunho do fluxo do tempo, dados objetivos foram apresentados enquanto uma história subjetiva se desenrolava cuidadosamente diante de nossos olhos. Neste cenário, a espetacularização revela-se um elemento central para a compreensão do passado, da identidade coletiva e do desenvolvimento urbano.

À primeira vista, imagens pitorescas e discursos bem elaborados podem nos envolver e nos dar uma visão idealizada e romantizada da história. Contudo, tal como

o rio que percorre pela paisagem, as verdades, as realidades, muitas vezes correm profunda e turbulenta abaixo da superfície.

O embrutecimento colonial e eurocêntrico é um fenômeno que ocorre quando acontecimentos históricos e culturais se moldam em torno de uma determinada narrativa, obscurecendo características e contornos inconvenientes para a imagem que pretendem criar para a dominação, manipulação e exploração.

Neste contexto, a proclamação da república é um exemplo paradigmático. O momento histórico em que o grito de liberdade ressoou às margens do Rio Ipiranga se converteu em um espetáculo, um retumbante domínio espetacular. Tornou-se uma imagem forte que evocou a grandeza do feito heroico. No entanto, esta cena marcante também vem acompanhada da complexidade das batalhas políticas em benefício próprio e as tensões sociais que permeiam o processo de mudança de regime. Esse fenômeno muitas vezes torna tais eventos simples e românticos, obscurecendo pequenas nuances que podem nos dar uma compreensão mais profunda.

Tal como os elefantes a memória coletiva tem um sentido de comunidade e ligações complexas com a história da cidade, mesmo quando essas memórias são voltadas para o esquecimento de todos. No entanto, o nosso elefante também nos lembra como abordamos o passado e como edificamos nossa identidade, na busca pela independência pessoal e pela responsabilidade coletiva, um lembrete de que esse pensamento colonial e eurocêntrico, que a coisificação de tudo no capitalismo reluzindo como ouro, podem ofuscar os olhos às complexidades das relações humanas e das realidades sociais.

Os fenômenos coloniais e eurocêntricos também se estendem ao desenvolvimento urbano. A avenida Dom Aguirre, com sua beleza aparente, esconde os pontos de alagamento, os engarrafamentos caóticos e os impactos ambientais que muitas vezes resultam da expansão urbana. A busca pela imagem espetacular de uma cidade pode levar à negação de fatos perturbadores e impedi-la de enfrentar questões importantes como o planejamento sustentável, a conservação da natureza e a qualidade de vida dos seus moradores.

O percurso imagético que abordamos também nos lembra a importância dos valores da diversidade cultural e religiosa. A placa enquanto um tipo de monumento colocado na saída ou entrada da cidade, depende do sentido de sua encruzilhada, apesar da sua intenção aparentemente religiosa, levanta a questão da inclusão e do respeito pelas diferentes crenças. Outro aspecto é o fato do escalonamento de

crenças pode levar à exclusão e à alienação em vez de unir e fortalecer os laços sociais.

Traçando paralelos entre o fascínio histórico e contemporâneo, o exercício que desenvolvemos convidam-nos a examinar criticamente a nossa sociedade e o nosso papel. Devemos reconhecer que o espetáculo não é um fenômeno isolado, mas um reflexo da nossa tendência de simplificar, idealizar e até mesmo distorcer as realidades em uma única realidade na busca por narrativas mais convincentes.

No entanto, os desafios que enfrentamos também são oportunidades. Encontrar uma compreensão profunda, valorizar a diversidade, promover a sustentabilidade e construir uma identidade coletiva inclusiva podem ser a base para a construção de um futuro resiliente e harmonioso. Assim como o elefante nos lembra que o passado não pode ser esquecido, também indica que a transformação e a renovação são possíveis quando nos libertamos das cadeias do espetacular e aceitamos a complexidade da vida na sua plenitude.

É neste cenário da experiência humana que o espetáculo se revela como um fenômeno que molda a nossa compreensão do mundo transformando as experiências em representações superficiais, onde o consumismo e a aparência distorcem a busca pela compreensão genuína. No dever de enfrentar a complexidade da vida e edificar uma sociedade inclusiva e consciente.

Por isso, devemos sempre enfatizar a relação entre ciência e senso comum neste contexto, entre outros saberes, a confluência de saberes. A ciência tenta compreender essas realidades de forma rigorosa. Embora o senso comum ou outro conhecimento muitas vezes baseia-se em interpretações simples que se aproximam de outras respostas e alternativas mais consistentes com as realidades.

O que foi apresentado no subcapítulo “As Vozes de Nossa Ciência”. Ao refletir no papel da educação e o conhecimento proveniente do Sul Global, dos saberes marginalizados e esquecidos, se entrelaçam com uma narrativa complexa. O fascínio da modernidade simplifica e idealiza a história, embora já exista em parte a educação transformadora que desafia esta visão ao promover o pensamento crítico e buscando quebrar estereótipos.

Enfatizar as perspectivas epistemológicas do Sul contrariaria a esfera hegemônica de conhecimento do Norte. Intelectuais como hooks, Freire, Fanon e

Ribeiro oferecem ferramentas para decolonizar a mente e a sociedade promovendo narrativas autênticas e inclusivas.

Este caminho exige empatia, diálogo e ação para criar um mundo verdadeiramente justo, equitativo e afetuoso. Um mundo de liberdades conscientes.

A intersecção com a ideia de independência, na busca por uma emancipação de liberdade consciente, revela uma história complexa e multifacetada. O espetáculo discutido nos textos pode ser visto como uma manifestação de estruturas de poder coloniais que simplificam e distorcem a realidade obscurecem características e perpetuam estereótipos. Compreendemos como este fenômeno sustenta a influência colonial, criando consciência e compreensão através de lentes coloniais.

Conectando o conhecimento da epistemologia do Sul, de todos os saberes decoloniais e da educação transformadora, exploramos alternativas na tentativa de dismantelar estruturas de poder repressivas enraizadas em ideias eurocêntricas. As perspectivas coloniais orientam a compreensão de diferentes perspectivas de conhecimento, desafiando a dominação cultural e intelectual imposta por colonialismo.

Quando salientamos a importância da educação e comunicação decolonial no dismantelamento das estruturas coloniais, estamos constantemente enfatizando a necessidade de desenvolver o pensamento crítico, de fazer indagações ao recontar uma história e revitalizar, trazer ao centro de nosso enredo como personagem principal, as identidades culturais reprimidas. Acentuando a sensibilização para as estruturas de opressão instrumentalizando a luta decolonial, no reflexo de uma abordagem independente face às influências persistentes do passado.

A comunicação decolonial, como citada, desempenha um papel central na dinâmica decolonial. Com a comunicação livre das amarras da ideologia vigente e opressora, podemos armar e aprender conjuntamente novas estratégias com os oprimidos. Fazer perguntas relevantes e recuperar identidades culturais suprimidas. Na abertura para negociações, troca de opiniões e a compreensão recíproca constituindo a pedra angular na procura por alternativas que levem a decolonização das comunidades e de toda a sociedade.

No núcleo desta narrativa está a luta contra o colonialismo e a promoção da igualdade das inteligências. A perspectiva decolonial lembra-nos que esta peleja é contínua e multifacetada. Isto requer ações concretas, alianças entre diferentes grupos e um compromisso firme para desconstruir as estruturas de poder colonial que persistem na nossa sociedade.

O conceito de colonialismo apresentado mostra-nos que o percurso contra esta colonização moderna é complexo e interdisciplinar. Inclui reconhecer e desafiar as influências coloniais em todos os aspectos da nossa sociedade, desde a educação até às representações culturais e de produção. É uma busca por uma compreensão mais completa e autêntica da história da cultura e das relações humanas.

A comunicação sobre a decolonização vai além da simples transmissão de informação, para se tornar um ato de resistência e de transformação cultural. Centra-se na reconstrução do conhecimento emancipatório, unificando o conhecimento e saberes tradicionais e científico para remodelar a compreensão da realidade. Ele valoriza a conexão com a comunidade ao compartilhar histórias para preservar a identidade cultural e desafiar as narrativas impostas por colonialismo.

O centro da comunicação decolonial que aqui praticamos foi a "guerra das denominações", ou o jogo de palavras que falamos algumas vezes, jargão de Antonio Bispo dos Santos (SANTOS, 2023), que envolve a reintrodução de ideias científicas baseadas em conhecimentos tradicionais e perspectivas diversas. Isto desafia a dominação colonial da língua e do pensamento, contribui para o desmantelamento das estruturas de poder.

Em resumo, a comunicação decolonial vai além da partilha de informação. É a valorização do conhecimento ancestral, desafiando narrativas coloniais na revitalização do conhecimento emancipador. Esta abordagem é consistente com a perspectiva decolonial, com a ciência decolonial e métodos da Cartografia Imagética. À medida que se esforçam para criar uma compreensão do mundo mais inclusiva, sincera e sustentável. Fazendo da comunicação uma ferramenta de empoderamento e sustentabilidade.

Decodificar nesta comunicação a ciência é um repensar e reimaginar profundo da prática científica que visa colonizar as estruturas de poder e suas interpretações associadas. Esta abordagem vai além das visões eurocêntricas e tradicionalismos.

Esta perspectiva reconhece a complexa relação entre humanos, natureza e cultura, enfatizando a importância das perspectivas culturais na compreensão dos fenômenos naturais.

A ciência decolonial não luta apenas por conhecimento concreto, quando é e se é possível, mas também para a compreensão num contexto sensível à diversidade cultural.

Reconhecendo métodos de investigação que valorizam o conhecimento tradicional e promovam a colaboração entre cientistas, pesquisadores, curiosos e comunidades locais.

A ética da investigação científica é uma área central de interesse na ciência decolonial que considera as consequências sociais e culturais das descobertas e proposições de alternativas e realiza os questionamentos sobre a hierarquia dentro da comunidade científica.

Essencialmente, a ciência decolonial visa destruir as estruturas interpretativas coloniais, promover a colaboração e a equidade ao contribuir para a construção de um conhecimento emancipatório que seja verdadeiramente inclusivo e relevante para todas as comunidades, refletindo a interligação entre diferentes formas de saber e a importância de compreender o mundo de forma holística, ou melhor, cosmologicamente.

O conceito apresentado da convergência de conhecimentos que se trata da Confluência de Saberes é um dos temas centrais deste enredo. Realçando a importância de valorizar e integrar o conhecimento em diversas formas, na promoção da cooperação e diálogo entre culturas, na busca por uma compreensão profunda e autêntica da história da sociedade e da experiência humana em geral.

Reafirma que a forma de saber e produzir o conhecimento é multifacetada e intrincada, envolvida em narrativas históricas de estrutura de poder que precisam ser desconstruídas e perspectivas culturais. Neste contexto, este conceito surge numa abordagem que transcende as fronteiras disciplinares, culturais e temporalidades, promovendo um diálogo enriquecedor e profunda reavaliação da forma como interpretamos o mundo que nos rodeia.

Na encruzilhada do espetáculo, da comunicação decolonial e ciência decolonial surge a convergência de saber. Aparece a nossa frente uma alternativa como um convite para adaptar o conhecimento emancipação e busca coletiva por uma nova estrutura social na apreciação de diferentes perspectivas e modos de vida.

Neste cenário, a comunicação decolonial retorna como os raios do sol que iluminam o dia e nos permitem ver a lua à noite, denotando a necessidade de descentralizar as perspectivas eurocêntricas, valorizar o conhecimento tradicional e o diálogo respeitoso e colaborativo.

Combinando o conhecimento produzido coletivamente a comunicação torna-se por si só um meio de resistência, aprendizagem e de significado coletivo. Esta

abordagem também se reflete na análise da Cartografia Imagética, nas quais os mapas são reconhecidos como representações culturais e sociais que podem ser recontextualizadas e redefinidas para incluir múltiplas representações.

Além disso, a ciência decolonial apela à procura da convergência de conhecimentos, o que desafia a força das abordagens científicas tradicionais. Com uma combinação de conhecimento tradicional e local a ciência decolonial procurou criar uma compreensão cosmológica que abrangesse tanto a natureza como a cultura.

Celebra-se a interligação entre o ser humano, o meio ambiente e o conhecimento permitindo que diferentes perspectivas se combinem em busca de respostas para questões complexos.

A Confluência de Saberes, próxima da Ecologia¹² de Saberes, é uma tratativa que transcende as fronteiras disciplinares, culturais e temporais na promoção de diálogo, redefinição de poder e valorização de perspectivas diversas. Ela une os conceitos de espetacularização e comunicação decolonial para trabalhar o desenvolvimento da ciência decolonial, destacando a importância de reconstruir conhecimento emancipatório e incorporar saberes diferentes, desconsiderados e até marginalizados.

Essa é uma perspectiva de resistência, empoderamento e colaboração. Contribuindo para uma compreensão autêntica e inclusiva, que transcende narrativas impostas por mercado e por ideais estranhos ao próprio desenvolvimento humano. A Confluência de Saberes visa a construção de uma jornada coletiva de transformação, conectando culturas, tempos e saberes.

Em outra encruzilhada das ideias, as imagens decoloniais são colocadas em foco, representando a concretização e aplicação prática dos princípios em discussão. Não desafia apenas as representações visuais da era colonial como também promove ações para a mudança, empoderando as comunidades para reinterpretarem as suas próprias imagens, rememorar, ao mesmo tempo que tenta promover uma compreensão mais autêntica e diversificada.

A imagem decolonial é uma janela para a reconstrução do conhecimento emancipação através da cultura e edificação de uma sociedade mais justa, inclusiva

¹² Abandonados definitivamente o termo ou conceito de ecologia de saberes dentro da concepção do jogo da “guerra das denominações”. Onde creditamos que a o termo ecologia de saberes nos lembrava algo sistêmico e como pouco espaço para a imaginação e criatividade, para se pensar na pluralidade de realidades. Enquanto confluência de saberes nos parece um termo que respeita as individualidades, mostra as responsabilidades do todo e empoderam as diversidades.

e consciente. As imagens decoloniais têm a missão de quebrar as narrativas visuais coloniais, dando um novo significado e fortalecendo perspectivas marginalizadas.

É nesta abordagem que encontramos o conceito de escala decolonial, uma perspectiva crítica que procura desconstruir as tradicionais hierarquias de importância atribuídas a diferentes elementos com justificativas externas a uma determinada cultura, indivíduo, perspectivas e contextos.

A escala tem o poder de iluminar a complexidade que está subjacente à atribuição de relevância nas diversas ciências, campos do conhecimento e da sociedade. Inspirada na necessidade de representações autênticas e de diversidade, revelando um apor a uma reflexão profunda sobre como notamos e avaliamos elementos e perspectivas numa concepção decolonial.

No contexto da análise cartográfica imagética, a escala decolonial procura um lugar para interrogar e desafiar as normas de poder coloniais e eurocêntricas que influenciaram o mapeamento ao longo da história, desconstruindo a narrativa visual criada pela colonização. Esta abordagem pode explorar porque os mapas não são apenas representações geográficas, mas também um produto social que reflete cultura, afeto e contexto.

É o convite a explorar como certas imagens cartográficas foram postas para consolidar poderes coloniais, desmascarar e analisar criticamente as visualizações que mantêm vivas essas ideias em suas ampliações ou reduções.

Adicionalmente, a escala de decolonial encontra aplicação na análise de imagens históricas de Sorocaba, destacando a importância de contextualizar a atribuição de protagonismo e valor às representações visuais.

Durante o exercício imaginativo proposto na metodologia da cartografia imagética, o Agrimensor-Flâneur reconheceu a importância da escala na representação das imagens cartográficas, fazendo escolhas estratégicas na elaboração de seus desenhos.

Na primeira planta escolheu a escala 1:1000 para permitir uma visão minuciosa e pormenorizada do que está representado. Esta abordagem permitiu destacar claramente os elementos individuais, oferecendo uma visão detalhada do contexto.

Na segunda planta, o Agrimensor-Flâneur ampliou a sua representação, refletindo uma mudança de escala para 1:2000. Esta decisão sublinha o seu compromisso em explorar o equilíbrio entre detalhes e um contexto mais amplo.

Mesmo com o espaço maior da imagem foi possível captar os detalhes e peculiaridades das diversas ruas representadas.

Surpreendentemente, o Agrimensor-Flâneur escolheu uma escala ainda maior, 1:20000, para terceira e última planta topográfica. À primeira vista, esta abordagem pode sugerir uma perda de detalhes, generalizações e estereótipos. Contudo, esta escolha estratégica revelou a sua busca por novas perspectivas e caminhos. Representar nesta escala permitiu uma visão panorâmica, conseguindo propor alternativas, explorar diferentes caminhos e ver além dos detalhes individuais, que é uma das funções na confluência de saberes.

Através destas mudanças de escala, o Agrimensor-Flâneur demonstrou uma profunda compreensão da importância da escala na representação visual. A sua abordagem sensível e estratégica ilustra como a escolha da escala pode influenciar a percepção e interpretação das imagens cartográficas, enfatizando tanto os detalhes como o contexto mais amplo.

Esta exploração de diferentes escalas realça a complexidade e o potencial da representação visual e a necessidade de uma avaliação sensível e aberta das diferentes interpretações que a Escala Decolonial procura promover.

Ao nos depararmos com a ideia de confluência de saberes, interpretamos que a escala decolonial amplia as possibilidades de diálogo interdisciplinar e compreensão de diversas perspectivas, consegue desconstruir as fronteiras.

São abordagens colaborativas promovendo o compartilhamento entre disciplinas, contribuindo na compreensão do impacto político, estético e cultural da representação visual. Além disso, a Escala Decolonial amplifica a visibilidade e representatividade das comunidades marginalizadas, desafia a narrativa única e possibilita espaço para diversas vozes e histórias.

Demonstra que há espaço para todos. Que existe uma coordenada de território para todas as histórias, culturas e saberes.

Em conjunto ao conceito de imagem decolonial, a escala decolonial também serve como uma ferramenta poderosa para desafiar e redefinir a relação da sociedade contemporânea com a imagem. Enquanto a imagem decolonial tenta separar a percepção e a compreensão da imagem da colonialidade. A escala decolonial aprofunda esse processo ao romper com a estrutura hierárquica tradicional que é importante e prioritária na representação visual do colonialismo.

Ambas as abordagens tentam lançar luz sobre complexas relações entre cultura, conhecimento e poder, resultando numa percepção ampla e equitativa.

Por fim, ao relacionarmos estas ideias com a ciência decolonial, notamos que a escala decolonial, uma das suas possíveis ferramentas, partilha o espírito de transmutação estrutural na procura de uma compreensão mais ampla e equitativa do conhecimento. Apoiando um dos principais objetivos da ciência decolonial, ao procurar desafiar e repensar as abordagens científicas tradicionais.

A escala decolonial procura desconstruir prioritariamente as estranhas pertinências e relevância de contextos eurocêtricos no sistema vigente. São abordagens enraizadas que usurpam nossas forças para a emancipação, inclusão, equidade e justiça. Uma visão crítica que nos convida a repensar fundamentalmente a forma como atribuímos valor e significado nas áreas do conhecimento da imagem e da sociedade como um todo.

Neste todo encontramos as particularidade das coordenadas de territórios entrelaçadas com os conceitos de confluência de saberes, imagem decolonial, escala decolonial e comunicação decolonial.

Estes pontos de encontro e interação representam espaços onde diferentes formas de conhecimento se hibridizam, imagens são reconsideradas e hierarquias de importância são desafiadas. As coordenadas territoriais são os locais onde ocorre a comunicação autônoma, onde personagens marginalizados encontram espaço para compartilhar e reconhecer suas experiências. Principalmente onde está ocorrendo a criação e renascimento cultural e social.

Podemos dizer que as coordenadas de territórios são como pontos de convergência dos diferentes conceitos da cartografia imagética, de outros conceitos que podem emergir da ciência decolonial e de outros saberes, representando espaços de encontro e interação onde convergem o conhecimento a reinterpretção das imagens, a redefinição de padrões e comunicação decolonial. Convergência que ocorre na Arena JAM, lugar de visibilidade de todas essas coordenadas de território.

Estas coordenadas não são apenas lugares geográficos, mas os pontos onde as complexidades da experiência humana se desdobram e promovem uma compreensão complexa, justa e enriquecedora do conhecimento da cultura e do mundo.

Complexidade que é ilustrada por pesquisador, o indivíduo curioso, criativo e imaginativo, o Agrimensor-Flâneur. Apesar de sua denominação carecer de

criatividade, representa uma abordagem única na medida em que combina a sensibilidade artística do flâneur com as habilidades tecnológicas e tratativas do agrimensor para compreensão e mapeamento qualitativo e quantitativo de um determinado objeto.

O Agrimensor-Flâneur reúne dados técnicos absorvendo traços emocionais, sociais e culturais, desafiando narrativas tradicionais e se tornando um facilitador na inclusão de conhecimentos marginalizados. Representa os princípios da confluência de saberes, escala decolonial, coordenadas de territórios, da própria cartografia imagética. Em uma compreensão profunda e abrangente do mundo reimagina o espaço como um verdadeiro reflexo da diversidade humana.

Este personagem de pesquisador tem como objetivo encontrar no campo da comunicação as alternativas que estão sendo trabalhadas na Arena JAM, onde terá liberdade e autonomia no diálogo sobre suas competências técnicas, com sensibilidade artística e subjetiva.

Enquanto Agrimensor-Flâneur combinando a experiência de um agrimensor com a abordagem artística de um flâneur, a Arena JAM vai se incumbir do trabalho de realizar a imersão profunda e sensível nas culturas estudadas e nas suas contribuições, promovendo a criação de novas perspectivas e alternativas.

Ao considerar essas interconexões, podemos aperceber-se como a Arena JAM atua na representação de catalisadora, fomentando a convivência e o diálogo entre as diferentes abordagens discutidas.

Esta é uma utopia possível de uma sociedade que respeita a diversidade.

E nestas utopias possíveis encontramos a Terceira Realidade, tal como é conceituada e desenvolvida durante esta reflexão metodológica e epistemológica, o objetivo principal deste desenvolvimento teórico em particular e a raiz da compreensão de todos os princípios explorados.

Quando falamos em confluência de saberes, a terceira realidade surge como um espaço onde diversas formas de conhecimento (tradicional, científico, indígena e local) estão em diálogo e entrelaçadas com sínteses criativas. Ele transcende a divisão entre conhecimento material e conhecimento subjetivo. Permite que perspectivas coexistam e promova uma compreensão cosmológica e abrangente da terra. Ela transcende as limitações dos corpos e das fronteiras, ela permite que todos consigam fluir no mesmo rio sem que cada um perca a sua particularidade, a sua essência.

Ela afirma que não existe nada de errado em viver em uma realidade paralela, porque na verdade não existe uma realidade pura, de normalidade, como se coloca a racionalidade ocidental.

Em outro exemplo, se estamos falando da escala decolonial, uma terceira realidade torna-se aparente quando desafiamos as prioridades hierárquicas tradicionais. Reconhece que a realidade não é uma entidade estática e monolítica, mas sim uma interligação dinâmica de múltiplas verdades interdependentes.

A filosofia da terceira realidade torna-se uma busca por uma compreensão flexível e humanística da complexidade das relações sociais, culturais e geográficas.

O que aparenta permitir até aqui transcender as normas, valores e tradições do colonialismo é a terceira realidade. Considerando que o mapeamento tradicional é frequentemente limitado por representações lineares e objetivas, a terceira realidade complementa o mapeamento ao incluir elementos subjetivos, emocionais e simbólicos. Desafia a ideia de que um mapa é apenas uma representação geográfica. e transformá-lo num espaço onde a imaginação, a arte e a cultura possam coexistir e inter-relacionar-se. Que existem muitas maneiras de pensar e criar os percursos que iremos ter durante a existência.

A terceira realidade torna-se a base e o objetivo da metodologia cartográfica imagética, e talvez até da ciência decolonial.

Todas estas ideias e abordagens na aplicação da metodologia da Cartografia Imagética e na construção da ciência decolonial se tornam inúteis se não incluirmos a temática do afeto. É preciso amor à pesquisa, aos objetos e principalmente ao nosso relacionamento com os outros seres.

Tentamos transmitir esta sensibilidade à epistemologia do Sul, as teorias decoloniais e principalmente a Cartografia Imagética, através do conceito de Compartilhante Cultural e Comunitário e; Afeto Transformador e Inclusivo.

Em compartilhante cultural e comunitário no contexto da confluência de saberes faz sentido praticar a partilha ativa de modos de vida e expressões culturais dentro das comunidades para convergir a diversidade de conhecimentos.

Conhecimento tradicional, acadêmico, indígena e local em diversas formas unindo-se como uma aliança cultural. Fortificando a identidade cultural geral. Compartilhar esta colaboração não enriquece apenas a experiência humana, mas também promove a sustentabilidade. Afirmando que em todos os espaços as vozes das pessoas marginalizadas devem ser ouvidas e valorizadas.

Eles oferecem formas autênticas e significantes de envolver as comunidades na imaginação e na ressignificação da produção e narrativa imagética decolonial. Esta entusiástica troca de cooperação não só converte a nossa compreensão do espaço e da localização, mas também desafia a hierarquia tradicional.

A própria imagem decolonial vai encontrar sinergia com o compartilhante cultural e comunitário. Isso ocorre no fato das imagens funcionarem como expressões partilhadas onde as comunidades compartilham as suas histórias e culturas. As próprias imagens tornam-se compartilhantes, trazendo à luz modos de vida e visões de mundo que podem ter sido subjugadas nas narrativas coloniais.

As visualizações podem ser reinventadas e repensadas por meio de diálogo ativo. Promovendo a mudança cultural e valorização das identidades.

Desafia as narrativas tradicionais e coloniais, ao mesmo tempo que enfatiza a importância da colaboração, inclusão e sensibilidade à diversidade. Este conceito interligado convida-nos a repensar a forma como compreendemos o conhecimento cultural, a geografia e as relações humanas. Promovendo uma visão de mundo abrangente, simpática e mais empática.

Enfatiza o entusiasmo e a partilha de modos de vida e expressões culturais dentro da comunidade ao fortalecer a identidade cultural. Promovendo a necessária coesão social ao agregar valor à experiência humana.

O conceito do afeto transformador e inclusivo enfatiza que a disseminação ativa e colaborativa de modos de vida e expressões culturais dentro das comunidades de conhecimento. Promovendo uma abordagem emocional conectada, com mudanças positivas e inclusivas na forma como esses saberes interagem e enriquecem-se mutuamente.

Enfatiza a partilha ativa e colaborativa de modos de vida e expressões culturais dentro de uma comunidade de conhecimento ao instigar um ambiente emocionalmente conectado em que a coesão social, a diversidade e a colaboração são essenciais para alcançar mudanças significantes.

Que na Cartografia Imagética, admitindo a necessidade de incorporar elementos de sustentabilidade e sensibilidade emocional na representação visual, integrando subjetividade e expressão artística, reflete diretamente nessa abordagem de afeto transformador e inclusivo na criação de um espaço para a manifestação de identidades culturais e histórias pessoais.

Este é um ambiente emocional e inclusivo na transformação da paisagem visual.

O conceito permeia todos os aspectos contribuindo para uma compreensão profunda e positiva do mundo. Na confluência de saberes, promove o desenvolvimento comunitário e a colaboração diversificada. Com as coordenadas de territórios e a escala decolonial enfatiza a compreensão humanística do espaço. Junto a Arena JAM e Agrimensor-Flâneur está voltado para a imersão cultural e sensibilidade.

O mapeamento imagético nesse sentido tem o potencial de refletir a identidade e a experiência cultural, no conjunto, dessas diretrizes celebrado a diversidade. Principalmente no foco de promover mudanças positivas, uma visão inclusiva, afetuosa da sociedade, da cultura e do conhecimento.

De acordo com este conceito, as coordenadas de territórios não refletem apenas a localização geográfica, mas também incluem histórias individuais e coletivas, experiências emocionais e aspirações futuras, contribuindo para uma abordagem da cartografia imagética emocionalmente conectada particularmente em cada indivíduo, realçando o importante aspecto do pertencimento.

Realizando a análise crítica do que introduzimos até agora em termos de metodologia da cartografia imagética, que consideramos por menos como o princípio de uma revelação de uma abordagem metodológica inovadora e reflexiva, na tentativa de transcender os limites da ciência tradicional e encontrar novas formas de compreender e explorar a representação de realidades sociais e culturais.

Com o que afirmamos não se tratar de uma metodologia acabada, onde ensaiamos ampliar os caminhos em mais 5 partes, por menos no desenvolvimento desta pesquisa. Entretanto, não é uma tarefa que deva ser realizada por uma única pessoa, é um trabalho coletivo, constante e cíclico – como deveria ser o desenvolvimento da ciência decolonial.

Este método até este ponto de desenvolvimento têm as seguintes vantagens:

- Sensibilidade e subjetividade: A abordagem sensível na metodologia a Cartografia Imagética é um dos pontos fortes, destacando a importância do apego emocional e do afeto na pesquisa. Isso permite que os pesquisadores se aprofundem na realidade do tema de pesquisa, ao reconhecer a subjetividade e a experiência do indivíduo.

- Inclusão de perspectivas marginalizadas: A confluência de saberes e a ênfase no Compartilhante Cultural e Comunitário demonstram um compromisso com perspectivas marginalizadas e formas alternativas de conhecimento. Isto melhora a pesquisa proporcionando oportunidades para que as opiniões sejam ouvidas e apreciadas.
- Terceira realidade: A demanda da terceira realidade reflete um anseio de compreender mais profundamente as realidades sociais. Esta abordagem permite a coexistência de diferentes realidades e uma mudança abrangente de perspectiva, com o objetivo de contribuir com uma sociedade igualitária e harmônica nas possibilidades das diversidades.
- Crítica ao Eurocentrismo: O argumento nas epistemologias do Sul, das teorias decoloniais e a crítica ao Eurocentrismo amplificam a consciência das limitações das perspectivas dominantes na produção de conhecimento. Encoraja a abertura a diferentes formas de saberes e a reavaliação das narrativas hegemônicas.
- Aplicação em diferentes contextos: A metodologia da Cartografia Imagética baseia-se em exemplos específicos de aplicação em diferentes contextos. Isso ajuda a compreender como os princípios teóricos são incorporados à prática real de cada pesquisa.

Obviamente, ao longo do caminho e neste ousado projeto, encontramos algumas dificuldades e problemas, que podem ser definidos em termos como:

- Rigor metodológico: O viés sensível e subjetivo pode levantar preocupações sobre a objetividade e a acurácia científica, principalmente quando existe a necessidade de aplicação ainda dentro da ciência moderna ocidental. É importante equilibrar a sensibilidade com um método de teste confiável que garanta a precisão dos resultados para uma realização da necessária e urgente virada epistemológica na racionalidade humana.
- Generalização versus singularidade: O valor da singularidade e da individualidade pode dificultar a obtenção de conclusões que consigam se tornar generalizadas. Devem ser exploradas maneiras de tirar conclusões gerais sem perder a riqueza da experiência individual e dos

contextos particulares, sem perder a essência da diversidade das realidades e das inúmeras utopias possíveis configuradas em suas alternativas.

- Equilíbrio com neutralidade e objetividade: A procura de refletir a terceira realidade e a aceitação de pontos de vista pessoais podem entrar em conflito com a necessidade de neutralidade científica. Encontrar um equilíbrio entre as individualidades e neutralidade é uma tarefa a ser refletida em toda etapa da metodologia tão somente para corrigirmos os equívocos de igualdade, preconceitos e exclusões. Sem que isso nos torne tolerantes com as intolerâncias, em creditar que alguns modos de vida tenham o direito de serem excludentes, isso é inadmissível em um ambiente finito e compartilhado como é o nosso planeta.
- A complexidade do Agrimensor-Flâneur: A forma do Agrimensor-Flâneur como pesquisador é uma combinação interessante da objetividade do explorador e da subjetividade de Flâneur. No entanto, esta complexidade pode criar problemas práticos. Como conciliar a observação meticulosa da realidade com a sensibilidade ao ambiente e às emoções envolventes? Como exigir alguns conhecimentos técnicos de todos os envolvidos em uma pesquisa? Desempenhar este papel requer uma abordagem cuidadosamente equilibrada.
- O Desafio de realizar a Terceira Realidade: As propostas da Terceira Realidade são ambiciosas e procuram superar a dicotomia integrando múltiplas perspectivas. No entanto, definir e implementar com acurácia esta ideia pode ser difícil. Como chegar a um consenso sobre o que constitui estas realidades transformadoras e inclusivas? Como evitar que isso se torne uma abstração indefinida que acaba eliminando ou obscurecendo algumas realidades?
- Possibilidades transformadoras e inclusivas: A abordagem metodológica proposta enfatiza a importância da transformação e da participação. A ênfase no Compartilhante Cultural Comunitário e na Confluência de Saberes promove a compreensão do conhecimento local e de saberes tradicionais. Isto pode fortalecer as comunidades marginalizadas. Contudo, as realidades práticas precisam de ser tidas em conta, especialmente em situações em que as estruturas de poder possam

resistir a esta transformação por simples fato de existir uma resistência através da comunicação e educação. Os perigos da violência devem ser pensados e repensados a todo momento.

- Interdisciplinar e Colaborativa: Uma metodologia ou pensamento que aborda a necessidade de pesquisa interdisciplinar e colaborativa. A Cartografia Imagética inclui elementos de etnologia, geografia, comunicações e outras disciplinas que podem agregar valor à análise. Entretanto, também pode ser um desafio logístico e epistemológico, demandando uma compreensão profunda de diferentes abordagens e terminologias.
- Sensibilidade cultural e contextual: Os técnicas de Cartografia Imagética enfatizam a sensibilidade à cultura e ao contexto local. Porém, é importante considerar que esta sensibilidade não pode justificar a glorificação, romantização ou ausência de questionamentos de práticas prejudiciais. A procura de uma Terceira Realidade deve ser equilibrada com a responsabilidade de abordar questões críticas como as desigualdades e as injustiças.
- A necessidade de formação contemplativa: A aplicação da Metodologia da Cartografia Imagética requer formação contemplativa contínua, de práticas reflexivas contínuas. Os pesquisadores devem estar preparados para explorar incessantemente suas próprias perspectivas e influências. Isto é muito importante não só para melhorar a qualidade da investigação, mas também para evitar preconceitos e distorções. Aqui reside a dificuldade de perceber a própria alienação quando estamos debatendo os saberes em busca de alternativas para a emancipação em um nível global.

A prática da Metodologia da Cartografia Imagética, embora rica em conceitos e ideias, pode ser desafiadora. A sensibilidade necessária para equilibrar objetividade e subjetividade e a coordenação interdisciplinar podem dificultar a implementação efetiva, são problemas de implementação prática.

Mas ainda acreditamos no potencial desta metodologia, volto a dizer, uma utopia possível. O que nos deixa esperançosos na sua relevância para a contribuição na transformação social necessária. Principalmente na procura de alternativas para

diferentes realidades, o que denominamos de terceira realidade, na promoção da inclusão e da diversidade que possuem efeitos profundos na concepção de humanidade.

A Metodologia da Cartografia Imagética não só explora as realidades existentes, mas também visa contribuir para realidades mais justas e equitativas.

Com potencial para expandir o conhecimento filosófico desta metodologia, por ser uma constante inacabada, oferece, portanto, uma oportunidade para expandir as fronteiras do conhecimento.

Este ciclo constante de produção de conhecimento e novas alternativas procura preencher as lacunas deixadas pelas abordagens tradicionais, principalmente dentro de pressupostos de normalidades que ela exige.

Isto inclui diversas perspectivas e as vozes em uma inclusão cosmológica do fenômeno que está sendo estudado. Na destruição do eurocentrismo e do processo colonial.

A proposta de um Agrimensor-Flâneur e a inclusão de estratégias afetuosas figuram uma inovação no campo da pesquisa. Esta metodologia desafia as metodologias tradicionais e incentiva os pesquisadores a deixarem o escritório e a envolverem-se de forma mais empática e participativa com os espaços, com as pessoas que estudam e estão sendo estudadas. Enfatiza o envolvimento e a participação de todos.

A metodologia que acabamos de apresentar, da mesma forma que no início falamos que lembra o Manifesto Antropofágico, nossa figura maternal brasileira para a cartografia imagética, igualmente se assemelha ao "Atlas Mnemosyne", de Aby Warburg (2010)¹³. E nesse caso, aprendendo com a antropofagia, serviu como fonte de inspiração quando ainda pensávamos somente em uma alfabetização ou autodidatismo imagético nas etapas iniciais desta curiosidade e imaginativa forma de pensamento. Nos apropriamos destas ideias e devolvemos com a nossa originalidade.

O "Atlas Mnemosyne" (WARBURG, 2010) não é um atlas no sentido convencional de um livro de mapas geográficos, mas sim uma coleção de imagens organizadas de maneira não linear para explorar associações visuais, conceituais e culturais entre diferentes épocas e culturas. Warburg acreditava que a história da arte

¹³ *Aby Warburg (1866-1929) foi um historiador da arte e ensaísta alemão conhecido por sua contribuição para a compreensão da história da arte e da cultura visual. Ele é particularmente famoso por seu projeto inacabado chamado "Atlas Mnemosyne".*

deveria ser vista de forma holística, considerando não apenas os movimentos artísticos, mas também as influências culturais, seus contextos, as conexões entre imagens e as transformações do significado ao longo do tempo.

O projeto consistia em uma série de pranchas com fundo preto, nas quais Warburg colava imagens recortadas de revistas, livros e outras fontes, criando arranjos visuais que exploravam temas, padrões e motivos recorrentes na arte e cultura. O objetivo do "Atlas Mnemosyne" era mapear a migração de símbolos e temas através da história da arte e da cultura, destacando como ideias e imagens se deslocavam e eram reinterpretadas ao longo dos séculos.

Infelizmente, Aby Warburg morreu em 1929 (um ano depois do lançamento do Manifesto Antropofágico) e não conseguiu concluir totalmente seu "Atlas Mnemosyne". Deixando uma série de pranchas e esboços que foram posteriormente estudados e organizados por outros acadêmicos. Embora o projeto não tenha sido concluído conforme originalmente foi pensado, ficou um legado ao questionar as abordagens tradicionalistas do pensar e fazer história da arte e ao explorar a interconexão complexa da cultura imagética.

Hoje, "Átlas Mnemosyne" continua a inspirar especialistas e artistas que procuram compreender as relações entre imagens, símbolos e culturas numa perspectiva mais ampla e interdisciplinar. E neste contexto, a Cartografia Imagética pode também contribuir para a continuidade deste atlas com outras vertentes; pode trazer uma estrutura de organização diferente, interativa e contextualizada ao "Átlas Mnemosyne" de Aby Warburg, permitindo uma exploração com outro olhar escala das significativas conexões visuais e culturais ao longo da história.

Pode até parecer ser um exercício de futilidade pensar na utilização da metodologia da Cartografia Imagética que apresentamos somente para dar uma continuidade no "Átlas Mnemosyne" de Aby Warburg. Se trata apenas de uma exemplificação do alcance que creditamos a ela em outras áreas do saber além da construção de um pensamento decolonial.

Claramente a metodologia apresentada ainda tem muito a ser desenvolvida na confluência dos saberes, na compreensão de uma ciência decolonial. Destacamos que ela foi pensada como alternativa para os problemas sociais contemporâneos.

Principalmente quando falamos de desigualdades econômicas, mudanças climáticas, educação, saúde, migração, desemprego, automação, direitos humanos, igualdade e equidade, conflitos armados, discriminação e violência racial,

representatividade, justiça, nacionalismo e populismo, identidade de gênero, reforma agrária, cultura e identidade, demarcação de terras indígenas etc.

Alguns destes tópicos, principalmente relacionados ao racismo, conflitos sociais, identidade e cultura iremos abordar nas outras partes que dão sequência a esse trabalho. Seus projetos podem ser vistos em anexo, da mesma forma que um manual para aplicação da metodologia da Cartografia Imagética.

Estando na íntegra o nosso Manifesto da Encruzilhada que se constitui na última etapa dessa nossa empreitada, a nossa dissonante do Blues em Sul Maior. É o nosso convite para que todos escrevam o seu manifesto em suas encruzilhadas e contribuam com a ciência decolonial com suas pesquisas e saberes.

A metodologia da Cartografia Imagética nos parece ser capaz de se adaptar a ampla variedade de contextos e domínios, adaptando-se a diferentes contextos. A ênfase na sensibilidade cultural e na compreensão das realidades locais sugere que a abordagem pode ser aplicada a diferentes culturas e campos de estudo.

Apresenta uma abordagem inovadora que busca transcender as limitações da pesquisa convencional. Embora promissora pela sua sensibilidade, inclusão e desenvolvimento do que defendemos sobre a terceira realidade.

Igualmente apresenta desafios significantes em termos de aplicação prática, validade e adaptação a diferentes contextos. A capacidade de equilibrar subjetividade e objetividade e, o compromisso com a transformação social são pontos centrais que determinam o sucesso desta metodologia, que visa a contribuição do constante florescimento da ciência decolonial.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa** – 2ª. ed. —São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ALMEIDA, L. M. A.; RIGOLIN, T. B. **Fronteiras da globalização**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016. v. 1

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropófago e outros textos**. Organização e coordenação editorial Jorge Schwartz e Gênese Andrade. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

ASCOM UFAL. **Engenharia de agrimensura apresenta dados da covid-19 em produção acadêmica**. 10/08/2020 16h45 - Atualizado em 10/08/2020 às 18h46. Engenharia de agrimensura apresenta dados da covid-19 em produção acadêmica — Universidade Federal de Alagoas (ufal.br). Acesso: 16/11/2021

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem: para uma ciência da imagem**. Lisboa: Editora KKYM+EAUM, 2014.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. (Obras escolhidas; v.1).

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. (Obras escolhidas; v.1).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994c. (Obras escolhidas; v.1).

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994d. (Obras escolhidas; v.2).

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994e. (Obras escolhidas; v.3).

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERAS, Cesar; FEIL, Gabriel Sausen (org.). **Sociologia do rock**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2015.

BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. *In*: MICELLI, Sérgio (org.). **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAMPBELL, Colin. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. *In*: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, C. (org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

CANCLINI, Nestor. G. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro. UFRJ, 2008.

CARRASCOZA, João Anzanello. Suíte acadêmica: apontamento poéticos para elaboração de projetos de pesquisa em comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v.10, n. 1, p. 57-65, jan./abr, 2016.

CERQUEIRA-NETO, Sebastião P.G. de. **Epistemologias do sul e a nova geografia: por uma geografia popular no encontro entre Milton Santos e Boaventura de Sousa Santos**. Dossiê – Diversidade de saberes sobre a América Latina – Parte 1. Cronos: Revista da Pós-grad. em Ciências Sociais, UFRN, Natal, v. 18, n. 1, jan/jun, 2017. p. 68-88.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos. São Paulo: Veneta, 2020. (livro)

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; PERSICHETTI, Simonetta. **Benjamin, o método da compreensão e as imagens dialéticas**. *Líbero*, São Paulo, v. 19, n. 37-A, p. 55-62, jul./dez., 2016.

CONNELL, Raewyn. **O Império e a Criação de Uma Ciência Social Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul -dez 2012, pp. 309-336.

COSTA, Maria Luiza Calim de Carvalho. **O Mapa de Ponta-Cabeça**. World Congress on Communication and Arts. April 17 - 20, São Paulo, BRAZIL, 2011. p. 193-197.

CRAMPTON, Jeremy W.; KRYGIER, John. Uma introdução à cartografia crítica. *In*: ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. p. 85-111.

DANTAS. **Geografia e Epistemologia do Sul na obra de Milton Santos**. Mercator, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 49-61, set./dez., 2014. (artigo de periódico)

COSTA, Brás Martins da. **Retratos na parede**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu – Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, P. A. **Fundamentos de Cartografia**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

EINSTEIN, Albert. **Escritos da Maturidade: artigos sobre ciência, educação, religião, relações sociais, racismo, ciências sociais e religião**; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

ESCOBAR, Arturo. **Power and visibilidade: desenvolvimento and the invention and management of the third world**. apud *Cultural Anthropology*, v. 3, n. 4. 1988, p. 428-443.

FANON, Frantz. **Os Condenados da terra**. Tradução Lígia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras negras**. Traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; prefácio de Grada Kilomba; posfácio de Deivison Faustino; textos complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FRANCO, Juliana Rocha. **Cartografias Criativas: da razão cartográfica às mídias móveis**. 1ª ed. Curitiba-PR: Appris, 2019.

FRASER, NANCY. **Reconhecimento sem ética?** Artigo originalmente publicado na revista *Theory, Culture & Society*, v. 18, p. 21-42, 2001. São Paulo, *Lua nova* 70: 101-138, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro. In de 1980 *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244

GOUVEIA, Matheus. **Ativismos Cartográficos em Abya Yala: o resgate dos mundos que nos foram negados**. Belo Horizonte-MG: Editora Dialética, 2021.

GROSGOUEL, Ramón. **“Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 80, 2008.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. 4.ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 2000.

HARDING, Sandra. **Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo**. Tradução Rebeca Furtado de Melo. Revisão Ana Carolina Dantas. Rio de Janeiro: Revista em Construção, número 5, 2019, ps. 143 – 162.

HARLEY, J.B. **Maps, knowledge, and power**. apud COSGROVE, Denis, DANIELS, Stephen (org). The iconography of landscape. Essays on the symbolic representation, design and use of past environments. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p.277-312.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HARVEY, David. **Os sentidos do mundo: textos essenciais**; tradução Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020.

hooks, bell. **ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Tudo sobre amo: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Martin Claret, 2009. 540 p. (Coleção a obra-prima de cada autor. Série ouro; 3)

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História** – 2ª ed. ver. – São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História: As Tramas da Representação Fotográfica** - Projeto História, São Paulo, v. 70, pp. 9-35, Jan.-Abr., 2021

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e Organização Rita Carelli. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 142 p. (Estudos culturais; v.5)

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

LAZZARATO, Maurizio. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

Lugones M. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas. 2014, Sep;22(3):935–52.

MARX, Karl. **Crítica ao Programa de Gotha**. ano 1875. in Obras Escolhidas – Volume 2. Karl Marx e Friedrich Engels. São Paulo: Editora Alfa-Omega, n/d.

MARTINELLI, M. **Os mapas da geografia e cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATTA, Roberto da. **O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional: Antropologia, nº 7, maio de 1978, Rio de Janeiro. – p.1-12.

MATHIAS, Ronaldo. **Antropologia Visual**. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: antígona, 2014.

MCCORMAC. J.; SARASUA. W.; DAVIS. W. **Topografia**. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC: 2016.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identida em política**. Traduzido por: Ângela Lopes Norte. Artigo originalmente publicado na Revista Gragoatá, n. 22, p. 11-41, 1º sem. 2007 - Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008

MORIN, Edgar. **Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo**. Tradução Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

NASCIMENTO, Douglas. Jornal GGN (Grupo Gente Nova), 28/05/2015. **A suástica em São Paulo nos anos 20**. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/cultura/curiosidades-a-suastica-em-sao-paulo-antes-dos-nazistas/>>. Acesso em: 11, de junho de 2023.

PEIXOTO, Clarice e; COPQUE, Barbara (orgs.). **Etnografias visuais: análises contemporâneas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RANCIÈRE, Jaques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RANCIÈRE, Jaques. A Partilha do Sensível: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Ed. 34, 2005.

RIBEIRO, Daniel Melo. **Limiars da cartografia: deambulação, arqueologia e montagem no mapeamento de lugares**. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010. Pinturas. 80 pp. apud Amiel Ernenek Mejía Lara. revista de antropologia, são paulo, usp, 2013, v. 56 nº 2.

ROSA. R. **Cartografia básica**. Universidade Federal de Uberlândia. 2004.

SALGADO, Sebastião. **Gênesis**. Alemanha: Taschen, 2013.

Sandoval, Chela. **Methodology of the oppressed**. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2000.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Imagens de Santídio Pereira. Texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais de saberes**. Novos estud. – CEBRAP, nº 79. São Paulo, nov. 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as epistemologias do Sul: Antologia Essencial**. Volume 1: Para um pensamento alternativo de alternativas; compilado por Maria Paula Meneses [et. al.] – 1ª ed. – Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus [recurso eletrônico]**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo-SP, Editora da Universidade de São Paulo, 2006. – (Coleção Milton Santos; 1)

SARDO, Susana. **Etnomusicologia, música e ecologia de saberes. Música e cultura**: revista da ABET, vol. 8, nº 1, p. 66-77, 2013.

SCHIAN, Rodolfo Medeiros. **Fotojornalismo: as representações de morte de Fidel e Mandela para além da noção de sociedade do espetáculo**. Dissertação

(Mestrado) - Curso de Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2020.

SCHIAN, Rodolfo Medeiros. **Marx: a relação sociedade-natureza**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências Sociais, PUC-SP, São Paulo, 2011.

SCHIAN, Rodolfo Medeiros. **Caminhos de uma Cartografia Imagética rumo a epistemologia do Sul**. III Encontro Internacional de Pesquisadores em Comunicação e Cultura. Universidade de Sorocaba, 27 e 28 de setembro, 2021.

SCHIAN, Rodolfo Medeiros. **O Conceito de Emancipação no Pensamento de Jacques Rancière: Alfabetização ou Autodidatismos**. II ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CULTURA. UNIVERSIDADE DE SOROCABA, 23 E 24 DE SETEMBRO, 2019.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOJA, Edward W. **Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places**. Blackwell Publishers Ltd, UK, 1996.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart. apud ALMEIDA, Marcos Pereira; FEITOSA, André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TEIXEIRA. W.; TOLEDO. M. C.; FAIRCHILD. T. R.; TAIOLI. F. **Decifrando a Terra**. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.

TERRA. Portal Terra, n/d. **Histórias dos logos da Shell**. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/economia/infograficos/historia-logos/shell.htm> >. Acesso em: 21, fevereiro e 2019.

THIONG'O, Ngugi Wa. **'Décoloniser l'esprit.'** *Le Monde Diplomatique*. Paris, agosto de 1987. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/1987/08/A/40236>

THÜRLEMANN, Felix. **Olhar como os pássaros. Sobre a estrutura de enunciação de um tipo de mapa cartográfico**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 118-132, dez. 2011.

TULER. M.; SARAIVA. S.; TEIXEIRA. A. **Manual de práticas de topografia**. Porto Alegre: Bookman. 2017.

WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne**. Traducción Joaquim Chamorro Mielke. – Madrid España: Akal S.A., 2010.

WOOD, Denis. **Maps, Art, Power**. *Espaço Cultural*, UERJ, RJ, nº 36. p. 09-33. JUL/DEZ de 2014.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia.** Tradução Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

VEIGA, L. A. K.; ZANETTI, M. A. Z.; FAGGION, P. L. **Fundamentos de Topografia.** Curitiba: UFPR, 2012.

ANEXO A – MANUAL DA METODOLOGIA DA CARTOGRAFIA IMAGÉTICA

Introdução:

A Metodologia da Cartografia Imagética oferece uma abordagem inovadora e refinada para muitos campos de pesquisa científica. Permite uma exploração profunda das realidades através de imagens, sentimentos e experiências. A vontade de compreender diferentes realidades e promover uma terceira realidade que vá além do paradigma eurocêntrico. O objetivo deste manual é orientar pesquisadores interessados em aplicar esta metodologia a diversos objetos de pesquisa e fornecer uma compreensão intrincada e cosmológica, levando em consideração os pontos fortes e desafios desta metodologia.

Etapa 1: Escolha do Objeto de Estudo e Definição do Problema de Pesquisa

Identificar questões de pesquisa que despertam sua curiosidade e interesse, e pesquisar temas relevantes para sua área de interesse. Leve em consideração aspectos sociais, culturais e pessoais relevantes para identificar questões de pesquisa que podem ser exploradas por meio de análises de imagens e sensações. Primeiro, incentive a exploração de diferentes perspectivas e fatos, certificando-se de que as perguntas sejam relevantes e instigantes.

Aviso: Escolha um tema relevante e pessoal, pois a conexão com o assunto contribui para um processo prazeroso e gratificante.

Lembrete: A definição dos limites da pesquisa deve ser dada ou considerada tão somente por contexto, a amplitude da imaginação e criatividade do pesquisador, ou por próprios objetivos do objeto ou do pesquisador.

Etapa 2: Coleta de Imagens e Dados Sensíveis

Coletar imagens, representações visuais e informações sensoriais relacionadas a ampla variedade de tópicos de estudo. Podem ser fotos, vídeos, ilustrações, músicas e outras imagens que refletem diferentes perspectivas e experiências.

Aviso: Procurar imagens diversas e inesperadas. Não são apenas imagens que estão diretamente relacionadas ao tema porque a variedade torna a história mais rica.

Lembrete: certifique-se de obter imagens de fontes confiáveis e citar corretamente todas as fontes empregadas.

Etapa 3: Contextualização e Revisão Bibliográfica

Realizar uma revisão abrangente da literatura para compreender as principais suposições, conceitos e autores relacionados à Cartografia Imagética, Terceira Realidade, Agrimensor-Flâneur, Epistemologias do Sul, ciência decolonial e temas de pesquisa.

Aviso: Tente criar uma comunicação aberta entre você e o objeto. Isso fornecerá informações para sua pesquisa e identificará lacunas que precisam ser preenchidas.

Lembrete: Perseverança e curiosidade devem ser as palavras de ordem, e a exploração é uma jornada contínua de descoberta. Retenha a curiosidade e a perseverança inabalável ao encontrar problemas. Veja isso como uma oportunidade de crescimento intelectual.

Etapa 4: Definição dos Objetivos da Pesquisa

Estabelecer metas claras para sua pesquisa, tendo em conta as vozes dos grupos marginalizados, buscando uma compreensão cosmológica e o desenvolvimento de realidades em mudança. Identifica os resultados esperados, como a criação de terceira realidade ou a proposição de alternativas baseadas na Epistemologia do Sul. Não se feche para novos objetivos que o seu tema e caminhos de pesquisa possam surpreendê-lo. Esteja sempre aberto.

Aviso: Inclusão de vozes marginalizadas: Certifique-se de que os seus objetivos incluam a perspectiva de grupos ou vozes que foram historicamente marginalizadas. Isso aprimorará sua pesquisa, oferecendo perspectivas e experiências que muitas vezes são esquecidos.

Lembrete 1: Promova a mudança da realidade - Pense em como os seus objetivos contribuirão para uma mudança positiva nas realidades. Como a sua investigação pode inspirar mudanças nas práticas, ideias e percepções existentes?

Lembrete 2: Flexibilidade e abertura: A investigação é um processo dinâmico e a adaptabilidade é fundamental.

Etapa 5: Adoção da Abordagem Sensível

Incorporar a sensibilidade em sua pesquisa assumindo a posição do Agrimensor-Flâneur. Saia do escritório e interaja ativamente com os espaços, locais e pessoas sob investigação. Esteja aberto as experiências, ideias e interações que possam melhorar sua compreensão.

Aviso: Adote o papel do Agrimensor-Flâneur, um observador atento e curioso que examina o território com sensibilidade e abertura. Como um flâneur caminhe pelas paisagens naturais e culturais relevantes para sua investigação. Esteja preparado para se deixar levar por peculiaridades e detalhes que podem passar despercebidos em um ambiente controlado.

Lembrete: Sensibilidade à experiência: abertura para experiências sensoriais e emocionais. Como os lugares e as pessoas afetam o modo como você se sente? Como você se sentiu enquanto estava lá? Essas ideias podem adicionar profundidade à sua exploração.

Etapa 6: Coleta de Dados e Experiências

Se necessário, após o quinto passo, utilize métodos diferentes para recolher novos dados e experiências, tais como: observação participante, entrevistas, registros fotográficos, diários de campo e levantamentos topográficos – mapeamento. Priorizando sempre a diversidade de perspectivas e vozes, garantindo a inclusão de diferentes narrativas.

Aviso: Usar métodos diferentes que se adaptem ao seu conhecimento. Usar uma variedade de métodos de coleta de dados para obter uma compreensão abrangente e diversificada do seu tópico de pesquisa. Isto inclui observações, entrevistas, fotografias, notas de campo e levantamento topográfico – mapeamento.

Lembrete: Priorize múltiplas perspectivas e sons. Certifique-se de que sua coleta de dados inclui uma variedade de grupos, comunidades e perspectivas. Isso expande a quantidade de dados que você coleta. Ao coletar dados, reservar algum tempo para pensar sobre as informações coletadas. Analisa o padrão formado, história compartilhada e as conexões entre os elementos.

Etapa 7: Análise e Reflexão Sensível

Analisar Sintaticamente dados e experiências coletados para encontrar conexões, padrões e particularidades significativas. Adote uma abordagem sensível e atenciosa, considerando não apenas o aspecto objetivo, mas também emoções, sentimentos e contexto.

Ao fazer análises detalhadas sobre as imagens e dados recolhidos, procuramos compreender o significado e a acepção das diferentes camadas que cada elemento contém. Usar métodos interpretativos para identificar padrões conexão e a narrativa subjacente.

Aviso: Ande além da análise visual, se permita entrar nas emoções e experiências que cada imagem o incentiva a explorar nas suas camadas mais profundos.

Lembrete: Considere o contexto histórico, cultural e social de cada imagem para uma compreensão mais ampla.

Etapa 8: Identificação de Confluentes e Pontos de Conexão

Explorar a conexão entre imagens e dados identificando interações e relacionamentos entre seus elementos. Realce pontos interligados que revelam relações intrincadas e interdependentes que ampliam a compreensão dos objetivos do estudo.

Aviso: Enfatize as relações complexas que surgem dessas conexões. Sua exploração pode revelar uma ligação não linear.

Lembrete: Usar esses pontos de convergência para criar uma síntese das narrativas, conceitos e perspectivas descobertas em sua investigação. Isso ajudará a criar uma visão geral do que você estudou.

Etapa 9: Construção da Terceira Realidade

A partir da análise de imagens e confluências identificadas, trabalhamos com o conceito de Terceira Realidade, um espaço conceitual que transcende a dicotomia e oferece uma compreensão mais ampla e inclusiva do objeto de estudo; vai além dos paradigmas convencionais. Ênfase nas perspectivas marginalizadas e nas epistemologias do Sul que visam a criação de espaços inclusivos e transformadores para a ciência decolonial.

Este é um momento de criatividade e síntese à medida que você rompe as divisões convencionais. e cria um espaço conceitual inclusivo e transformador.

Aviso: Sua Terceira Realidade depende da análise aprofundada das imagens dos dados e dos pontos de convergência que você identificou. Este será o alicerce sobre o qual você edificara este novo espaço de compreensão. Priorizar as perspectivas marginalizadas e Epistemologia do Sul - Agora é a hora de abraçar vozes negligenciadas e descobrir formas alternativas de conhecimento e compreensão.

Lembrete: A criação da sua terceira realidade deverá expandir e aprofundar a sua compreensão dos objetivos educacionais. Explore como os diferentes elementos deste espaço interagem, revelando conexões e padrões que antes não eram visíveis. Este é o momento de mostrar sua criatividade e originalidade. Usar metáforas, analogias e imagens poderosas para pintar um quadro vívido da Terceira Realidade que você está evocando.

Etapa 10: Propostas de Alternativas e Transformação

A partir da Terceira Realidade, proponha alternativas e possibilidades de transformação. Considere como as alternativas que se revelaram em sua investigação podem contribuir para uma abordagem mais cosmológica e sensível para todos.

Aviso: Reflita em como os resultados da sua investigação podem estimular a inovação e abrir novas oportunidades. Estas opções fogem às normas convencionais. E como introduzir novas abordagens? Sua proposta deve levar em conta não apenas mudanças superficiais, mas também mudanças profundas e sistemáticas.

Lembrete: Ao propor alternativas, considere como possibilidades. Como sua proposta pode ser implementada no mundo real? Avalie o impacto potencial de sua

proposta. Como isso pode causar mudanças significativas nos objetivos do estudo e na forma como ele é percebido?

Etapa 11: Comunicação Visual e Narrativa - Apresentação dos Resultados

Crie narrativas visuais que comunicam suas análises, interpretações e considerações de maneira convincente. Usar fotos, diagramas e imagens para ilustrar suas expedições e descobertas.

Elabore um artigo de pesquisa que apresente os resultados de maneira clara e convincente. Componentes visuais como imagens e mapas devem ser aplicados para transmitir a complexidade da realidade descoberta. Enfatize a importância da terceira realidade e das alternativas expostas.

Aviso: Se a sua pesquisa envolve imagens, geografia ou espaço, utilizar imagens e mapas para transmitir a complexidade da realidade que você está explorando. Isso ajudará seu público a compreender visualmente as conexões e interações que você se encontra.

Lembrete: O relatório deve destacar a importância da Terceira Realidade como um quadro conceitual que expande a compreensão tradicional. Verbalizar o valor das alternativas que você propôs e como elas têm potencial para provocar transformações positivas. Considere adaptar suas comunicações visuais e narrativas para diferentes públicos. Seu relatório poderá ser lido por colegas acadêmicos, profissionais da área e por público em geral. Se você apresentar seus resultados oralmente ou em uma apresentação ao vivo, considere incorporar elementos criativos, como vídeos ou demonstrações visuais interativas.

Etapa 12: Reflexão Crítica

Na Etapa 12 de sua pesquisa, se trata do olhar para trás e para frente: a Reflexão Crítica da crítica realizada por você é um momento de avaliação e aprendizado. Se trata de uma análise introspectiva de crescimento pessoal como pesquisador e orientações para outros pesquisadores. Algumas orientações para essa análise introspectiva:

- Análise da Metodologia da Cartografia Imagética: Dedicar uma parte do seu relatório a uma análise crítica dos métodos da Cartografia Imagética

que você implementou. Discuta seus pontos fortes e desafios. Identifica as limitações que você encontrou ao longo do processo e como você as superou ou se adaptou.

- Lições Aprendidas: Compartilhe as lições que você aprendeu ao aplicar a metodologia da Cartografia Imagética. Quais são os pontos mais importantes que você auferiu ao usar esse método? Como isso ajuda você a entender os objetivos do estudo?
- Melhorias Futuras: Sinalize possíveis melhorias para utilização do método da Cartografia Imagética em pesquisas futuras. O que você gostaria de ter feito diferente? Como esta metodologia pode ser melhorada para maximizar seus benefícios?
- Contribuição da Abordagem Sensível: Reflita em como a abordagem sensível influenciou sua investigação. Como isso melhora sua percepção e compreensão? Discuta como as experiências imersivas influenciam a forma como as terceiras realidades são criadas.
- Transformação Pessoal: Explore como a criação da terceira realidade afeta sua perspectiva como pesquisador. Como essa jornada mudou sua perspectiva sobre a investigação, o conhecimento e o papel dos pesquisadores.
- Enriquecimento da Compreensão: Discuta como uma abordagem afetuosa e a construção da terceira realidade contribuem para uma compreensão mais profunda e abrangente dos objetivos do estudo. Como esses elementos tornam sua exploração significativa?
- Vínculo com a Transformação: Vincule seu pensamento crítico às sugestões e mudanças alternativas expostas anteriormente. Como é que os seus pensamentos influenciam a visibilidade da implementação alternativa proposta?
- Abertura para o Futuro: Ponha fim às suas deliberações críticas com um guia para o futuro. Como você planeja aplicar o que aprendeu nesta pesquisa em seus futuros empreendimentos acadêmicos ou profissionais?

É uma oportunidade de olhar para trás com olhar crítico e para frente com senso de crescimento. A sua reflexão crítica não só valida o trabalho que realizou, mas também fornece informações preciosos para pesquisas futuras e para o seu desenvolvimento contínuo como pesquisador.

Etapa 13: Continuidade e Aplicação - Exploração de Interdisciplinaridade

Esta fase final da investigação abrirá portas à colaboração e à expansão do conhecimento, mas é também um momento de continuação e aplicação, bem como de um novo começo.

Explorar a interdisciplinaridade é uma oportunidade de olhar além dos limites de sua própria pesquisa e como ela pode impactar outros campos. Neste processo, você se torna um catalisador para a sinergia de múltiplas ideias e abordagens.

Algumas orientações nessa fase:

- Continuidade e adaptação: Considerar como outros investigadores podem continuar ou adaptar a sua investigação em diferentes contextos e campos. Defina aspectos chave dos aspectos essenciais da Metodologia da Cartografia Imagética que podem ser aplicadas a outros estudos e amplia o conhecimento de forma cosmológica.
- Pesquisa interdisciplinar: Analisar como a Metodologia da Cartografia Imagética pode interagir com outras disciplinas. Identifique os pontos de conexão entre sua abordagem e vários campos de estudo ao avaliar como sua pesquisa pode se beneficiar da pesquisa interdisciplinar.
- Enriquecimento de conhecimento: Considerar como a aplicação de metodologias de Cartografia Imagética num contexto interdisciplinar pode enriquecer o conhecimento em todas as áreas relevantes. Uma abordagem afetuosa e a introdução de uma terceira realidade podem ajudar a compreender diferentes áreas.
- Promover a colaboração: Pense em como a sua investigação pode promover a colaboração entre diferentes disciplinas e conhecimentos. Como pode a metodologia da Cartografia Imagética ser um ponto de

encontro entre pesquisadores de diferentes disciplinas, promovendo a troca de ideias e a criação conjunta de conhecimento?

- Pontes conceituais: Identificar conceitos ou referenciais teóricos que possam servir como pontes entre a metodologia da Cartografia Imagética e outras metodologias. Como a colaboração de diferentes perspectivas pode levar a novas descobertas e entendimentos?
- Potencial de Impacto: Analisar o potencial de impacto a partir de uma abordagem interdisciplinar baseada a Metodologia da Cartografia Imagética. Como podem os problemas complexos ser abordados de forma mais abrangente e eficaz do que caminhos isolados?
- Promova o diálogo: Reflita em como você pode promover o diálogo entre pesquisadores de diferentes áreas. Isto pode incluir a organização de seminários, conferências ou outros eventos que promovam a troca de conhecimentos e experiências.
- Desafios e oportunidades: Esteja ciente dos desafios que podem emergir ao explorar estudos interdisciplinares, como barreiras linguísticas ou diferenças de abordagem. enquanto isso sinalize as oportunidades que esta colaboração traz.

É preciso pensar além do âmbito da própria investigação e encorajar uma abordagem mais aberta, colaborativa e interdisciplinar. Ao explorar como a Metodologia da Cartografia Imagética pode enriquecer diferentes campos e facilitar diálogos entre diferentes tipos de conhecimento, você contribui para um cenário de pesquisa mais rico e conectado.

Considerações Finais:

A Metodologia da Cartografia Imagética oferece uma abordagem única e poderosa para o estudo de muitos campos da ciência. Ao explorar as dimensões sensíveis e imagéticas, os investigadores têm a oportunidade de descobrir conexões profundas, superar dicotomias e propor alternativas transformadoras, contribuindo para uma compreensão mais ampla e cosmológica dos temas de investigação.

Compreender a profundidade das etapas deste manual requer uma apreciação da importância dos conceitos básicos nos quais ele se baseia. Esses conceitos não são meras palavras, mas guias para ampla e rica compreensão que a metodologia

oferece. Não pense com regras, normas ou conceitos no sentido estrito da palavra, mas com gatilhos de memória.

Principalmente quando falamos de:

1. Ciência Decolonial

A ciência decolonial é um lembrete constante de que a procura de conhecimento não deve limitar-se a nenhum ponto de vista. Permite-nos desafiar as restrições que desintegrar disciplinas, culturas e perspectivas. Cada passo deste manual convida-o a tornar-se um agente de mudança, um agente de decolonização que vê além das linhas traçadas e desafia as estruturas que lhes são impostas.

2. Arena JAM

A Arena JAM é um lugar onde a colaboração prospera e o conhecimento se combina para criar algo novo e incrível. Em cada etapa, imagina um diálogo entre diferentes pontos de vista enquanto os músicos/pesquisadores e outros envolvidos improvisam. A Arena JAM incentiva a sinergia entre o conhecido e o desconhecido, empatizando com a exploração de todas as conexões.

3. Terceira Realidade

A terceira realidade é o horizonte onde todas as imagens percepções e significados se misturam numa sinfonia harmoniosa. É uma área onde a polarização é quebrada e timbres abafados ressoam. Reconhecer a Terceira Realidade é acolher uma nova visão da interligação de todas as coisas. Neste manual, isso se reflete em cada etapa, lembrando-o constantemente de considerar tanto o todo quanto as partes.

4. Confluência de Saberes

A Confluência de Saberes é uma rede que conecta experiências, tradições e formas de compreensão. A cada passo, a Cartografia Imagética se esforça para abraçar essa diversidade. Convidando você a trabalhar nesta rede à medida que avança. Confluência de Saberes não é apenas um ideia é a prática de se conectar continuamente com as sabedorias. Combinando fluxos de experiência para criar conhecimento verdadeiro e completo.

5. Decolonial

O termo decolonial refere-se a ampla abordagem teórica que criticou a estrutura de poder colonial e examina como o colonialismo afeta a sociedade moderna. Isto envolve estudar como as ideias, o conhecimento, a cultura e as estruturas sociais foram moldadas por colonialismo. E como essas influências persistem na dinâmica moderna. A perspectiva decolonial é aplicável em áreas como conjectura política, epistemologia, filosofia, estudos culturais e educação, o que pode influenciar a Cartografia Imagética. Os teóricos decoloniais realçaram a necessidade de atitudes descentralizadas da ideologia eurocêntricas e valorizaram o conhecimento e a experiência da cultura colonizada.

6. Comunicação Decolonial

Na Cartografia Imagética, a Comunicação Decolonial visa ir além das abordagens tradicionais de troca de informações, repensar o conhecimento liberal e redesenhar a terminologia que desafia as interpretações dominantes. Essa abordagem valoriza o conhecimento ancestral, transcendendo a simples transmissão de dados para se tornar uma resistência cultural. A comunidade é central, fortalecendo as ligações entre indivíduos e ambientes, enriquecendo a jornada coletiva com narrativas que preservam identidades e desafiam o colonialismo. A arte de contar histórias combina conhecimentos tradicionais e científicos para mudar a nossa compreensão da realidade valorizando a humanidade através da expressão estética. Uma estratégia fundamental é a "guerra das denominações" proposta por mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos que utiliza conhecimentos antigos para reinterpretar conceitos científicos para erradicar o domínio colonial da linguagem e do pensamento.

7. Imagem Decolonial

A Imagem Decolonial na Cartografia Imagética desafia as relações contemporâneos com as imagens, redefinido como uma forma de cognição e mudança. Ela rompe com o modelo colonial ao questionar e expor o quão poderosas são essas narrativas visuais decoloniais, com o objetivo de libertação através da reinterpretação, dando um novo significado às imagens. Conecta essas imagens às raízes culturais. e desafiando visões coloniais procura alterar a sua estrutura para quebrar as barreiras imposta pelas ideologias colonialistas ao criar uma visão inclusiva

e equitativa do universo. É uma discussão interdisciplinar de conhecimentos que promove a compreensão do significado político e cultural das imagens.

8. Escala Decolonial

No mundo da Cartografia Imagética a escala decolonial aparece como uma lente crítica, destinada a questionar e desconstruir hierarquias convencionais de importância atribuídas a diferentes elementos, perspectivas e contextos. Esta abordagem é inspirada na urgência da apresentação e na sua grande variedade. Ela lança luz sobre as complexidades ocultas da atribuição, marcos históricos, culturais e sociais são considerados pontos de referência. A escala decolonial visa redefinir prioridades dando visibilidade às vozes dos marginalizados. Contextualiza a gravidade da visão em diferentes contextos. e promover a apreciação da compaixão que está aberta o interpretações multifacetadas, aumentando ou reduzindo as perspectivas.

9. Coordenadas de Territórios

O conceito de Coordenadas de Territórios pressupõe a representação de pontos de encontro e interação no espaço-tempo. Estas coordenadas transcendem a mera localização física, abrangendo a complexidade das histórias individuais e coletivas, das experiências afetivas e das aspirações futuras. Reconhecem a importância da temporalidade, onde passado, presente e futuro se entrelaçam.

10. Agrimensor-Flâneur

O conceito Agrimensor-Flâneur combina as habilidades técnicas de um agrimensor com a perspectiva subjetiva de um flâneur em Cartografia Imagética. Esta fusão visa compreender cosmologicamente um ambiente, recolhendo dados técnicos e explorando os seus detalhes emocionais, sociais e culturais. Agrimensor-Flâneur vai além da resolução de problemas técnicos e interpreta o espaço de forma enriquecedora.

11. Compartilhante Cultural Comunitário

O Compartilhante Cultural Comunitário visa fortalecer a identidade cultural, promover a coesão social e enriquecer a experiência humana. A autenticidade é a força motriz, celebrando tradições, histórias e expressões artísticas que moldam a comunidade. Ao partilhar e colaborar, o Compartilhante Cultural Comunitário amplifica

as vozes dos grupos marginalizados, promove a inclusão e constrói um legado cultural duradouro.

12. Afeto Transformador e Inclusivo

O Afeto Transformador e Inclusivo é uma abordagem que busca criar mudanças positivas e inclusivas por meio de vínculos emocionais. Esta abordagem valoriza a diversidade e a colaboração como portais para uma transformação abrangente na sociedade. Ao unir diversas vozes, perspectivas e experiências, cria um mapa de mudança que transcende limitações.

Aviso Importante: Este Manual é uma Exemplificação – um modelo que pode ser reconstruído pela imaginação e criatividade de cada pesquisador, por despertar da curiosidade cada indivíduo.

É importante entender que este guia é um exemplo de como compreender a Metodologia da Cartografia Imagética. Esta abordagem não é uma sequência rígida de passos, mas sim um convite à exploração imaginativa e à criatividade. A Cartografia Imagética deve ser flexível, priorizando a representação de indivíduos e abrindo relações cosmológicas entre pesquisadores, observadores e os próprios objetos de estudo.

Dessa forma, a criatividade é a bússola, e a imaginação é o caminho. Sinta-se à vontade para sair do caminho e aceitar o inesperado. A Cartografia Imagética convida você a explorar com a mente aberta e o coração curioso.

Lembrete 1: Prioridade da Imaginação e Criatividade

A Cartografia Imagética enfatiza a liberdade de interpretação e a habilidade de adaptar-se ao inesperado. Os pesquisadores são encorajados a ir além dos limites admissíveis. Deixando a imaginação e a intuição conduzir o processo de pesquisa. A criatividade é a principal aliada para revelar perspectivas únicas e descobrir conexões notáveis entre imagens.

A Cartografia Imagética celebra a mente curiosa e a capacidade de ver além da superfície. É um convite para pintar com cores inusitadas e seguir caminhos desconhecidos. Deixe sua imaginação e criatividade guiá-lo ao embarcar nesta

jornada. Esses atributos enriquecem sua interpretação e revelam uma visão única e transformadora.

Lembrete 2: Uma Relação Humana Aberta e Cosmológica

A Cartografia Imagética não trata apenas das imagens em si, mas também da interação entre pessoas e elementos sensíveis. Incentivar uma ligação profunda com o objeto de estudo, uma compreensão da sua essência e do seu lugar no contexto mais amplo. A abertura para interações e visões de mundo são essenciais para abordagens autênticas e significativas.

É importante notar que a Cartografia Imagética vai além das próprias imagens. A dança das interações: o homem e o universo que o rodeia, o observador com o objeto, o pesquisador com o pesquisado. Isto é mais do que apuração de fatos. É um mergulho profundo na própria essência do cosmo. Aberto a qualquer conexão que o cosmo possa revelar. Observar como cada elemento se conecta e executa um padrão complexo de existência.

Consequentemente, ao seguir as etapas deste manual, tenha esses conceitos em mente. Estas são as cores de sua paleta. notas de sua melodia e pilares que sustentam a Cartografia Imagética. Abra-se para revelar significado e conexão. A amplitude das terceiras realidades, a energia da Arena JAM, a coragem da ciência decolonial. e a integridade da Confluência de Saberes, bem como outros conceitos e conhecimentos.

ANEXO B – "COM O CAPIROTO NA ENCRUZILHADA"

Título do Projeto de Pesquisa: "Com o Capioto na Encruzilhada: Uma Exploração Imagética da Vida e Legado de Robert Johnson"

Introdução:

O projeto de pesquisa deve aprofundar a compreensão da vida, da música e do legado deste lendário bluesman na abordagem da Cartografia Imagética. O título "Com o Capioto na Encruzilhada: Uma Exploração Imagética da Vida e Legado de Robert Johnson" abordando em seu núcleo a mística lenda de que Johnson teria feito um pacto com o diabo em uma encruzilhada para o seu conhecido e reconhecido virtuosismo musical. Através da Cartografia Imagética, esse projeto explorará a complexidade das experiências de vida de Johnson, sua contribuição para o gênero musical do blues e outros estilos além das implicações culturais que sua história de vida nos proporciona.

Objetivos:

Explora a vida e a história de Robert Johnson para compreender os fatores que moldaram sua música e visão de mundo.

Explorar a rica tradição e o significado cultural do blues, especialmente no contexto da história da escravidão e racismo.

Usar o conceito da Cartografia Imagética para fazer conexões entre experiências pessoais, a música de Johnson e aspectos sociais e culturais ocultos.

Analisar como a lenda do pacto com o diabo na encruzilhada é apresentada visualmente e como essa imagem influenciou a percepção de Johnson e sua obra.

Examinar o impacto duradouro de Robert Johnson na música, na cultura popular e nas controvérsias sobre identidade e autenticidade.

Metodologia:

Pesquisa Documental: Realizar pesquisas abrangentes em fontes primárias e secundárias sobre a vida de Robert Johnson, a história do blues e a cultura afro-americana.

Letras e análise musical: um estudo das letras e músicas de Robert Johnson para identificar temas, padrões e influências recorrentes.

Análise de Ilustração: Analisar a representação da lenda da encruzilhada. Incluindo capas de álbuns, ilustrações e outras formas de arte visual.

Usando conceitos da Cartografia Imagética: Usar os conceitos apresentados no manual de Cartografia Imagética para mapear as conexões entre a vida de Johnson, sua música e a história do blues, e aspectos culturais.

Etapas do Projeto:

Visão geral da literatura e do documentário: Reunir e analisar informações sobre a vida e obra de Robert Johnson, a história do blues e o contexto cultural da época.

Análise de letras e músicas: examinar as canções e letras de Johnson para identificar temas e elementos que reflitam suas experiências e perspectiva.

Análise Visual da lenda da encruzilhada: Investigar como a encruzilhada e o acordo com o diabo foram figurados visualmente e como essa representação influenciou a percepção do público sobre Johnson.

Usando conceitos de Cartografia Imagética: Mapear as conexões entre a vida de Johnson, sua música, suas imagens e ideias expostas no manual de Cartografia Imagética.

Análise interdisciplinar: explorando a interação entre a música, história cultura, visual e o conceito de imaginário para entender as diversas influências de Johnson.

Discussão dos Resultados: Analisar o conhecimento adquirido e discutir como uma abordagem de mapeamento visual melhora a compreensão do legado de Robert Johnson.

Relatório final detalhado: Escrever um relatório de pesquisa abrangente, apresentando resultados e conclusões.

Contribuição Esperada:

Espera-se que este projeto de pesquisa proporcione uma visão profunda e enriquecedora da vida do músico e do legado de Robert Johnson através de uma abordagem da Cartografia Imagética. Além disso, o projeto pode contribuir para controvérsias acadêmicas sobre o blues, a cultura afro-americana e métodos de pesquisa interdisciplinares.

Conclusão:

"Com o Capiroto na encruzilhada" vai além das narrativas tradicionais para explorar rica história e a influência duradoura de Robert Johnson. O método da Cartografia Imagética proporciona uma perspectiva inovadora que combina elementos musicais, culturais e visuais, oferecendo uma compreensão mais profunda e conectada de sua vida e legado.

ANEXO C – "A ORIGEM E DIVERSIDADE DAS ENCRUZILHADAS"

Título do Projeto de Pesquisa: "A Origem e Diversidade das Encruzilhadas: Uma Exploração Imagética do Estilo Musical do Blues"

Introdução:

O projeto de pesquisa proposto de investigação da origem, evolução e diversidades encontradas no estilo do blues para além das suas fronteiras reconhecidas do Mississipi. Por meio da passagem de som da Cartografia Imagética queremos encontrar as suas raízes e os outros lugares que o blues adentrou. O título "A Origem e Diversidade das Encruzilhadas: Uma Exploração Imagética do Estilo Musical do Blues" apresenta à concepção de encruzilhadas como pontos de encontro e interação, da fusão de influências culturais e musicais que deram origem ao blues e o seu desenvolvimento posterior. Através da Cartografia Imagética, esta parte de nossa breve coletânea de saberes pretendemos mapear as conexões entre diferentes manifestações do blues e suas implicações culturais.

Objetivos:

Explorar as origens históricas e culturais da música blues, com ênfase nas tradições africanas, da Diáspora Africana e cultura afro-americana.

Inspecionar a evolução do blues ao longo do tempo, desde as suas raízes nas plantações até à sua propagação por diferentes regiões e estilos.

Utilizar o conceito de Cartografia Imagética para mapear as interações entre diferentes subgêneros do blues, seus contextos e influências culturais.

Analisar como as imagens de encruzilhadas e lendas do tratado com o Diabo se relacionam com as narrativas e locuções do blues.

Metodologia:

Pesquisa Histórica: Realizar pesquisas abrangentes sobre as origens históricas e culturais do blues, incluindo a diáspora africana, plantações e movimentos migratórios.

Análise de estilo musical: analisar diferentes subgêneros e estilos de blues, como Delta Blues, Chicago Blues e Texas Blues, para identificar suas características únicas.

Mapeamento de Influências: Mapeamento das influências culturais, musicais e geográficas que moldaram vários estilos de blues usando uma abordagem da Cartografia Imagética.

Análise Visual: Inspeccionar a representação de mitos de encruzilhada e lida com o capeta no contexto da música blues, considerando capas de álbuns, ilustrações e outras formas de arte.

Etapas do Projeto:

Pesquisa histórica sobre as origens do blues: examinar a influência das tradições africanas, da diáspora africana e do contexto histórico no surgimento do blues.

Análise do estilo musical do blues: Identificar as características musicais distintas dos diferentes subgêneros do blues e suas conexões com a cultura e a história.

Mapeando Influências e Interações: utilizando a abordagem da Cartografia Imagética, mapeamos as influências culturais e musicais que dão origem a diferentes estilos de blues.

Análise Visual de Encruzilhadas: Analisar como as imagens de encruzilhadas e lendas do tratado com o Diabo são expostas visualmente em relação ao blues.

Integrando Resultados: Combinar o conhecimento adquirido para criar uma imagem completa das origens evolução e diversidade do blues.

Discussão e análise interdisciplinar: Discutir o significado cultural e histórico dos diferentes estilos de blues e das representações visuais que se cruzam.

Preparação do relatório final: Escrever um artigo de pesquisa que apresente resultados e análises que enfatizam as conexões entre os elementos que foram estudados.

Contribuição Esperada:

Este projeto de investigação contribui para uma compreensão aprofundada das origens, desenvolvimento e diversidade do estilo musical blues, bem como das suas relações com influências culturais e visuais. A abordagem da Cartografia Imagética

oferece particularidades inovadoras sobre a gênese do blues e seu significado cultural.

Conclusão:

"A Origem e Diversidade das Encruzilhadas" apresenta um estudo interdisciplinar do estilo musical blues. Mapeie as origens históricas ao evoluir com o tempo e interações culturais. Com a Cartografia Imagética, este projeto busca retratar as influências que moldaram o blues e suas correspondentes expressões musicais.

ANEXO D – "QUANDO DEUS SE PERDE NA ENCRUZILHADA"

Título do Projeto de Pesquisa: "Quando Deus se Perde na Encruzilhada: Uma Exploração Imagética da Carreira e Influência de Eric Clapton"

Introdução:

O projeto de pesquisa proposto visa explorar a carreira e a influência do guitarrista Eric Clapton por meio da perspectiva da Cartografia Imagética, nas suas contribuições e polêmicas. O título "Quando Deus se Perde na Encruzilhada: Uma Exploração Imagética da Carreira e Influência de Eric Clapton" é uma referência à imagem da pichação dos muros londrinos "Clapton is God" e dos momentos de sua história que acaba em polêmicas estranhas ofuscando o virtuosismo musical, a exemplo de sua negativa com as vacinas na pandemia do Covid. Claramente também faz referência as suas habilidades ao incorporar uma variedade de estilos musicais dentro de uma autenticidade única e por ser um filho do próprio colonialismo. Estaremos com ele em suas encruzilhadas durante essa jornada. A metodologia da Cartografia Imagética permitirá uma análise cosmológica das conexões entre a música, influências culturais, sociais, adensados com a sua evolução artística.

Objetivos:

Explorar a jornada musical de Eric Clapton, desde suas primeiras influências até sua carreira solo e colaborações com outros músicos.

Detectar como Clapton combina elementos de gêneros como blues, rock, pop e jazz em sua música.

Usar o conceito de Cartografia Imagética para correlacionar as influências culturais, musicais e pessoais de Clapton.

Analisar o significado da encruzilhada simbólica na carreira de Clapton. e como isso reflete suas escolhas artísticas.

Metodologia:

Pesquisa Biográfica: Realizar pesquisas aprofundadas sobre a vida e carreira de Eric Clapton, desde suas primeiras influências até o presente.

Análise Musical: Analisar as músicas mais representativas de Clapton para identificar elementos e influências musicais de diferentes gêneros.

Mapeamento de influências: Usar uma abordagem de Cartografia Imagética para mapear as influências culturais, musicais e pessoais que moldaram a música de Clapton.

Análise de encruzilhada simbólica: Explorar o uso de encruzilhadas simbólicas em sua música e carreira. Explorar o relacionamento deles para encontrar autenticidade.

Etapas do Projeto:

Pesquisa biográfica e identificação de influências: explorando as influências musicais e culturais que moldaram a trajetória de Eric Clapton.

Análise Musical do Repertório Selecionado: Análise de canções específicas em diversas fases da carreira de Clapton para identificar elementos musicais distintivos.

Mapeando interconexões: usando uma abordagem cartográfica de imagens para mapear influências e interações entre diferentes estilos e estágios de carreira.

Análise Simbólica de Cruzamento: Aprenda como Clapton usa símbolos de encruzilhada em suas músicas e narrativas.

Discussão Interdisciplinar: Discutir as implicações culturais e artísticas das escolhas musicais e simbólicas de Clapton.

Contribuição Esperada:

Este projeto de pesquisa proporcionará uma compreensão mais profunda da carreira de Eric Clapton, suas influências musicais e culturais e como ele combina influências para sua música. Como a Cartografia Imagética irá melhorar a análise de sua imagem de carreira.

Conclusão:

"Quando Deus se Perde na Encruzilhada" oferece uma análise abrangente da carreira de Eric Clapton, explorando suas influências, seleção musical e símbolos atravessados. Uma perspectiva da Cartografia Imagética explora em profundidade as conexões entre sua música, atividades criativas e seu envolvimento no cenário musical global.

ANEXO E – "A ALMA NA ENCRUZILHADA"

Título do Projeto de Pesquisa: "A Alma na Encruzilhada"

Introdução:

O projeto de pesquisa "A Alma na Encruzilhada" tem como objetivo explorar a jornada do pesquisador na Cartografia Imagética. Nosso produtor e pesquisador, que igualmente se torna o próprio objeto de pesquisa é o Agrimensor-Flâneur, trabalhando na cartografia de sua própria identidade e existência. O título vai dar o tom ao trabalho na reflexão e busca interior por compreensão e autenticidade, enquanto é guiado pela própria metodologia da Cartografia Imagética na investigação da complexidade e interconexões que constituem a essência do pesquisador.

Objetivos:

Explorar a jornada pessoal do pesquisador como Agrimensor-Flâneur, transformando suas aptidões técnicas e perspectivas subjetivas no reconhecimento de sua própria identidade.

Explorar as influências, experiências e reuniões que moldam os pesquisadores como indivíduos e cientistas.

Usar os princípios da Cartografia Imagética para mapear as interseções emocionais, culturais e pessoais da jornada de um explorador.

Analisar o impacto dos próprios estudos de história na formação de identidade, conhecimento e visões de mundo.

Metodologia:

Autoexame reflexivo: analisando suas próprias experiências, influências e mudanças ao longo da vida.

Entrevistas Auto etnográficas: Realize entrevistas etnográficas autoguiadas para capturar as histórias e memórias que moldam a personalidade do pesquisador.

Mapeamento de encruzilhadas: Usar os princípios da Cartografia Imagética para mapear pontos de decisão, influências e mudanças na vida dos exploradores.

Análise Narrativa: As narrativas coletadas são analisadas para identificar padrões, significados subjacentes e conexões entre diferentes fases da vida.

Integração com conceitos de imagem: Relaciona as experiências pessoais do pesquisador com os conceitos e princípios apresentados em ambas as partes do manual.

Etapas do Projeto:

Auto exploração reflexiva: conduzir explorações aprofundadas de suas próprias memórias, experiências e influências que moldam sua jornada pessoal.

Coleta Narrativa: Guiar uma entrevista autoguiada para reunir histórias e memórias significantes da vida do pesquisador.

Mapeamento de interseção: Usar uma abordagem de Cartografia Imagética para mapear momentos, influências e mudanças decisivas.

Análise e reflexões: Analisar histórias selecionadas e mapas de encruzilhadas para encontrar padrões conexões e significados.

Integração e vinculação a conceitos: Vincular a experiência pessoal do pesquisador aos conceitos apresentados na Cartografia Imagética.

Discussão reflexiva: Refletir sobre o impacto da pesquisa na compreensão pessoal da identidade, propósito e jornada de vida.

Contribuição Esperada:

Este projeto de exploração leva a uma compreensão mais profunda do pesquisador como Agrimensor-Flâneur, em busca de autenticidade e compreensão pessoal. A aplicação dos princípios da análise reflexiva da Cartografia Imagética proporciona saberes sobre a formação da identidade e a relação com o mundo.

Conclusão:

"A Alma na Encruzilhada" propõe uma exploração pessoal e introspectiva da trajetória do pesquisador, utilizando a abordagem do Agrimensor-Flâneur e os princípios da Cartografia Imagética. Esta investigação provê saberes únicos sobre os relacionamentos que constituem a personalidade de um pesquisador e a relação entre essas conexões e o mundo exterior.

ANEXO F – MANIFESTO DA ENCRUZILHADA

A primeira página permanece em um estado vívido do puro vazio, é o nada aguardando ser preenchido por realidades cheias de existência, esperando que dela cruzem as palavras do seu Manifesto da Encruzilhada. Essa tarefa é um convite à partilha de experiências, uma jornada de compartilhamento nas diversidades.

É o surgimento de um universo livre de toda forma de exploração, de preconceitos, desigualdades e violências. É a singularidade do nada esperando que você faça algo de sua energia empoderada. Que a unidade das vozes não mais silenciadas, dos corpos não mais escravizados, e da consciência não mais alienada, em sua densidade e calor como a explosão do Big Bang, vai expandir infinitamente no espaço-tempo e energizar o mais puro afeto por tudo e por todos.

O vazio absoluto, o NADA, representa a encruzilhada primordial, o ponto de partida de toda a existência. A partir da decisão essencial desse vazio, emergimos, nos transformamos em seres existentes e nos confrontamos com inúmeras encruzilhadas ao longo de nossa jornada. Assim, tornamo-nos entrelaçados com o começo, o meio e o desfecho de tudo o que existe.

Nessa trajetória assumimos uma responsabilidade que se estende além de nossa própria existência. Construimos não apenas nossa vida, mas também influenciemos o destino do universo. Cada escolha que fazemos ecoa por todo o cosmo, conectando-nos intimamente com o pulsar do início e a cadência do fim. Somos, assim, melodias de um legado cosmológico, atores da narrativa abrangente da realidade.

O espaço vazio, aberto como um céu em que as tintas da sua escolha podem livremente pintar, é onde você se encontra diante da sua própria encruzilhada. É a sua voz que irá moldar as palavras sobre essa tela, seja com a tinta da escrita, os traços do desenho ou as inovações da mente. É como escutar a bela canção de Toquinho, “Aquarela”, e a criança curiosa, imaginativa e criativa que habita todos vai transformar como mágica o universo em diversas encruzilhadas de brincar de ser esperança. Sem medo e preconceitos, é a criança, é o próprio universo.

O primeiro e único monstro que ela pode encontrar nesta encruzilhada é o adulto que vai se transformar. Entretanto esse encontro pode ser evitado, esse medo pode nunca existir, basta pensarmos nos caminhos de nossas encruzilhadas, nos tornando seres de pura afetividade.

Nas encruzilhadas encontraremos outras crianças com quem iremos brincar, cantar e dançar, somos seres compartilhantes e fraternos. Vamos utilizar desse poder fraternal para nos proteger dos monstros que podem aparecer.

Cada indivíduo na encruzilhada detém a responsabilidade de revelar o que traz em seu coração e qual legado aspira deixar tanto para si quanto para os seus e para a comunidade que o cerca.

Você decide como vai compor o seu universo, a sua realidade compartilhada, quais são as cores de sua tela, quais detalhes vão ser evidenciados.

As cores deste manifesto foram dadas pelas memórias e imagens sonoras na representação das composições musicais, na construção de significado, reflexão e transformação social. Inspirado nos conceitos da Cartografia Imagética, esse manifesto visa transcender as fronteiras da linguagem escrita e visual para expressar ideias, emoções e perspectivas por meio da linguagem universal da música.

Se abra nessa jornada para escutar os sons do universo que vibram em ondas de liberdade desta escrita como um gatilho de memória das notas a vibrar.

Infelizmente encontramos muitos monstros em nossa jornada escondidos em encruzilhadas e, em outros momentos, até achando que são detentores delas.

A posse de algo é a usurpação da alma, da liberdade, e nisso eles são mestres.

A inspiração na criação deste manifesto, fervilhando a curiosidade para a encruzilhada e que se mostrou uma conexão com a própria existência, foram os ensinamentos de "Cross Road Blues". Uma das músicas emblemáticas do lendário músico de blues Robert Johnson, gravada em 1936. Uma canção que parece ser sombria, enquanto ela nos chama para lutar. Apresenta uma rica mistura de elementos líricos e musicais ao estilo de Johnson e do blues em geral.

"Cross Road Blues" de Robert Johnson narra a história de um homem que está na encruzilhada da sua vida, enfrentando dificuldades, medos e angústias. Lamentando a perda de sua amada e implorando encontrar uma saída para suas dores.

A encruzilhada que em nosso imaginário pode ser construído erroneamente e de forma preconceituosa por um mito infernal, aqui a encruzilhada ganha outros contornos, é utilizada como símbolo de decisão, de escolhas e experiências.

Para compor o ambiente deste mito enraizado, até brinco como se fosse um pacto com o diabo em troca de habilidades musicais excepcionais, onde o herói das

guitarras vai nos salvar do sofrimento pessoal, quem sabe nos permita a redenção e a jornada sem igual com o misterioso encontro com o sobrenatural.

O misticismo em torno da encruzilhada não é algo novo, se encontra presente em muitas realidades na diversidade que é o ser humano. A aura misteriosa em torno da lenda de Johnson faz de "Cross Road Blues", e de tantas outras de suas canções, um ponto de referência na cultura musical. A ideia de vender a alma ao diabo em uma encruzilhada é, que pode ser um mito ou não, depende de sua crença, profundamente enraizado, foi reinterpretado e incorporado em muitas outras obras de arte ao longo dos anos.

O pacto com o diabo na encruzilhada é um elemento central nessa música e em tantas outras. Segue a receita de um indivíduo que parece estar disposto a fazer qualquer coisa para superar suas dificuldades, incluindo a lenda de trocar sua alma por habilidades musicais excepcionais. Isso reflete a concepção de que a encruzilhada é um lugar onde o sobrenatural e o profano se encontram, e onde decisões transcendentais podem ser tomadas.

Confesso aqui uma profunda curiosidade em vivenciar o ritual da encruzilhada, não tanto por interesse na venda da alma em troca de benefícios, gosto das minhas limitações e vulnerabilidade, fazem de mim aquilo que sou. Gostaria de ir até a encruzilha e brincar de pacto por fascínio de uma experiência tão singular no imaginário. Embora mantenha ceticismo quanto a resultados tangíveis, aventurar-me-ia nesse feito apenas se o diabo, com toda a certeza, até como um pré-contrato para não tentar me enganar, concordasse em fornecer um orçamento prévio sem qualquer prejuízo.

Não quero ser tolo de perder algo que não sei como entregar e muito menos onde ir buscar. A convicção absoluta parece ingênua. A única certeza genuína de que carrego é a habilidade de questionar minhas próprias crenças, verdades e até mesmo a suposta realidade que vivo, que por si só, é uma crença. Contemplando essa aliança e considerando esse possível pacto com o diabo e a alma, o preço parece excessivamente alto para pagar meramente por capricho e curiosidade pessoal.

Nas encruzilhadas da vida as mesmas complexidades surgem — as indagações, as incertezas. Entretanto, aqui não se trata de escolhas do pagar para ver, como consumir um cigarro e um belo trago na esperança de não ficar doente, mas sim das inevitáveis consequências de cada jornada individual.

Até que ponto, durante esses momentos capitais, comprometemos nossas almas? Quem, de fato, arca com tal preço? Quantas almas prejudicamos ao nos tornarmos mediadores de seus destinos?

É uma obrigação refletirmos sobre essas escolhas, considerando o custo que outros podem pagar em nosso nome. De maneira equivalente, é imperativo valorizarmos nossa própria vida, alma e consciência. Assim como me sinto acuado a evitar estar na encruzilhada por um mero jogo de pactos, devemos ponderar não apenas a brincadeira, o momento prazeroso que podemos nos encontrar, mas as implicações para além dela.

A encruzilhada como uma metáfora para os momentos essenciais da vida, onde escolhas importantes devem ser feitas, local onde se enfrenta uma decisão importante, refletindo as escolhas que se precisa fazer para superar seus desafios. São momentos que escutamos vozes questionando tudo o que acreditamos, é a nossa consciência, uma voz única como a de Robert Johnson, em um som estarrecedor como eram os toques de seus dedos nas cordas do violão.

Não é o inferno que nos convoca a esta coordenada de território da encruzilhada, não é o diabo que fala, salvo ele sendo nós, mas sim a nossa própria consciência perante a responsabilidade que carregamos com o universo. É essa mesma consciência que nos demandará algo e que nos privará da paz em uma escolha impulsiva, impensada.

Dentro dessa perspectiva, é a sua própria consciência que pode assumir a forma de um demônio interior capaz de privá-lo de tudo que possui, inclusive a liberdade dentro de sua própria consciência. Na pior das prisões você vai estar ao lado de sua liberdade sem nunca poder alcançá-la.

Por quantas vezes não escutamos nas encruzilhadas a vocalização de nossa consciência que era de Robert Johnson, de um timbre vocal profundo, transmitindo melancolia e intensidade as paixões, que vão se transformando em uma voz angelical áspera, poderosa, autêntica, mas repleta de sofrimentos e tristezas, como era a exuberância autêntica e cativante de Billie Holiday.

Quantas vezes escutamos Billie cantando “Strange Fruit” e fingíamos não entender do que se tratava? Quantas vezes a censuramos? Quantas vezes permitimos que essa música fosse a pura representação das opressões e discriminações nas epistemologias do Sul e não fizemos nada? Ou pior, nos tornamos os agressores, os consumidores deste estranho fruto?

"Strange Fruit" é uma das canções icônicas e poderosas do repertório de Billie Holiday, e que em um mundo perfeito nunca deveria ter existido, sequer deveria ser imaginada. Escrita por judeu, Abel Meeropol, e popularizada por Holiday em 1939, a música aborda a terrível realidade do linchamento racial nos Estados Unidos durante a era da segregação racial. Uma era que parece se estender até os dias atuais.

A canção é notável na tristeza por sua letra evocativa e impactante, que compara os corpos pendurados das vítimas de linchamento a "frutas estranhas" balançando nas árvores, onde eram penduradas depois de mortas como publicidade de um sistema segregador e opressor. Um sistema que segregava e oprimia a própria cantora e seu compositor, que amarrava as mãos dos músicos que ousavam tocar suas notas.

A metáfora visual e emocionalmente intensa criada pela letra serve como um protesto poderoso contra a brutalidade racista e, uma crítica à injustiça racial e social que prevalecia na época, que por mais estarrecedor que pareça ainda ocorre atualmente. Por mais que as pessoas supliquem nas encruzilhadas a invisibilidade destes fatos em troca de suas almas, a perda da própria consciência para não sofrer por fruto estranho que estão devorando.

Por mais que feche os olhos e tampe seus ouvidos, eles ocorrem, corpos são violentados, gritam e suplicam contra esse sofrimento, e somos culpados disso, ainda mais quando tentamos esconder essa triste realidade.

A imagem das frutas estranhas penduradas nas árvores é mais do que uma metáfora, é o retrato cru e perturbador dos linchamentos que assolava a comunidade negra. A letra provoca um profundo desconforto, forçando o ouvinte a enfrentar a realidade horripilante de corpos pendurados, vidas ceifadas pela intolerância e por racismo.

A coragem de Holiday em dar voz a essa mensagem, em confrontar diretamente os horrores do linchamento, é um testemunho da música como instrumento de mudança e resistência. Coragem que todos nós devíamos ter, a coragem de uma criança que está iluminando com todo seu afeto o ponto mais sombrio e escuro do universo.

"Strange Fruit" de Billie Holiday é muito mais do que uma música, é um poderoso manifesto contra o racismo, a violência racial e a injustiça social. Sua mensagem continua a ressoar ao longo dos anos como um lembrete sombrio da

história que insiste em ser reescrita a cada dia, é como um apor à justiça e à empatia que não parece estar sendo escutado, e pior, tentamos silenciar.

Cada nota é um eco da luta pela dignidade humana e uma rejeição feroz à desumanização que tanto queremos impor com a nossa estranha racionalidade. À medida que os anos passam "Strange Fruit" permanece como um lembrete solene de corações que tanto já sofreram de que a luta pela justiça, fraternidade e equidade é uma jornada coletiva. Que a música, com sua capacidade única de tocar os corações, as mentes na profundidade do que chamamos de alma, tem o poder de acender a chama da revolução.

O cenário sombrio e angustiante onde corpos negros pendem nas árvores como frutas estranhas são imagens que podem ser vistas como uma encruzilhada tanto para as vítimas do linchamento quanto para a sociedade como um todo. A sociedade é confrontada com a escolha de olhar para esses corpos e reconhecer a terrível injustiça ou virar o olhar dessas dores e perpetuar a indiferença. É a nossa empatia afetuosa que vai retirar essas pessoas das árvores e nunca mais vai permitir que sejam colocadas lá.

Esses frutos estranhos, são antes belas flores que devem ter o direito de serem livres e decidirem os caminhos de suas encruzilhadas.

Para onde você está olhando? Você escolheu ser a corda que pendura os corpos ou a faca que os liberta ao cortar as cordas?

Queira ou não, já é tarde, infelizmente muitos frutos estranhos apodreceram pendurados nas árvores, mas suas sementes caíram no chão e geminaram. É a encruzilhada da memória, onde devemos lembrar e honrar essas vidas duramente perdidas, ao mesmo tempo em que nos esforçamos para que outras vidas não se percam neste fim cruel e sem nenhum sentido. Memória para criar um futuro verdadeiramente humano, cosmológico.

A metáfora das frutas estranhas penduradas nas árvores representa as vidas perdidas no bizarro racismo, como todos são e, ao mesmo tempo, a oportunidade de fazer uma escolha consciente para enfrentar o problema e lutar por igualdade e justiça.

Esse é o nosso tempo, a nossa encruzilhada.

Nessa encruzilhada a opção que se coloca diante de nós parece uma jornada simples para um ser humano, uma escolha óbvia. Mas será também tão direta para você?

É necessário reconhecermos a importância de enfrentar verdades difíceis e confrontar as injustiças em nossa sociedade prometendo ser corajosos defensores da igualdade e da justiça.

Realidades de verdades difíceis e tão atuais, que em meio a tantos choros e gritos por justiça, clamando por suas vidas, a voz da consciência ganha uma potência intensa, em um timbre rouco e forte. É a voz distinta da magnífica Elza Soares, capaz de expressar tristeza, raiva, alegria e desafio, tudo isso em uma única canção, em uma única nota cantada.

Cantando a música "A Carne" contextualiza definitivamente essa encruzilhada, representando os desafios, as escolhas e as lutas que a população negra enfrenta em um contexto de desvalorização, opressão e violência contra seus corpos e existência. A canção se torna um hino de resiliência e resistência e, um chamado à reflexão sobre como a sociedade pode superar suas próprias encruzilhadas e caminhar em direção a um futuro melhor.

A expressão "A carne mais barata do mercado é a carne negra" é um refrão poderoso e impactante, destacando como a população negra frequentemente é vista como descartável e de menor valor em muitos contextos sociais. De como os corpos foram transformados em mercadorias.

Essa afirmativa dos corpos como mercadorias dita o ritmo das encruzilhadas que muitos indivíduos negros enfrentam diariamente, obrigados a lutar por reconhecimento e igualdade em um sistema que historicamente os marginaliza. Uma população que sempre fez história enquanto enfrentava enormes desafios e resistindo à opressão.

A repetição insistente do termo "brigar" sugere nessa encruzilhada constantes desafios que precisam ser enfrentados. Isso ressalta a resistência contínua e a determinação para superar as dificuldades que estamos permitindo quando nos silenciemos, quando deixamos a comunidade negra entregue a própria sorte enfrentando esses problemas, que nós mesmos criamos e facilmente poderíamos solucionar. Basta empatia, somente precisamos explorar o mais belo sentimento do afeto por tudo e todos.

As dificuldades, humilhações, explorações dos corpos e almas que permitimos com o nosso silêncio que tanto outros diferentes corpos, na diferença das nossas igualdades, enfrentem sozinhos, é de uma covardia digna do pior que podemos ser.

"A Carne" é uma canção de chamada à ação disfarçada de poesia, de música. É uma exortação para que olhemos para além das aparências, para além das superfícies, e firmemos um pacto com a humanidade que nos une. O que será desta humanidade, um diabo ou um deus? Por que essas duas entidades não podem construir juntas algo verdadeiramente significativo?

É um convite para desafiar as estruturas de poder opressivas, para questionar as normas sociais que perpetuam a desigualdade e para cingir a empatia que nos torna verdadeiramente humanos.

Na empatia por tudo e todos, figuras distintas surgem em nossa frente, elas querem nos apoiar nas encruzilhadas, figuras como o distinto Angenor de Oliveira, mais conhecido como Cartola.

Chegando perto em um carisma sem igual, de uma autenticidade e humildade, com uma voz suave, melódica e emocional, nos abrilhanta com a sua canção "O mundo é um moinho".

A música na metáfora do moinho que simboliza a vida e suas adversidades. Do moinho como uma máquina que mói grãos para produzir farinha, que metaforicamente reflete a ideia de que a vida constantemente nos desafia e nos transforma, assim como o moinho transforma os grãos de trigo em algo novo.

Cartola nos adverte sobre as ilusões e enganos do mundo, que precisamos estar atentos, sermos prudentes, sugerindo que as coisas nem sempre são o que parecem. É preciso entender a cartografia da vida e seus diversos e possíveis caminhos. Também nos aconselha a não sofrer por amores perdidos, por afetos não correspondidos, pois o tempo cura todas as feridas. Essas memórias podem ser dolorosas, mas também podem ensinar lições valiosas.

A imagem do mundo como um moinho é a máquina que se coloca nas encruzilhadas da vida, onde as pessoas são confrontadas com escolhas que moldam seus destinos. O mundo é como um moinho que transforma e moe as experiências, ilustrando como a passagem do tempo e as escolhas moldam cada existência.

Assim como em uma encruzilhada, onde uma escolha pode levar a um resultado inesperado, a música diz que as escolhas se transformam em ações e essas têm consequências, não podemos nos esquivar delas. São experiências vividas ao longo do caminho, são lições valiosas que não devem trazer sofrimento.

Não existe amores perdidos e sim amores vividos, logo tem o seu valor e devem ser glorificados, basta dar tempo ao tempo e verá a beleza de tudo. Essas

experiências lhe tornam o seu maravilhoso ser que é hoje, suas cicatrizes são adornos de memória e de gratidão por toda cura.

O futuro pode e deve na realidade ser incerto, mas é importante enfrentar as encruzilhadas com coragem, sabedoria e muito afeto. Enfrentar com toda vulnerabilidade de um ser compartilhante, se entregando a novos amores, confluindo com os saberes de cada experiência.

Infelizmente alguns sofrimentos da vida são inevitáveis, toda escolha nos leva a perder algo que optamos por escolher naquele momento. Mas Cartola com toda sua sabedoria nessa encruzilhada nos pergunta se estamos construindo moinhos para gerar coisas novas e boas, ou estamos transformando esses moinhos em moedores de carne para alimentar os cães infernais que estão nos aprisionando?

Neste Manifesto a Ciência Decolonial é exaltada como um pensamento essencial na transformação da maneira como abordamos o conhecimento e como transformamos a nossa existência. Como utilizamos deste conhecimento para ressignificar esses moinhos.

É a lembrança constante que a busca por saber não deve estar restrita a uma única visão, um único caminho de pensamento. Em vez disso, a Ciência Decolonial nos empodera para questionar e ultrapassar as barreiras que delimitam disciplinas, hierarquias, culturas e perspectivas. Cada passo nessa encruzilhada lhe convida a se tornar um agente da mudança afetuosa, um protagonista da decolonização que vai romper com as fronteiras estabelecidas e desafiar as estruturas de poder.

Os moinhos, que sejam dragões por vezes, não devem nos aterrorizar, que seu fogo nos esquite, que suas asas nos permitam voar, sejam com for, são alternativas para a mudança.

Algumas vezes vamos ter que lutar com esses dragões, e em alguns momentos nestas batalhas estaremos “Sangrando” como na música de Gonzaguinha. Estaremos como uma ferida aberta, uma dor constante das aflições e os desafios que enfrentamos na vida. Momento que na encruzilhada nos lembra de buscar por significado e sentido na existência humana.

Não se surpreenda com suas lágrimas na encruzilhada, mas, em vez disso, cante sobre elas. A música é uma poderosa arma de libertação e expressão dos sentimentos mais profundos. Também não silencie as outras vozes, o canto do ouvinte é a força que o impulsiona a continuar cantando.

Se entregue por inteiro, se permita viver e permita que vivam, se permita ser livre. Sei que é difícil se colocar em posição de vulnerabilidade, é uma decisão emocionalmente profunda e arriscada, mas esse é um pacto que vale o risco. Que sejam escolhas conscientes para expressar suas emoções e compartilhar suas experiências, mas que seja você por inteiro. Essa escolha fundamental vai determinar a direção das suas outras encruzilhadas.

Busque entender a si mesmo e aos outros.

Não se "Cálice" já cantou e nos falou Chico Buarque e Gilberto Gil, e não "cálice" ninguém e muito menos que alguém seja calado pelas injustiças e preconceitos. Não se torne um governo ditatorial censurando e repreendendo as diferenças, tente criar uma harmonia na diversidade.

Uma encruzilhada também pode representar uma oportunidade de mudar de direção, abandonar um caminho conhecido e explorar novas possibilidades. "Cálice" pode ser interpretada como um chamado para uma transformação social e política, um apor para abandonar a opressão e abraçar a liberdade. A música encoraja a sociedade a repensar seu destino.

Enfrentar encruzilhadas muitas vezes envolve equilibrar esperanças e desafios, prometendo manter nossa fé mesmo em momentos difíceis, é o que escutamos na doce voz de Elis Regina, na canção "O Bêbado e o Equilibrista". O equilibrar-se na corda bamba é uma imagem poderosa da busca constante pela estabilidade em meio às adversidades. A presença da "linha do horizonte" sugerindo a ideia de um limite a ser ultrapassado.

Pensemos no bêbado retratado na música representando uma reflexão tardia, ou melhor, a representação de quem já sofreu muito, e o equilibrista simbolizando a coragem de agir de acordo com as convicções. É quando nos encontramos na corda bamba das encruzilhas e precisamos achar o ponto de equilíbrio para continuar a caminhada.

Por muitas vezes não fazemos nada, afinal, por sorte e privilegiados, não sofremos diretamente as consequências destas opressões, não são nossos corpos que estão balançando nas árvores, que estão sendo vendidos por nada no mercado, que são colocados em moedores de carne e que estão sendo torturados e mortos por poderes estranhos. Ledo engano, nessa batida musical, uma hora chega a sua vez ou vai assistir alguém que ama sofrendo essas consequências. Por isso é imprescindível amar e respeitar todos os seres, o seu silêncio só vai alimentar esse

sistema cruel, e uma hora vai lhe utilizar como combustível para sua máquina destruidora.

A quem no Brasil se silenciava com todas as desigualdades e explorações que ocorriam no mundo e por aqui, existiam aqueles que sussurravam nos ouvidos do inimigo, covardes, que se escondiam atrás de suas crenças e privilégios, que se negavam a ver esses corpos sendo massacrados, e que infelizmente ainda são, e você pode ser o próximo. Então chegou o vento gelado da encruzilhada do golpe de 64, e o silêncio de muitos nos aterrorizam até hoje.

Tanto nas canções “Cálice” quanto no “Bêbado e o Equilibrista”, como inúmeras outras, foram censuradas na Ditadura Militar. Muitas vozes foram silenciadas com suas línguas arrancadas, músicos, artistas, rebeldes, seres humanos foram ceifados, foram expulsos de sua pátria, e quando conseguiam sobreviver se encontravam dentro da sua própria casa na clandestinidade.

Manu Chao, em uma mistura única de estilos musicais, incluindo reggae, ska, rock, música latina e influências multiculturais, já nos alertava sobre isso na sua composição “Clandestino”. Neste sistema caótico todos nós seremos clandestinos em algum momento, estaremos fora de suposta e estranha convencionalidade sistêmica, e iremos sofrer as consequências. Não podemos permitir que isso ocorra nessa e em outras encruzilhadas.

Precisamos desafiar as estruturas estabelecidas e romper com esse conceito de poder opressor, contra esse colonialismo globalizado, o imperialismo que massifica e destrói tudo que é diferente. É necessário enfrentar essa encruzilhada, onde a decisão de seguir um caminho menos percorrido, com tantas armadilhas, buracos, pedras e a violência de um estado embrutecido pairando em cada esquina, lançando corpos aos guetos, pode ser desafiador e emocionalmente significativo.

Como a música de Manu Chao vamos nos misturar na Arena JAM enfatizando a importância de abraçar diferentes perspectivas e saberes. Seremos como músicos improvisando em uma jam session em um processo criativo de trocar ideias e construir algo novo com base nas contribuições de cada ser de afeto envolvido.

Uma visão compartilhada de inspiração coletiva, a Arena JAM visa a alimentar a sinergia entre o conhecido e o desconhecido para criar algo único e inovador, visando alternativas criativas e surpreendentes.

Ainda temos tempo para mudarmos, para salvarmos a humanidade diante de tantos sofrimentos, repressões e alienações, mas o tempo urge. Felizmente a vida ainda resiste, “o pulso ainda pulsa” como cantou os Titãs.

A vida está nos chamando à ação para que as pessoas questionem as normas sociais e busquem a verdade escondidas nas aparências. Da mesma forma como a canção "O Pulso" sugere que há uma tensão entre o que é esperado pela sociedade e a autenticidade individual. Essa tensão pode ser vista como um ponto de encruzilhada emocional, onde precisamos tomar decisões sobre como equilibrar as próprias necessidades com as expectativas sociais.

É o que escutamos na voz energizada e silenciada por uma triste fatalidade, Chico Science & Nação Zumbi, com a pancada musical "Da Lama ao Caos". O pulso do seu principal vocalista já sem vida, mas sua voz continua a pulsar em nossas encruzilhadas, nos lembrando que precisamos resistir e mudar.

Precisamos ser também como o movimento Manguebeat, que faz parte a música "Da Lama ao Caos", na concepção de promover a diversidade cultural, valorizando as raízes e tradições nordestinas enquanto abraçam influências globais, criando um espaço onde essas diferentes influências convergem.

A Terceira Realidade que tanto defendemos como a existência de tantas realidades ressoa na voz de Chico Science quando ele diz ‘Que eu me organizando posso desorganizar. Que eu desorganizando posso me organizar. Que eu me desorganizando posso me organizar’.

Na encruzilhada das possibilidades, erguemos a bandeira da Terceira Realidade - um horizonte onde as fronteiras entre imagens, percepções e significados desaparecem, dando origem a uma sinfonia harmoniosa, sem perder a liberdade das diferenças, sem perder a nossa individualidade. Essa barganha nunca deve ser realizada, seja qual encruzilhada for, nem por amor ou ódio.

Neste espaço transcendente, as dualidades que outrora nos dividiam cedem lugar a uma dança perfeita de equilíbrio, onde as vozes outrora silenciadas ressoam em plenitude.

Abrir-se à Terceira Realidade é abraçar uma visão renovada da interconexão que permeia todas as coisas. Este manifesto, esta bússola para nossa jornada, nos lembra a cada passo a importância de considerar o todo, bem como as partes que o compõem.

Nossa missão é desvelar os véus que obscurecem a verdadeira natureza da realidade. Nesse horizonte de convergência, as divisões entre mente e matéria, entre nós e os outros, entre passado, presente e futuro, desvanecem-se como neblina ao sol nascente. Somos convocados a ser os arquitetos desta revolução de consciência, a forjar conexões onde antes havia dor, onde antes havia somente a vontade da separação, da manutenção das desigualdades.

A Terceira Realidade é a sinfonia resultante da fusão de todas as notas, das histórias compartilhadas por ventos do tempo, das experiências humanas entrelaçadas. Aqui, não há espaço para a alienação, para o isolamento. A diversidade das vozes ecoa em uma única harmonia, ressoando em nossos corações como um chamado à unidade na diversidade.

Um sofrimento que devemos ter a consciência que existe e deve ser eliminado, e aqui que entra a nossa tolerância, sem nunca ser tolerante com o intolerante. Sofrimento e consciência ao ver a pessoa que amamos se afundando na lama, ou mesmo nós, em nossa alienação não percebemos que estamos lá ou pior nos tornamos a lama.

É quando escutamos na encruzilhada uma voz marcante e poderosa, em uma extensão vocal única, preenchendo todo ambiente, é Alcione cantando "Sufoco".

Problemas sempre vão existir, não se iluda com o seu fim. Relações humanas são complexas e difíceis. A letra de "Sufoco" retrata um relacionamento tumultuado e cheio de emoções intensas. A palavra "sufoco" é usada como uma metáfora para descrever a sensação de estar preso em um ciclo de amor e angústia. Alcione ao interpretar essa canção expressa sua dificuldade em lidar com os altos e baixos da relação, sentindo-se aprisionada por suas próprias emoções e o apego à pessoa amada. A canção captura a intensidade dos sentimentos e a complexidade das emoções humanas em um contexto de amor conturbado. A interpretação emotiva de Alcione dá vida à letra, tornando-a uma expressão poderosa da experiência humana no contexto de um relacionamento apaixonado e desafiador.

Que sejamos apaixonados e desafiados por amor que temos por outro, mesmo nas diferenças. Seja quem estiver errado não busque cancelar ou eliminar, busque iluminar seus caminhos, lhe mostre as alternativas, o guie por poder do afeto.

Seja você um porto seguro, mas lembre-se de nunca deixar na encruzilhada como barganha a sua individualidade, nunca perca a liberdade de ser por ninguém, por nenhuma causa.

Na encruzilhada defendemos a confluência de saberes - uma trama que entrelaça experiências, tradições e modos de compreensão. Em cada passo da jornada da Cartografia Imagética, nos esforçamos para abraçar essa rica diversidade, convidando-o a engajar-se nessa rede enquanto avança rumo à transformação.

A confluência de saberes não é apenas um conceito abstrato; é uma prática dinâmica, um dilúvio revigorante contra as correntes do colonialismo.

Não podemos agir na impulsividade com preconceitos e eliminações.

Nossa missão é dismantelar os alicerces do colonialismo que por tanto tempo moldaram nossas mentes e corações. Erguemos este ideal não apenas para reconhecer, mas também para celebrar a multiplicidade de vozes que ecoam através das culturas, tempos e geografias. Na confluência, encontramos nossa resistência, nosso poder de recontar histórias, de redefinir narrativas, de reivindicar o conhecimento que é nosso por direito.

A Confluência de Saberes é mais do que um mero conceito; é um chamado à ação constante. Cada escolha, cada decisão, é uma oportunidade para resgatar as verdades obscurecidas, para reconhecer as vozes silenciadas. Ao mergulhar na confluência de saberes, reconhecemos que nosso conhecimento não é uma ilha isolada, mas um oceano vasto, onde rios de pensamento fluem e se juntam, moldando as margens da nossa compreensão.

Obviamente a confluência de saberes deve ser criteriosa, suas individualidades devem ser preservadas ao mesmo tempo que não sejam fanáticos com os seus próprios ideais, o senso de justiça e equidade não podem deixar de existir. Se lembre que “toda forma de poder é uma forma de morrer por nada”, como cantou os Engenheiros do Hawaii

Existem vozes nas encruzilhadas que são estranhas, existem seres que vão querer lhe enganar. São seres que infelizmente ainda não se entregaram a jornada sem igual da vulnerabilidade do afeto. Algumas vezes prestaremos atenção a essas vozes e vamos perceber que elas não dizem nada que possam nos ajudar nas nossas lutas e na nossa liberdade. Repare que não são vozes, são sons sem nenhum ritmo ou beleza, estão mais para silêncios aterrorizantes ou sons da alma queimando.

As encruzilhadas muitas vezes simbolizam pontos em que escolhas importantes devem ser feitas na vida e também podem ser uma coordenada de território, de conflito e desacordo. Muitas vezes é necessário pensar nas opções

disponíveis e em si mesmo, e considerar a possibilidade de escolher caminhos alternativos no momento certo para a transformação.

As vezes precisamos nestas encruzilhadas parar, desacelerar, contemplar, recuperar as nossas energias, ter fé e esperança. Devemos as vezes ser como o peregrino da canção “Romaria” de Renato Teixeira, evocando sentimentos de busca espiritual, reflexão interior e conexão humana com o divino (seja ele qual for e como for).

Assim como na música "Romaria", onde o peregrino embarca em uma jornada em busca de conexão espiritual e reflexão, a encruzilhada também pode se configurar em uma jornada espiritual ou pessoal.

É a encruzilhada da fé na crença que tiver, que pode ser a fé em alguma divindade, na ciência ou no amor.

O peregrino nessa música está em busca do sagrado e significativo para o seu ser, enquanto diante da encruzilhada pode estar procurando orientação, clareza ou um sentido mais profundo da vida.

Admita não saber rezar, embora tenha fé, também devemos reconhecer as nossas limitações mesmo depositando nossa fé na sociedade decolonial. Mas, novamente, estejamos sempre alertas contra o nosso fanatismo.

Admita a sua ignorância e limitações, tenha fé na sua potencialidades, acredite na igualdade das inteligências.

Ao erguemos o ideal na encruzilhada da decolonização do conhecimento - uma jornada profunda para desvelar as raízes do pensamento que foram enterradas sob os escombros do colonialismo – recebemos o chamado à ação que transcende fronteiras e desafia as estruturas de poder que moldaram nossas realidades. Através desse olhar crítico, das músicas vibrantes, descobrimos como as sombras do passado ainda ecoam nas estruturas sociais da sociedade contemporânea.

A palavra decolonial abrange uma visão teórica que interroga os fundamentos do poder colonial, descobrindo verdades escondidas e explorando as especulações coloniais que continuam a afetar as nossas realidades. Esta abordagem obriga-nos a estudar profundamente como as ideias, os saberes, as culturas e as estruturas sociais são moldadas por colonialismo. E como essas influências ainda existem na nossa dinâmica atual.

Decolonial é a luta por todos com afeto.

Decolonial é mais do que um conceito, é uma lente através da qual podemos compreender a complexidade de nossas trajetórias e as batalhas que devemos travar. A decolonização do conhecimento nos desafia a explorar como a cartografia imagética é moldada por esses fluxos complexos e nos chama a questionar os fundamentos daquilo que consideramos certo e verdadeiro, até mesmo questionar o nosso próprio ser.

Nestes questionamento do nosso próprio ser, na encruzilhada que reencontramos a figura simpática de Cartola, que nos abrilhanta novamente com a sua voz em sua canção “Preciso me encontrar”. É a lembrança que devemos buscar autenticidade e autoconhecimento, entendendo que essa jornada é fundamental para a transformação pessoal e social. É a urgência de se encontrar para entendermos o nosso real valor em meio às encruzilhadas da vida.

A busca por se encontrar e entender a própria essência representa uma transformação pessoal, onde se transcende de velhas manias e se move em direção a um novo estado de consciência cosmológica.

Através das palavras nuas, das imagens reveladas, encontramos a sinceridade e aquilo que realmente somos. Seres compartilhantes e afetuosos, promovemos diálogos abertos e honestos, desafiamos as convenções para alcançar sempre um entendimento profundo e que confira significado a nossa existência.

Em uma encruzilhada para comigo e para o meio em que estou sei que sou latino, junto com Belchior transmito o meu sentimento de vulnerabilidade e ânsia por um significado na existência. Momentos que concordamos que um tango argentino as vezes é melhor que um blues.

Sabemos que as escolhas, da mesma forma que a vida, não são fáceis, mas a busca por compreensão e autenticidade é essencial.

As encruzilhadas frequentemente marcam momentos de transformação, se relaciona como um retrato de um momento de introspecção profunda, em um mergulho profundo nos sentimentos e na condição humana.

Celebramos nossas raízes latino-americanas, enriquecidas pela mistura de culturas e influências. Valorizamos a diversidade como nossa maior riqueza, rejeitando estereótipos e preconceitos. Inspirados, mesmo desconhecendo o estado que nos encontramos, estando Secos & Molhados, abraçamos a riqueza da diversidade cultural, entendendo que nossas origens diversas formam nas suas múltiplas coordenadas de territórios um espaço complexo que merece ser celebrado.

Nosso sangue latino também está na bela voz e nas performances de Ney Matogrosso, uma expressão de resistência e desejo por liberdade artística e pessoal.

À diversidade cultural da América Latina, uma região marcada por encruzilhadas de culturas, influências e tradições diversas, criando uma rica canção de identidades.

As vozes de seus povos, como em um coral, refletem essa diversidade ao explorar a conexão cultural e emocional entre nós. Celebramos nossas raízes compartilhadas em meio a essa encruzilhada cultural.

O canto que escutamos deste coral da diversidade é um chamado à resistência e à transformação da sociedade. A busca por liberdade e a afirmação da identidade cultural como um movimento de mudança em uma dupla encruzilhada, política e social.

Entre a língua portuguesa e espanhola de nossos colonizadores, entre o guarani, aymara, quechua e tantas outras linguagens da resistência, precisamos comunicar para nos reencontrarmos nessas raízes.

A comunicação decolonial é um apor à superação das limitações da simplicidade da transmissão de dados. É a busca pela resistência cultural onde o conhecimento dos antepassados se torna uma luz em um mundo que procura aprisionar o conhecimento.

Nesta abordagem, o valor da comunidade é central para um vínculo de conexões profundas entre indivíduos e o as coordenadas de territórios. Cada relato, cada história que foi contada enriqueça a viagem com narrativas que honram a nossa identidade e se posicionam ousadamente contra o colonialismo.

A arte de contar histórias revela-se como o abraço forte e caloroso que une os saberes de nossos povos e o científico que atravessou com as caravelas e percorrem as veias das redes sociais, criando uma relação única que remodela a nossa compreensão da realidade.

Nesta aliança não estamos apenas a ultrapassar os obstáculos criados por colonialismo, também afirmamos a nossa humanidade através da expressão estética do que fomos, somos e seremos. Na encruzilhada da comunicação decolonial, palavras, imagens e sons unem-se para criar um vibrante mosaico de conhecimento emancipador.

A principal estratégia utilizada é a "guerra das denominações" proposta por Mestre Quilombola Antonio Bispo dos Santos. Este é um convite ousado para

repensar ideias científicas utilizando conhecimentos antigos de nossas raízes. Estamos a recuperar os termos e definições moldados por colonialismo, transformando-os em ferramentas de empoderamento e libertação.

Nesta luta da encruzilhada, a linguagem e o pensamento são armas e nós, os guerreiros da comunicação decolonial, estamos determinados a abolir o domínio colonial sobre eles.

Mas que este orgulho latino não nos cegue, que não nos transforme em xenofóbicos para os outros povos, que não nos feche aos outros saberes e modos de vida. Se lembre que é tolo o fanático, é tolo por acreditar tão somente na sua verdade, que tenta aprisionar as outras verdades, as outras realidades.

É tolo por estar preso na própria ignorância e nela se reconfortar.

Na encruzilhada sempre devemos imaginar e reimaginar um mundo onde as fronteiras desaparecem, onde a paz flui com a liberdade e a humanidade vive em harmonia com o cosmo.

Uma inspiração em John Lennon e compartilhamento do sonho de um mundo sem divisões, onde nossas diferenças se unem para fomentar um futuro de compaixão, tolerância e amor. Ao som do piano que agora ressoa na encruzilhada, sempre "Imagine" este mundo.

Cantamos não só por nossos idealismos, mas pela harmonia de todos os vivos. Não existe paz e liberdade somente para alguns, ou ela é para todos ou não é. A paz, a fraternidade, a justiça são conceitos que não podem ser locais, é uma questão global, cosmológica.

Que seja uma visão utópica e idealista de um mundo onde não há fronteiras, religiões, possessões materiais ou divisões, mas é possível imaginar. E se podemos imaginar, com criatividade podemos construir esse mundo, de paz, harmonia e igualdade entre todas as pessoas.

Imaginar é uma utopia possível.

Na canção "Imagine", as primeiras notas dessa melodia simples, mas profundamente comovente, têm o poder de evocar emoções e memórias. As palavras, habilmente arranjadas por Lennon, oferecem um convite à imaginação, encorajando-nos a vislumbrar um mundo onde fronteiras, religiões, barreiras culturais e materialismos são inexistentes. A célebre frase "Imagine there's no heaven, it's easy if you try" (Imagine que não há paraíso, é fácil se você tentar) desafia as construções

convencionais de fé e dogmas, abrindo espaço para uma compreensão profunda e compartilhada da humanidade.

Essa é a visão cosmológica, onde seu paraíso particular de nada serve e pode se tornar um inferno para você e para o outro, se não permitir existir uma paraíso para as diversas existências.

Através da visualização inteligente de um mundo sem discriminação, “Imagine” enfatiza a beleza da diversidade, e tente encorajar os corações a superarem as diferenças superficiais para se compreenderem. Imaginar isso é uma boa solução na encruzilhada.

A encruzilhada é um lugar de potencial, onde as escolhas que fazemos podem moldar o curso do nosso próprio destino e do destino da humanidade. A canção nos encoraja a considerar o poder de nossas ações e a importância de fazer escolhas que promovam a paz, a igualdade e a harmonia.

A obra-prima pintada com essa voz suave e com as teclas do piano em muito nos lembra a imagem utópica de uma sociedade decolonial.

Uma chamada à revolução visual que transcende os limites das imagens contemporâneas, das suas espetacularizações. Na jornada da cartografia imagética, não mais vemos as imagens como meros artefatos visuais, mas como veículos poderosos de conhecimento e transformação. Nesta busca aguerrida, rompemos com os padrões coloniais, questionando e revelando as narrativas visuais que sustentam o poder opressor.

A imagem decolonial é o ato de coragem, a afronta às estruturas coloniais que há muito tempo dominam e moldam nossas percepções. Não nos contentamos com uma relação passiva com as imagens como projeta toda essa espetacularização. Em vez disso, ressignificamos, reconstruímos, damos novos significados as conexões que transcendem a superficial realidade da ideologia contemporânea. Desafiamos a visão colonial que aprisiona e ofusca nossa visão para as raízes culturais que se entrelaçam com a história.

Nossa busca pela emancipação ocorre através da redefinição, criando um novo contexto que contemple todo o universo, despertamos uma transformação das estruturas ao destruir as barreiras impostas pela colonialidade.

A imagem decolonial é a construção de uma cosmovisão inclusiva e equitativa, onde as imagens se tornam reflexos autênticos das vastas realidades que habitamos.

Este movimento transcende disciplinas e saberes, unindo vozes diversas em um diálogo que enriquece a compreensão das implicações políticas e culturais que estão entrelaçadas nas imagens.

A imagem decolonial se ergue como uma resistência ousada contra o colonialismo, o eurocentrismo e todas as formas de espetacularização. Nós queremos desvendar as camadas, desarmar as armadilhas e nos empoderamos através da nossa própria percepção.

Através dessa revolução visual da encruzilhada da vida, promovemos análise crítica e emancipação cultural. Desafiamos o sistema embrutecedor, ressignificamos e promovemos novas narrativas que celebram nossas diversidades.

Na encruzilhada da imagem decolonial, somos os artistas da ressignificação, os entusiastas de uma nova percepção. Juntos, desvendamos a verdade por trás das imagens, erguemos em nossos ombros e amplificadores as vozes outrora silenciadas, que tiveram brutalmente suas línguas arrancadas e forjamos um futuro em que a riqueza das imagens são reconhecidas como a herança visual de toda a humanidade.

Encontramos alegria na celebração da vida e da diversidade. Combatemos o conformismo e a indiferença, buscamos constantemente um mundo melhor, justo. Inspirados por Caetano Veloso, celebramos a alegria que reside na luta pela justiça, entendendo que a verdadeira felicidade é encontrada na construção de um mundo equitativo.

Na encruzilhada da tumultuada década de 1960 no Brasil, que coturnos tentavam esmagar nossa alma, em meio à essa efervescência cultural e ao questionamento das normas estabelecidas, uma canção tocou e continua ressoando até hoje, "Alegria, Alegria", que ecoou e ecoa como um hino na busca pela liberdade.

A canção personifica uma das essências das encruzilhadas, apresentando uma mistura ousada de gêneros musicais, de referências populares a elementos folclóricos brasileiros, nas palavras enigmáticas e imagens surrealistas, parecem ser constantes trilhas que se cruzam, convidando-nos a explorar um mar de sentidos e significados que desafiam o que querem determinar por nós.

Olhamos para essa encruzilhada passada, de um golpe que ainda tenta nos machucar e que tem feridas difíceis de serem cicatrizadas, como um marco histórico, uma convergência de influências que moldou a música brasileira e transcendeu as fronteiras da cultura nacional.

Através dessa canção, aprendemos que é nos pontos de encontro, nas interseções de culturas e pensamentos, que a verdadeira alegria da criação artística floresce e desafia quem deseja nos aprisionar.

Na incerteza dos tempos, em meio às diversas vozes que ecoam em diferentes escalas sociais, econômicas e culturais, encontramos nossa encruzilhada de possibilidades. Cada escala representa uma perspectiva única, uma trajetória que converge para a tomada de decisões e ações. Nessa encruzilhada, a alegria surge como um elemento que desafia o convencional na conexão entre as escalas, que miniaturizou a nossa existência e amplificou o nosso sofrimento.

No mínimo isso deveria nos convidar a reavaliar as normas estabelecidas para não cairmos no mesmo erro. Esse é um asqueroso monstro que teima em sair da encruzilhada, com um destaque ao caso brasileiro dos últimos anos, na Ucrânia, em Israel e agora na terra de nossos hermanos argentinos – estranhamente todos esses são alimentados por senhor das terras sombrias do Norte.

À medida que as artes florescem como resultado da confluência de saberes nas diversas escalas de influência, a arte transcende fronteiras e se torna uma ferramenta de expressão coletiva. A intersecção torna-se uma confluência de pensamentos, percepções e experiências resultando em criações que refletem a diversidade do mundo em que vivemos. Cada escala possui características próprias. E é nesta confluência que se revela verdadeira plenitude da criatividade artística.

A encruzilhada das escalas lembram-nos a complexidade da sociedade, a interligação entre as diferenças e a importância de encontrar um equilíbrio entre perspectivas divergentes. Neste ponto de encontro ganha vida a procura de alegria, inovação e expressão, guiada pela interação entre as diferentes escalas que moldam o nosso mundo.

Reconhecemos a necessidade urgente de repensar a nossa relevância, celebrando a autenticidade e a diversidade que permeiam as nossas realidades.

Buscando representações autênticas e reconhecimento da diversidade, a escala decolonial se torna reveladora na complexa atribuição de significados. Motivo que questionamos as estruturas de poder que moldaram nossas percepções, considerando os marcos históricos, culturais e sociais como pontos essenciais de referência. Não nos contentamos com uma visão única, mas abrimos as portas para uma pluralidade de interpretações.

Reconhecemos que nossa forma tradicional de conferir significados muitas vezes falham em capturar a complexidade da experiência humana. Com a escala decolonial, adentramos em um espaço de esperança onde o valor não é ditado por estruturas opressivas, mas é emergente da interação dinâmica entre indivíduos, contextos e histórias.

Nessas escalas ao nos afastarmos ou aproximarmos dos detalhes da encruzilhada é que em alguns momentos escutamos uma voz rasgada e potente, uma guitarra mágica junto de uma batida guerreira. A paz por vezes tem que dar lugar a IRA! São nossos dias de luta onde reafirmamos nossa determinação. Diante das adversidades não nos abatemos e continuamos a avançar, guiados pela esperança de um amanhã melhor. Entendemos que cada batalha, quando inevitável, é um passo em direção à transformação, e nossa determinação é essa trilha sonora que nos guia.

Diante das injustiças não ficamos passivos, empunhamos a arma da justiça social, combatendo desigualdades e trabalhando por um mundo onde todos tenham igualdade de oportunidades.

Com a coragem necessária para confrontar as injustiças criamos uma sinfonia de ação coletiva.

Muitas vezes, precisamos lutar por nosso território, reivindicando nossas histórias, nossas culturas e nossas vozes. Na cartografia imagética, as coordenadas de territórios transcendem a mera localização física, elas são pontos de confluência onde dimensões sociais, culturais e geográficas se entrelaçam através das ações humanas, experiências e relações.

Longe das abordagens convencionais que tendem a simplificar e categorizar, as coordenadas de territórios reconhecem a riqueza da complexidade humana. Valoriza as histórias individuais e coletivas, as vivências afetivas e as aspirações futuras que convergem em cada ponto no espaço e no tempo.

Compreensão inclusiva que transcende barreiras, permitindo que uma pluralidade de identidades coexista em harmonia.

A comunicação surge como a chave para definir e ocupar essas coordenadas de territórios. Superando barreiras segregadoras por meio de uma comunicação decolonial, aberta e igualitária, que reconhece e valoriza a diversidade de saberes e culturas. Essas coordenadas se tornam pontos de encontro e conforto, é como estar em meio a uma abraço caloroso.

A temporalidade desempenha um papel central nas coordenadas de territórios, pois passado, presente e futuro se entrelaçam. Essa compreensão dinâmica das relações sociais e geográficas amplia nossa visão para além das fronteiras convencionais do tempo.

Essas coordenadas nos cantam a reimaginar espaço e lugar como locais de encontro, de compartilhamento e confluência de saberes. Desempenham um papel intenso na desconstrução das estruturas coloniais ao promoverem uma narrativa geográfica que reflete a riqueza da diversidade humana e sua interação com o cosmo.

São os nossos pontos de encontro, de confluências e compartilhamentos, mas também são em alguns momentos o nosso campo de batalha.

Na encruzilhada das coordenadas de territórios, somos os exploradores que desbravam o terreno da coexistência, solidariedade e justiça social. Juntos, construímos uma nova narrativa que transcende limites, une corações e molda um futuro em que a intensidade das relações humanas são celebrada e honrada como a essência da própria experiência.

Infelizmente nessas batalhas da encruzilhadas perdemos muitas Marias, Amarildos, Galdinos, Dandaras, reis e rainhas de suas existências. É o som penetrante, arrepiando a nossa alma, com os simples questionamento de Nina Simone. Na sua voz e intensidade, a mais simples frase ganha a força do discurso de pessoas como Martin Luther King Jr.

É ao som da voz e piano de Nina que devemos dizer que em meio à escuridão que perdura, erguemos a chama da esperança, nossos passos na encruzilhada, desafiando a injustiça que insiste em avançar.

Perguntas ecoam no ar, como ventos a soprar, Nina Simone nos lembra, é hora de questionar. Por que as correntes do passado ainda nos prendem? Por que a luta por justiça parece não ter fim? Com vozes unidas, buscamos solução, na encruzilhada, almejamos revolução. Nos passos de ativistas, marchamos com vigor, no legado de equidade, encontramos nosso motor. Nossas vozes se unem, como rios que se encontram, na encruzilhada, um futuro em que todos prosperam. Assim, proclamamos nossa visão com paixão ardente, na encruzilhada rejeitamos o sofrimento persistente.

Diante das injustiças e das violências que varrem o mundo, o pesquisador da cartografia imagética, o Agrimensor-Flâneur não só observa, mas se torna um

guerreiro, utilizando a força de seu conhecimento e a astúcia de sua visão para traçar novos caminhos, novas alternativas.

Esta fusão transcende o simples mapeamento, tornando-se um blues de compreensão cosmológica, onde os detalhes técnicos são entrelaçados com as emoções, as dinâmicas sociais e as abastadas culturas de cada espaço. O Agrimensor-Flâneur não é um solucionador de problemas técnicos, é o visionário, e a curiosidade da criança que interpreta o espaço de maneira profunda.

Unindo coordenadas de territórios e narrativas afetivas, o Agrimensor-Flâneur se torna um alquimista da compreensão humana. Ele reimagina o espaço como uma imagem complexa, onde as linhas e os ângulos dialogam com as emoções e as histórias entrelaçadas. Cada lugar se torna um ponto de partida para explorar as muitas camadas de significado que o habitam.

Que este manifesto ecoe como um blues alegre, uma canção que transcende limites e explorações. Já nos basta cantar as tristezas deste sistema que se tornou um moinho de carne humana.

Na encruzilhada do Agrimensor-Flâneur, somos os músicos que traduzem a melodia do espaço e da alma. Juntos, na complexidade da vida, desafiamos as normas e revelamos as maravilhas ocultas que residem em cada canto e recanto. Neste blues, cada passo é uma nota, cada mapa é uma história, e a cartografia imagética se torna um portal, uma alternativa para a compreensão profunda e compassiva do nosso mundo.

Diante das injustiças e das violências, o Agrimensor-Flâneur se ergue como um guerreiro da justiça, utilizando sua força compartilhada nas confluências de saberes para enfrentar os desafios que encontramos ao longo do caminho.

O Agrimensor-Flâneur escuta sempre a frase “toca Raul” em todos os cantos, em cada coordenada de território que percorre. Não poderia ser diferente, ele sabe que deve ser uma metamorfose ambulante, é o som que toca o seu coração em cada caminho que se abre, em cada encruzilhada que encontra, sempre está aberto para os outros saberes, para os outros modos de vida.

Sempre está aberto para mudar as suas perspectivas de escala.

Assim como a borboleta emerge da crisálida, buscamos a metamorfose interna e externa. Aceitamos a mudança como parte da vida e nos permitimos a evolução, mesmo correndo riscos, sabemos que nada é linear como o tempo de um relógio. O

nosso tempo é musical, ele se altera em cada sentimento e novas experiências, é um tempo cíclico de batidas vibrantes.

Celebramos a capacidade de renovação que reside em cada um de nós, adaptando-nos e crescendo à medida que enfrentamos os desafios das encruzilhadas.

A metamorfose, a transformação constante, é um dos seus compromissos com o ideal do compartilhante cultural e comunitário. Conceito que transcende a mera transmissão de conhecimento para se transformar em um agente ativo nas conexões culturais profundas que fortalecem a identidade, sem deixar de respeitar, e por vezes revitalizar, as tradições.

O compartilhante cultural e comunitário não é um observador passivo, é um construtor de pontes, um curador de heranças vivas que celebram a complexidade das expressões culturais. Ao compartilhar ativamente e colaborar, ilumina a vida nas tradições, histórias e expressões artísticas.

Nesta jornada os laços sociais são fundamentais, por isso o compartilhante cultural e comunitário une corações e mentes, criando uma narrativa coletiva de pertencimento entre todos, somos seres humanos. E através da celebração das tradições ele constrói uma base sólida para uma identidade compartilhada, onde cada membro da comunidade é uma peça essencial, uma peça necessária.

Sua essência é um tributo à diversidade ao valorizar a autenticidade, reconhecendo e abrindo espaços para as vozes marginalizadas, promovendo a inclusão e construindo um legado cultural que transcende fronteiras fictícias e até mesmo naturais. Não olha somente para o passado, tem um olhar todo especial para o futuro, trabalhando incansavelmente para criar uma herança duradoura que será apreciada pelas gerações posteriores.

Ao nos tornamos seres compartilhantes diante das encruzilhadas da vida reunimos tudo e todos para celebrar a resiliência e a coragem que nos guiam em nossa jornada. Inspiração da encruzilhada do ser compartilhante que encontramos na melodia e mensagem de "Tocando em Frente", de Almir Sater,

Devemos sempre reconhecer a profundidade das escolhas que enfrentamos e o poder que reside em seguir adiante.

Nas encruzilhadas, encontramos mais do que meras bifurcações de caminhos, encontramos alternativas para crescer, evoluir, mudar, e acima de tudo para fortalecemos a nossa empatia, o nosso afeto. Assim como a música nos lembra, é

necessário manter a fé enquanto traçamos nosso destino, fé na esperança de um mundo melhor.

À medida que perambulamos por esses momentos de decisão, lembramos que cada escolha, por mais desafiadora que possa parecer, é uma chance de aprender e crescer. Não estamos sozinhos nessa jornada, nossa força interior nos sustenta e a conexão com outros viajantes nos apoia. Somos seres humanos, somos cosmológicos, por isso nunca estaremos sozinhos no Universo, por maior que ele seja, basta que mude a sua escala e se tornará uma constelação de transformações.

Nosso manifesto na encruzilhada glorifica a aceitação das incertezas, dos questionamentos e das reviravoltas da vida. Comprometemo-nos a estarmos em constante mudança e a enfrentar os obstáculos que surgem, honrando a trilha sonora que percorremos e os desafios que com ela superamos.

Com determinação, persistência e afeto seguimos em frente, não importa quão complexa seja a escolha diante de nós.

Nas encruzilhadas da existência somos guiados por espírito da superação e da perseverança. Encontramos beleza e significado em cada maça que saboreamos, lembrando-nos de que estamos verdadeiramente tocando em frente.

Quem sabe tocando em frente chegamos um dia a um coordenada de território, em um espaço e tempo e, escutaremos em celebração a canção "Sem Mandamentos", em uma celebração a nossa utopia possível.

Na encruzilhada da utopia possível, na sua beleza servindo como um palco de encontros, alegrias, sonhos e conexões cosmológicas autênticas se encontram.

Em um momento que poderemos convocar a rua a florescer com sorrisos sinceros, transformando-a em um refúgio de alegria e paz. Rostos serenos se cruzam, e palavras soltas enchem o ar, criando um mosaico de humanidade. Nossa encruzilhada se torna uma coordenada de territórios, onde a loucura de viver pode se tornar a expressão da liberdade. Afirmando que nossos corações são crianças novamente, buscando a alegria e a inocência que a vida adulta muitas vezes esqueceu ou escondeu.

Seguindo Oswaldo Montenegro, oferecemos desculpas por não dito, pelas vezes que covardemente nos silenciemos, tentando desta forma curar as feridas com humildade.

Queremos ver nossos corações refletidos nos sorrisos uns dos outros, e o calor da tarde nos envolvendo com a promessa de uma esperança renovada. Rasgaremos

a escuridão da noite com nosso barulho, transformando-a em uma sinfonia de vida. Celebramos em um samba, tango, blues, jazz, rock, rap, funk, em todos os estilos musicais, lembrando-nos de que mesmo na confusão, em um caos harmonioso das realidades, há beleza.

Aqui convocamos os poetas, os agrimensores-flâneur que tanto declamaram sobre o afeto, desenharam a vida, agora dançam e comemorem conosco. Neste dia não seremos vitoriosos, seremos mais do que isso, seremos seres humanos, seremos parte do cosmo.

Neste manifesto a força da imaginação triunfa, nunca deixemos de celebrar os pequenos momentos, as músicas não ensaiadas, as danças sem pretensão. Nossa encruzilhada é um palco onde a liberdade se manifesta dando asas à imaginação sempre com muito afeto. É o reconhecimento de que a mudança verdadeira floresce quando nutrida por sentimentos mais autênticos.

É o conceito de afeto transformador e inclusivo na celebração da diversidade e convocação à colaboração desta grande festa. O convite da pluralidade de perspectivas como portais para uma sociedade transformada.

O afeto transformador e inclusivo opera nos domínios das emoções, reconhecendo que as conexões emocionais genuínas têm o poder de estimular empatia, compreensão e ação solidária. Esse sentimento transcende divisões, é um construtor de pontes.

É a nossa sinfonia coletiva, nossa Big Band, nossa Escola de Samba, onde a diversidade é celebrada como uma força motriz da mudança. O afeto transformador e inclusivo nos convoca a formar um coro de vozes diversas, unindo-nos para criar um mapa de transformação que ultrapassa todas barreiras e limitações.

Que toque Raul e viva a sociedade alternativa, ou melhor, a sociedade das alternativas.

Acreditamos no poder intrínseco das emoções para transformar o mundo levantando a bandeira do afeto, da transformação e da inclusão, no testemunho de que as mudanças positivas surgem das experiências compartilhadas e do desejo mútuo por justiça, harmonia e equidade. Ao criar um espaço onde cada indivíduo é valorizado, onde cada voz é escutada, este conceito nos conduz a uma apreciação completa da diversidade que enaltece toda humanidade.

Nós, decoloniais, diversos, cosmológicos, seres humanos, na Epistemologia do Sul, compartilhantes da cartografia imagética reconhecemos e celebramos o poder das encruzilhadas em nossas vidas. Da encruzilhada cosmológica.

Estejamos conscientes e despertemos essa consciência em toda coordenada de territórios, momento especial da encruzilhada onde o passado e o futuro se encontram, onde os caminhos percorridos se cruzam com os caminhos que ainda não trilhamos. Somos chamados a fazer escolhas com sabedoria, a reconhecer as lições aprendidas e a celebrar as alternativas que se desdobram diante de nós.

Ao mesmo tempo precisamos reconhecer que as encruzilhadas nem sempre são fáceis, o som que ecoa dela pode estar abafado por dúvidas, medos e incertezas. Mas nos comprometemos que sempre que isso ocorrer, aumentar o som, convocar mais músicos, escutando Chico colocamos mais água no feijão, para enfrentar esses desafios com coragem, esperança e afeto.

Buscando a melodia dentro da confusão ao escutar a voz interior que nos guia para as realidades.

Entendemos que, nos momentos de encruzilhada, o afeto é um guia compassivo que relembra nossa humanidade compartilhada. O afeto nos liga uns aos outros, permitindo-nos apoiar, inspirar e cuidar uns dos outros enquanto caminhamos pelas encruzilhadas da vida.

O afeto é o elo essencial que nos une, é a conexão genuína na sua mais pura forma. Cria um espaço de conexão onde todos se sentem apoiados e amados, independentemente das escolhas que façam.

Unimos nossas vozes às vozes daqueles que vieram antes de nós e daqueles que virão depois. Na manada da comunidade humana que vaga pelas encruzilhadas, seguimos, sem esquecer nenhuma história e ninguém, com a determinação de criar um futuro repleto de significado, propósito e realizações.

Quem sabe no dia que a nossa utopia possível de sociedade justa, harmoniosa e equitativa, não se torne a nossa terceira realidade, a confluência das realidades. Que neste dia possamos substituir a canção que lamentavelmente está dando o tom das epistemologias do Sul, da luta decolonial, que é “Strange Fruit”, com a certeza que Billie Holiday não ficará ofendida e sim extremamente feliz e grata por tudo que estamos realizando e por tudo aquilo que ela lutou.

Que a música que nos represente nessa substituição seja neste dia “What a Wonderful World” de Louis Armstrong.

Dia de efervescente alegria, dia de nascimento e renascimento, na convergência de todas as coordenadas de territórios, na confluência dos espaços e tempos, no compartilhamento de nossa vulnerabilidade, onde o passado encontra o presente e somos desafiados a olhar para além das trivialidades, celebrando a beleza das nossas escolhas, alguém pode dizer: "Eu vejo as árvores verdes, rosas vermelhas também" – e essas palavras, como notas musicais vão significar que a beleza se encontra no cotidiano, que cada flor que floresce é um lembrete da maravilha intrínseca do mundo.

Nas cores do arco-íris, vemos não apenas um fenômeno natural, mas também um reflexo das emoções que se entrelaçam nas faces das pessoas que cruzam nossos caminhos. Os rostos que encontramos são encruzilhadas de histórias e experiências, e o aperto de mãos e abraços são elos que unem os corações.

"Eu te amo", essas palavras não são apenas palavras, mas um laço que transcende a linguagem. O quanto belo seria dizer para todo o universo "Eu te amo".

Que "Eu ouço bebês chorando, eu os vejo crescer", e em cada choro, em cada riso, testemunhamos o crescimento contínuo e as encruzilhadas de aprendizado que a vida oferece.

Enquanto nossos conhecimentos podem ser limitados, as oportunidades de crescimento ainda são infinitas. "Que mundo maravilhoso" ressoa como um lembrete de que estamos invadidos de uma gama de experiências dinâmicas.

Declaramos este manifesto da encruzilhada que se encontra a ciência decolonial, da metodologia da cartografia imagética e de todos que lutam por um mundo melhor, como uma asserção da nossa determinação em procurar alternativas, de ter coragem de escolher, de crescer e de moldar o nosso destino. Em cada encruzilhada encontramos a força para existir os criadores de nossas vidas, nós mesmos. E por isso, com gratidão e comprometimento, formaremos as bandas, iremos compor as canções que levem a sociedade na direção da justiça, harmonia e equidade.

Nesse mundo maravilhoso em nossa utopia possível, com os nossos saberes, coragem e muito amor, que está em algum lugar além do arco-íris, em uma terra onde todos ouvimos falar, em sonhos que vão se realizar, na encruzilhada da estrada de tijolos amarelos iremos falar: "Não há lugar no mundo melhor que o nosso lar".